

A movie poster for the film '127 Hours'. It features a close-up of Aron Ralston wearing a blue climbing helmet and a red jacket, with a large yellow backpack. He is looking off to the side with a determined expression. The background shows a vast, arid desert landscape under a bright sky. The title '127 HORAS' is prominently displayed in large white letters, with the subtitle 'uma empolgante história de sobrevivência' below it. The SEOMAN logo is at the bottom center.

ARON RALSTON

127 HORAS

uma empolgante história de sobrevivência





127 HORAS

ARON RALSTON

127 HORAS

uma empolgante história de
sobrevivência

Tradução
Henrique Monteiro



Título original: *127 Hours*

Copyright © 2004, Aron Ralston

Publicado originalmente por Atria Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

Copyright da edição brasileira © 2011, Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Seoman não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Coordenação editorial: Manoel Lauand

Capa e projeto gráfico: Gabriela Guenther

Editoração eletrônica: Estúdio Sambaqui

Foto da capa: cortesia da Fox Brasil

Mapas: Guenter Vollath

Diagramação para ebook: Xeriph

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Ralston, Aron

127 Horas / Aron Ralston ; tradução Henrique Monteiro. -- São Paulo : Seoman, 2011.

Título original: 127 hours.

ISBN 978-85-98903-35-4

1. Ralston, Aron 2. Sobrevivência no deserto - UTAH - Cânion Blue John I. Título.

11-01231

CDD-796.52230289

Índices para catálogo sistemático:

1. Cânion Blue John : Deserto : Acidentes : Sobreviventes : Biografia
796.52230289

O primeiro número à esquerda indica a edição, ou reedição, desta obra. A primeira dezena à direita indica o ano em que esta edição, ou reedição, foi publicada.

Edição

Ano

3-4-5-6-7-8-9

11-12-13-14-15-16

Seoman é um selo editorial da Pensamento-Cultrix.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.

R. Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008

E-mail: atendimento@editoraseoman.com.br

<http://www.editoraseoman.com.br>

que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Foi feito o depósito legal.

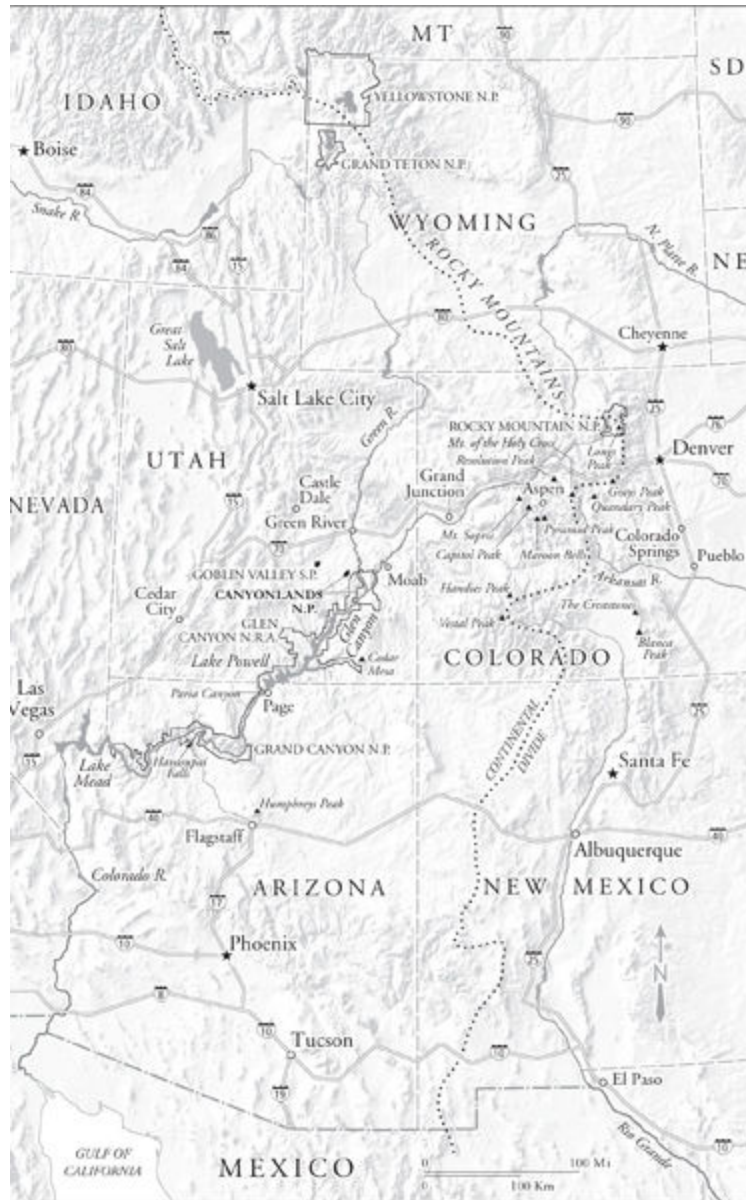
Paixão: Isso que sofro, tolero, suporto, é feito por mim.

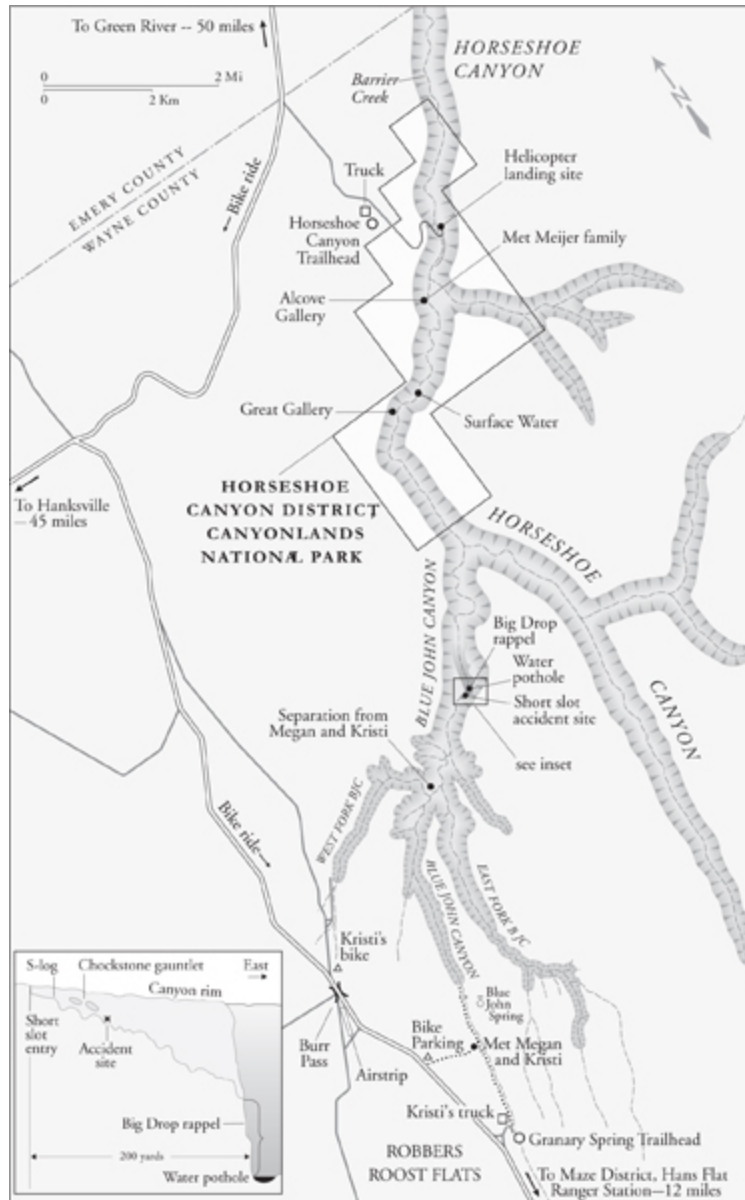
*E assim que, com os seus, passar as Sereias
a escolha das rotas é sua. Não direi
qual delas tomar, nem o guiarei por todas –
decida por si mesmo à vontade –
mas vou dizer-lhe as feições dos dois cursos.
De um lado há umas rochas altíssimas, contra as quais
quebram as ondas ferozes da bela Anfitrite –
as Rochas Errantes, assim chamadas pelos deuses felizes.
Nunca as conseguiu evitar nave alguma de homens que ali tenham chegado –
sempre há um desastre – madeiros de naves e corpos de homens
as ondas do mar arrastam, junto com furacões de funesto fogo.*

*Do outro lado elevam-se dois enormes penhascos (...)
Um chega ao vasto céu com a sua aguçada crista
e o rodeia sombria nuvem que nunca o abandona...
E no meio do penhasco há uma gruta umbrosa
voltada para o Poente, que chega até o Erebo, reino da morte e das trevas –
passando-a, ilustre Odisseu, deve guinar a sua côncava nave.
Ali habita Cila – que uiva de causar horror;
com uma voz tão aguda quanto a de um cão recém-nascido,
mas é um monstro maligno, isso eu lhe asseguro.
Doze são os seus pés, todos disformes,
e seis os seus longos pescoços, encimados por espantosa cabeça,
cada uma com três fileiras de presas afiadas e cerradas –
cheias de negra morte.
(σν) com cada uma das suas seis cabeças arrebatada
a um homem da nave de escura proa e o leva.*

*O outro penhasco é mais baixo – você verá, Odisseu –
Neste há uma grande figueira silvestre coberta de folhagem,
e debaixo dela a divina Caribdis sorve ruidosamente a negra água.
Três vezes durante o dia a solta e outras três torna a sorvê-la,
que horror! Oxalá não se encontre ali quando a estiver sorvendo –
pois não se livraria da morte nem o que sacode a terra!
Diga não ao escolho de Cila – passe ao largo com sua nave – e com rapidez!
É melhor sentir a falta de seis companheiros e manter o barco
que perder a tripulação inteira.*

– HOMERO, *Odisseia*





PRÓLOGO:

CIRCULANDO COM A TURMA DO ROBBERS ROOST

Ele era melhor barqueiro do que caubói e melhor cozinheiro do que ladrão de trens, mas John Griffith, com a sua marca distintiva de um olho azul e outro castanho, tornou-se um capanga a mais do Wild Bunch, a gangue de Butch Cassidy, durante a sua época no condado de Robbers Roost a leste de Utah. Blue John, como o chamava o seu primeiro empregador, entrou para o ofício como cozinheiro da operação de gado Harris nas proximidades de Cisco, uns 100 quilômetros a oeste de Grand Junction. Depois de menos de dois anos de trabalho honesto, aos trinta e cinco anos cerrou fileiras com Jim Will, vulgo Silver Tip, e um tal de “Indian Ed”, um índio Newcomb, em um rodeio da companhia de gado 3B no final de 1890. A turma da 3B vagava pelo Roost sob a liderança do infame capataz Jack Moore, que oferecia hospitalidade ao Wild Bunch durante as suas frequentes reuniões naquela terra delimitada pelo Dirty Devil, San Rafael, Green e os rios do Colorado. Às vezes aparecendo no Roost por todo o inverno, para estabelecer um acampamento-base para antes ou depois de um assalto, ou para ajudar com o gado da 3B, a gangue sempre era bem recebida no Roost.

Silver Tip, Blue John e Indian Ed circulavam com a gangue como um trio de cúmplices de segunda linha, contribuindo com as suas habilidades para o trabalho que houvesse, fosse o roubo de cavalos, assaltos ou pastoreio. Em 1898, ajudaram Moore a laçar o gado remanescente da 3B da operação fracassada de J. B. Buhr antes de partirem para uma escapada para roubo de cavalos no Wyoming. A viagem de volta custou a vida de Moore em um tiroteio. No início daquele ano, quando o grupo voltava ao Roost depois de deixar os cavalos roubados no Colorado para venda, Silver Tip, Indian Ed e Blue John roubaram outra leva da melhor variedade de cavalos da região dos ranchos ao redor de Moab e Monticello. Não que os rapazes do Wild Bunch se preocupassem muito com as forças convocadas pelos xerifes — que cuidavam de não se aproximar demais do Roost em geral — mas os salteadores sabiam que a lei estava atrás deles por causa dessa farra mais recente.

Em uma parede do cânion Roost, em uma manhã do final de fevereiro, Indian Ed descia pelas rochas abaixo da saliência onde o grupo passara a noite com as suas provisões de mercadorias roubadas — dois bandos de animais e uma meia dúzia de cavalos. De repente, o disparo de um rifle rompeu a quietude matinal, a bala calibre 38 achatou-se como uma lesma contra uma rocha antes de ricochetear para perfurar a perna de Ed acima do joelho. Ele caiu sobre o leito de areia do rio intermitente e arrastou-se para trás de um arbusto até o recanto na parede de onde Blue John e Silver Tip trocavam tiros com as forças da lei que encontrara os foragidos pelos seus rastros e pela fogueira da noite. Blue John mantinha os milicianos ocupados enquanto Silver Tip arrastava-se sorrateiramente para fora do recanto, escalando até a coroa do cânion, de onde disparou três tiros acima da cabeça dos homens do xerife. Os milicianos desceram apressadamente para o rio seco principal do cânion Roost, recuando até onde haviam deixado os cavalos, e fugiram a toda velocidade para os seus ranchos e casas com uma história sobre a sua troca de tiros com o Wild Bunch.

Foi a última vez que os três bandidos trabalharam juntos ou participaram de uma atividade clandestina. Eles penduraram os rifles e mudaram de vida, cada um deles desaparecendo pacificamente na história depois de toda a agitação que provocaram, deixando os seus rastros para que outros seguissem. Indian Ed Newcomb curou a perna e acredita-se que tenha voltado a Oklahoma, desaparecendo na obscuridade. Silver Tip escapou da prisão depois de cumprir dois anos de uma sentença de dez anos no condado de Wayne, em Utah; acabou se estabelecendo no Wyoming, onde viveu tranquilamente o resto dos seus dias. Blue John Griffith foi visto pela última vez no final de 1899, às margens do rio Colorado, encaminhando-se para Lee's Ferry, percorrendo um dos trechos mais lindos e intimidadores do rio no oeste. Embora se especule que ele deixou o rio no meio do caminho para ir ao Arizona ou até mesmo ao México, não foi visto chegar em Lee's Ferry e nunca mais se ouviu falar a seu respeito.

Dos três, apenas um deixou uma marca permanente sobre a terra. O cânion Blue John e a cachoeira Blue John, do outro lado da divisa das águas em frente ao local da fatídica tentativa de emboscada, receberam esse nome em memória do às vezes cozinheiro, às vezes maquinista, às vezes ladrão de cavalos que perambulou pelo Roost por uma década pouco antes da virada do século XX.

CAPÍTULO UM

“O TEMPO GEOLÓGICO INCLUI O AGORA”

Este é o lugar mais lindo da terra.

Existem muitos lugares assim. Todo homem, toda mulher, traz no coração e na mente a imagem do lugar ideal, conhecido ou desconhecido, real ou imaginário. (...) Não há limite para a capacidade humana de abrigar sentimentos. Os teólogos, pilotos aéreos e astronautas conhecem o apelo desse chamado sentido lá no alto, nos ermos frios e escuros do espaço interestelar.

No meu caso, escolhi Moab, Utah. Não me refiro à cidade em si, é claro, mas à terra em torno dela — a terra dos cânions. O deserto de rochas escorregadias. A poeira vermelha, os penhascos calcinados e a vastidão solitária do céu — tudo isso situado muito além do fim das estradas.

— Edward Abbey, *Desert Solitaire*

Rastros esgarçados de condensação riscam o céu azul acima do planalto desértico avermelhado e imagino quantos dias de insolação essa terra árida e profundamente cortada pela erosão testemunhou desde a sua criação. É uma manhã de sábado, 26 de abril de 2003, e estou percorrendo sozinho de bicicleta uma estrada poeirenta e empedrada no lugar mais ermo a sudeste do condado de Emery, no centro-leste de Utah. Uma hora atrás, deixei a minha caminhonete de carga no estacionamento poeirento no começo da trilha para o cânion Horseshoe, a isolada janela geográfica do Parque Nacional de Canyonlands que se situa 24 quilômetros a noroeste do lendário distrito de Maze, 64 quilômetros a sudeste da crista eriçada da elevação de San Rafael, 32 quilômetros a oeste do rio Green, e cerca de 64 quilômetros ao sul daquele ponto da rodovia interestadual e corredor comercial I-70, onde uma placa adverte sobre a última oportunidade de abastecer (“next services: 110 miles”, ou seja, próximo posto de serviços a 176 quilômetros). Com os chapadões abertos cobrindo mais de uma centena e meia de quilômetros entre as serras de picos nevados dos Henrys ao sudoeste — a última serra dos Estados Unidos a ser batizada, explorada e mapeada — e o La Sals ao leste, um vento forte sopra com força do sul, a direção para a qual estou me encaminhando. Além de retardar o meu

progresso a ponto de parecer que estou me arrastando — estou na marcha mais reduzida e pedalando forte sem parar só para avançar um pouco — o vento sopra rajadas curtas de areia marrom sobre a estrada flanqueada de areia. Tento evitar as rajadas, mas de vez em quando elas varrem toda a estrada e a minha bicicleta atola. Três vezes já precisei ir andando através de areais especialmente compridos.

O percurso teria sido muito mais fácil se não tivesse essa mochila pesada nas costas. Normalmente, não carregava mais de 10 quilos de suprimentos e de equipamento em um percurso de bicicleta, mas estou seguindo por um circuito de quase 50 quilômetros de extensão para ciclismo e canionismo — atravessando o fundo de um sistema de cânions profundos e estreitos — que vai me consumir mais de um dia. Além de um galão de água armazenado em uma bolsa de hidratação isolada CamelBak de 3 litros e uma garrafa Lexan de 1 litro, tenho cinco barras de chocolate, dois burritos e um *muffin* de chocolate em uma embalagem plástica na mochila. Estarei morrendo de fome quando voltar à caminhonete, com certeza, mas tenho o suficiente para o dia.

O que realmente pesa na mochila é todo o meu equipamento variado de rapel: três mosquetões com trava, dois mosquetões convencionais, um freio de rapel para peso leve, um cinto tipo *sling* de meia polegada, uma alça de fita costurada de meia polegada com pequenas alças de suporte chamada *daisy chain*, a minha cadeirinha de escalar, uma corda de escalada dinâmica de 10,5 milímetros de espessura e 60 metros de comprimento, 7,5 metros de fita tubular de uma polegada e a minha ferramenta multifuncional Leatherman raramente usada (com duas lâminas de canivete e um alicate) que carrego em caso de precisar cortar a fita para fazer âncoras. Na mochila também levo uma lanterna de cabeça, fones de ouvido, tocador de CD e vários CDs da banda Phish, baterias AA de reserva, câmera digital e minicâmera de vídeo digital, além das suas baterias e bolsas de proteção.

Isso aumenta o peso, mas considero tudo necessário, até mesmo os apetrechos da câmera. Gosto de fotografar as cores e formas de outro mundo reveladas nas profundezas retorcidas das fendas dos cânions e das obras de arte pré-históricas preservadas nos vãos das paredes. Essa viagem terá como bônus a minha passagem por quatro sítios arqueológicos no cânion Horseshoe, onde estão abrigados centenas de petróglifos e pictogramas. O Congresso americano acrescentou o cânion, que de outro

modo continuaria isolado, ao Parque Nacional de Canyonlands, especificamente para proteger gravuras e pinturas de 5.000 anos de idade encontradas ao longo do riacho Barrier Creek, na parte inferior do Horseshoe, um registro silencioso da presença de um povo ancestral. Na Grande Galeria, dezenas de formas super-humanas de 2,80 a 3 metros de altura pairam escalonadas acima de grupos de animais indistintos, dominando feras e espectadores igualmente com os seus corpos escuros e compridos, ombros largos e olhos marcantes. As aparições esplendidamente volumosas são os exemplares mais antigos e melhores do seu tipo de desenho do mundo, espécimes tão destacados que os antropólogos chamaram à feição artística pesada e de certo modo sinistra dos seus criadores como o “estilo de Barrier Creek”. Embora não existam registros escritos para ajudar-nos a decifrar a intenção dos artistas, alguns outros personagens parecem ser caçadores com lanças e porretes; a maioria deles, sem pernas, sem braços e com chifres, parece flutuar como demônios apavorantes. Não importa qual seja o seu suposto significado, as formas misteriosas são admiráveis pela sua capacidade de portar uma declaração de ego através dos milênios e confrontar o observador moderno com o fato de que os painéis sobreviveram por mais tempo e estão em melhores condições do que quase todos os antigos artefatos de ouro da civilização ocidental. Isso provoca a pergunta: o que restará das sociedades ostensivamente avançadas de hoje daqui a 5.000 anos? Provavelmente não as nossas obras de arte. Nem tampouco alguma evidência de nossa quantidade de registros dos momentos de lazer (já que a maioria de nós esbanja esse luxo na frente da televisão).

* * *

Prevenido contra a umidade e a lama do cânion, estou calçando um par de tênis de corrida surrados e meias grossas de um composto de algodão. Isolados assim, os meus pés suam à medida que bombeiam os pedais da bicicleta. As minhas pernas também suam, apertadas dentro das bermudas de ciclista de Lycra que estou usando embaixo das bermudas de náilon bege. Mesmo através do acolchoamento de dupla espessura, o selim da bicicleta agride o meu traseiro. Por cima de tudo, estou com minha camiseta predileta da banda Phish e um boné de beisebol azul. Deixei a jaqueta impermeável na caminhonete; o dia vai ser quente e seco, assim como ontem quando pedalei a bicicleta pelo circuito de quase 20

quilômetros da trilha de Slick Rock a leste de Moab. Se fosse chover, um cânion cheio de fendas seria o último lugar aonde iria, com jaqueta ou sem ela.

Viajar com pouco peso é um prazer para mim, e imagino como fazer mais com menos de modo a poder ir mais longe em um determinado período de tempo. Ontem, levei apenas a minha pequena CamelBak junto com alguns reparos da bicicleta e as minhas câmeras, uma carga muito pequena de menos de 5 quilos para percorrer o circuito de quatro horas. À noite, sem a bicicleta e o seu equipamento, caminhei por 9 quilômetros ida e volta pra uma visita a um arco natural na direção de Castle Valley, levando apenas 3 quilos no total de água e o equipamento da câmera. Anteontem, quinta-feira, com o meu amigo Brad Yule, de Aspen, escalei e esquiei pelo monte Sopris, o senhor absoluto do oeste do Colorado, com os seus 3.960 metros de altitude, e carreguei algumas mudas de roupa e um equipamento de salvamento em caso de avalanche, mas ainda assim mantive a carga abaixo dos oito quilos.

A minha viagem de cinco dias na estrada vai culminar no domingo à noite, com uma tentativa solitária e sem patrocínio de percorrer de bicicleta a trilha de 173 quilômetros de White Rim no Parque Nacional de Canyonlands. Se carregasse os suprimentos que levei nos três dias que gastei da primeira vez que fiz essa trilha em 2000, estaria com uma carga de 30 quilos e morreria de dores nas costas antes de percorrer 16 quilômetros. Nas minhas estimativas feitas no planejamento dessa vez, espero carregar 7,5 quilos e completar a volta em menos de 24 horas. Isso significará seguir um plano de controle do consumo de água planejado com precisão para aproveitar ao máximo as escassas oportunidades de reabastecimento, a falta de sono e apenas um mínimo de paradas rápidas. A minha maior preocupação não é que as minhas pernas fiquem cansadas — sei que ficarão e sei como controlá-las — mas, sim, que o meu “trem de pouso” torne-se sensível demais para me permitir continuar sentado. O “coma dos fundilhos”, como ouvi mencionarem, resulta da excessiva estimulação dessensibilizadora do períneo. Como não percorri de bicicleta uma longa distância desde o último verão, a minha tolerância ao selim da bicicleta é desconcertantemente baixa. Caso tivesse previsto essa viagem antecipadamente, duas noites antes, teria saído em pelo menos um percurso longo na região de Aspen. Da maneira como aconteceu, alguns amigos e eu desistimos de um percurso de montanhismo no último

momento na quarta-feira; o cancelamento deixou-me livre para uma peregrinação pelo deserto, uma saída para me aquecer e me acostumar com a paisagem das montanhas no inverno. Normalmente, deixaria uma programação detalhada dos meus planos com os meus companheiros de quarto, mas como saíra de casa em Aspen sem saber o que faria, a única informação sobre o meu destino que dei foi “Utah”. Pesquisei rapidamente as minhas opções de viagem numa consulta aos meus guias de viagem enquanto dirigia do monte Sopris prevendo chegar na quinta-feira à noite em Utah. O resultado foram umas férias caprichosamente improvisadas, que incluíam até mesmo a participação em uma grande festa de despedida, esta noite, no campus próximo ao Parque Estadual de Goblin Valley.

São quase 10h30 enquanto pedalo à sombra de um zimbro solitário e pesquiso as imediações banhadas pelo sol. O deserto salpicado de arbustos retorcidos afasta-se gradualmente para uma vastidão de domos rochosos pintados, escarpas escondidas, encostas de aluvião retorcidas, cânions intrincados e tortuosos, e monólitos partidos. Essa é uma terra agourenta; é uma terra enfeitiçada. Essa é a terra de Abbey, o deserto avermelhado para lá do fim da estrada. Desde que cheguei depois do escurecer na noite passada, não pude ver muita coisa da paisagem enquanto dirigia até o começo da trilha. Enquanto observava o terreno para o leste em busca de algum sinal do cânion a que me destinava, tirei o meu *muffin* de chocolate da padaria do supermercado de Moab e praticamente engoli parte dele sem mastigar; tanto o *muffin* quanto a minha boca tinham secado em razão da exposição ao vento árido. Há inúmeros sinais de gado desgarrado apesar das incessantes tentativas dos rancheiros de proteger sua vida contra as incertezas do deserto. As manadas se atropelam pelos caminhos sinuosos através do mundo indígena que se espalha a perder de vista pela vastidão do espaço: um emaranhado de gramíneas, cactos espinhentos de 30 centímetros de altura e uma negra crosta microbiana cobre a terra vermelha. Engoli o resto do *muffin*, deixando apenas farelos na embalagem, com vários goles do meu tubo de hidratação CamelBak preso ao meu ombro por uma alça.

Tornando a montar, desço a estrada pelo lado protegido do vento na encosta à minha frente, mas no alto do morro seguinte, estou envolvido na batalha contra as rajadas de vento outra vez. Depois de mais vinte minutos calcando as pernas nesta fornalha causticante da estrada, vejo um grupo de

motociclistas passarem por mim na outra faixa a caminho do distrito de Maze em Canyonlands. A poeira das motocicletas bate direto no meu rosto, entope o meu nariz, os meus olhos, os meus dutos, até mesmo grudando nos meus dentes. Faço uma careta por causa do atrito contra os meus lábios, limpo os dentes com a língua e me esforço para continuar, imaginando para onde aqueles motociclistas estariam indo.

Estive em Maze apenas uma vez, por cerca de meia hora, dez anos atrás. Quando o nosso grupo de rafting do cânion das Cachoeiras desembarcou numa tarde para acampar à beira do rio Colorado numa praia chamada Spanish Bottom, caminhei por cerca de 300 metros pela escarpa rochosa até um lugar conhecido como Doll's House. As agourentas formações rochosas de 1.530 metros de altura erguiam-se acima de mim enquanto caminhava pelo arenito e pelo granito como um liliputiano. Quando finalmente me virei e olhei para o rio, parei na hora e senti-me no rochedo mais próximo com uma vista. Foi a primeira vez que os traços e processos de formação do deserto me fizeram parar e observar como somos valentes apesar de pequenos, nós da raça humana.

Lá embaixo, os barcos ancorados no Spanish Bottom e o rio correndo furiosamente; de repente, eu percebi no seu fluxo castanho-avermelhado que ele estava, mesmo naquele exato momento, escavando os 2.600 quilômetros quadrados dos planaltos do próprio cânion. Da Doll's House, tive a inesperada impressão de que estava assistindo ao contínuo nascimento de toda uma paisagem, como se estivesse na borda de uma caldeira explosiva. A vista me deu um sentimento do alvorecer dos tempos, aquela época primordial antes da vida, quando só existia a terra desolada. Como ver a Via Láctea através de um telescópio e imaginar se estamos sozinhos no universo, aquilo me fez entender com a clareza ofuscante da luz do deserto como a vida é escassa e delicada, quanto somos insignificantes em comparação com as forças da natureza e as dimensões do espaço. Se por um acaso o meu grupo embarcasse nos dois botes de borracha a menos de 2 quilômetros de distância e partisse, eu ficaria tão isolado do contato humano quanto seria possível a uma pessoa. Num período de quinze a trinta dias, eu definharia à míngua em uma morte solitária ao caminhar pelos meandros de volta rio acima até Moab, nunca mais voltando a ver o menor sinal ou a pele de outro ser humano. Ainda assim, além da escassez e da solidão do deserto ao redor, era um pensamento exultante que deslustrava o verniz das nossas presunçosas

ilusões de importância. Não somos grandes porque estamos no topo da cadeia alimentar ou porque podemos alterar o nosso ambiente — o ambiente sobreviverá a nós com as suas forças incomensuráveis e os seus poderes inflexíveis. Mas em vez de sermos dobrados e derrotados pela nossa insignificância, somos corajosos porque exercemos a nossa vontade de qualquer maneira, apesar da efêmera e delicada presença que temos nesse deserto, neste planeta, neste universo. Permaneço sentado por mais dez minutos e, então, com a minha perspectiva tão alargada quanto a vista daquela encosta, voltei ao acampamento e jantei excepcionalmente com menos convicção do que nunca.

Descendo pela estrada e passando pelo bueiro metálico que assinala a fonte seca da Confluência Ocidental do cânion Blue John, passei por um cruzamento assinalado onde uma bifurcação da estrada poeirenta divide-se na direção de Hanksville, uma cidadezinha a uma hora a oeste na entrada do Parque Nacional de Capitol Reef. Hanksville é o povoado mais próximo do Robbers Roost e do distrito de Maze, e sede da mais próxima linha terrestre de telefone da região. A apenas 800 metros dali, passei por uma planície inclinada gramada que foi uma pista de pouso até que uma catástrofe secundária qualquer forçou quem quisesse ir de avião para lá a encaminhar-se a um terreno mais sustentável. Isso é uma indicação de como os aviões e helicópteros pequenos são tipicamente o único meio eficiente de ir de um ponto a outro naquela terra. Parte do tempo, porém, não é financeiramente compensador sair dali para outro lugar, mesmo que se possa ir de avião. O melhor mesmo é ficar em casa.

Os mórmons fizeram os maiores esforços possíveis para cortar essa parte do país com uma malha de estradas, mas eles também se retiraram a cidades estabelecidas, como Green River e Moab. Atualmente, a maioria das trilhas dos mórmons foram abandonadas e substituídas por estradas ainda menos transitáveis cujo acesso por veículo é, ironicamente, mais escasso do que era por cavalo ou trem há uma centena de anos. Ontem à noite dirigi por quase 40 quilômetros pela única estrada poeirenta na metade oriental dos dois condados para chegar ao meu ponto de embarque — foram duas horas e meia chocalhando na estrada cheia de costelas de vaca e nesse período não passei por uma única luz acesa ou por uma casa. Fazendeiros desbravadores, ladrões de gado, mineradores de urânio e escavadores de poços de petróleo, todos eles deixaram uma marca nessa

terra, mas todos cruzaram os dedos das mãos em respeito à maneira caprichosa como o destino joga com a sorte de quem busca o sustento no deserto.

Os que saíram em busca da prosperidade não foram os primeiros a transpor as fronteiras dessa terra, só para abandonar a região como uma vastidão árida: ondas progressivas de comunidades ancestrais existiram e desapareceram ao longo das eras nos fundos dos cânions da região. Normalmente, seria uma seca importante ou uma incursão de bandos hostis que fariam a vida nas terras altas e nos desertos mais ao sul parecerem mais hospitaleiras. Mas às vezes não há respostas defensáveis para explicar a evacuação súbita de toda uma cultura de um determinado lugar. Cinco mil anos atrás, o povo de Barrier Creek deixou os seus pictogramas e petróglifos na Grande Galeria e na Galeria da Caverna; então desapareceu. Uma vez que não deixaram registros escritos, o motivo pelo qual partiram é tanto um mistério quanto um trampolim para a imaginação. Olhando para as suas pinturas e visitando as suas casas, os seus jardins e os seus montes de entulhos, sinto-me ligado aos pioneiros aborígenes que habitaram esses cânions há tanto tempo.

À medida que sigo esmerilhando o terreno sobre uma ampla plataforma, o vento fustiga o meu rosto e já me vejo olhando à frente para a caminhada final pelo cânion Horseshoe, onde o meu passeio termina. Mal posso esperar para me livrar deste vento degradante.

A julgar pelo que vi no meu trajeto, há poucas diferenças importantes nessa região entre a época de Blue John Griffith e o presente. O instituto nacional de terras, o Bureau of Land Management (BLM), classificou o caminho de cavalos e espalhou placas, mas até mesmo as cercas constantes que dividem o restante do Oeste estão notavelmente ausentes. Talvez seja a falta de arame farpado que faça esse lugar parecer tão terrivelmente remoto. Passei uma porção de tempo em regiões distantes dos caminhos normais — dois ou três dias por semana em determinados recantos selvagens, mesmo no inverno — mas a maioria deles parece muito menos isolada do que essa estrada distante. Pensando nisso, de repente, a minha solidão se transforma em isolamento e parece de algum modo mais obstinada. Embora as cidades da região possam ter sobrevivido em banho-maria desde os ásperos dias quando o Robbers Roost merecia o seu nome, o deserto da paisagem continua sendo tão selvagem quanto na época.

Cerca de 1.600 metros após o desfiladeiro Burr, a minha jornada em uma velocidade de 48 km/h contra o vento finalmente chegou ao fim. Desmonto e levo a bicicleta caminhando até uma árvore de zimbro, prendendo a trava de segurança contra roubos no pneu traseiro. Tenho pouco que me preocupar que alguém vá intrometer-se no meu caminho por aqui, mas, como diz o meu pai, “Não faz sentido provocar as pessoas honestas”. Guardo as chaves da trava no bolso traseiro e volto-me na direção da atração principal, o cânion Blue John. Sigo por um caminho de cervos, por um atalho sobre a terra, ouvindo algumas das minhas músicas prediletas no meu tocador de CD, aproveitando que o vento não está soprando tão desagradavelmente nos meus ouvidos. Depois de ter caminhado através de algumas dunas de arenito vermelho pulverizado, chego a uma ravina arenosa e vejo que encontrei o meu caminho para a nascente do cânion. “Bom, estou no caminho certo”, penso, e então percebo duas pessoas caminhando sem me notar a uns 30 metros adiante no cânion. Desço pela duna até o leito raso e, assim que chego ao contorno mais extremo da duna, vejo as caminhanes, que àquela distância parecem duas jovens.

“Quais são as chances de isso acontecer?”, penso, surpreso por encontrar mais alguém nessa lonjura dentro do deserto. Mergulhado nos meus próprios pensamentos por três horas, e talvez querendo afastar a sensação de isolamento adquirida pelo caminho, faço uma pausa para tirar os fones de ouvido, depois apresso o passo para alcançá-las. Elas caminham quase tão rápido quanto eu, e demora um minuto até que possa dizer que estou conseguindo diminuir a distância até elas. Esperava com certeza uma descida solitária na Confluência Principal do cânion Blue John, mas encontrar pessoas com as mesmas ideias que as minhas em lugares de difícil e longínquo acesso normalmente é uma nova experiência divertida para mim, especialmente se são capazes de manter um ritmo apressado assim. Em todo caso, seria difícil evitá-las àquela altura. Em outra curva, elas se voltam e me veem, mas não esperam. Finalmente, eu as alcanço, mas realmente não consigo passá-las, a não ser que parem, o que não fazem.

Compreendendo que vamos caminhar juntos por algum tempo, imagino que deva iniciar a conversa.

— E aí — começo —, tudo bem? — Não estou certo se estão dispostas a conhecer um estranho no sertão. Elas respondem com um par de “ois” sem

floreios.

Esperando por algo um pouco mais envolvente, tento de novo.

— Não esperava encontrar ninguém no cânion hoje.

Muito embora seja sábado, esse é um lugar remoto e tão obscuro que eu não poderia dizer que ele estaria aqui vindo pela estrada de acesso poeirenta do Robbers Roost, apesar de o meu mapa mostrar a presença do cânion.

— É, você nos surpreendeu caminhando por aí — a jovem de cabelos castanhos responde e finalmente sorri.

— Ah, desculpem. Estava ouvindo os meus fones de ouvido, meio envolvido nos meus próprios pensamentos — explico. Devolvendo o sorriso, faço uma apresentação: — Meu nome é Aron.

Elas relaxam perceptivelmente e informam os seus nomes — são Megan, a morena que falou comigo e que parece ser a mais extrovertida das duas, e Kristi. O cabelo à altura dos ombros de Megan curva-se de modo atraente ao redor dos seus olhos castanhos e do rosto de faces rosadas. Ela está usando uma blusa azul de manga comprida fechada por zíper até o pescoço e calça de abrigo azul, e carrega uma mochila azul — se eu tivesse de adivinhar, diria que ela gosta da cor azul. O cabelo louro de Kristi está puxado para trás num rabo-de-cavalo que revela as pintas deixadas pelo sol na sua testa e salienta os olhos profundos azul-acinzentados. Além das roupas — uma camiseta branca comum de mangas curtas com shorts azuis sobre uma calça preta por baixo — percebo que Kristi se produziu antes de sair, usando brincos de argolas pequenas de prata e óculos escuros com aro imitando os de tartaruga e uma cinta de fixação imitando couro de cobra. É incomum usar brincos em um cânion, mas eu também dificilmente estou vestido para matar, então vou me abster de continuar comentando a moda. As duas mulheres estão na casa dos vinte e fico sabendo em resposta à minha primeira pergunta que as duas vêm de Moab. Rapidamente memorizo os seus nomes e quem é quem, para não cometer um erro idiota mais tarde.

Megan parece não se incomodar em conversar comigo. Ela conta uma história sobre como ela e Kristi passaram por engano o início da trilha de Granary Spring e se perderam no deserto por uma hora antes de encontrar o início do cânion. Digo que acho mais fácil viajar de bicicleta do que num outro veículo porque a paisagem passa mais devagar.

— Ai meu Deus, se tivéssemos vindo de bicicleta, teríamos nos ressecado com o vento antes de chegar aqui — comenta Megan e isso funciona para quebrar o gelo.

O cânion ainda é apenas um arroio raso — um leito arenoso seco — aninhado entre dois conjuntos de dunas de areia de 9 metros de altura. Antes que o assunto se torne mais especializado, enveredamos por uma conversa cordial, falando despreocupadamente sobre a nossa vida em comunidades alojadas em pontos tão polarizados quanto Moab e Aspen. Descubro que elas, assim como eu, trabalham no setor de esporte de aventura. No papel de gerentes de logística para a empresa Outward Bound, elas programam expedições no armazém de suprimentos da empresa em Moab. Digo-lhes que trabalho como vendedor na Ute Mountaineer, uma loja de equipamentos em Aspen.

Estabelece-se entre nós um reconhecimento praticamente implícito como assalariados voluntariamente empobrecidos nas nossas cidades em que é melhor ser pobres do ponto de vista fiscal ainda que ricos em experiências — vivendo o sonho — do que ser tradicionalmente abastados, mas viver longe das suas paixões. Existe uma postura não declarada entre as pessoas que trabalham nessas regiões do interior do país de que pagar para desfrutar uma estação de férias é uma degradação das mais vergonhosas. Melhor ser um morador local sem um tostão do que um turista rico. (No entanto, os moradores locais dependem dos turistas para sobreviver, portanto o elitismo implícito é menos do que justo.) Entendemos a nossa posição mútua no mesmo lado da equação.

O mesmo se aplica às nossas sensibilidades ambientais. Todos consideramos Edward Abbey — um conservacionista combativo; ensaísta contra o desenvolvimento, o turismo e a mineração; bebedor de cerveja; militante ecoterrorista; amante do sertão selvagem e das mulheres (de preferência as mulheres do sertão, embora, infelizmente, essas sejam raras) — como um sábio do ambientalismo. Lembrando a excêntrica citação dele, digo o quanto ele se deliciava em levar as coisas ao extremo.

— Acho que existe um ensaio em que ele escreveu: “É claro, somos todos hipócritas. O único ato verdadeiro de um ambientalista seria dar um tiro na própria cabeça. Caso contrário, ele continua a contaminar o lugar com a sua mera presença”. Isso é uma paráfrase, mas é efetivamente o que ele disse.

— Parece um tanto mórbido — replica Megan, fazendo uma expressão de culpa envergonhada por não atirar em si mesma.

Indo além de Ed Abbey, descobrimos que éramos todos experientes no canionismo em fendas de cânions. Kristi pergunta-me qual é a minha fenda de cânion predileta, e eu, sem hesitação, conto a minha experiência no cânion Neon, uma ramificação assim denominada não oficialmente do sistema do rio Escalante no centro-sul de Utah. Não economizei palavras para descrever os seus cinco rapéis, a sua entrada “retentora” (uma fenda profunda, íngreme e com paredes lisas na base do cânion que “prende” você ali se não tiver um parceiro para lhe dar apoio) e a Catedral Dourada: um rapel bizarro através de um túnel de arenito no teto de uma caverna do tamanho da igreja de São Pedro em Roma, na qual você desce pendurado distante das paredes por quase 18 metros até chegar a um grande lago e depois nadar até a margem.

— É fenomenal, vocês precisam ir lá — concluo.

Kristi conta-me sobre a sua fenda de cânion favorita, que fica logo do outro lado da estrada poeirenta na entrada da trilha de Granary Spring. É uma das confluências criadas pela drenagem do Robbers Roost, apelidada de “Domadora” pelos seus amigos da Outward Bound. Ela conta sobre a passagem naquela fenda onde se atravessa a abertura entre as paredes do cânion a cerca de 4,5 metros do chão, uma fenda em forma de “V” que se afunila gradativamente alguns centímetros sob os seus pés e vai se fechando ainda mais para baixo.

Intimamente, acrescento essa fenda à minha lista de coisas a fazer.

Minutos depois, pouco antes do meio-dia, chegamos a uma encosta lisa e íngreme que desce pela face rochosa, anunciando a primeira fenda e as partes mais profundas e estreitas que nos atraíram para o cânion Blue John. Eu deslizo por 4,5 metros abaixo do talude rochoso, escorregando com as solas dos meus tênis, deixando um par de rastros pretos sobre o arenito rosado e sendo jogado para a frente sobre a areia no fundo da parede. Ao ouvir o ruído quando se aproxima da borda, Kristi me vê patinhar na poeira e supõe que caí.

— Ai minha nossa, você está bem? — ela pergunta.

— Ah, sim, estou ótimo. Fiz isso de propósito — digo-lhe sério, como se o escorregão fosse realmente intencional.

Surpreendo no seu olhar uma expressão benevolente que me diz que acredita em mim mas acha que sou tolo por não encontrar uma maneira

mais fácil de descer. Olho ao redor e, vendo um acesso obviamente menos arriscado em que teria evitado o meu escorregão, sinto-me um pouco tolo mesmo.

Cinco minutos depois, chegamos à primeira parte da difícil escalada para baixo, uma descida íngreme em que é melhor virar-se e ficar de frente para a rocha, invertendo os movimentos que normalmente seriam usados para escalá-la na subida. Desço primeiro, depois giro a mochila para pegar a minha câmera de vídeo e filme Kristi e Megan. Kristi puxa uma peça de 4,5 metros de comprimento de fita tubular vermelha da sua mochila e a enfia através de um anel de metal que outros grupos de escaladores de fendas de cânions tinham suspenso por outra volta de fita amarrada na rocha. Essa está firmemente encaixada em uma depressão atrás da borda da descida e o sistema de fitas sustenta facilmente o peso de uma pessoa. Agarrando a fita, Megan desce de costas pela passagem. Ela precisa manobrar em torno de uma saliência de rocha elevada — uma pedra suspensa entre as paredes do cânion — que bloqueia a descida pela fenda estreita, a qual seria até fácil não fosse por isso. Depois de Megan descer, Kristi a segue meio assustada, como se não confiasse totalmente no sistema de fitas. Depois que ela desce, subo de volta para recuperar a fita de Kristi.

Caminhamos por 9 metros e chegamos a outra passagem. As paredes são muito mais estreitas agora, com uma abertura de apenas 60 a 90 centímetros. Megan atira a mochila sobre a passagem antes de esgueirar-se pelas paredes, enquanto Kristi bate algumas fotos. Observo a descida de Megan e ajudo-a indicando os melhores pontos para apoiar as mãos e os pés. Quando Megan encontra-se no fundo da passagem, ela descobre que a sua mochila está ensopada. Acontece que o seu sistema de hidratação perdeu o bico quando ela atirou a mochila pelo rebordo e estava vazando água para a areia. Ela rapidamente encontra o bico de plástico azul e interrompe o vazamento, poupando-se de precisar voltar pela trilha. Embora não seja grande coisa a mochila dela estar molhada, ela perdera uma água preciosa. Desço por último, com a minha mochila nas costas e as minhas câmeras delicadas fazendo-me encalhar entre as paredes em vários pontos estreitos. Contorcendo-me pelo caminho para evitar os choques com as pedras, passo o meu corpo pelo vão entre as paredes até chegar ao fundo do cânion. Encontro uma tora enfiada na fenda a certa

altura e uso-a como escada na parte mais lisa da descida só para as pessoas mais magras.

Enquanto o dia lá no alto da borda rochosa vai se aquecendo, o ar dentro do cânion torna-se mais frio à medida que entramos na seção de quase 400 metros de comprimento do cânion, onde as paredes têm mais de 60 metros de altura, mas distantes apenas 4,5 metros uma da outra. A luz do sol em nenhum momento atinge o fundo dessa fenda. Pegamos algumas penas de corvo, prendemos nos nossos bonés e fazemos uma pausa para fotografias.

Uns 800 metros depois, vários cânions laterais encontram-se na Confluência Principal por onde estamos caminhando, quando as paredes se abrem para revelar o céu e uma perspectiva mais distante das escarpas cânion abaixo. Sob o sol outra vez, paramos para dividir duas das minhas barras de chocolate que estavam derretendo. Kristi oferece um pouco a Megan, que recusa, e Kristi diz:

— Na verdade não posso comer todo este chocolate... Tanto faz, sim, eu posso — e rimos juntos.

Chegamos a um consenso incerto de que este último afluente importante que segue à esquerda da Confluência Principal é a Confluência Ocidental, o que significa que ali é o ponto de retorno para Kristi e Megan terminarem o seu circuito e voltarem à estrada principal poeirenta a cerca de 6,5 quilômetros de distância. Relutamos em nos despedir e então Kristi sugere:

— Venha, Aron, caminhe com a gente... voltamos até a sua caminhonete e depois saímos para tomar uma cerveja.

Estou decidido a terminar o percurso que planejei, então retruco:

— E que tal esta... vocês têm as suas cadeirinhas, eu tenho uma corda... vocês devem vir comigo pela fenda mais profunda e fazer o rapel da Grande Queda. Podemos fazer uma caminhada... ver a Grande Galeria... Depois eu lhes dou uma carona de volta à sua caminhonete.

— A que distância fica? — pergunta Megan.

— Acho que mais uns 13 quilômetros, aproximadamente.

— O quê? Você não vai sair antes de escurecer! Vamos, venha conosco.

— Eu realmente estou decidido a fazer o rapel e ver os petróglifos. Mas vou aparecer na entrada da trilha de Granary Spring para encontrar vocês depois que terminar.

Elas concordaram. Sentamo-nos e demos uma olhada nos mapas uma vez mais, confirmando a nossa localização no mapa do Blue John do guia

de canionismo que cada um de nós usava para encontrar essa fenda remota. Na minha edição mais nova do *Canyon Hiking Guide to the Colorado Plateau*, de Michael Kelsey, há mais de uma centena de cânions descritos, cada um com o seu mapa esboçado à mão. Desenhados por Kelsey a partir da sua experiência pessoal em cada cânion, os mapas técnicos e as descrições das rotas são obras de arte. Com referências cruzadas de fendas traiçoeiras, identificações de petróglifos difíceis de encontrar e sítios de artefatos, além de detalhes do equipamento de rapel necessário, pontos de ancoragem e covas de águas profundas, o livro fornece informações suficientes para você farejar o caminho que decidir tomar ou descobrir onde se encontra, mas nada mais do que isso. Depois de guardar os mapas, nos levantamos e Kristi diz:

— Esta figura no livro faz aquelas pinturas parecerem fantasmas; elas são meio assustadoras. Que tipo de energia você acha que vai encontrar na Galeria?

— Hum. — Faço uma pausa para refletir sobre a pergunta. — Sei lá. Senti uma grande atração quando vi esses petróglifos; é uma sensação boa. Estou empolgado para vê-los.

Megan insiste.

— Tem certeza de que não quer vir com a gente?

Mas eu fiquei com a minha escolha e elas com a delas.

Minutos antes de partirem, confirmamos o nosso plano de nos encontrarmos por volta do anoitecer no acampamento delas em Granary Spring. Alguns amigos de amigos meus de Aspen vão dar uma festa do Scooby à noite, a uns 90 quilômetros dali, ao norte do Parque Estadual de Goblin Valley, e concordamos em ir juntos. A maioria dos grupos usa placas de papel como sinais improvisados na estrada indicando o local do encontro; os meus amigos tinham um grande Scooby-Doo inflável para indicar o local de saída da estrada. Depois de ter tudo terminado — um percurso de aventura de um dia inteiro, um trajeto de 24 quilômetros de bicicleta em terreno acidentado e mais 24 quilômetros de canionismo — bem que merecia um pouco de relaxamento e quem sabe uma cerveja gelada. Também vou gostar de encontrar novamente aquelas duas adoráveis jovens do deserto. Selamos o acordo combinando uma breve caminhada pelo cânion Little Wild Horse, uma fenda não técnica em Goblin Valley, para a manhã do dia seguinte. Amigos recém-conhecidos, nos separamos às 14h com sorrisos e acenos.

* * *

Sozinho outra vez, desci pelo cânion, continuando no meu itinerário. Ao longo do caminho, penso no restante dos meus dias de folga. Agora que tenho um compromisso para um *hike* pelo Little Wild Horse no domingo, especulo que devo estar de volta a Moab por volta das 19h. Terei tempo suficiente para preparar o equipamento, a comida e a água para o percurso de bicicleta sobre o White Rim no Parque Nacional de Canyonlands e tirar uma soneca antes de começar por volta da meia-noite. Ao percorrer os primeiros 48 quilômetros do White Rim com a lanterna de cabeça e a luz das estrelas, devo ser capaz de terminar o percurso de 173 quilômetros no final da tarde de segunda-feira, a tempo para uma festinha em casa que os meus companheiros de quarto e eu planejamos para a segunda à noite.

Inadvertidamente, o meu pé tropeça em uma pilha de seixos depositada da última inundação relâmpago e balanço os braços para recuperar o equilíbrio. No mesmo instante, toda a minha atenção volta-se para o cânion Blue John.

A minha pena de corvo ainda está presa na faixa de trás do meu boné e posso ver a sua sombra na areia. Parece tolice — paro no meio do cânion e tiro uma foto da minha sombra com a pena. Sem interromper o passo, solto a correia da mochila da cintura e do peito, puxo-a ao redor do peito e reviro o seu conteúdo bagunçado até retirar dali o meu tocador de CD portátil. Os aplausos do público dão lugar a uma lenta introdução com o dedilhado de uma guitarra e depois vem a letra suave:

How is it I never see / The waves that bring her words to me?

[Como pude nunca perceber / As ondas que trazem as palavras dela para mim?]

Estou ouvindo a segunda parte da apresentação que a banda Phish fez no dia 15 de fevereiro, a qual assisti três meses antes, em Las Vegas. Depois de um instante absorvendo a música, eu sorrio. Estou contente com o mundo: aqui é o lugar onde me sinto feliz. Grandes músicas, solidão, deserto, mente vazia. O revigoramento de caminhar sozinho, avançando no meu próprio ritmo, clareia os meus pensamentos. Uma sensação de felicidade despreocupada — não ser feliz por causa de alguma coisa em especial, mas ser feliz porque estou feliz — é uma das razões pelas quais vou a lugares tão longínquos para ter algum tempo de concentração comigo mesmo. Sentir-me sintonizado com o meu corpo e a minha cabeça

rejuvenesce o meu espírito. Às vezes, quando me pego pensando intensamente nisso, acho que caminhar sozinho é o meu método próprio de atingir um estado transcendental, um tipo de meditação peripatética, que se pratica andando. Não consigo o mesmo quando sento e tento meditar, pronunciando mantras do tipo “om”; só acontece quando estou andando sozinho. Infelizmente, assim que percebo que estou tendo um momento desses, o sentimento se vai, os pensamentos retornam, a transcendência se evapora. Faço um esforço para chegar a essa sensação fugaz de prazer total, mas os meus julgamentos sobre a sensação afastam essa sensação. Embora seja efêmero, o bem-estar geral que acompanha esses momentos estimula o meu ânimo por horas ou até mesmo dias.

São 14h15 e no balanço dos raios solares e das finas camadas de estratos, o clima do dia paira equilibrado. Na parte aberta do cânion, a temperatura está cerca de 9 graus mais quente do que estava no fundo da fenda profunda. Há uns poucos cúmulos encorpados anunciando-se como grandes barcos a vela perdidos, mas nenhuma sombra. Chego a um riacho amarelo largo vindo da direita e verifico o meu mapa. Essa é a Confluência Oriental. Definitivamente, Kristi e Megan escolheram a confluência correta para retornar. A escolha parecia óbvia naquele momento, mas mesmo as decisões óbvias precisam ser verificadas de novo no deserto. Deslocar-se por um cânion profundo pode ser enganadoramente complexo. De vez em quando, sou tentado a pensar que não há problema nenhum; é só seguir em frente. Com as paredes de 90 metros me cercando em 1,5 metro de cada lado, realmente não posso perder o fundo do cânion, como perdi a rota em uma trilha na montanha. Mas já fiquei desorientado outras vezes.

Uma jornada solitária de 64 quilômetros no cânion Paria me vem à mente. Houve um trecho em cerca de um terço do caminho dentro do cânion em que eu perdi completamente a noção de onde estava. Caminhei cerca de 9 quilômetros para a frente antes de encontrar um ponto de referência que indicasse uma posição exata no mapa. Isso era decisivo, porque eu precisava encontrar o caminho de saída antes que a noite chegasse. Quando se está procurando uma entrada/saída, às vezes estar 50 metros fora da rota pode esconder o caminho. Portanto, agora presto muita atenção ao mapa. Quando estou caminhando pelos cânions verifico o mapa com maior frequência (aproximadamente a cada 200 metros) do que quando estou em uma montanha.

If we could see the many waves / That float through clouds and sunken caves / She'd sense at least the words that sought her / On the wind and underwater.

[Se pudéssemos ver as numerosas ondas / Que atravessam as nuvens e as cavernas submersas / Ela ao menos sentiria as palavras que a perseguem / No vento e sob a água.]

A canção se funde em algo atonalmente doce mas solitário enquanto passo por outro leito seco de rio vindo da direita. No mapa, o riacho parece corresponder ao que Kelsey chamou de Pequena Confluência Oriental, caindo de um planalto acima que ele chama de parque Goat.

Os terraços naturais elevados e os planaltos cobertos de zimbros rolantes do parque Goat à minha direita estão em cima da formação Carmel, de 170 milhões de anos de idade, um espigão escarpado de depósitos roxos, vermelhos e marrons de estratos entrelaçados de silte, calcário e xisto. O espigão é mais resistente à erosão do que o arenito navajo mais velho depositado pelo vento que forma as escarpas de tons avermelhados suaves das pitorescas fendas dos cânions. Em alguns lugares, essa erosão diferenciada cria torres e cones lúgubres de rocha, além de dunas altas de pedra colorida que salpicam as elevações das extensões dos penhascos dos cânions. As texturas, cores e formas justapostas das camadas de rocha do Carmel e do navajo refletem as paisagens polarizadas que os formaram — o mar do início do período Jurássico e o deserto do final do período Triássico. Uma acomodação de um grande mar, os sedimentos da formação Carmel se parecem com lama solidificada que secou no último mês. Por outro lado, os padrões entrecruzados no arenito navajo revelam a sua antiguidade pelas dunas de areia mutantes: uma faixa de 45 metros de altura nos penhascos exhibe linhas internas estendendo-se para a direita; as camadas de faixas seguintes estendem-se para a esquerda; e acima disso, as linhas de estratificação situam-se perfeitamente na horizontal. Ao longo das eras as dunas mudaram repetidamente de forma sob a força prevalecente do vento, soprando através de um deserto semelhante ao Saara, desprovido de vegetação. Dependendo de as formas do arenito remanescentes serem gastas mais pelo vento ou pela água, elas lembram amplos domos grosseiros de areia ou penhascos polidos. Toda essa beleza põe-me um sorriso na face.

Calculo que a distância a ser percorrida ainda seja de cerca de 800 metros até chegar à fenda estreita acima do rapel de 20 metros da Grande Queda. Essa fenda de cerca de 200 metros de comprimento assinala o ponto médio da minha descida pelos cânions Blue John e Horseshoe. Já percorri cerca de 11 quilômetros desde o local onde deixei a minha bicicleta e tenho cerca de 13 a percorrer para voltar à minha caminhonete. Depois que chegar à fenda estreita, encontrarei algumas seções curtas de escalada para baixo, manobrando acima e abaixo entre os escolhos, depois 125 metros de uma fenda muito apertada, parte dela com apenas 45 centímetros de largura, para chegar à plataforma onde dois conjuntos de grampos com chapeletas proporcionam uma ancoragem para o rapel. Os grampos de rapel tipicamente têm 7,5 centímetros de comprimento, grampos de expansão de três oitavos de polegada de diâmetro montados de cada lado ou orifícios perfurados lisos que seguram um disco de metal plano curvado em forma de “L” chamado de chapeleta. As chapeletas têm dois orifícios, um na parte de correr para prender-se o grampo na parede e um na alça curva que pode ser presa pelo mosquetão, um descensor de barras ou com uma extensão de fita amarrada. Quando o grampo está adequadamente instalado na rocha sólida, é possível sustentar centenas de quilos nele sem se preocupar, mas, nas fendas dos cânions, a rocha geralmente se esboroa ao redor do eixo do grampo por causa das frequentes inundações. É tranquilizador ter dois grampos com chapeletas que possam ser usados em paralelo, para o caso de um falhar inesperadamente.

Tenho a minha corda de escalar, cadeirinha, equipamento de amarração e fitas para o rapel, e tenho também a minha lâmpada de cabeça para inspecionar as fendas em busca de cobras antes de pôr as mãos nelas. Já estou imaginando a caminhada depois do rapel, especialmente na Grande Galeria. O guia de Kelsey chama-a de o melhor painel de pictogramas do planalto do Colorado — e do estilo Barrier Creek, “o estilo com que todos os outros se comparam” — que atizou o meu interesse desde que li sobre ela na vinda para Utah dois dias atrás.

Gold in my hair / In a country pool / Standing and waving / The rain, wind on the runway.

[*Ouro em meu cabelo / Em um lago no campo / Em pé e acenando / A chuva, o vento na pista.*]

Distraio-me com outra canção e mal noto as paredes do cânion se estreitando, formando o início de uma fenda, essa mais parecida com um corredor entre duas fileiras de prateleiras de um armazém do que os arranha-céus da fenda superior. Um acorde de guitarra repetido me acompanha como um hino enquanto os meus passos parecem mais uma marcha e dou um soco no ar com o punho direito. Então chego à primeira descida no solo do cânion, uma cachoeira seca. Se houvesse água no cânion, aqui seria uma cachoeira. Uma camada mais dura incrustada no arenito mostrou-se mais resistente à erosão pela enxurrada e esse conglomerado escuro forma a borda da descida. Do ressalto onde me encontro ao cânion que prossegue no fundo há cerca de 3 metros. Cerca de 6 metros à frente no cânion, um tronco em forma de “S” está enredado entre as paredes. Facilitaria a descida se eu pudesse chegar até ele, mas o acesso parece mais difícil através do conglomerado raso e escarpado à minha direita do que pela descida de 3 metros para o fundo do cânion pela borda à minha frente.

Uso uns bons apoios para as mãos escavados à minha esquerda para descer ao redor da beirada, agarrando os *huecos* de arenito — buracos escavados pela água na parede — como alças de apoio. Com o corpo estendido, as minhas pernas penduram-se a 60 ou 90 centímetros do fundo. Eu me solto e caio pela cachoeira seca, pousando em uma concavidade arenosa escavada mais fundo do que o piso adjacente pelo impacto da enxurrada vinda pela borda. Os meus pés socam a lama seca, que se racha e se desfaz em migalhas como estuque; afundo até a borda dos tênis nas plaquetas. Não é uma manobra difícil, mas eu não poderia escalar diretamente para cima até a saída assim de baixo. Estou comprometido com o meu projeto; não dá para voltar atrás.

Uma nova canção começa nos meus fones de ouvido enquanto passo sob o tronco em “S” e o cânion se aprofunda para 9 metros abaixo da cobertura dos domos de areia lá no alto.

I fear I never told you the story of the ghost / That I once knew and talked to, of whom I never boast.

[Receio nunca ter-lhe contado a história do fantasma / Que conheci um dia e com quem falei, de quem nunca me gabei.]

O céu claro ainda é visível acima deste talho na superfície terrestre. No meu caminho estão duas rochas encravadas do tamanho de um furgão a uns 30 metros de distância uma da outra. Uma está apenas uns 30

centímetros acima da areia do fundo do cânion; a outra repousa inteira sobre o chão do corredor. Abro caminho por entre os dois blocos maciços. O cânion se estreita a 1,20 metro de largura, com paredes onduladas e torcidas que me levam para a esquerda e depois de volta à direita, através de uma passagem estreita, depois à esquerda e à direita de novo, sempre se aprofundando.

A ação colossal da enxurrada escavou imensas bolas de areia na rocha das paredes de arenito e cunhou barrotes 9 metros acima. As fendas de cânions são o último lugar em que se quer estar durante uma tempestade no deserto. O céu diretamente acima do cânion pode estar claro, mas um aguaceiro na bacia hidrográfica mesmo a 16 ou 32 quilômetros de distância pode ferir e afogar um canionista desprevenido. No leste dos Estados Unidos, pode levar dias ou semanas para o solo chegar à saturação e para os rios subirem após muitos milímetros de chuva. No deserto, a terra dura batida pelo sol age como telhas de barro cozido e a inundação pode começar a partir de poucos milímetros de chuva que poderia cair em cinco minutos de uma única nuvem de tempestade. Resvalando pela cobertura impermeável, o aguaceiro cria um dilúvio crescente. O escoamento se reúne a partir da drenagem convergente e rapidamente transforma-se em 30 centímetros de água em uma seção de 12 metros de largura do cânion. A mesma quantidade de água torna-se uma torrente catastrófica em um espaço confinado. Onde as paredes se estreitam a 1,2 metro, a enxurrada transforma-se em um caos de 3 metros de altura de lama derretida e detritos que movem rochas, esculpem cânions, depositam material à deriva em vãos estreitos e matam tudo o que não possa subir dali em segurança.

Nesta seção tortuosa do cânion estreito, os resíduos de sedimentos da inundação mais recente recobrem as paredes até a altura de 3,6 metros acima da areia e décadas de marcas de escoamentos se sobrepõem aos estriamentos rosados e arroxeados da rocha exposta. As paredes ondulantes distorcem as linhas planas dos estratos e chamam a minha atenção em um ponto em que as paredes opostas mergulham uma em frente da outra num meandro de duas curvas fechadas. Paro para bater algumas fotos. Observo que a hora estampada está um minuto atrasada em comparação com a indicada pelo meu relógio: a tela da câmera digital diz que são 14h41 de sábado, 26 de abril de 2003.

Balanço a cabeça ao ritmo da música enquanto caminho por mais 20 metros e chego a uma série de três rochas encravadas e passo por elas. Então vejo outras cinco rochas, todas do tamanho de geladeiras grandes, encravadas em alturas diferentes no chão do cânion como uma manopla de pedras arredondadas. Não é comum ver tantas pedras encravadas alinhadas em uma proximidade igualmente espaçada. Com 60 centímetros de espaço sob a primeira rocha encravada, preciso passar me arrastando por baixo dela — foi a única vez que tive de me abaixar tanto dentro de um cânion — mas não há alternativa. A próxima rocha está encravada um pouco mais acima do chão. Depois de me levantar e bater a areia do corpo, me agacho e passo assim embaixo dela. Arrastando-me por baixo de outras quatro e mais duas vezes passando agachado, passo por todas as demais rochas encravadas. O desfiladeiro tem mais de 18 metros de profundidade nesse ponto, tendo afundado 15 metros abaixo dos domos de areia em 60 metros de distância linear.

Chego a outra grotá. Esta tem talvez uns 3 a 3,5 metros de profundidade, uns 30 centímetros mais funda e de uma geometria diferente do beiral pelo qual descí dez minutos atrás. Outra rocha do tamanho de uma geladeira está encravada entre as paredes, 3 metros adiante e à mesma altura do ressalto. Ela confere ao espaço abaixo da grotá uma impressão claustrofóbica de um túnel baixo. Em vez de as paredes se alargarem depois da grotá, ou abrirem-se em uma concavidade no fundo do cânion, aqui a fenda se estreita até uns 90 centímetros constantes do outro lado da abertura da grotá e continua com essa largura por 15 metros adiante pelo cânion. Às vezes, em passagens estreitas como esta, consigo sustentar o corpo através da fenda, com os pés e as costas pressionados em direções opostas de encontro às paredes. Controlando essa contrapressão e mudando as mãos e os pés contra as paredes opostas, consigo subir ou descer sem dificuldade por uma fenda da largura dos meus ombros desde que o contato de fricção permaneça firme entre as paredes e as minhas mãos, pés e costas. Essa técnica é conhecida como “avanço de tronco” ou “de chaminé”; é fácil visualizá-la imaginando que sobe por dentro de uma chaminé.

Logo abaixo do ressalto onde estou encontra-se uma rocha encravada do tamanho de um grande pneu de ônibus, entalada no canal entre as paredes, quase 1 metro longe da borda da saída. Se puder pisar sobre ela, terei uns 90 centímetros de altura para descer, menos do que no primeiro vão. Vou

me pendurar na rocha encravada, depois cair de pouca altura sobre as rochas arredondadas empilhadas no chão do cânion. Avançando de tronco através do cânion na borda da saída, com um pé e uma mão sobre cada parede, atravesso até a rocha encravada. Pressiono as costas contra a parede sul e prendo o meu joelho esquerdo, o que empurra o meu pé fortemente contra a parede norte. Com o pé direito, chuto a rocha para testar o quanto ela é compacta. Ela é dura o bastante para aguentar o meu peso. Abaixo-me da posição de chaminé e piso sobre a rocha encravada. Ela me sustenta, mas oscila ligeiramente. Depois de confirmar que não quero descer em chaminé da altura da rocha encravada, agacho-me e agarro a parte de trás da rocha alojada, tornando a olhar para o cânion em cima. Esgueirando a barriga sobre a borda da frente, consigo me abaixar e me pendurar com os braços estendidos, como se estivesse descendo do teto de uma casa.

Enquanto me penduro, sinto a rocha reagir à minha mão presa na borda quando o peso do meu corpo aplica torque suficiente para abalá-la da sua posição. Instantaneamente, sei que isso é um problema e, instintivamente, solto a rocha em movimento para pousar sobre as rochas redondas embaixo. Quando olho para cima, vejo a rocha caindo na direção da minha cabeça, encobrendo o céu. O medo faz com que leve as mãos à cabeça. Não posso recuar ou cair sobre uma saliência menor. A minha única esperança é empurrar a rocha em queda e tirar a cabeça do seu caminho.

Os três segundos seguintes se desenrolam em um décimo da sua velocidade normal. O tempo se dilata, como se eu estivesse sonhando, e as minhas reações se aceleram. Em câmera lenta: a rocha esmaga a minha mão esquerda contra a parede sul; meus olhos registram a colisão e puxo o meu braço direito quando a rocha ricocheteia; a pedra então comprime a minha mão direita e prende o meu braço direito pelo punho, a palma para dentro, o polegar para cima, os dedos estendidos; a rocha desliza mais 30 centímetros para baixo contra a parede com o meu braço a reboque, dilacerando a pele ao longo do meu antebraço. Depois, somente o silêncio.

A minha incredulidade me deixa paralisado temporariamente enquanto olho para a imagem do meu braço desaparecido em um vão inadmissivelmente pequeno entre a rocha caída e a parede do cânion. Em instantes, a resposta dolorosa do meu sistema nervoso supera o choque inicial. Santo Deus, a minha mão. A fulgurante dor física deixa-me em pânico. Com uma careta exclamo uma imprecação violenta:

— Caralho!

A mente dá um comando ao corpo: “Tire a sua mão de lá!” Puxo o braço três vezes numa ingênua tentativa de arrancá-lo dali. Mas estou preso.

A ansiedade fustiga o meu cérebro; impulsos de dor lancinante sobem do pulso por todo o braço. Num frenesi desvairado começo a gritar:

— Mas que merda, que merda, que merda!

O meu cérebro em desespero invoca uma história provavelmente apócrifa na qual uma mãe inflamada por uma forte descarga de adrenalina levanta um carro tombado para libertar seu bebê. Eu lhe daria o benefício da dúvida, mas não sei com certeza se *este exato instante*, com a química do meu corpo fluindo à toda velocidade, seria o melhor momento de me libertar com a força bruta. Empurro de novo a grande pedra, fazendo um esforço contra ela, forçando-a com a mão esquerda, tentando erguê-la com os joelhos por baixo. Tenho uma boa alavancagem com a ajuda de uma protuberância de 30 centímetros à frente dos meus pés. Apoiando-me ali, aperto as minhas coxas por baixo da rocha e empurro para cima várias vezes, grunhindo:

— Vamos... mova-se!

Nada.

Descanso e depois ataco a rocha de novo. Outra vez nada. Reposiciono os meus pés. Apalpo à procura de um apoio melhor embaixo da rocha, reposiciono a minha mão voltada para cima em uma saliência da rocha, respiro fundo e me jogo com o máximo de força contra a rocha, com mais empenho do que em todas as tentativas anteriores.

— Aaaarrgh... unnnnhhh — o esforço expulsa o ar dos meus pulmões, mesmo assim não abafando o som baixo e cavo da rocha balançando. O movimento da pedra é imperceptível; tudo o que obtenho é uma pontada além da já insuportável dor, e ofego: — Ai! Caralho!

Tinha deslocado a pedra alguns centímetros e ela se acomodou ainda mais sobre o meu pulso. Essa coisa pesa muito mais do que eu — é um testemunho de quanto eu estava alterado para ser capaz de movê-la — e agora tudo o que quero é movê-la de volta. Entro em posição de novo, empurrando com a mão esquerda por cima da pedra, e movo a pedra de volta ainda muito ligeiramente, invertendo o que acabara de fazer. A dor diminui um pouco. No processo, tinha lacerado e arranhado a pele sobre os meus quadríceps esquerdos acima do joelho. Estou banhado em suor. Com a mão esquerda, puxo a manga direita do ombro da camiseta e enxugo a

testa. O meu peito se agita. Preciso de um gole de água, mas quando sugo o bocal do meu sistema de hidratação, descubro que o reservatório de água está vazio.

Tenho 1 litro de água em uma garrafa Lexan na mochila, mas demoro alguns segundos para compreender que não sou capaz de passar a mochila por cima do braço direito. Tiro a câmera do pescoço e coloco-a sobre a rocha. Assim que libero o braço esquerdo da correia da mochila, expando a correia direita, enfio a cabeça por dentro do laço e puxo a correia por cima do ombro esquerdo para que passe pelo meu corpo. O peso do equipamento de rapel, câmera de vídeo e garrafa de água arrasta a mochila para os meus pés, e então tiro os pés da alça da mochila. Tirando a garrafa cinza-escura de água do fundo da mochila, desatarraxo a tampa e, antes de perceber a importância do que estou fazendo, dou três grandes goles de água e me contenho ofegante para respirar. Então me dou conta: em cinco segundos, consumi sofregamente um terço de todo o meu suprimento de água.

— Mas que droga, cara, tampe isso e ponha de lado. Chega de água.

Rosqueio a tampa com força, deixo cair a garrafa na mochila apoiada nos pés e respiro fundo três vezes.

— Muito bem, hora de relaxar. A adrenalina não vai conseguir tirar você daqui. Vamos considerar tudo de novo, ver o que temos.

Incrivelmente, passou meia hora desde o acidente. A decisão de ser objetivo em relação à minha situação e parar de correr de uma tentativa brutal para a seguinte permite que a minha energia se acalme. Isso não vai se resolver rapidamente, portanto, preciso começar a pensar. Para tanto, preciso estar calmo.

A primeira coisa que decido fazer é examinar a área onde a rocha mantém o meu pulso preso. A gravidade e a fricção encaixaram a rocha, agora suspensa cerca de 1,20 metro acima do chão do cânion, em um novo conjunto de pontos de constrição. Em três pontos, as paredes opostas seguram a rocha. No lado da rocha voltado para o seguimento do cânion, a minha mão e o pulso formam um quarto apoio onde estão presos na pressão desse horrível aperto de mão. Eu penso: “A minha mão não só está presa ali, na verdade ela está segurando a rocha afastada da parede. Ah, cara, estou ferrado”.

Estendo os dedos da mão esquerda em direção à mão direita, no ponto onde ela está visível, junto à parede norte do cânion. Apalpando no

pequeno espaço acima do ponto de contato, toco o meu polegar, que já está com uma doentia cor cinzenta. Ele está levantado em diagonal no espaço e parece terrivelmente antinatural. Endireito o polegar com os dedos indicador e médio da mão esquerda. A minha mão direita não sente nada em parte alguma. Aceito isso com um senso de distanciamento, como se estivesse diagnosticando o problema de outra pessoa. Essa objetividade clínica me acalma. Sem sensação, aquilo não parece muito a minha mão — se fosse a minha mão, eu poderia senti-la quando a toquei. A parte mais distante do meu braço que posso sentir é o meu pulso, onde a pedra está pousada. Julgando pelas aparências, a falta de quaisquer ruídos de fratura óssea durante o acidente, e como sinto a mão esquerda de maneira geral, eu provavelmente não tenho nenhum osso fraturado. A partir da natureza do acidente, porém, é muito provável que haja uma quantidade substancial de tecidos danificados pelo menos, e por tudo o que sei, algo poderia estar quebrado no meio da minha mão. Seja como for, isso não é nada bom.

Investigando a face inferior da rocha, posso tocar o dedo mínimo da minha mão direita e sinto a sua posição com a mão esquerda. Ele está torcido para dentro da palma, como se estivesse fechando parcialmente o punho; os meus músculos parecem estar em um estado de contração forçada. Não consigo relaxar a mão ou estender nenhum dos meus dedos. Tento mexer cada um independentemente. Não acontece nenhum tipo de movimento. Tento flexionar os músculos para fechar o punho com mais força, mas não há nem mesmo a menor contorção. Multiplique por dois a conclusão de que “isso não é nada bom”.

Mais próximo ao meu peito, junto à parede, não consigo fazer com que o meu dedo indicador alcance um ponto onde possa tocar o meu punho direito de baixo. Mal consigo enfiar o dedo mínimo pelo espaço entre a rocha e a parede, esfregando o braço em um ponto na lateral da saliência do meu pulso. Paro de cutucar e observo o meu pulso esquerdo, calculando que está com 7,5 centímetros de espessura. O meu pulso direito está sendo comprimido a um sexto da sua espessura normal. Não fosse pelos ossos, o peso da rocha teria esmagado o meu braço até ficar plano. A julgar pela palidez da minha mão direita, e pelo fato de que não há perda de sangue a partir de uma lesão traumática, é provável que não tenha circulação entrando ou saindo da mão presa. A falta de sensibilidade ou de movimento provavelmente significa que os nervos estão lesionados. Quaisquer que sejam as lesões ocorridas, a minha mão direita parece estar

inteiramente isolada dos sistemas circulatório, nervoso e de controle motor do meu corpo. Isso significa o item número três na lista de coisas “nada boas”.

Uma voz interior explode em imprecações diante do diagnóstico: “Merda! Como isso foi acontecer? Que porra é essa? Como você conseguiu que a sua mão ficasse presa por uma *bosta* de rocha? Olhe só para isso! A sua mão está *esmagada*; ela está *morrendo*, cara, e você não pode fazer nada. Se não conseguir que o sangue corra por ela em algumas horas, ela já era”.

“Não, isso não. Vou tirá-la dali. Quer dizer, se não conseguir tirar, vou perder mais do que a minha mão. Preciso tirar!” A razão responde, mas a razão não está no controle aqui; a adrenalina ainda não se dissipou.

“Você está encalacrado, desgraçado e azarado.” Não gosto de ser pessimista, mas o demônio no meu ombro esquerdo não se deixa enganar por qualquer pretensão. O maldito rimador filho da puta está certo: as minhas perspectivas são desoladoras. Mas ainda é muito cedo para entrar em desespero.

“Não! Cale a boca, isso não adianta.” Melhor continuar investigando, ver o que posso descobrir. Quem quer que esteja questionando de cima do meu ombro direito tem uma boa razão — não é com a minha mão que preciso me preocupar. Existe um problema maior. Ficar estressado com o problema superficial só irá consumir as minhas forças. No momento, preciso me concentrar em conseguir mais informações. Com essa decisão tomada, um sentimento de aceitação toma conta de mim.

Erguendo os olhos para a direita, uns 30 centímetros acima da parte superior da rocha sobre a parede norte, vejo minúsculos fiapos da minha carne, tufo de pelo do meu braço e manchas do meu sangue espalhados sobre o arenito. Ao arrastar o meu braço pela parede, a rocha e o liso arenito navajo agiram como um ralador, raspando as camadas externas da minha pele em tiras finas. Observando com atenção a parte de baixo do meu braço, procuro a presença de mais sangue, mas não encontro nada, nem mesmo uma gota.

Quando torno a levantar a cabeça, bato a aba do boné e os meus óculos escuros caem sobre a mochila aos meus pés. Pegando-os, vejo que foram arranhados em algum momento em que estava com eles na parte aberta e ensolarada do cânion uma hora atrás. “Isso é algo que não tem

importância”, digo para mim mesmo, mas ainda assim preocupo-me em colocá-los em cima da rocha, no meu lado esquerdo.

Meus fones de ouvido foram arrancados das minhas orelhas, mas agora, e na minha calma, ouço a multidão aplaudir no CD ao vivo. O ruído se evapora quando o disco para e o silêncio repentinamente reforça a minha situação. Estou irreversivelmente preso, em pé, no fundo mal iluminado de um cânion, incapaz de me mover mais do que alguns centímetros para cima ou para baixo, ou de um lado para o outro. Completando as minhas circunstâncias materiais, ninguém que der pela minha falta sabe onde estou. Violei a principal regra do esporte de aventura quando não deixei um plano de viagem detalhado com uma pessoa responsável. Ainda que esteja a menos de 13 quilômetros da minha caminhonete, estou sozinho em um lugar raramente visitado sem ter como entrar em contato com ninguém fora dos 50 metros de alcance da minha voz.

Sozinho em uma situação que poderia estar bem perto de ser fatal.

O meu relógio informa que são 15h28, quase 45 minutos depois que a rocha caiu sobre o meu braço. Faço um balanço do que tenho comigo, esvaziando a minha mochila com a mão esquerda, item por item. No saco plástico do supermercado, além das embalagens de chocolate e do saco da padaria com as migalhas de *muffin* de chocolate, tenho dois burritos de feijão, cerca de 500 calorias no total. No compartimento externo da mochila tenho o meu tocador de CD, CDs, baterias AA de reserva, uma minicâmera de vídeo digital. O meu canivete multifuncional e a lanterna de cabeça com três lâmpadas LED também estavam na bolsa. Arrumo os equipamentos eletrônicos, puxo para fora a faca da ferramenta e junto com a lanterna de cabeça os coloco em cima da rocha, ao lado dos óculos escuros.

Guardo a câmera dentro do saco de tecido dos óculos e deixo-a cair dentro do compartimento externo com as outras bugigangas. A não ser pela garrafa de água Lexan e pela minha sacola de hidratação vazia, o conteúdo remanescente da minha mochila são a minha corda verde e amarela de alpinismo na sua sacola de cordas preta com zíper; a minha cadeirinha de rapel; e o resto do equipamento que trouxe para usar no rapel da Grande Queda.

O meu próximo pensamento é imaginar o maior número de meios possíveis para sair daqui. As ideias fáceis vêm primeiro, embora algumas

delas sejam mais esperançosas do que realistas. Quem sabe outros canionistas atravessem esta seção da fenda e me encontrem — eles poderiam ser capazes de me ajudar a me soltar, ou mesmo me dar roupas, alimento e água, e sair em busca de ajuda. Quem sabe Megan e Kristi pensem que alguma coisa possa ter dado errado quando não for encontrá-las, como disse que iria, e vão procurar a minha caminhonete ou notificar a Guarda do Parque. Quem sabe os meus amigos de Aspen, Brad e Leah Yule, façam o mesmo quando eu não aparecer para a festa do Scooby-Doo à noite. Mas eles não sabem com certeza se eu iria, porque não lhes telefonei quando cheguei a Moab ontem. Amanhã, domingo, ainda é o fim de semana — quem sabe alguém venha por este caminho no seu dia de folga. Se eu não conseguir sair na segunda-feira à noite, os meus companheiros de quarto sentirão a minha falta com certeza; eles poderiam até mesmo chamar a polícia. Ou o meu gerente na loja onde trabalho ligará para a minha mãe quando eu não aparecer na terça-feira. As pessoas poderiam levar alguns dias para descobrir para onde eu fui, mas deverá acontecer uma busca na quarta-feira, e se encontrarem a minha caminhonete, não demoraria muito para me procurarem depois disso.

O principal impedimento ao resgate é que não tenho água suficiente para esperar por tanto tempo — pouco mais que meio litro no total, depois de beber avidamente minutos atrás. O tempo de sobrevivência médio no deserto sem água é de dois a três dias, às vezes até mesmo só um dia quando se está exposto a um calor de quase 40 graus. Imagino que aguento até segunda-feira à noite. Se acontecer um resgate antes disso, será por um encontro casual improvável com um colega canionista, não um esforço organizado de pessoal treinado. Em outras palavras, o resgate parece mais ou menos tão provável quanto ganhar na loteria.

Por natureza, sou uma pessoa impaciente; quando uma situação requer que eu espere, preciso estar fazendo alguma coisa para passar o tempo. Posso ser considerado um filho da geração da satisfação instantânea, ou talvez a minha imaginação tenha sido atrofiada por assistir demais à televisão, mas ainda não sei ficar quieto. Na minha situação atual, isso provavelmente é algo bom. Tenho um problema para resolver — preciso sair daqui — então me concentro no que posso fazer para escapar de onde estou preso. Eliminando algumas ideias que são idiotas demais (como arrebentar as minhas baterias AA de reserva e esperar que o ácido corroa a rocha, mas não consuma o meu braço), organizo as minhas outras opções

em ordem de preferência: escavar a rocha ao redor da minha mão com o canivete multifuncional; aparelhar cordas e uma âncora acima de mim para erguer a rocha acima da minha mão; ou amputar o braço. Rapidamente, cada opção parece impossível: não tenho a força de reboque necessária, mesmo com o sistema de polias, para mover a rocha; e muito embora pareça a minha melhor opção, não tenho as ferramentas, conhecimento ou a determinação para amputar o meu próprio braço.

Talvez mais como uma tática para retardar o pensamento sobre a autoamputação e menos como um esforço verdadeiramente produtivo, decido investir em uma opção mais fácil — desbastar a rocha para libertar o braço. Tirando o meu canivete multifuncional de cima da rocha, extraio a mais longa das duas lâminas. De repente, fico muito feliz por ter decidido incluí-lo entre os meus suprimentos.

Escolhendo um ponto facilmente acessível na rocha em frente ao meu peito e a poucos centímetros do meu punho direito, risco a rocha em uma linha de uns 10 centímetros. Se conseguir remover a pedra abaixo dessa linha e até os meus dedos, a uns 15 centímetros, serei capaz de soltar a mão. Mas com a parte demarcada da pedra sendo de uns 7,5 centímetros em alguns lugares, precisarei retirar cerca de 1 metro cúbico da rocha. É muita pedra, e sei que o arenito vai tornar o desbaste um trabalho tedioso.

A minha primeira tentativa de serrar a rocha ao longo da linha fraca que marquei mal arranha a rocha. Tento de novo, pressionando mais forte dessa vez, mas o outro lado da faca onde seguro machuca mais o meu indicador do que a lâmina avança na rocha. Mudando a posição da mão na ferramenta, seguro-a como Norman Bates, do filme *Psicose*, e ataco a rocha no mesmo ponto. Não há efeitos consideráveis. Tento identificar um sinal de fratura, um ponto fraco na rocha, algo que possa explorar, mas não há nada. Mesmo que eu me concentrasse em uma protuberância cristalina na rocha, acima do meu pulso, onde poderia ser capaz de tirar um pedaço, seriam muitas horas de trabalho antes de poder remover até mesmo aquela minúscula parte mineralizada.

Bato na rocha com a base da mão, ainda segurando a faca, e pergunto em voz alta em um lamento exasperado:

— Por que este arenito é tão duro?

Parece que, toda vez que escalo uma formação de arenito, ele quebra um bocado, e ainda assim não consigo arrancar uma lasca sequer desta pedra. Faço uma rápida experiência para testar a dureza relativa da parede.

Segurando a faca como uma caneta, gravo facilmente um “G” maiúsculo no plano do lado norte do cânion, cerca de 30 centímetros acima do meu braço direito. Lentamente, gravo mais algumas letras minúsculas, “e-o-l-o-g-i-c”, e depois faço uma pausa para medir o espaço com os olhos e dispor o resto das letras na minha mente. Em cinco minutos, gravo mais três palavras, então as toco, até poder ler a frase: “Geologic Time Includes Now” [O Tempo Geológico Inclui o Agora].

Estava citando os “Mandamentos Clássicos do Montanhismo”, de Gerry Roach, montanhista e autor do guia *Colorado Thirteeners* [Montanhas de 4.200 a 4.300 metros do Colorado]. É uma maneira elegante de dizer “Cuidado com as rochas que caem”. Como bem sabe a maioria das pessoas que vive em falhas geológicas, os processos que moldam e formam a crosta terrestre são eventos presentes no cotidiano. As falhas se movem, vulcões há muito adormecidos explodem, encostas de montanhas transformam-se em lama e deslizam.

Lembro-me de uma vez que fiz uma caminhada com o meu amigo Mark Van Eeckhout através de um campo cheio de pedras e subimos numa rocha do tamanho de uma casa. Dizíamos um para o outro: “Uau, olhe só o tamanho desta!” Imaginamos que espetáculo seria ver algo daquele tamanho separar-se de um penhasco uns 300 metros acima e cair, soltando lascas à direita e à esquerda ao deslizar, chocando-se com força apocalíptica.

Mas os penhascos simplesmente não se formam no meio da noite quando ninguém está observando. Já vi barrancos à margem de rios desmoronarem, geleiras se separarem e soltarem tremendas porções de gelo, e pedras despencarem do alto. O mandamento de Gerry Roach lembra aos alpinistas que as rochas caem o tempo todo. Às vezes, elas se partem espontaneamente; às vezes se soltam quando atingidas por um movimento. Às vezes elas caem quando se está distante e ninguém vê acontecer, só se ouve o barulho; às vezes elas caem quando você e os seus colegas estão escalando embaixo delas. Às vezes, uma se solta mesmo que você mal a tenha tocado; e às vezes uma cai depois de você ficar em pé em cima dela... quando a estiver usando como apoio e ela se desloca... quando a sua cabeça está bem no caminho e você levanta as mãos para se salvar...

É raro. Mas acontece. Aconteceu.

Esta rocha prendendo o meu pulso ficou presa por muito tempo antes de eu aparecer. E então não só caiu sobre mim, ela prendeu o meu braço. Estou perplexo. Foi como se a rocha tivesse sido posta aqui, colocada como uma armadilha de caçador, esperando por mim. Esta era para ser uma viagem fácil, com poucos riscos, bem dentro da minha capacidade. Não estou tentando escalar um pico elevado durante o inverno, estou só tirando umas férias. Por que a última pessoa que passou por aqui não desalojou a rocha? Ela precisaria fazer as mesmas manobras que fiz para atravessar o cânion. Que tipo de sorte eu tenho para que esta rocha, enroscada aqui por eras incontáveis, se libertasse na fração de segundo em que as minhas mãos estavam no caminho? Apesar das evidências óbvias em contrário, parece astronomicamente inviável que isso acontecesse.

Quero dizer, quais são as chances?

CAPÍTULO DOIS

PRIMÓRDIOS

As montanhas são meios, o homem é o fim. A meta não é chegar aos topos das montanhas, mas aprimorar o homem.

— Walter Bonatti, *alpinista italiano*

Em agosto de 1987, quando eu tinha 12 anos de idade, a minha família se preparava para mudar de Indianápolis, no estado de Indiana, para o Colorado, em razão da carreira do meu pai. Em visita a um amigo da família no leste rural de Ohio naquele mês de julho, encontrei um livro enciclopédico sobre os cinquenta estados e procurei o meu futuro lar. Na época, nunca estivera a mais de 16 quilômetros do rio Mississippi em minha vida. Diante dessa mudança iminente para o Oeste, eu queria descobrir o que me esperava. Admito que tinha um certo preconceito — imagens estereotipadas de pessoas em lombo de cavalo, esquiadores e tanta neve que cobria o estado o ano inteiro.

O que encontrei no livro não só reforçou essas noções, como também me aterrorizou. Havia uma foto do pico Pikes, cuja vista inspirou a canção “America the Beautiful”, de acordo com a legenda. Aos meus olhos de 12 anos de idade, o pico era tão acidentado que parecia a caricatura de uma natureza feroz. Não sabia na época que havia tanto uma ferrovia quanto uma estrada para o topo do pico, terminando em uma área de parque ao lado de um restaurante e uma loja de presentes. Naquela altura da minha vida, a natureza era um conceito limitado às árvores atrás da minha casa, a empoeirada pista de bicicletas em um terreno próximo à casa do meu amigo Chris Landis e o reservatório de Eagle Creek, nas imediações de Indianápolis. No meu mundo, a vida ao ar livre não incluía montanhas. E, em especial, não incluía montanhas de 4.200 metros de altura. Intimidado, virei a página.

Descobri pessoas descendo de esqui encostas íngremes em velocidades assustadoras. Embora levasse o meu trenó de metal Flyer por todas as rampas, valas e ruas do nosso bairro em Indianápolis, e mesmo tivesse descido por um morro considerável não muito longe ao norte da nossa

casa, eu sempre podia arrastar os pés para trás para frear. Como se param os esquis?

Virei a página de novo e essa última imagem me abalou profundamente. Era uma foto de pessoas esquiando pelas ruas de Denver depois de uma tempestade de inverno. Não se viam veículos nas ruas, apenas filas de pessoas com os seus esquis. Fechei o livro de uma vez horrorizado. A minha imaginação ajudou a completar o cenário. As pessoas não iam de carro a lugar nenhum no Colorado, simplesmente iam a toda parte de esquis. À escola, ao trabalho, ao supermercado, aonde quer que fossem, as pessoas só iam de esquis, como em alguma terra encantada nórdica. Mesmo no meio do verão. Para um garoto nascido em Ohio e que passou os seus anos de formação como um *hoosier* [residente do estado de Indiana], criado na santíssima trindade do basquetebol, basquetebol e corridas de automóveis da Fórmula Indy, esquiar, mesmo em terreno plano, era um conceito tão estranho quanto andar de camelo.

Enquanto desenvolvia mais de uma ideia sobre esse lugar para onde a minha família se dirigia, cheguei a acreditar no Colorado como um estado inteiro de esquiadores, a paisagem juncada por rastros de esquis, os agrupamentos sociais segregados pela capacidade de esquiar. Como seria possível eu me encaixar ali se não sabia esquiar? Chorei na cama todas as noites durante uma semana depois de ler aquele livro. Por mais que fosse triste nos separarmos, os meus amigos estavam empolgados com a minha mudança para o Colorado. Eles me diziam como seria divertido sair para esquiar. Não percebiam que era exatamente isso que me aterrorizava tanto. Notando os meus olhos vermelhos e o nariz fungando, os meus pais mostraram a sua preocupação numa noite durante o jantar.

— Parece que você tem chorado ultimamente. Qual é o problema? — perguntou o meu pai.

— Estou assustado — menti. Não estava com medo, mas absolutamente apavorado com a ideia de me mudar para o Colorado.

O meu pai tentou me consolar, dizendo:

— Sei que mudar é difícil. Temos de deixar os amigos para trás. Você sabe que vai fazer novas amizades, certo?

— Sei. Não é por causa disso que estou assustado.

— Por que você está assustado?

Depois de explicar sobre o livro, os meus pais sorriram, tranquilizando-me de que não nevava *tanto* que eu fosse precisar esquiar para ir à escola,

e isso melhorou o meu humor. Viajamos de avião para lá antes de nos mudar, e além das desagradáveis queimaduras solares que tive no parque aquático, descobri que o Colorado não era nem próximo de inóspito como me pareceu a princípio. Depois de nos mudarmos de uma vez, entrei para o clube de esqui do ginásio e, no fim do meu segundo dia de contato com os esquis naquele mês de dezembro, já me precipitava por pistas intermediárias, correndo mais do que os meus novos amigos e até mesmo enfrentando algumas áreas mais difíceis do Parque de Inverno Mary Jane, o *resort* que se tornaria o meu lugar predileto no mundo para esquiar com obstáculos.

A minha adaptação ao meu novo ambiente continuou no verão seguinte, quando tive uma experiência das mais inspiradoras ao ar livre em uma viagem com mochila pelo Parque Nacional das Montanhas Rochosas. A viagem de duas semanas de duração com outros adolescentes de 13 e 14 anos pelo interior do parque assinalou a primeira vez que carreguei uma carga pesada e passei a noite a mais de uma caminhada de quinze minutos de uma casa ou veículo. Toda uma temporada esquiando amenizara o meu medo das montanhas. Sem saber, eu me encontrava na iminência de um caso de amor.

No primeiro dia da nossa viagem com mochila no final de junho, senti-me tão entusiasmado por estar em um lugar tão grandioso como a ala oeste do parque que saltava e pulava ao longo da trilha apesar da carga que carregava. A minha energia frenética rapidamente me valeu o apelido de “Animal”, em referência ao baterista da banda Muppet. Os dois orientadores do nosso grupo viviam ocupados tentando impedir que eu corresse à frente do grupo. Depois do almoço eles aumentavam a carga da minha mochila com a imensa lata de manteiga de amendoim que era para alimentar o nosso grupo de quinze garotos em cinco outras refeições, até recebermos novos suprimentos, mas assim mesmo eu me adiantava correndo para a próxima curva do caminho e desaparecia de vista até ouvir um dos líderes gritar:

— Animal! Espere por nós!

Naquela primeira noite, quando começou a escurecer, espalhamo-nos pela área do acampamento a 2.900 metros de altura nas Big Meadows, cada um de nós com um bloco de anotações e encorajado a tomar nota ou desenhar o que quer que quisesse. Sentei-me na grama alta no meio do campo, ao lado de um riacho raso que corria sobre um fundo de pedras, e

brinquei com a água. Depois de alguns minutos na margem, observei um veado adulto macho sair em passo lento da proteção das árvores em direção ao riacho, abanando as orelhas compridas e balançando a cabeça para afastar os insetos. Fiquei imobilizado no lugar onde me encontrava, em transe, enquanto o veado parava na campina, bem à minha esquerda, eu voltado para o sul. Eu me encontrava meio afastado do nosso grupo, enquanto os outros permaneceram próximos das barracas. Ele alcançou a água e eu me reclinei para trás para alcançar o meu bloco e cuidadosamente abri a capa, ansioso para que nenhum ruído meu pudesse assustá-lo. Nos cinco minutos seguintes, que pareceram tanto cinco horas quanto cinco segundos, o veado bebeu no riacho e eu desenhei a sua forma no meu bloco, até que ele se virou e tornou a entrar na floresta.

Quando o tempo de nossos quinze minutos de reflexão pessoal se esgotou, todos estavam quietos e introvertidos até que voltei com estardalhaço ao acampamento com o relato sobre o veado. Os outros garotos ficaram impressionados e eu mostrei o meu desenho — não era uma obra de arte brilhante, seja como for, mas como uma lembrança do meu assombro, fiz um bom trabalho. Duas noites depois, no alto de um campo rochoso a 3.300 metros de altitude, experimentei a diversão de escalar rochas do tamanho de uma casa. Encharcávamos o corpo em um lago de água corrente tão fria que as banquisas de neve chegavam até a água. Naquela mesma noite aprendi na pele uma lição sobre não deixar as botinas suadas para fora da barraca quando há porcos-espinhos no lugar (eles comem as partes de couro, cordões e as línguas, reduzindo as minhas botinas a sandálias com solado Vibram).

Em meados do ano seguinte, 1989, fui para um acampamento de aventura ao ar livre que atravessava o estado, incluindo a escalada em uma rocha próxima ao Parque Estes, a prática de *rafting* nas águas agitadas do rio Colorado, na altura de Grand Junction, e uma cavalgada em uma fazenda próxima a Gunnison. Eu não estava exatamente me transformando num especialista, mas algo se desenvolvia dentro de mim, e quatro anos depois, quando fui para a faculdade em Pittsburgh, a Carnegie Mellon University, sentia que tinha estabelecido uma identidade com o Oeste. Tinha me tornado um coloradense de coração — um “nativo transplantado”. Em Pennsylvania, quando sentia saudades de casa, era dos espaços abertos, do sol e dos picos da minha terra no oeste, e quando as pessoas perguntavam de onde eu era, gostava de ver os seus olhos se

iluminar depois que lhes dizia que era do Colorado. Por dois anos, fui o único estudante do Colorado na CMU. Sentindo a falta de conterrâneos coloradenses com que pudesse compartilhar a saudade das Montanhas Rochosas, ansiava desconsolado pelas encostas nevadas onde esquiava.

Escalei a minha primeira montanha acima de 4.267 metros (14.000 pés), o pico Longs — uma das 59 montanhas do Colorado mais altas do que a linha mágica dessa altitude —, em julho de 1994, com o meu melhor amigo, Jon Heinrich. O Longs destaca-se da metade norte da serra Front, no Colorado, a noroeste de Boulder. Com os seus 4.345 metros de altura, a montanha tem o sexagésimo pico mais alto do estado e é uma das mais renomadas. Embora a sua espetacular Face Leste, conhecida como o Diamante, atraia alpinistas de conhecimentos técnicos de nível mundial para os seus perfis de granito puro, a caminhada padrão relativamente fácil através do Keyhole permite que milhares de *hikers* alcancem o pico todo verão. Jon e eu recebemos orientações de Dick Rigo, o pai de nosso amigo Brandon, que fora líder de escoteiros e escalara várias dezenas de montanhas acima dos 4.267 metros. O senhor Rigo ensinou-nos alguns dos princípios básicos da caminhada para picos elevados — partir bem cedo, levar água e alimento, equipamento para chuva, um mapa e deixar o pico ao meio-dia para evitar os raios das tempestades vespertinas quase diárias — a maioria dos quais viríamos a ignorar.

Jon levou um galão de água na mão — 3,80 litros; as nossas mochilas iam cheias de sanduíches, barras de doces e as nossas jaquetas de esqui. No momento em que chegamos à linha das árvores, a elevação acima daquelas árvores não aumentava mais (cerca de 3.300 metros no pico Longs), tínhamos tirado a camisa e recebíamos todos os raios solares no peito. Observávamos o nosso progresso em comparação ao mapa fotocopiado da trilha que pegáramos no posto da guarda naquela manhã, assinalando a hora em que atingíamos cada marca no terreno. Ficaríamos muito atrás do recorde do tempo de subida, mas voltaríamos facilmente antes do anoitecer. Um caminho largo subia ao desfiladeiro Granite quase a 3.600 metros e, num conjunto de uma meia-dúzia de subidas e descidas, a rota voltava acima de si mesma várias vezes para alcançar o Boulderfield, uma extensão de 1,2 quilômetro quadrado de pedras do tamanho de um sofá empilhadas umas sobre as outras. Fizemos um lanche sob o céu claro no Keyhole, um corte íngreme entalhado na rocha na

cumeeira norte da montanha. Então eu escalei as rochas no lado norte do Keyhole e subi me agarrando até o ponto mais alto uns 9 metros acima de Jon. Ele tirou uma foto minha com as pernas balançando na borda do precipício. Eu desci, Jon subiu, e eu retribuí o favor.

Muito embora estivéssemos bem acima de 3.900 metros, a escalada mais difícil do dia ainda estava por vir, a princípio com uma travessia traiçoeira através de lajes de granito que se inclinam na face oeste da cumeeira norte, depois uma escalada íngreme até a ravina Trough, uma passagem rochosa que se eleva a 150 metros, onde encontramos uma dezena de outros caminhantes que tinham uma dificuldade de respirar cada vez maior com o esforço de subir pela ravina (o ar próximo a 4.200 metros de altitude tem a metade da densidade ao nível do mar, portanto o oxigênio disponível é significativamente reduzido). Jon sugeriu que corrêsssemos até o alto da ravina, um de cada vez, para ver quantas pessoas conseguiríamos ultrapassar. Ele foi primeiro e acabou ultrapassando todos na ravina. Quando Jon chegava ao meio da ravina, eu parti. Tentando me apressar para ultrapassar um casal antes que a ravina se estreitasse em um degrau de 1,20 de altura na rocha, senti a minha respiração se acelerar, mas como não estivesse aclimatado com a altitude, o meu peito não arfava tanto e então vinha uma sensação atroz nos meus pulmões, e eu precisei parar no degrau de pedra. Embora tivesse conseguido ultrapassar todos os outros caminhantes, fui vários minutos mais lento do que Jon. Era importante para mim que pudesse me sentir tão bem ao fazer o meu corpo doer, exigindo bastante dele.

Aproximando-nos dos 4.200 metros pelos nossos próprios meios, Jon e eu nos sentíamos atordoados com a perspectiva de chegar ao topo pela primeira vez. Mas primeiro contornamos uma extremidade lateral e nos vimos de frente para o Homestretch, um diedro aberto de 90 metros de altura formado na dobra onde duas seções das paredes do pico criam um canto para dentro, como um livro aberto.

A última tarefa antes de ficarmos de pé no alto do pico Longs era subir por essa laje lisa usando as duas mãos sobre a rocha. Abaixo de nós, a rocha despencava em um abismo de 600 metros de profundidade, do qual vez por outra soprava uma rajada de vento, aumentando o limite psicológico. Jon e eu paramos para observar um escalador do pico que descia pelo Homestretch acima de nós com a sua calça jeans. Ele vinha de costas para a montanha e alternadamente baixava os pés e descia o corpo

até a altura dos sapatos. O seu estilo improvisado num lugar tão precário nos preocupou; brincamos que, se ele escorregasse, jogaria nós dois para fora do Homestretch, como num boliche de alpinistas. Num ponto protegido atrás de uma grande lâmina que se desprendera da parede, passamos pelo homem sob a proteção da saliência plana e continuamos. Após três minutos, chegamos ao planalto rochoso descampado do pico Longs e comemoramos com um longo abraço. Jon fez um sinal para o verso do nosso mapa onde se lia “Eu te amo”, para a namorada dele, Nikki, e eu tirei uma foto dele segurando o papel contra o vento, ostentando um sorriso hipóxico.

Apesar de termos saído tarde, deixamos o pico e escalamos de volta o Homestretch antes das 14h. Algumas nuvens se acumulavam a noroeste, mas tivemos sorte com o tempo. Depois de termos passado pelo Keyhole na descida, paramos para outro lanche e observamos uma encosta nevada à nossa direita, no lado leste da cumeeira norte. Acho que a ideia ocorreu a Jon e a mim no mesmo momento, porque olhamos um para o outro e dissemos:

— Vamos escorregar na neve!

Não sei se algum de nós sabia o que era escorregar por uma ladeira de neve, mas escalamos o topo da mais longa faixa de neve, de uns duzentos metros de comprimento, e vestimos as nossas calças de esqui. Era uma encosta íngreme o bastante para uma avalanche, mas nas condições de meados de verão, estávamos mais preocupados se escorregaríamos por todo o caminho até embaixo e continuaríamos nos precipitando pelo Boulderfield. Jon foi primeiro em um percurso de 30 segundos, espirrando a neve macia em todas as direções com os calcanhares das botas, gritando de alegria. Eu o chamei, pedindo para tirar uma foto minha quando chegasse perto o bastante e me lancei sobre o campo de neve, acelerando na direção de Jon a uma velocidade de quebrar o pescoço.

Usando os sulcos criados por Jon na neve, e com as minhas calças de esqui de náilon de baixa fricção, ultrapassei rapidamente a velocidade que poderia controlar. Saltando sobre obstáculos enterrados, me precipitando em linha reta, eu acabaria manchando algumas rochas de sangue se não reduzisse a marcha. Com medo, enfiei as mãos na neve ao lado do corpo, enterrei os calcanhares e, no mesmo instante, fui recompensado com uma massa gelada por todo o rosto. À medida que o ângulo de descida diminuía ao fim do campo de neve, arrastei os dedos

com mais força e bati as botas até que, meio cego, parei bem ao lado de Jon, a pouco mais de um metro das rochas. Imediatamente, demos uma exuberante gargalhada e gritamos um para o outro:

— Vamos fazer de novo!

Subindo para onde havíamos deixado as mochilas, tentei reanimar as minhas mãos adormecidas, sacudindo os cristais de gelo e pensando num esquema de levar pequenas rochas pontiagudas como freios dessa vez.

Após outra emocionante escorregada, descemos para o desfiladeiro Granite e atravessamos o flanco leste do monte Lady Washington. As nuvens estavam começando a se acumular no momento em que Jon e eu chegamos à linha das árvores, e passamos a correr para fugir da chuva que viria. Socando a trilha embaixo das nossas botas, batizamos essa primeira corrida em fuga pela trilha de Descida Rápida da Montanha, ou DRM para abreviar. No momento em que voltamos para o Land Cruiser, eu estava completamente contagiado pela experiência de escalar a minha primeira montanha acima dos 4.200 metros de altitude e sabia que ia querer mais.

Fiz um percurso de *rafting* de uma semana com o meu pai em 1993 e gostei tanto que, dois anos depois, aproveitei os contatos do meu pai com as empresas de *rafting* de Buena Vista, no Colorado. Na semana seguinte à minha volta da faculdade depois do meu segundo ano de curso, consegui um emprego de verão como guia de *rafting*. No final de maio de 1995, mudei-me para o hotel e casa de barcos que o meu empregador, Bill Block, usava como base de operações da sua empresa, a Independent Whitewater. Éramos uma das menores empresas do rio, com dois ou três barcos na água por dia em comparação com alguns dos maiores do ramo, que podiam ter dez vezes esse número. Mas com apenas três guias, eu e Pete, o meu novo amigo, colega e companheiro de barracão, trabalhávamos quase todos os dias. Por causa de uma geleira que atingiu níveis médios de 400% de degelo nas serras vizinhas, o verão de 1995 foi a maior temporada aquática da história da atividade guiada com barcos no rio. As corredeiras que eram normalmente de classe III a IV+ transformaram-se em classe V, o mais alto nível navegável, enquanto as sequências de ondas e obstáculos técnicos como o Graveyard e o Raft-Ripper desapareciam completamente. Três pessoas morreram naquela temporada em toda a extensão do rio em que atuávamos como guias — dois donos de botes particulares e um de outra empresa de rafting — e vimos um pico de mais de 200 metros

cúbicos por segundo no cânion, aproximadamente quatro vezes o pico médio e o dobro do pico do último ano de cheias. Com uma água assim, eu sentia falta quando não tinha uma viagem para guiar.

Mesmo depois que a maioria de nós tinha feito duas viagens de meio dia pelo cânion Brown's, com equipamento disponível e parceiros habilidosos sobrando nos fins de tarde, eu e os guias de outras empresas carregávamos um furgão com os nossos botes infláveis e subíamos pelo vale para navegar por outro trecho excelente de corredeiras que estavam ainda melhores por causa da enchente. Nos dias em que os donos das nossas empresas consideravam o rio agitado demais para ir com os clientes, nos reuníamos em um barco só de guias para enfrentar as passagens mais agressivas do cânion, ou até mesmo para corridas à noite sob o clarão da lua cheia. A comunidade de *rafting* no alto do vale de Arkansas era uma cultura que compensava sem dúvida nenhuma os riscos que passávamos, mesmo quando chegavam à beira do absurdo. Numa tarde de julho, fui com o nosso terceiro guia, Steve, para a loja de equipamentos em Buena Vista e comprei duas piscinas infláveis de brinquedo de tamanho infantil. Essas balsas infantis eram como barcos a remo de 90 centímetros de comprimento, com tubos de flutuação de 30 centímetros ao redor do perímetro do piso fino de plástico. Custavam 10 dólares cada e diante do rio não valiam nada. A gente se divertia em descer o cânion Brown's com elas desde que Pete nos alertara da sua existência. Subíamos de carro até o ponto de entrada ao sul da cidade e as mergulhávamos no Arkansas cada vez mais forte acima do trecho de 13 quilômetros de corredeiras de classe I-II, as menores do rio, mas suficientemente largas em comparação ao nosso equipamento franzino. Cada um equipado com o seu colete salva-vidas, um baldinho para tirar a água do bote e um remo de caiaque, Steve e eu descíamos pela correnteza na nossa missão “não tente fazer isso em casa” e navegávamos com sucesso por um dos maiores rios do estado com nossos botes hilariamente precários.

No final de agosto levei três dos meus melhores amigos, todos principiantes, numa descida pelo cânion Brown's em uma jornada noturna em uma única balsa. Isso foi muito mais intenso do que o passeio que fiz com outros guias em uma excursão de vários barcos. A maior mudança foi que planejei a saída para a noite de lua nova, em vez da lua cheia. Naquela escuridão, com o rio, margens, paredes do cânion e o céu todos fundidos na mesma escuridão retinta, a navegação era a coisa mais importante; uma

batida inesperada poderia mandar um dos meus amigos para dentro do rio, onde desapareceria completamente na escuridão.

Nos trechos de água calma, as estrelas se refletiam à nossa frente na superfície espelhada do rio. Onde as estrelas não refletiam, significava que havia ondulação, rocha ou corredeira. Às vezes, a luz de cima era suficiente para percebermos as cristas esbranquiçadas das ondas, mas assim que entramos no cânion, as paredes altas diminuíram a luz ambiente ainda mais e tornou-se um perfeito jogo de memória percorrer os remanescentes 14 quilômetros até a saída. Pouco antes da primeira corredeira, a de Ruby's Riffle, uma breve classe II, arranhei o canto anterior esquerdo da balsa numa grande rocha. Mas depois disso, ao longo das treze corredeiras seguintes, incluindo algumas grandes de classe III e setores técnicos de classe IV, fizemos um percurso perfeito e foi uma assombrosa experiência surreal inspiradora. Quando o rio estava calmo, parecia desagradável romper o silêncio. Em vez de falar, olhávamos para cima. Havia mais estrelas do que eu e os meus amigos jamais tínhamos visto flutuar de maneira tão vibrante diante dos nossos olhos, que percebi pela primeira vez que o espaço não era uma cobertura plana, mas um útero tridimensional. Acho que poderia dizer que algumas estrelas estavam atrás de outras só de olhar para elas.

Depois de me formar como o primeiro aluno da classe e receber o meu diploma de bacharel em engenharia mecânica — com uma nota muito boa em francês e uma nem tanto em desempenho ao piano — em maio de 1997 consegui um emprego como engenheiro mecânico na Intel Corporation, em Ocotillo, no Arizona, um subúrbio distante no sudeste da megalópole de Phoenix. Eu acabaria sendo transferido inicialmente para Tacoma, em Washington, em março de 1999, e depois para Albuquerque, no Novo México, em setembro do mesmo ano. No entanto, foi em 1997, logo depois da minha formatura, que as minhas paixões adormecidas pelos ambientes selvagens do Oeste americano começaram a despertar. Antes de me mudar para o Arizona, queria me recompensar pelo meu sucesso na faculdade e por ter conseguido o que previa ser um bom emprego, então planejei não só umas férias, mas superférias. Era para ser a Viagem ao Fim de Todas as Viagens. Eu começaria dirigindo o meu Honda CRX 1984 rumo ao norte, primeiro para os parques nacionais Grand Teton, Yellowstone e Glacier, depois para o Canadá, para um passeio pelo Parque

Nacional de Banff e pelo Icefields Parkway, até Vancouver, e depois até os parques nacionais de Cascades, Olympic e Rainier, encerrando o circuito com o lago Crater e os parques nacionais de Yosemite e de Zion. Trinta dias, 9.600 quilômetros, dez parques nacionais.

Como se revelou, não fui muito longe. Uma vez que ainda era o final de maio, os níveis de neve ainda estavam altos, o que me confinou a caminhadas com mochila a elevações menores a princípio. A minha aventura no início da temporada no lago Phelps nos Tetons recompensou-me com um acampamento de alto nível ao lado do lago, onde, no início da primeira noite, uma fêmea de alce desfilou a sua silhueta diante do pôr do sol. Na manhã seguinte, vi um par de águias de cabeça branca pairando no alto da cachoeira, então avistei um urso cinzento na floresta próxima à estrada no dia seguinte. Passeei de carro pela região e tirei fotografias dos Tetons refletidos nas janelas quebradas de casas de fazenda abandonadas nos Antelop Flats. Nessa mesma tarde, planejei a minha próxima excursão, uma viagem de duas noites ao lago Bradley, onde pretendia montar um acampamento de base para uma tentativa de escalar o Teton Médio, o mais fácil tecnicamente dos principais picos do parque. Quando perguntei ao guarda-florestal do parque no posto de autorização como poderia escalar um dos Tetons, o seu olhar desconcertado pressagiou a aventura que eu teria. Era um olhar que dizia: “Se quiser me perguntar, terei de responder contra a vontade”. Ele me indicou como chegar ao lago Bradley no mapa embaixo do vidro sobre o balcão e explicou que as trilhas achavam-se soterradas por mais de 1 metro de neve, concluindo assim: “Se não tiver raquetes de neve, deixará buracos de poste até a cintura”. Não entendi muito bem o que ele quis dizer “buracos de poste”, mas preenchi a autorização e saí calado.

No início da tarde, saí para caminhar com a minha mochila carregada para um percurso em solitário de três dias — a minha primeira viagem longa sozinho. Levava o meu equipamento e roupas na mochila principal, e suprimentos e alimentos para cozinhar em uma mochila roxa pequena da faculdade que usava sobre o peito. A mais ou menos 1,5 quilômetro depois do início da trilha do lago Taggart, a cobertura de neve já estava profunda o bastante para afundar a cada passo. Sem outras pegadas ao redor, obviamente eu era o primeiro a caminhar por aquela trilha ultimamente, talvez em todo o inverno. Contorcei-me embaixo da carga pesada. A neve ia ficando cada vez mais profunda à medida que eu subia e passava sobre

morainas redondas formadas por acúmulos de rochas desde as épocas glaciares. Depois de uma hora de progresso lento, estava me aproximando da floresta sobre o cume de uma moraina e um considerável acúmulo de neve. Quando as minhas botas afundavam mais de meio metro a cada passo, os cristais de gelo denteados no meio do acúmulo de neve raspavam as minhas canelas. Após quinze minutos, com a neve acumulada nas minhas botas e nas pernas da calça, perdi a sensibilidade abaixo dos joelhos e o frio úmido tornou-se menos incômodo. Depois de cair na neve várias dezenas de vezes, mudei de estratégia e me arrastei pelos últimos 6 metros até o alto de um monte de neve e acabei me sentando sobre a borda de uma rocha. Respirando pesadamente por causa do esforço exaustivo, olhei para trás por cima do ombro esquerdo para uma série de buracos profundos que deixara e então entendi o que significavam os “buracos de poste”.

Consultei o meu mapa e vi que tinha cerca de 400 metros de distância a percorrer antes de chegar à margem sul do lago Bradley, e depois pouco mais de um quilômetro para dar a volta no lago para chegar ao local do acampamento. Eu me encontrava na entrada da floresta, onde a neve parecia estar mais firme. Havia um breve declive à minha direita que descia atrás de mim. Levantei-me apenas para afundar até a altura da cintura quando dei o primeiro passo.

— Ahhh, esse vai ser um trajeto bem longo — disse em voz alta, pensando nas raquetes de neve que deveria estar usando se fosse mais esperto, muito embora nunca as tivesse usado.

Foram necessárias mais de duas horas estafantes para chegar a uma pequena ponte para pedestres na face norte do lago Bradley, abrindo caminho pela neve à altura da cintura. As nuvens pendiam acima da copa das árvores e eu só conseguia ver algumas dezenas de metros para cima do lado da montanha a oeste, onde as árvores desapareciam entre os vapores.

Mais algumas centenas de metros depois da ponte e encontrei uma placa do local de acampamento praticamente toda enterrada na neve, a 6 metros da margem do lago. Aliviado por ter chegado antes de anoitecer, depois da pesada caminhada inesperada, montei a minha barraca verde para duas pessoas pouco depois da placa, em um pequeno espaço de terra e folhas congeladas de pinheiro. Os meus pés doíam de frio. Sentei-me à porta da barraca e desamarrei as minhas botas de caminhada encharcadas. Um dilúvio de neve derretida escorreu de cada bota quando as tirei. Eu estava

tão cansado que não me incomodei com as minhas meias molhadas pingando água na barraca quando as tirei dos meus pés enrugados. Esfregando as laterais dos meus dedos, tive um sobressalto ante um som na vizinhança, de um galho quebrado. Agucei os ouvidos e escutei pancadas na água do lago, vindas do outro lado de alguns arbustos espessos, a uma dezena de metros à esquerda. Talvez fosse outro alce saindo ao anoitecer, como vira no lago Phelps. Intrigado, inclinei-me para a frente para perscrutar ao redor da porta da barraca e surpreendi um urso de tamanho mediano atrás da folhagem que pendia a menos de um metro da margem por cima do lago raso. Ele parecia pesar uns 100 quilos, não devia ter mais de alguns anos de idade e era todo preto.

Depressa, peguei a minha câmera da mochila e bati uma foto. O flash refletiu-se nos arbustos e fiquei preocupado se aquilo assustaria o urso antes de eu poder vê-lo claramente através do arbusto. Entretanto, em vez de se assustar e sair correndo, ele friamente alterou o seu curso, vindo direto para a minha barraca. Um passo, dois passos, três passos; sem dúvida nenhuma, ele vinha para a minha barraca.

— Uou, urso! — gaguejei debilmente. — Ei, ei, eeeiii!

Ele continuava vindo, passou pelos arbustos, saiu da água e diminuía a distância para a minha barraca. Pensei que eu estivesse contra o vento e ele não tivesse sentido o meu cheiro ainda. Tentei assobiar para alertar a fera pesadona da minha presença, mas estava assustado demais para fechar os lábios corretamente e só consegui espirrar saliva sobre a minha câmera.

Agora, a apenas 7,5 metros de distância, eu sabia que esse urso conseguia me ver e não vinha fazer uma visita social. Ele parecia magro e queria a minha comida para a sua primeira grande refeição pós-hibernação. Eu tinha deixado a mochila pequena roxa no chão da barraca e, olhando para ela ali, bem à vista do urso, concluí o que precisava fazer. Agarrei o pacote de comida e, saindo da barraca com o urso a apenas 1,5 metro de distância, atirei-me para a direita. Os meus pés descalços tocaram o chão duro quando dei a volta pelo fundo da barraca e, saltando sobre uma árvore caída, caí diretamente sobre um banco de neve onde primeiro o meu pé esquerdo, depois o direito, atingiram a crosta gelada. A dor ardeu no meu pé esquerdo e, quando o tirei da neve, vi que se cortara no arco da planta em um galho exposto da árvore caída. Um relance sobre o meu ombro informou-me que não tinha tempo para desperdiçar com

primeiros socorros. Atirei-me para dentro da floresta nevada, esfolando e entorpecendo os pés pelo caminho.

Procurando nas árvores vizinhas possíveis posições para pendurar a comida, não vi nada que estivesse a pelo menos 2,5 metros do chão, 1,5 metro de um tronco e forte o bastante para prender a minha sacola se a atirasse sobre um galho. Normalmente, eu usaria algum barbante e amarraria a sacola em um galho forte e alto, mas não tinha tempo para essa tática no momento. Dei a volta no sentido horário e terminei na frente da minha barraca, então me afastei alguns passos para o oeste. O urso acompanhava cada movimento meu na floresta e nunca deixou mais de 9 metros entre nós. Finalmente, notei uma árvore grande que caíra para a frente alguns anos antes, deixando um emaranhado de raízes viradas para o ar. Elas não eram altas o bastante para ficar fora do alcance, mas ao menos eu poderia atirar a minha sacola nas raízes pelas alças e ir colocar as botas antes de voltar para encontrar um lugar melhor para a comida. Corri até a árvore caída, enrolei as alças ao redor de três raízes torcidas se projetando 1,2 metro no ar e torci a sacola para baixo atrás de outra raiz de modo que o urso não conseguisse pegá-la facilmente. Então voltei cuidadosamente para a barraca com os pés entorpecidos.

Sentado no chão da barraca, verifiquei superficialmente os cortes no pé esquerdo antes de enfiar as botas ensopadas e voltar em disparada para a árvore caída. Nos trinta segundos da minha ausência, o urso tinha pego a minha sacola de comida com os dentes e, balançando-a de um lado para o outro, arrancara as alças das raízes. Enquanto eu observava o urso arrancar sem dificuldade a raiz em que eu amarrara a alça o mais seguramente possível, entendi que estava em dificuldades. Gastara quase todas as minhas energias para chegar ao local do acampamento e precisava me alimentar antes de sequer tentar voltar para o carro. Se o urso acabasse com o conteúdo da sacola, eu estaria encrencado. O urso já estava a 6 metros do tronco horizontal da árvore, com a sacola roxa nos dentes, quando cheguei à conclusão de que, com a minha vida possivelmente em jogo, eu precisava recuperar aquela sacola — do jeito que fosse necessário. Quebrei um pedaço de mais ou menos um metro da raiz da árvore, segurei-o como um bastão na mão esquerda, subi no tronco da árvore caída e agitei a minha arma sobre a cabeça, berrando com o máximo dos meus pulmões:

— Devolva a minha comida, urso!

Não estou certo de que reação estava esperando, mas o meu corpo tremeu de medo quando o urso parou, virou a cabeça por cima do ombro, depois girou sobre as patas traseiras para me encarar a dez passos. Eu atraíra a atenção dele, tudo bem, e agora tínhamos de resolver a parada.

Eu rosnei e gritei, agitei o meu bastão no ar e gritei de novo, ainda mais alto.

— Devolva a minha COMIDA!

Como um cachorro questionando a ordem do dono, o urso balançou e inclinou a cabeça meio confuso para a esquerda e eu pensei ter visto ele franzir a testa. Com a parada dele, criei coragem e comecei a bater o pé no tronco. Gritando de novo, dei um passo ruidoso na direção do urso parado, depois outro e então um terceiro, ordenando:

— Você escolheu o caminhante faminto errado para roubar a sua comida... LARGUE JÁ!

Na última palavra, eu pulei para o alto e bati os dois pés sobre o tronco da árvore. O urso deixou cair a sacola de comida, arrastou-se pesadamente e começou a seguir para a floresta. Eu mal podia acreditar nisso. Gritei atrás dele:

— Xô, urso! — e corri para a minha mochila roxa. Antes de pegá-la, atirei contra o urso o meu pedaço de raiz, que caiu em alguns galhos de pinheiro acima da cabeça dele, e ele fugiu para o oeste.

Cinco minutos depois, o meu fogão de acampamento estava esquentando uma panela de água do lago. Esperei ansiosamente que fervesse, imaginando que o urso voltaria a qualquer instante. Dois minutos depois que a água finalmente ferveu, eu bateria um recorde pessoal de consumo mais rápido do que nunca de uma tigela de sopa de macarrão japonês. Inspeicionei a pequena mochila enquanto embalava a minha comida, tigela e fogão dentro dela, e vi os quatro furos distintos deixados pelos dentes do urso. No momento em que guardei a sacola em lugar seguro, a noite já tinha caído, e eu me encolhi na barraca, imaginando se o urso viria se vingar da minha cobrança psicológica. Com a escuridão me cegando, recostei-me no meu saco de dormir, o medo provocando a paranoia toda vez que o menor ruído na floresta chegava aos meus ouvidos. Durante sete horas, toda vez que uma folha caía na neve, uma agulha de pinheiro caía no lago ou uma árvore rangia com o vento, a minha imaginação disparava como um carro de corrida, acelerando do zero à morte por ataque de urso em uma fração de segundo. Um golpe na

água, um peixe pulando no lago, e no mesmo instante a minha mente rapidamente respondia:

“AimeuDeusoursoestádevoltaevaimecomereeeuvoumorrer!”, enquanto eu prendia o que estava certo que seria o meu último suspiro. O terror só passou bem depois das 3 horas da madrugada, quando eu finalmente preguei os olhos pouco à vontade.

Depois de acordar tarde na manhã seguinte, consegui caminhar pela neve à altura dos quadris até o cânion Garnet para ir a uma elevação de cerca de 3.200 metros. As nuvens de chuva sempre presentes escondiam a paisagem. Eu sabia que estava no sopé ao redor da montanha e que tinha de tomar uma decisão fundamental sobre como encontrar o caminho, pois não conseguia ver uma única marca no terreno. Estava tarde demais naquele dia para encontrar o caminho por tentativas e erros, então voltei pela trincheira que escavara na subida. Duas horas depois, cheguei à beira do lago Bradley e caminhei pesadamente na chuva de volta para o meu acampamento, onde vacilei ante a visão dos destroços em que tinha sido reduzida a minha barraca. A aba protetora contra a chuva na entrada fora arrancada, duas das quatro estacas tinham sido arrancadas, a cortina da entrada estava escancarada e o meu saco de dormir estava flutuando no lago.

— Mas que diabo! — exclamei, inspecionando o conteúdo da barraca, completamente molhada e coberta de lama. “Aquele urso”, pensei. “Ele voltou enquanto eu estava escalando e arrombou as minhas coisas tentando encontrar a comida.”

Mas a sacola de comida estava intacta no seu esconderijo na árvore, fora do alcance do urso. Parado sobre os destroços, eu só podia pensar que o urso fizera tudo aquilo por rancor. Peguei de volta a sacola roxa, pesquei o meu saco de dormir do lago com um galho e arrumei o meu equipamento. Com tudo ensopado daquele jeito, não poderia passar a noite ali e estaria escuro no momento em que caminhasse para o meu carro — mas era o que teria de fazer. Com 35 quilos de equipamento encharcado aumentando o meu peso, a minha sacola de comida sobre o peito como no dia anterior, comecei a sair dali e imediatamente notei os rastros do urso se sobrepondo às minhas antigas pegadas. O senhor Urso tinha me seguido até o acampamento como um caçador por causa do cheiro.

Do outro lado da ponte para pedestres, onde a neve era mais profunda, vi como o urso interceptara os meus buracos de poste vindo do norte.

Visualmente, retracei as pegadas dele que subiam por um morro de uns 9 metros de altura... onde o urso estava sentado próximo a um pinheiro, me observando.

— Mas que droga...

A minha voz falhou enquanto a raiva que eu sentira pelo urso na última meia hora voltou a ser a familiar tensão do terror. A única coisa que eu podia fazer era continuar andando, esperando não tropeçar na neve e rezar para que o urso me deixasse em paz. Peguei o meu mapa úmido do bolso e segurei-o junto com a bússola na mão esquerda: não havia espaço para erros agora.

Deixei a trilha depois de 15 metros e caminhei para o alto do morro ao sul do urso. Ele ainda não se movera. Imaginei que ele estivesse sentado ali rindo enquanto eu fazia um esforço para fugir dele. Observei a cobertura de neve do alto do morro e ela pareceu estar mais rasa para o leste; raciocinei que poderia pegar um atalho por fora da trilha diretamente para a estrada e evitar a chafurdada no monte de neve em cima da moraina. Atravessando a linha de cumeeira do morro, desci para um raso na floresta e olhei para trás por cima do ombro. O urso se fora. Ele devia ter descido pelo outro lado do morro na direção do lago. Aliviado, caminhei cerca de quinze passos, então verifiquei atrás de mim de novo, exatamente quando o urso bamboleava sobre a crista do morro no meu rastro, a apenas 10 metros de distância.

Por dez minutos, eu disparei no sentido leste, ora olhando para a bússola, orientando o mapa em relação ao terreno, ora examinando por cima do ombro em busca do urso. Ele se aproximou até 6 metros atrás de mim algumas vezes e eu estava cada vez mais nervoso para achar o caminho, evitando a neve profunda e tentando adivinhar o que o urso faria para pegar a sacola de comida amarrada no meu peito. Orientar-se nessas circunstâncias estressantes era muito difícil, e eu quase fiquei desorientado; o terreno não batia mais com o que eu esperava das consultas no mapa. Demorei um minuto para voltar ao sentido correto, compensando a declinação entre o norte verdadeiro no mapa e o norte magnético mostrado na bússola. Então, chegando ao topo de uma pequena elevação, me encontrei olhando para um lago. Não estava esperando um lago. Mas lá, entre a minha posição e a margem nevada do lago, viam-se algumas pegadas. Ahá! O meu espírito se animou com a descoberta. Orientar-me não seria problema, e eu poderia até mesmo encontrar outras

peessoas para me ajudar a afugentar o urso. Caminhei decidido através da neve até os rastros de botas, e então me dei conta:

— Estas são as *minhas* pegadas... e este é o lago Bradley... Andei formando um círculo completo!

O meu coração afundou de decepção.

O urso estava a dez passos atrás de mim; até esse momento, ele parava quando eu parava. Mas agora ele vinha descendo o morro pela trilha ao meu encalço. Senti vontade de desistir, atirando a sacola de comida para ele — danem-se os regulamentos de não alimentar os ursos — e, mais forte ainda, eu queria chorar.

O urso estava a apenas 4,5 metros de distância quando de novo alguma coisa mudou no meu comportamento: o meu desespero transformou-se em raiva.

— Deixe-me em paz! — gritei direto na cara dele.

De novo ele parou. Lembrando-me da ameaça mais radical que tinha visto em algum filme, adaptei algumas falas de *Pulp Fiction* e continuei:

— Vou trazer alguns guardas malvados com cassetetes aqui e eles vão lhe aplicar uma tortura medieval no traseiro! Vão lhe dar tranquilizantes e mandá-lo para fora de Idaho!

Eu agitava os braços sobre a cabeça e rosnava, mas isso o urso já conhecia. Ele inclinou a cabeça como na noite anterior durante o nosso entrevero no tronco. Avistando uma pedra exposta num poço em volta de um pinheiro a menos de 1 metro à minha esquerda, estendi o braço para o poço da árvore e agarrei a pedra do tamanho de uma bola de beisebol para segurar em autodefesa, então saí correndo para o sul, refazendo os meus antigos passos.

O urso me seguiu, perto demais agora, parando apenas quando eu gritava. Pensei em atingir o urso com a pedra se ele se aproximasse a 3 metros de mim. Não seria capaz de atirá-la muito mais longe do que aquilo com as mochilas e as suas alças atrapalhando os meus movimentos. Concentrei-me em me manter de pé, embora a neve estivesse mais funda e perceptivelmente mais fraca do que no dia anterior, por causa da chuva que ainda caía. A certa altura, eu furei a crosta e afundei até os quadris. Estava entalado e não conseguia sair dali. O urso pareceu entender a sua oportunidade e diminuiu o espaço entre nós a meros 3,5 metros da minha cabeça ao seu focinho. Enquanto eu tateava procurando algo em que me segurar na neve, agitava os braços, mas os pés continuavam presos. Girei

para a esquerda à altura da cintura e rolei de costas sobre o ombro direito, arrancando as pernas dos buracos. Como uma tartaruga de borco, eu estava pesado por causa das mochilas no meu tronco. Temia que o urso fosse atacar e me morder enquanto estivesse de costas; estava muito vulnerável. Levantando-me como pude sobre a crosta instável, encarei o urso que se aproximava e levantei o projétil de pedra à altura do ombro como uma arma carregada e, com um arremesso, lancei a minha única defesa. Tanto o urso quanto eu observamos o arco do lançamento terminar em uma cratera na neve à direita do ombro esquerdo dele. Eu tinha errado. O urso não saiu do lugar.

Verifiquei o poço da árvore mais próxima e encontrei duas pedras menores. Rearmado, fui em direção a moraina, correndo quinze passos ao longo da trilha dos meus buracos de poste do dia anterior, até chegar de novo a um ponto que aguentava o meu peso. Repeti a mesma rotina — deitei de costas, o urso aproximou-se bastante, levantei-me e atirei uma pedra nele. Dessa vez, porém, a minha pedra acertou no alvo, batendo na anca do animal, e como um foguete, ele subiu no pinheiro mais próximo à sua esquerda, chegando em três saltos dinâmicos a mais de 10 metros de altura. A minha mandíbula relaxou e os meus olhos rolaram em suas órbitas; nunca vira um animal grande mover-se tão atleticamente em minha vida. Ante aquela exibição de força, eu sabia que seria mais fácil derrotar o Último Guerreiro em uma luta renhida do que bater aquele urso se ele atacasse. Mas também concluí que ganhara algum tempo. Depois de trinta segundos, ouvi os galhos quebrando e me volvei para ver o urso descendo pela árvore. Imediatamente, volvei a cair na neve e nós estabelecemos o que se tornou o nosso balé particular. A minha parte: cair, rolar, levantar-se, atirar; a parte do urso: subir, esperar, descer, seguir. Uma vez após outra, repetimos a nossa dança. Quando eu me aproximava cada vez mais da moraina, gritava e praguejava para intimidar o urso, esperando ganhar mais tempo na neve mais funda. O urso, é claro, não tinha nenhum problema com a neve, com as suas quatro patas distribuindo melhor o seu peso na crosta de neve do que os meus dois pés.

Cheguei ao alto da principal elevação da moraina, arrastando-me como fizera no dia anterior, olhando ansiosamente para a trilha enlameada mas livre a uns 800 metros de distância. O urso não relaxara a sua determinação de maneira alguma, continuando a me seguir mesmo a uma distância de 4,5 metros. Descer pela moraina foi mais rápido para mim e, à

medida que o acúmulo de neve diminuía, recuperei o meu ritmo. Vinte minutos depois, na borda do acúmulo de neve, parei e esperei que o urso se aproximasse. Ele se atrasara um pouco, com 9 metros nos separando, na parte da descida do morro. Em dez segundos, ele estava ao alcance da minha capacidade de arremesso — mirrados 4,5 metros — então atirei a primeira pedra contra a cabeça dele, a qual passou por cima, mas a segunda acertou atrás do pescoço dele, um pouco acima do ombro esquerdo. Ele saltou e correu para a árvore mais próxima. Dessa vez, mudei o padrão das nossas manobras e segui-o até a base da árvore, livrando-me das mochilas. Havia uma porção de pedras ao redor e desencadeei a minha vingança acertando o traseiro do urso — pelo menos a cada terceira tentativa — com pedras do tamanho de uma bola de beisebol. Eu gritava e berrava raivoso para o urso, aliviando a tensão e o terror que ele me infligira durante as últimas 24 horas. Depois que ele subiu tão alto na árvore que eu errava cinco lançamentos consecutivos, ajoelhei e pus de volta as mochilas, e voltei pela trilha barrenta na direção do meu carro, sem olhar mais para trás.

Eu estava cheio de Wyoming, da chuva, dos buracos de poste e, acima de tudo, estava cheio de ursos. A perspectiva de continuar a minha viagem planejada ao Parque Nacional Glacier — lar de ainda mais ursos do que os Tetons ou Yellowstone e, em razão da sua latitude superior, com mais neve do que já encontrara — estava totalmente fora de questão. Parei no posto dos guardas para alertar ao pessoal do parque sobre a minha experiência. Os guardas-florestais contaram-me que tinham ouvido falar desse tipo de perseguição em outros parques nacionais (provavelmente o Glacier, pensei, batendo o último prego do caixão), mas o meu relato era o primeiro dos Tetons. Eles também me disseram que gritar com um urso, agitar os braços, bater os pés agressivamente para ele e depois atirar-lhe pedras, nove vezes entre dez significaria um ataque na certa. Ponto para o meu anjo guardião, pensei. Voltei para a cidade, onde, depois de encontrar um quarto de hotel para secar as minhas coisas e ligar para os meus pais para contar o que acontecera e dizer que chegaria a casa deles no dia seguinte, fui comer em um restaurante e perguntei se serviam filé de urso (mas é claro que não havia essa opção). E, antes de ir para a cama, não fui assistir a nenhum dos dois filmes que estavam passando no cinema em Jackson — *Jurassic Park 2* (os dinossauros perseguem Jeff Goldblum) e *No Limite* (um urso persegue Anthony Hopkins).

CAPÍTULO TRÊS

O TURNO DA NOITE

Sabemos que o homem condenado, no final, não resiste e se submete passivamente, quase agradecido, aos instrumentos do seu carrasco.

— Edward Abbey, *Desert Solitaire*

Olho para o meu relógio; são 16h19. Faz uma hora e meia que estou preso, batendo com a lâmina contra a rocha por cerca de metade desse tempo. Haverá luz do dia até por volta das 21h, mas já estou com a minha lanterna de cabeça sobre o boné azul. Embora ela não esteja acesa no momento, fico feliz por ter trazido a lanterna nessa jornada diurna. Assim como o canivete, normalmente não a levo para o que deveria ser uma saída breve. A advertência no guia de Kelsey quanto a verificar a presença de aranhas e cobras era útil, não porque eu tenha visto algum inseto rastejador, mas porque sugeria que se levasse uma lanterna. Já me acostumei a iluminar o vão de 1,5 centímetro onde o meu punho esmagado está preso, para examinar a minha mão de todos os ângulos.

Uma das equações mais importantes que venho tentando resolver é quanto do peso da rocha o meu pulso está suportando. Se ele estiver sustentando quase nenhum peso, a quantidade de rocha que precisarei remover será menor. Quanto mais a rocha estiver sendo sustentada pela minha mão e pelo meu pulso, mais ela irá acomodar quando eu remover o material que provoca o peso. Na verdade, para eu conseguir libertar a mão nesse caso, a rocha terá de se acomodar completamente contra a parede.

Infelizmente, existe uma boa probabilidade de que, uma vez que haja uma lacuna entre a pedra e a parede norte do cânion, a parede imediatamente abaixo *e também* acima do meu pulso, a rocha não estará repousando plenamente na parede. A rocha irá se acomodar; estarei lidando com um alvo movendo-se sutilmente. Só posso tentar adivinhar quanto disso irá influenciar as minhas chances de libertar o meu pulso, então deixo a questão para depois e volto a arranhar e furar a rocha com a faca.

Tento não pensar sobre o fato de que estou preso. Embora seja uma realidade irreprimível, pensar nela não ajuda a minha situação. Em vez disso, concentro-me em encontrar pequenos pontos fracos na face da rocha imediatamente acima e à esquerda do meu pulso preso. Os meus primeiros instintos levaram a gravar uma linha de demarcação correspondente ao volume de uma bola de beisebol de rocha que decidi que devo erradicar para ganhar a minha liberdade. Especulo sobre uma falha na estrutura da rocha, em uma ligeira concavidade que fica acima da protuberância a quase 15 centímetros do meu pulso; a linha de demarcação atravessa essa concavidade. Começo pela minha linha, no alto da face da rocha, mas a poucos centímetros acima do topo, e golpeio para baixo, atacando o mais próximo da minha marca que consigo alcançar. Batendo, depois socando, a lâmina de aço inoxidável de 7,5 centímetros do meu canivete multifuncional contra a pedra, tento atingir o mesmo ponto a cada golpe.

Todo o resto — a dor, os pensamentos sobre o resgate, o acidente em si — fica para trás. Estou ocupado em agir. A minha mente parece determinada a encontrar e explorar quaisquer linhas de junção ou rachaduras na rocha para apressar a remoção do material. A cada intervalo de alguns minutos, faço uma pausa para examinar toda a superfície da pedra para me assegurar de que não deixei passar um alvo mais óbvio.

Mas o andamento é imperceptivelmente lento. Desdobro a lima grossa do canivete e, durante cinco minutos, uso-a para desbastar a rocha. Ela funciona apenas secundariamente melhor do que a faca, e só quando a viro de lado e serro na altura da linha. A rocha é sem dúvida mais resistente do que as grosas rasas da lima. Quando paro para limpar a lima, vejo que os sulcos estão salpicados de limalha do metal da própria ferramenta. Estou tentando desgastar a borda sem nenhum efeito sobre a rocha. Inspecciono a pedra de novo e, notando a coloração desigual, com uma dureza relativa em comparação com a minha lâmina e as paredes, e a sua semelhança com as rochas da manopla acima, concluo que esta pedra não é estritamente arenito. Ela parece ter vindo da camada de coloração mais escura dentro do arenito navajo que formou a borda superior a uma centena de metros à frente próximo ao tronco em “S” na cabeça dessa fenda mais baixa no cânion, da qual eu me pendurei antes de cair irreversivelmente na areia cerca de duas horas atrás.

“Essa é uma má notícia, Aron”, penso. “A camada de rocha formou aquela saliência porque é mais resistente à erosão do que o resto deste

cânion. Esta rocha é a coisa mais dura aqui.” Imagino se não seria mais rápido entalhar a parede em lugar da pedra e decido fazer a tentativa. Mudando da lima para a lâmina de 7,5 centímetros, golpeio a ferramenta contra a parede acima do meu pulso direito. A faca escorrega sobre a encosta lateral rosada do cânion. Muito próximo de apunhalar a mim mesmo no braço a cada golpe, concluo que a geometria é proibitiva — não posso ferir a parede no ponto certo porque o meu braço está no caminho.

Faço uma pausa para descansar o braço e a mão esquerda e espano o saibro pulverizado do meu antebraço direito. Não consigo ver nenhuma mudança na posição da pedra. Volto a entalhar na minha linha de objetivo na concavidade. Tique, tique, tique... tique, tique, tique. O som da faca batendo contra a rocha é ridiculamente minúsculo, mas assim mesmo ressoa através do cânion. Posso golpear a rocha só com essa força, caso contrário a minha faca escorrega e arranho os nós dos dedos, ou erro o alvo. Espero conseguir afrouxar os cristais ao redor de uma protuberância na rocha e remover uma lasca inteira do tamanho de uma moeda. Será um ganho animador e mensurável, mas mesmo a minúscula protuberância parece um cofre inexpugnável. Não importa o que eu tente, não consigo soltá-la.

Outra hora se passou. São 18h agora, um pouco mais de três horas desde o acidente. Ainda faz calor, mas alguns graus a menos do que a temperatura de 19 graus das 15h30, de acordo com o meu relógio pendurado na alça da mochila. Assopro um pouco de areia da área que estive atacando com o canivete multifuncional e procuro algum sinal discernível de progresso. Aproximo bem os olhos da rocha e inspeciono as características minerais da minha zona de objetivo, imaginando de novo se poderia haver um lugar com uma estrutura cristalina menos resistente. Considerando o meu progresso desprezível, a questão é mais teórica do que prática. A única maneira de me livrar dessa pedra escavando seria se uma picareta de geólogo magicamente se materializasse na minha mão.

Sinto-me como se estivesse na prisão mais mortal imaginável. O meu confinamento será seguramente curto com apenas pouco mais de 0,6 litro de água. O mínimo para um caminhante em uma jornada pelo deserto é de 3,6 litros por pessoa por dia. Penso novamente sobre quanto tempo eu poderia fazer durar o meu escasso suprimento — até segunda-feira, talvez, terça de manhã no máximo. Escapar é a única maneira de sobreviver. Em todo caso, a corrida prossegue e tudo o que eu tenho é este canivete barato

para escavar a minha saída através desta pedra. É o mesmo que cavar uma mina de carvão com uma pazinha de areia de brinquedo.

Torno-me repentinamente frustrado com o cansaço da escavação. A minha mente começa a analisar quanto da rocha consegui lascar (quase nada) e quanto tempo gastei para conseguir fazê-lo (mais de duas horas) e então chego à conclusão fácil de que estou empenhado em uma tarefa inútil. Enquanto discuto as minhas escolhas remanescentes, o meu *stress* transforma-se em pessimismo. Já sei que não terei êxito numa tentativa de aparelhar uma âncora para um sistema de polias. As rochas que formam a saliência estão a 1,8 metro acima da minha cabeça e quase a 3 metros de distância; mesmo com as duas mãos, esse seria um trabalho impossível. Sem água suficiente para esperar pelo resgate, sem uma picareta para quebrar a pedra, sem uma âncora, só me resta uma linha de ação possível.

Falo lentamente em voz alta.

— Você precisa amputar o seu braço.

Ouvir as palavras faz os meus instintos e as minhas emoções se revolverem. Com as cordas vocais tensas, a minha voz sobe uma oitava.

— Mas não quero amputar o meu braço!

— Aron, você precisa amputar o seu braço.

Percebo que estou discutindo comigo mesmo e produzo uma risada meio sincera. Isso é loucura.

Sei que jamais conseguiria serrar os ossos do meu braço com a faca cega, então decido continuar tentando me libertar escavando a rocha. É tolice, mas é a melhor opção dentre as que disponho no momento. Enquanto golpeio a rocha, imagino o sol do início da noite projetando sombras cada vez mais longas através do deserto. O azul do céu se aprofunda enquanto escavo improdutivamente durante a hora seguinte, fazendo intervalos breves e infrequentes. A minha consciência da frase gravada acima do meu braço direito, “O Tempo Geológico Inclui o Agora”, muda da advertência de Gerry Roach para uma injeção de motivação. Torna-se um lembrete esperançoso de que, como um agente do tempo geológico, posso desgastar esta pedra, talvez o bastante para libertar a minha mão do inexorável aperto de mão do bloco de arenito. Entretanto, a pedra rapidamente cegou a minha faca. Reconfiguro a ferramenta para expor a lima outra vez e continuo serrando ao longo da linha que marquei acima da saliência cinzenta na borda próxima da concavidade.

Enquanto estou limando, penso na primeira vez que viajei a Utah. Não estou certo do que me trouxe isso à mente. Talvez seja em resposta à incômoda pergunta de como vim parar aqui, como acabei preso neste lugar. Aquela primeira viagem foi com a minha família nas férias no início de 1990, no meu primeiro ano de colegial. Fomos ao Capitol Reef, ao cânion Bryce e ao cânion Zion antes de seguir para o sul até o Grand Canyon. Eu não estava muito empolgado com a ideia. Nas semanas que antecederam a nossa partida, todos os meus amigos estavam entusiasmados com a perspectiva de ir esquiar ou passar as férias no México. Quanto a mim? Ia para Utah com os meus pais.

Felizmente, uma amiga da família, Betty Darr, de Ohio, ia conosco. Ela era a pessoa mais culta que eu já conhecera, e a sua paixão pela leitura só era suplantada pelo seu amor pela vida ao ar livre — duas características que fazem de alguém uma excelente companhia de viagem. Ela era também uma das pessoas mais otimistas, inspiradas e atenciosas que já tive o prazer de chamar de amiga. Betty contraíra poliomielite na infância, na década de 1930, e a doença a paralisara da cintura para baixo. Não sei se era por causa da sua batalha contra a pólio que ela era tão otimista, ou se era porque era tão otimista que superava os desafios impostos pela sua paralisia, mas Betty encontrava a luz e o bem em todas as pessoas, e amava todo mundo. Ela passava vários dias na semana como voluntária na prisão municipal, onde ajudava os presidiários a aprender a ler e escrever, levando-lhes as suas revistas e trabalhando com cada um deles pessoalmente. Sua humanidade via o potencial de cada um deles; o resto não importava.

Betty tinha de usar muletas nos braços e um suporte total para as pernas e as costas todos os dias desde a pólio, embora às vezes se deslocasse de costas pela sua casa na zona rural de Ohio, arrastando as pernas e usando os braços e as mãos para se impulsionar para trás. Ela tinha um carro especialmente adaptado que podia dirigir usando controles manuais. Enquanto visitava os parques nacionais, ela usava uma cadeira de rodas elétrica para se locomover — a qual chamava de seu pônei — ou então o meu pai a carregava com os seus quarenta quilos de peso até os pontos mais próximos que não necessitassem do pônei. Às vezes, quando estava de pônei, Betty encontrava subidas íngremes demais para o seu motor elétrico. Eu e minha irmã brigávamos para ver quem ajudaria a empurrar Betty. No cânion Bryce, eu ganhei, e estava empurrando Betty no seu pônei

para o alto de uma colina até o mirante. Com os braços esticados e a cabeça na altura dos ombros, eu olhava para a bandeja da bateria embaixo da cadeira quando ouvi Betty exclamar:

— Ah, olhe só isto, Aron!

Olhei para cima e quase a larguei. Tínhamos uma vista para todos os lados abrangendo centenas de torres de arenito laranja e rosado enchendo um cânion de 90 metros de profundidade que afundava diretamente à nossa frente e se estendia por uns 800 metros para onde quer que a vista alcançasse. Fiquei atordado, e consigo identificar a origem do meu fascínio pelos cânions nas emoções que senti naquele mirante. Queria correr lá para baixo para dentro do cânion, tocar as torres que pareciam querer tombar a qualquer momento e trilhar todos aqueles caminhos que circundavam as formações até me perder no labirinto. Imaginei-me em pé no alto da torre chamada Martelo de Thor e depois, com habilidade sobre-humana, saltar para o alto do próximo pináculo, e daí para o seguinte. Quando chegou a hora de ir embora, saí com uma sensação de vazio na alma. Aos 14 anos de idade, não entendia por que me sentia assim, mas tinha encontrado um chamado na minha vida, embora ele viesse permanecer não atendido por um longo tempo.

Dois dias depois naquela viagem, chegamos ao Grand Canyon depois de anoitecer e demos entrada no nosso quarto no alojamento. Acordamos às 5h30 para assistir ao nascer do sol da Borda Sul. Desde que havíamos chegado à noite, eu não vira o cânion ainda, então me queixava:

— Por que temos de fazer isso?

Estava frio, e eu odiava precisar acordar tão cedo. Pegamos os acolchoados da cama no quarto do hotel e nos acomodamos os cinco na minivan para o trajeto de cinco minutos a oeste para o mirante. Fiz o máximo que pude para dormir um pouco no assento de trás e quase consegui convencer o meu pai a permitir que eu ficasse na van enquanto todo mundo ia até a balaustrada. Mas Betty me convenceu com um encorajamento sutil:

— Voltaremos para o carro assim que você conseguir ver o sol nascer.

A minha mãe e a minha irmã pegaram os acolchoados enquanto o meu pai carregava Betty até o mirante. Sem o aquecedor da van ligado, fiquei gelado em apenas cinco minutos, então fui atrás da minha família e me enfiei embaixo das cobertas ao lado da minha irmã.

A propósito, até então, eu nunca me sentara para assistir ao nascer do sol na vida e não estava nem um pouco preparado para como seria majestoso. E lá estava ele, ao fim daquela maravilha que é o Grand Canyon, com as suas profundidades de até 1.600 metros e uma largura de 24 quilômetros, estendendo-se desde a ponta dos nossos pés até o arco-íris crescente no horizonte. Os estratos rochosos do interior do cânion mudavam do castanho amarelado escuro e sombras pretas para imensas faixas de amarelo pastel, branco, verde e uma centena de tonalidades de vermelho na química misteriosa do crepúsculo. Por fim, a irradiação de luz rompeu sobre as distantes séries de escarpamentos no epicentro do arco-íris e o cânion explodiu em uma sequência de dezenas de templos, saliências, desfiladeiros e pirâmides, destacados em brilhante contraste com as paredes abrangentes do cânion pela iridescência rosada do alvorecer.

Eu não sabia na época, mas aquela alvorada era um sonho acalentado pela Betty, que nunca pensara ser possível realizar em razão do desafio, para ela insuperável, dos milhares de quilômetros de viagem até o cânion. Ela me ensinou algo que devo ter aprendido apesar da pirraça juvenil, pois retornei àquele lugar e a dezenas de outros em todo o Oeste só para ver o sol nascer. E isso não foi tudo o que aprendi com a Betty; a sua atitude positiva e o seu gosto pela vida calaram tão fundo em mim que desenvolvi uma paixão e uma ânsia de sentir e descobrir o mundo que beira a obsessão.

* * *

O Grand Canyon é uma lembrança distante agora. Porque estou preso no fundo deste buraco, vou perder o nascer do sol. Durante uma parada por volta das 19h, coloquei a faca sobre a rocha onde tinha deixado os meus óculos escuros riscados. Ergo os ombros, estico o braço esquerdo acima da cabeça, balanço a minha mão rija e suspiro. Flexionando os dedos, olho para a mão esquerda com um certo assombro — a minha mão e os meus dedos estão inchados a quase o dobro da sua espessura normal por causa do golpe esmagador que receberam durante o acidente, quando a pedra esmagou a minha mão esquerda antes de ricochetear. O inchaço desfigurou a tal ponto a minha mão que os nós dos dedos não se elevam mais acima dos ossos que os formam. Não há veias visíveis nas costas da mão, só esse balão no fim do meu braço. Talvez a coisa mais estranha é que não sinto

dor nenhuma por causa da lesão, mas poderia bem ser que a minha situação esteja me distraíndo. Tantas outras coisas estão erradas com as minhas circunstâncias que o inchaço não é importante o bastante para merecer atenção.

A minha coxa direita dói mais do que a mão inchada e, depois de inspecionar embaixo da perna da minha bermuda, entendo por quê. A pele que cobre a porção inferior dos meus quadríceps está arranhada e esfolada em uma dezena de lugares acima do joelho. Esses ferimentos aconteceram enquanto eu lutava para erguer a rocha logo depois de ficar preso. Existem alguns pequenos coágulos, mas não um sangramento de fato. Rasguei a bermuda em cinco lugares onde ela foi presa entre a minha perna e a face inferior da rocha. O canto inferior direito do bolso está rasgado o bastante para eu poder ver a curva do anel da chave de 1,5 centímetro da trava da minha bicicleta se projetando através do tecido.

Parece importante não perder de vista essas chaves. Se, por algum milagre eu conseguir sair daqui e voltar para onde deixei a bicicleta, vou precisar ser capaz de abrir a trava sobre o pneu traseiro. Estendo a mão para pegar as chaves no bolso rasgado e colocá-las na mochila, mas no instante em que retiro a mão, o anel escorrega, enfia-se no forro do bolso, e eu me atrapalho com as chaves. Elas caem dentro de um buraco entre as rochas arredondadas próximas ao meu pé esquerdo.

— Droga! — eu grito.

Elas não só estão fora do meu alcance limitado, mas escorregaram por uma fenda estreita onde seria difícil recuperá-las até mesmo se estivesse livre.

Rolo os ombros para a esquerda, maximizando a minha extensão, mas mal consigo tocar a parte superior da rocha com o tênis esquerdo. Descendo para a areia da parte de baixo do cânion, onde estão as rochas arredondadas, posso tocar aquela mesma rocha com mais facilidade e vejo o brilho fraco das chaves de formato estranho no buraco arenoso. Ainda assim, o meu pulso preso impede-me de alcançar dentro do buraco. Nesse momento, uma vaga lembrança de um programa da TV que mostrava um homem sem mãos usando os dedos do pé para digitar em um teclado me dá a ideia de usar o pé descalço para alcançar aquele ponto embaixo da pedra e tirar as chaves. Depois de tirar o tênis e a meia do pé esquerdo, volto a descer sobre a areia e começo a dragar gravetos pequenos, caules

de plantas dessecadas e outros detritos para fora do espaço embaixo do lado esquerdo da rocha próximo à parede.

Mesmo limpo, o buraco é pequeno demais para o meu pé tamanho 42. Mas não estou desencorajado; esse desafio adquire uma importância redobrada. A meta de recuperar as minhas chaves simboliza a luta maior contra o meu aprisionamento. Penso em outra ideia. Alcanço uma das varetas mais longas que tirei das rochas. É o caule de uma espécie de artemísia da região com cerca de 60 centímetros de comprimento, fino e quebradiço, e com uma curva conveniente próxima à extremidade delgada que poderia me permitir enganchar o anel das chaves. Acendo a lanterna de cabeça para iluminar um pouco mais o local e mergulho a extremidade curva da minha vareta dentro do buraco. A vareta pega facilmente as chaves, mas flexiona-se e estala quanto tento pescá-las através do vão. Cataplim! As chaves chocalham entre si quando tornam a cair na fissura arenosa.

— Maldição! — murmuro.

Sem o gancho, só posso alcançar as chaves com a ponta quebrada da vareta, mas consigo arrastá-las mais alguns centímetros para perto dos meus dedos dos pés. Ainda não consigo alcançar o anel com o pé, então insiro a vareta entre o dedão e o segundo dedo do pé e enfio-a de lado no buraco. Olhando dentro do buraco com a lanterna de cabeça, guio a vareta com uma série de empurrões delicados até que ela se enfie por uns 5 centímetros através da volta do anel. Puxando, tiro as chaves com a vareta até elas escorregarem para fora da extremidade. Elas não estão totalmente fora, mas consegui movê-las para perto o bastante da saída da fenda para deixar de lado a vareta e arranhar a areia com os dedos do pé, agarrando as chaves entre eles. Sem querer derrubá-las acidentalmente de novo, ergo a perna esquerda até conseguir alcançar por baixo do pé com a mão esquerda. Sucesso! É a primeira vitória do meu aprisionamento, e é uma delícia. Enfio as chaves em um bolso auxiliar do lado direito da bermuda e fecho o zíper.

Depois de tornar a calçar a meia e o tênis, sem me incomodar de amarrar o cadarço, decido tentar um novo método de picar a pedra com a faca. Escolhendo uma pedra do tamanho de uma bola de beisebol da pilha embaixo dos meus pés, manobro-a para cima das outras. Agora que ela está ao alcance, estico-me e agarro a pedra — não sem uma pontada de dor no punho aprisionado — e coloco a pedra de uns 4 quilos sobre a rocha ao

lado da minha faca. Já desconsidere a ideia de bater com uma pedra menor diretamente contra a rocha, uma vez que todas as pedras disponíveis são do arenito rosado mais macio, assim como as paredes. Em vez disso, planejo usar a pedra para bater na faca contra a rocha, como um martelo ou cinzel.

Como preparação, equilibro a faca de modo que a ponta se encaixe na ligeira ranhura que cavei na concavidade do lado superior direito da rocha, pouco acima do meu punho direito, e inclino o cabo contra a parede do cânion. Seguro firmemente a pedra-martelo para assegurar que atinja precisamente a cabeça da faca e desço o martelo numa gentil batida experimental. Tenho receio de que a pedra jogue a faca por trás da rocha ou para dentro das rochas sob os meus pés. O meu cinzel improvisado é tão estável quanto consigo controlar, mas não inspira muita confiança, então bato na faca com cuidado uma segunda e uma terceira vez só para testar se não vai escorregar para o lado. Ela continua no lugar, mas preciso bater mais forte.

Aí vai... impulsiono a pedra-martelo contra a faca com dez vezes mais força do que na última batida. Crunche! A pedra detona na minha mão, dividindo-se em um pedaço grande e uma meia dúzia de outros menores, deixando-me com um punhado de arenito esmigalhado enquanto os estilhaços voam para o meu rosto. A força da batida arranca a faca da rocha e ela bate na minha bermuda, atingindo a areia a meio metro à frente do meu pé direito. “Não consigo vencer aqui, nada funciona”, penso, mas o meu pequeno desencorajamento felizmente é passageiro.

Lambo os lábios e provo a cobertura de cascalho pulverizado que se prendeu no suor seco do meu rosto. A faca está fora do alcance da minha mão esquerda e arrastá-la com o pé só a enterra na areia. (Pelo menos sei que consigo recuperá-la.) Observando a pedra esfarelada que cobre a rocha e o meu braço direito, dou um suspiro. Deixo cair o resto da pedra-martelo na frente dos meus pés, atento à minha faca. Tiro o tênis e a meia do pé esquerdo de novo, agarro o canivete multifuncional com os dedos estendidos e recupero-o com facilidade.

“Vamos, Aron, chega de coisas estúpidas como essa”, repreendo a mim mesmo, sabendo que não vou mais tentar o método martelo-cinzel. “Essa é a última coisa que pode lhe acontecer, perder a sua faca.” De algum modo, sei que ela será decisiva para a minha sobrevivência. Muito embora esteja certo de que ela está cega demais para serrar os ossos do meu braço,

poderia precisar dela para outras coisas, como cortar uma cinta, ou quem sabe transformar a minha mochila em uma espécie de jaqueta usável para me aquecer melhor durante a noite.

São 20h e uma brisa sopra mansamente pelo cânion. Em intervalos de alguns minutos, o vento acelera-se, espargindo areia da borda acima sobre a minha face. Inclino a cabeça para proteger o rosto embaixo da aba do boné. Isso mantém a maior parte da poeira fora dos meus olhos, mas posso sentir o cascalho fino pelo contato. Depois de me encolher diante de uma meia dúzia de ciclos da brisa, surpreendo-me não fazendo nada ou nem mesmo pensando sobre nada; encontro-me em um torpor transitório que se dissolve quando tomo consciência dele. Voltando à minha situação atual, olho para a sujeira e os pedaços de pedra que cobrem o meu braço direito. Usando os dedos, depois a faca, para chegar aos pontos mais distantes ao redor da minha mão direita, afasto a sujeira. Com os lábios enrugados, assopro as últimas partículas de poeira da mão. É ridícula essa compulsão de manter o meu braço limpo, mas manter-me limpo é um dos poucos meios pelos quais posso exercer até mesmo um pequeno grau de controle sobre as minhas circunstâncias.

Retomo a escavação quando a escuridão infiltra-se no meu buraco sombrio e se espalha pelo deserto acima de mim, transformando a sombra em noite. Torno a acender a minha lanterna de cabeça e escolho um novo alvo na rocha encravada — um centro róseo mesclado com bege de arenito circundado por traços de minério preto duro. Esse ponto está a 5 centímetros acima do meu pulso, portanto sou cauteloso com os meus golpes até poder cinzelar um buraco inicial que me permita atingir a rocha com mais força. Estabeleço um ritmo, bicando a dois socos por segundo, fazendo uma pausa para assoprar a poeira a cada cinco minutos. O tempo passa de mansinho. Posso ver uma minúscula medida de progresso quando uma pequena lâmina cor de salmão surge ao lado da cova rasa que estou escavando na rocha encravada. Se estou certo, poderia ser capaz de cavar material suficiente ao redor dessa pepita em tom pastel de modo a extraí-la como uma única lasca.

Mergulho em um fluxo de ação intensa. Antes que eu me dê conta, passaram-se três horas, e é quase meia-noite. Isolei a pequena lâmina em três lados — à esquerda, em cima e embaixo — com um canal de cerca de 3 milímetros de largura, e estou pronto para arrancá-la da pedra. Sem querer quebrar a ponta da faca por acidente, mudo a ferramenta

multifuncional para a lima. A lima não só é mais grossa e mais robusta, mas também de certa forma mais dispensável. Com a ponta da lima posicionada na ranhura desbastada, uso o cabo como uma alavanca contra a rocha e espero que a lasca voe diante dos meus olhos, prendendo a respiração. Sinto a ferramenta bater na palma da minha mão exatamente quando a lasca se desagrega e se quebra. Isso! Um minúsculo pedaço de pedra salta da rocha encravada e cai sobre o meu pulso preso. Não é tão grande quanto eu esperava, mas estou contente porque a minha estratégia valeu a pena com pelo menos um pequeno progresso. Com a lasca removida, expus uma parte mais macia da rocha que posso extrair mais facilmente. Bicando por mais outra hora consigo retirar quase tanta pedra quanto a que saiu com a lasca. Recupero as lascas maiores que caem sobre o meu braço preso, colocando-as lado a lado em cima da rocha. A minha coleção aumenta à medida que alargo a minúscula cratera, mas, à medida que a minha linha de lascas aumenta, o mesmo acontece com a minha fadiga. A dor latejante do meu braço importuna tanto na minha mente a ponto de a minha fraqueza nas pernas fazer diferença; preciso trabalhar para me tirar daqui enquanto tenho forças. Além disso, mesmo se quisesse dormir, não poderia. O frio penetrante do ar noturno e as brisas incentivam-me a continuar atacando a rocha para produzir calor, e quando a minha consciência falha, os meus joelhos se curvam e o meu peso puxa o meu pulso em um imediato e doloroso chamado à atenção.

Talvez por causa da minha fadiga crescente, uma canção soa uma vez atrás da outra na minha cabeça. A melodia é do primeiro filme do Austin Powers, a que assisti algumas noites atrás com os meus companheiros de quarto, e agora apenas um verso do coro nos créditos finais repete-se em uma sequência infinita.

“É, até que não é tão chata, Aron”, digo sarcasticamente. “Não consegue lembrar de outra música?” Não importa o que mais eu tente entoar baixinho — mesmo algumas das minhas opções preferidas — não consigo me livrar do refrão grudento do Austin Powers.

Fazendo um intervalo, tiro da mochila principal a sacola de cordas, a cadeirinha e o equipamento de escalar, a bolsa CamelBak e a garrafa de água, depois prendo a grande mochila nas costas pela primeira vez desde a tarde. Imagino — corretamente — que o acolchoamento da mochila me ajudará a reter o calor do corpo. Tiro o reservatório de água azul da CamelBak e deslizo a sua bolsa vazia ao longo do meu braço preso.

Consigo fazer passar o isolamento de 2,5 centímetros de espessura menos de 10 centímetros do meu cotovelo, porque a pedra mantém o meu braço fortemente pressionado contra a parede do pulso até o meio do antebraço. Mas com a pequena sacola no lugar, a maior parte do braço e do ombro fica isolada da laje fria. Tiro a correia da bolsa, deixando-a bem enrolada, e coloco-a sobre uma rocha pousada sobre o chão do cânion à frente dos meus joelhos. Com a rocha acolchoada com a correia, posso dobrar os joelhos para a frente e inclinar-me para a rocha, aliviando um pouco o peso do corpo em cima das pernas. Ainda não consigo relaxar, mas agora posso mudar de posição de tempos em tempos e estimular a circulação das pernas.

Falta pouco para a 1h30 quando abro a garrafa de água pela segunda vez e tomo um golinho. Estava há pelo menos duas horas pensando em tomar um gole, mas fiquei retardando de propósito até ter conseguido vencer metade da noite. Quatro horas e meia se passaram, faltam quatro horas e meia. A água é refrescante como esperado, uma recompensa por ter aguentado por tanto tempo depois daqueles primeiros goles extravagantes cerca de oito horas atrás. Ainda assim, preocupo-me. Sei que os 600 mililitros remanescentes são a chave da minha sobrevivência. Mas é um enigma quanto devo beber ou conservar e por quanto tempo devo tentar fazer a reserva durar. Ponderando sobre o assunto, defino um plano para dar um pequeno gole a cada noventa minutos. Isso me dará alguma coisa para aferir o tempo, algo para olhar para a frente enquanto a noite avança.

Com a fadiga curvando os meus joelhos periodicamente, decido construir um assento que possa usar para tirar completamente o peso das minhas pernas. Entrar na minha cadeirinha é a metade fácil da equação. Enfiando os pés pelas alças para as pernas, puxo o cinturão para cima e enfio a fita grossa pela fivela; com a destreza limitada da minha mão solteira, pulo a última etapa usual de dobrar o cinturão por trás — uma precaução necessária para a segurança na escalada, mas mais proteção do que preciso na minha atual situação. Agora vem a parte difícil: conseguir pendurar alguma peça do meu arsenal equivalente ao equipamento de alpinismo sobre uma rocha no alto, algo suspenso substancialmente o bastante para sustentar o meu peso.

Bato o olho em um sistema de fendas que começa na parede sul, cerca de 1,8 metro acima e à esquerda da minha cabeça. A fenda é na verdade um espaço entre a parede e a rocha encravada de 2,4 metros de diâmetro

suspensa 1,8 metro à minha frente. Trata-se de uma pedra que forma a saída de 3,6 metros que alcancei no fim da manopla de rochas encravadas, aquela que estava descendo quando pisei sobre a rocha que prendeu o meu pulso. Não dediquei muito tempo para olhar mais de perto essa rocha, mas agora vejo dois aspectos que poderiam me ajudar na construção de uma âncora. Um é a fenda, afunilando-se da lacuna superior até um ponto de estreitamento que infelizmente se alarga na minha direção; o outro é uma saliência com a aparência de um chifre que eu poderia usar como âncora se conseguisse laçar a minha corda ou uma parte da minha fita amarela ao redor dela. Mas como poderia fabricar um bloco para atirar para dentro da fenda e puxá-lo para baixo até que ele se prenda no ponto de estreitamento? Existem duas opções: ou prender juntos alguns dos meus mosquetões formando um bolo preso em um nó na minha corda; ou formando um nó diretamente na corda, ou com um pedaço de fita, e fazê-lo bem apertado. Em um caso ou no outro, será muito difícil lançar o apetrecho com precisão suficiente para que ele escorregue para dentro da fenda e fique preso no ponto de estreitamento.

Ainda assim, vale a pena tentar. Primeiro, desenrolo cerca de 6 metros da minha corda de escalar. Na extremidade, prendo uma série de nós sobrepostos para criar um bloco do tamanho de um punho. Com um pouco de corda sobressalente enrolada sobre a rocha encravada, lanço o punho na fenda, mas ele balança para fora da parede. Concluo que a combinação da falta de habilidade em arremesso da minha mão esquerda com a natureza da corda de não alcançar a meta quando sobe mais do que o seu próprio peso é uma mistura implacável. Terei de fazer o lançamento perfeito. Decido acrescentar três mosquetões dos suprimentos de escalar à minha cadeirinha para formar um nó de oito, em substituição ao punho de cordas.

Cada arremesso requer dois minutos para ser preparado, e as minhas primeiras doze tentativas falharam, sendo impelidas para longe da parede ou da face da rocha encravada, ou escorregando para fora da fenda. Acrescento um quarto mosquetão ao meu aparelho de garateia improvisado. Com um lançamento brilhantemente sortudo na tentativa seguinte, o cacho de mosquetões atinge a boca da fenda e cai no ponto de estreitamento, e com um puxão no momento certo, o bloco prende-se firmemente. Testo a força do estreitamento e observo os mosquetões aferrarem-se à rocha. Estou preocupado que o ponto de estreitamento de arenito se rompa e deixe os mosquetões soltos, mas os elos de metal estão

bem presos uns nos outros, e a rocha aguenta a tensão sem nenhum problema. Enquanto uma onda de felicidade varre a minha mente cansada, prendo outro nó de oito em uma alça da corda ancorada que oscila ao lado da rocha encravada próximo à minha cintura, e me prendo ao sistema. Com dois ajustes no nó para encilhar a cadeirinha um pouco mais alto e impedir que o meu peso puxe o meu braço, finalmente me reclino e tiro algum peso das pernas. Ahhhh! Relaxo pela primeira vez, e o meu corpo comemora uma vitória sobre a tensão de ficar parado em pé por mais de doze horas seguidas.

Tiro a garrafa de água do saco e tomo um golinho exatamente às 3h. O meu descanso é completo, mas decepcionantemente curto — exatamente quinze minutos até a cadeirinha limitar o fluxo sanguíneo para as minhas pernas e eu precisar levantar outra vez. Existe o risco de que, se eu permanecer sentado por tempo demais, cause dano às minhas pernas ou produza a formação de coágulos de sangue. Muito antes que o perigo se manifeste, a cadeirinha faz os meus tendões do jarrete doerem onde as alças da perna sustentam o meu peso. Alterno as posições em pé e sentado, estabelecendo um padrão que repito a intervalos de vinte minutos.

Naquelas horas mais frias que antecedem o amanhecer, das 3 às 6 horas, torno a pegar a minha faca e atacar a rocha encravada. Posso lascar a rocha tanto em pé quanto sentado. Continuo a fazer um progresso mínimo, mas visível no torrão. Depois de goles de água às 4h30 e às 6h, faço um inventário da rocha que consegui eliminar durante as últimas quinze horas de trabalho cansativo. Calculo que, na taxa que mantive em média, teria de lascar a rocha por 150 horas para libertar a minha mão. Desencorajado, sei que precisarei fazer alguma outra coisa para melhorar a minha situação.

Logo depois das 8h, ouço um ruído apressado filtrando-se através do cânion acima de mim, um sopro de vento que pulsa três vezes. Olho para cima quando um grande corvo negro voa sobre a minha cabeça. Ele está seguindo para o começo do cânion, e a cada bater de asas, o eco filtra-se até os meus ouvidos. Na terceira batida de asas, ele grita alto: “Ca-cau”, e então desaparece da minha janela do mundo superior. Ainda faz um frio úmido nas profundezas da fissura do cânion, mas posso ver a brilhante luz do dia sobre a parede norte, 21 metros acima de mim. Faixas interrompidas de estratos flutuam. Desligo a lanterna de cabeça. Consegui atravessar a noite.

Por volta das 9h30, uma adaga de luz solar aparece atrás de mim sobre o chão do cânion. A lâmina de luz está provocantemente próxima, mas ainda a quase um metro atrás dos meus pés. Ainda não me reaqueci totalmente depois do frio noturno e anseio por até mesmo um pequeno toque de sol sobre a minha pele. Depois de cinco minutos a adaga deu uma estocada na direção dos meus calcanhares, e quando desço para perto do buraco onde derrubei as minhas chaves, esticando o corpo até o meu braço puxar o meu pulso, posso estender a perna esquerda atrás de mim para que a luz do sol acaricie o meu tornozelo e a parte inferior da panturrilha. Por dez minutos, mantenho-me quieto, alternando entre esticar a minha perna esquerda e depois a direita enquanto a luz solar move-se pelo chão do cânion. Como um movimento de yoga, esse alongamento ao sol dá as boas-vindas ao novo dia. Cruza a minha mente a pergunta sobre quantas manhãs estarei aqui para executar esse rito matinal, mas eu a afasto e me deleito com o calor calmante sobre as minhas panturrilhas. Subindo pela parede norte acima da minha perna direita, a adaga de luz curva-se e se distorce sobre as ondulações de arenito até subir acima do alcance da minha perna. Observando o feixe de luz escalar os últimos 90 centímetros para onde uma rocha encravada suspensa bloqueia-o da minha vista, concluo que esse é o único sol direto que terei durante o dia.

Com a presença da luz solar, o meu estado emocional se eleva e me sinto rejuvenescido por um tempo. Tirando vantagem dessa infusão positiva, pego a minha faca e começo outro ciclo de duas horas de bicadas na rocha. Espelho sobre as chances de ser encontrado e em que oportunidade os esforços lá de fora vão iniciar uma busca potencial. Parece desolador de todos os ângulos. Kristi e Megan mal me conhecem. Quando não apareci na caminhonete delas no final da tarde de sábado, elas provavelmente pensaram que lhes dei o fora. Elas também nem sequer sabem como é a minha caminhonete, portanto, mesmo que fossem ao começo da trilha do cânion Horseshoe, elas não saberiam se o meu veículo estaria lá ou não. Considerando que não confirmei com Brad e Leah que me encontraria com eles na festa do Scooby, eles não estariam alertas para algum problema. Os meus companheiros de quarto sentirão a minha falta, mas não sabem onde estou. Se ficarem preocupados a ponto de notificar a polícia de Aspen, as autoridades não farão nada até a noite de terça-feira, no mínimo, quando não tiver aparecido por mais de 24 horas.

Parece mais provável para mim que o meu gerente na Ute Mountaineer ligue para os meus pais para saber por que não apareci para trabalhar. A essa altura, talvez eles consigam que a polícia pesquise com as empresas de cartão de crédito sobre o meu histórico de compras mais recente e encontrem o meu rastro até Moab. Esse pensamento faz com que eu me sacuda mentalmente, pensando nas compras que fiz — usei o meu cartão de crédito apenas para a gasolina em Glenwood Springs, onde a autoestrada de Aspen encontra a interestadual. Eu poderia ter ido tanto para o leste quanto para o oeste a partir daquele ponto. Usei o meu cartão de débito para comprar mantimentos e encher o tanque de combustível em Moab antes de dirigir até Horseshoe. Ou será que não? Talvez tenha usado o cartão de crédito. Agora não consigo me lembrar. Espero que seja parte do procedimento de pessoa desaparecida verificar também as compras com o cartão de débito.

Se a polícia notificar o Serviço de Parques Nacionais e o SPN iniciar uma busca geral na quarta-feira, é pouco provável que encontrem o meu veículo rapidamente — os comandantes vão se concentrar nas áreas mais próximas de Moab primeiro. Vi uma placa no início da trilha notificando os visitantes que os guardas-florestais conduzem visitas de fim de semana pelo cânion Horseshoe até os principais painéis de pictogramas; a melhor chance para um guarda-florestal encontrar a minha caminhonete será quando voltarem ao Horseshoe no sábado, se estiverem procurando por ela então. Mas um golpe de sorte, ou uma completa prospecção de segunda etapa, poderia significar que irão localizar a minha caminhonete no primeiro dia de buscas, quinta-feira, e nesse momento farão uma varredura no cânion e irão procurar por todo o Blue John na sexta-feira.

Terei de esperar até sexta-feira, então, antes que a cabeça de alguém apareça sobre aquela rocha encravada a 3 metros à frente e acima de mim.

Sexta-feira.

Mas isso é o mais cedo. Domingo é o mais provável de ser o dia que o pessoal de busca me encontre, considerando a programação dos guardas-florestais. Domingo, uma semana a contar de hoje.

Sem água, as pessoas morrem em muito menos do que uma semana. Ficarei chocado se sobreviver até terça-feira de manhã. Não há como conseguir sobreviver até sexta-feira. De maneira alguma.

E estarei mumificado no domingo.

CAPÍTULO QUATRO

COMO TORNAR-SE UM ENGENHEIRO APOSENTADO EM APENAS CINCO BREVES ANOS

Jogo Extremo: no qual o que [se] dispõe a ganhar em um jogo jamais se equipara à enormidade do que [se] perderá.

— Joe Simpson, *Dark Shadows Falling*

No ano posterior ao meu encontro com o urso preto que me perseguiu no parque Grand Teton, selecionei três projetos de alpinismo que ocupariam todas as minhas energias: escalaria os *fourteeners*, os 59 picos acima de 14.000 pés (4.267 metros) do Colorado; escalaria todos eles sozinho no inverno (algo que nunca tinha sido feito antes); e subiria ao ponto mais alto de todos os estados dos Estados Unidos. No final de junho de 1997, comecei no meu emprego na Intel, que parecia moleza comparado a ser caçado por um urso debilitado pelo inverno.

Em compensação à banalidade da minha nova carreira na engenharia mecânica, criei uma vida de aventuras com a exploração da imensa variedade de terras públicas do Arizona — cânions, montanhas, cones vulcânicos, crateras de meteoros, desertos e florestas. Conheci meu amigo e mentor Mark Van Eeckhout por intermédio de um colega de classe da faculdade. Ambos trabalhávamos nas mesmas instalações impecavelmente limpas no sudeste de Phoenix e no horário do almoço planejávamos as nossas caminhadas e viagens para acampar.

A minha namorada da faculdade, Jamie Zeigler, deu-me de presente o livro *Desert Solitaire*, de Edward Abbey, que insuflou a minha paixão pela aventura no deserto. Tornei-me sócio-fundador do Intel Adventure Club, em 1998, quando quatro dos meus amigos do trabalho, incluindo Jamie Stoutenberg e Judson Cole, esboçaram um plano para atravessar o Grand Canyon a pé duas vezes em dias consecutivos. Partindo da Borda Sul, desceríamos 1.500 metros em 11 quilômetros pela trilha South Kaibab para atravessar o rio Colorado próximo a Phantom Ranch, depois continuaríamos por 22,5 quilômetros pela trilha Bright Angel para a Borda

Norte, subindo 1.800 metros até o nosso acampamento. Depois de descansar, voltaríamos pelo mesmo caminho ao contrário, da Borda Norte para a Borda Sul. Batizamos o plano de Borda-a-Borda-a-Borda, ou B3 para abreviar.

Pouco antes da viagem eu estava lendo o livro de Jon Krakauer, *Na Natureza Selvagem*. A história do jovem Chris McCandles abandonando a sociedade convencional para viajar ao redor do país me fascinou com sonhos de viver na boleia de um caminhão e perambular pelas estradas dos Estados Unidos. Fiquei tão impressionado pelas aventuras de Alex Supertramp, o apelido de viagem de Chris, que levei o livro comigo durante o projeto B3 no Grand Canyon. Uma passagem em especial — de uma carta que Chris envia a um amigo mais velho que conhece pelo caminho — parece-se com um manifesto:

Tantas pessoas vivem presas a circunstâncias que as deixam infelizes e ainda assim não tomam a iniciativa de mudar a sua situação porque estão condicionadas a uma vida de segurança, conformismo e conservadorismo, o que parece lhes dar uma sensação de paz de espírito, mas na realidade nada é mais prejudicial ao espírito aventureiro presente em cada ser humano do que a perspectiva de segurança no futuro. O verdadeiro sentido no âmago do espírito que vive no ser humano é a sua paixão pela aventura. A alegria de viver vem dos nossos encontros com as experiências novas e por isso não existe uma alegria maior do que ter um horizonte que esteja mudando sempre, com um sol novo e diferente a cada dia.

Eu queria experimentar essa alegria, viver essa paixão pela aventura, jogar fora a segurança do meu trabalho e deixar o meu espírito vagar. Isso significava que precisava me instruir sobre a vida ao ar livre. Precisava acumular experiência antes de enfrentar expedições importantes; e precisava estar preparado para reduzir os riscos. Ainda mais diretamente, precisava conseguir uma caminhonete e depois sair do emprego. Mas precisava fazer muita coisa antes de estar pronto para isso.

Outro livro do Krakauer, *No Ar Rarefeito*, prendeu a minha imaginação no inverno de 1998. O livro documentava um desastre no monte Everest, no qual doze pessoas morreram, de maneira tão apaixonante que me senti transportado a 7.900 metros sobre o South Col com o grupo de alpinistas

perdidos de Neal Beidleman, a apenas algumas centenas de metros do Acampamento IV, imaginando o que eu faria no lugar deles. Exaustos por um dia passado no pico, agredidos pelos ventos infernais de uma nevasca, sem oxigênio e ulcerados pelo frio — eu ficaria lá para morrer? Eu deixaria os outros para me salvar? Eu voltaria atrás deles se encontrasse o acampamento? Como eu me comportaria em uma situação que me fizesse apelar à essência do meu caráter? A tragédia me inspirou a fazer um teste. Eu queria revelar a mim mesmo quem eu era: o tipo de pessoa que morria, ou o tipo de pessoa que superava as circunstâncias para ajudar a si mesmo e aos outros. Eu queria não só ir ao Himalaia para escalar um pico importante, queria explorar as profundezas do meu espírito.

E assim foi que em 8 de março de 1998, saí para uma escalada de inverno em solitário do pico Humphreys, o ponto mais elevado do Arizona. O Mark me emprestou as raquetes de neve, uma machadinha de gelo e um manual de montanhismo, *Freedom of the Hills*, dizendo-me que eu precisava dominar as técnicas da machadinha de gelo explicadas no livro. Orientando-me para o norte a partir da área de esqui de Snowbowl, 9 quilômetros a noroeste de Flagstaff, caminhei com as raquetes na neve através de pinheiros por duas horas, seguindo o contorno de 3.000 metros até entrar em uma campina na base de um extenso campo de neve. A partir dali, com a machadinha do Mark na mão, escalei mais de 760 metros subindo pela encosta de inclinação moderada até a cumeeira, onde as raquetes se afundavam na tempestade. Em alguns lugares, as nuvens eram tão densas que eu não conseguia ver o despenhadeiro do lado direito da cumeeira, então procurava a segurança do lado esquerdo que, ao contrário, era mais exposto ao vento. Depois de meia hora de caminhada ao longo da borda rochosa da antiga cratera vulcânica elevada, eu tiritava fortemente por causa da corrente de vento gelado, mas finalmente encontrei o pico, onde me agachei atrás de uma parede de pedras empilhadas por alguém, a 3.850 metros de altura. Três estrondos distantes de trovão e raios caíram das nuvens ao sul.

Eu poderia permanecer no pico e me arriscar a ser atingido por uma descarga elétrica, mas ao mesmo tempo não queria deixar a proteção da parede de pedras. Por um breve momento, senti o mesmo que o grupo estropiado de alpinistas perdidos sobre o South Col. Aqui no meu abrigo invernal, com tanta neve e nuvens que era impossível ver alguma coisa, sentia-me confuso, estressado e letárgico, e entendia um pouco mais

pessoalmente como a tentação de esperar até que as coisas melhorassem poderia, *in extremis*, converter-se em uma apatia letal. Recompondo-me, levantei-me atrás do quebra-vento para encarar a tempestade. Olhando para uma cobertura indistinta acinzentada e me preparando para enfrentar o vento, marquei com a bússola um caminho de descida pela cumeeira. As pegadas que deixara na subida foram apagadas em questão de segundos.

Enfrentando a descida com dificuldade, ocupei-me de procurar as raquetes do Mark. Eu as deixara na cumeeira no alto do campo de neve, assinalando a curva de onde eu desceria para as árvores e sairia da tempestade. Acima do rugido do temporal, notei um som sibilante vindo da minha mochila. Parei para verificar do que se tratava e identifiquei pequenas descargas de faíscas azuladas entre as extremidades metálicas dos meus bastões de esqui. Idiotamente, eu os amarrara por cima da mochila de modo que as pontas estivessem a quase um metro acima da minha cabeça, e eles estavam atraindo os raios. Desci a mochila e enveredei por uma passagem na neve o mais rápido que já correria na borda de uma montanha. Arquejando, arrastava a mochila ao meu lado enquanto fugia da cumeeira, curvado para frente. Quando me senti seguro para me erguer, corri para me safar. Depois de um minuto, diminuí a marcha quando uma brecha momentânea entre as nuvens mostrou-me as raquetes de Mark logo acima. Deixei a mochila para recuperá-las e voltei para a minha caminhonete duas horas depois sem mais nenhum incidente.

Existem padrões no meu estilo de alpinismo que começaram a despontar nessa subida ao pico Humphreys — viajar sozinho, escalar em tempestades, tomar firmes decisões sobre o caminho a seguir em situações difíceis e ter sorte com raios. Nessa escalada também ganhei mais confiança: o meu grau de sensibilidade aumentou e com essa sensibilidade me senti profundamente vivo.

* * *

Depois da minha aventura no pico Humphreys, Mark e eu conversávamos com frequência sobre o meu plano de escalar em solitário todas as montanhas acima de 4.267 metros do Colorado no inverno. Mark sabia que eu era inexperiente demais para realizar um projeto tão arriscado, mas também sabia que eu pretendia tocar o projeto. Ele me ensinou os fundamentos do alpinismo em rochas, o trabalho com as cordas, a percepção de avalanches e o deslocamento pela neve. Saímos em

excursões de alpinismo em nível de iniciante pela região central do Arizona, fizemos viagens à academia de alpinismo com um paredão artificial em Tempe e, no fim de semana do Dia do Trabalho de 1998, Mark levou a mim e ao meu amigo Howard para a minha primeira escalada *multi-pitch* [várias enfiadas de corda] no pico Vestal, nas montanhas de San Juan, no Colorado.

O pico Vestal foi especialmente memorável, uma vez que Mark nos ensinou a controlar o medo que sentimos antes e durante a escalada da laje de granito de 600 metros de altura que se eleva acima de aproximadamente 4.200 metros. A meio caminho acima do centro da face norte, as solas das minhas duas botas de alpinismo se abriram, a costura do calcanhar simplesmente se desintegrou sob o *stress* da subida, deixando-me com o equivalente a grossas sandálias de dedo na maior parte do caminho.

Apesar do meu equipamento deficiente, chegamos ao pico, e eu até queria mais, desejando que a escalada não tivesse terminado. No topo, Mark apresentou-me ao seu ritual favorito de comer peixe defumado e bolachas *cream cracker*, uma tradição a que demos continuidade todas as vezes que chegamos ao topo de uma montanha juntos. Tiramos fotos em grupo, o meu sorriso luminoso com a boca cheia de peixe meio mastigado foi uma expressão autêntica de quanto eu me sentia esfuziante de me encontrar no topo de uma montanha com os meus melhores amigos, depois de superar o medo daquele dia.

Quando a minha irmã entrou na faculdade no final de 1998, ela se mudou para uma região do noroeste do Texas que provocaria crises de tédio até na mais modorrenta marmota. Querendo compartilhar a satisfação que estava encontrando na vida ao ar livre, convidei-a para me acompanhar numa visita a um dos lugares mais lindos que vi em toda a minha vida — as cachoeiras do cânion Havasupai, a sudoeste do Parque Nacional do Grand Canyon. Na linguagem dos povos indígenas que habitam o cânion há uma centena de gerações, Havasupai significa “povo das águas azul-esverdeadas”, pelas cachoeiras da parte mais baixa do cânion. Existem quatro quedas principais, a mais alta se precipita de penhascos de 600 metros de altura nas fundas piscinas azul-turquesa que inundam o cânion de parede a parede.

Minha irmã e eu chegamos ao começo da trilha no Dia de Ação de Graças, no final de novembro de 1998, e descemos por 16 quilômetros desde o planalto do cânion Havasupai até passar pela aldeia de cerca de duzentos moradores. Como não existe estrada para a aldeia, tudo que vai para lá é levado em pequenos helicópteros e em comboios de burros de carga. A aldeia dos havasupais guarda a distinção de abrigar a única agência postal dos Estados Unidos que ainda funciona em lombo de burros. Os moradores contam com uma linha telefônica terrestre comunitária, água encanada e eletricidade suficiente para tocar as músicas de *reggae* que fazem coro às tapeçarias de Bob Marley penduradas nas janelas de cada moradia nos trailers mantidos pelo governo. A maioria dos moradores jovens abandonou a cultura de subsistência que os canteiros na frente das casas sugerem que os seus pais e avós cultivavam.

Passando a aldeia e a cachoeira Navajo, a menos impressionante mas mais larga das quatro cachoeiras, chegamos à cachoeira Havasupai e à área de acampamento no início da tarde. Havasupai é o símbolo da cachoeira que despeja a sua correnteza luminosa acima de uma queda de 45 metros de dobras de travertino marrom dentro de uma piscina profunda aquecida pelo sol. Esse é um lugar mágico que recebe uma carga pesada de tráfego de caminhantes e campistas, embora os havasupais administrem o uso para limitar o impacto na maior das cachoeiras, a Mooney, de 66 metros de altura. Escolhemos um local para acampar no meio do parque e deixamos as nossas mochilas e equipamentos para explorar melhor a extensão do cânion.

Nos poucos minutos que nos aventuramos para além do acampamento, chegamos à beira da cachoeira Mooney, que nos deixou paralisados por sua beleza e suas cores deslumbrantes. Passou um minuto inteiro antes que um de nós conseguisse murmurar: “Uau”. Admiramos as ilhas de gramíneas de um verde exuberante, as torres de folhas amarelo-brilhante dos algodoeiros que refletiam o sol ofuscante, os bancos de areia juncados de troncos de árvores esbranquiçados e as inigualáveis confluências rochosas de um travertino vermelho cereja que decoravam o cânion em cortinas suspensas sob um céu azulado de parede a parede.

Embaixo da cachoeira Mooney, que descemos por um sistema de túneis e cordas encadeadas para ajudar na escalada para baixo, chegamos a uma trilha incerta que desaparecia em meio a altos matagais de gramíneas que brotavam dos bancos de areia. Seguimos pelo leito do rio por mais 5

quilômetros e chegamos à cachoeira Beaver, um grupo de piscinas interligadas e providas de terraços que recebe apenas uma pequena parte dos visitantes das cachoeiras anteriores. Aqui o travertino constrói açudes em meio à corrente que formam piscinas em formato de ferradura, cada uma se derramando na seguinte. As cachoeiras caem cerca de 15 metros e espalham-se por um corredor de 60 metros no cânion. Elas me lembraram as piscinas termais que a minha família frequentara em Yellowstone quase uma década antes. Uns 8 quilômetros depois da cachoeira Beaver, o rio cai em um canal estreito onde as águas turquesa de Havasupai deságuam diretamente na torrente sempre marrom terrosa do rio Colorado ao fundo do Grand Canyon. Minha irmã e eu não tínhamos tempo para seguir por todo o caminho até o rio, então ela sentou-se sobre uma rocha acima da cachoeira Beaver enquanto eu me equilibrava entre os açudes para chegar até a margem oeste do canal. Com as sandálias molhadas, os meus passos eram incertos, mas consegui chegar até uma plataforma rochosa ao longo dos açudes que eram guardados por uma barreira de cactos espinhentos. Eu precisava seguir contra a corrente sobre a plataforma, desviando de algum modo do jardim de cactos de mais de um metro de altura, para chegar a uma série mais larga de açudes onde seria mais fácil atravessar de volta para o lado leste. A melhor estratégia parecia ser escalar cerca de 3 metros por cima da parede rochosa, acima da plataforma, e cruzar sobre os cactos. Segui por aí, apesar das dúvidas de que as minhas sandálias agarrariam na subida íngreme pelo travertino.

Empoleirado a quase 2 metros acima do maior dos cactos espinhentos, depois de cinco movimentos da direita para a esquerda, segurei-me a uma protuberância com a mão esquerda e estiquei o corpo num “X”. Quando mudava o peso para o pé esquerdo estendido, o travertino rompeu-se e o resultante solavanco do meu corpo sobre a saliência que estava segurando com a mão direita fez com que essa se desintegrasse também. De repente, eu escorregava pelo travertino inclinado na ponta dos pés com as minhas sandálias, de frente para a rocha. Tive tempo bastante para ver o cacto espinhento aproximar-se do meu traseiro. Os seus ramos e hastes estavam naturalmente dispostos em uma curva próxima à parede, com dois cactos separados na borda da plataforma. No meu rápido relance para baixo, os arbustos de cactos espinhentos pareciam formar um sorriso grotesco, como uma enorme planta insetívora traiçoeira prestes a desfrutar de uma merecida refeição. Pouco antes de os meus calcanhares atingirem a parte

superior do cacto, separei-me da parede, dando uma meia-volta no ar para me safar da parte mais alta da planta espinhenta.

Os meus pés atingiram a areia com eu montado sobre o ramo de quase um metro de nós espinhentos — o nariz da face sorridente. A aterragem teria sido segura se não fosse o meu reflexo que fez o meu corpo se acocorar para absorver a energia da queda. Os nós espinhentos atingiram o sensível tecido macio do interior das minhas coxas. Recuando das dezenas de empalações, saltei de novo para o ar. Acabei com as pernas arqueadas sobre a plataforma acima dos açudes e piscinas de travertino como um vaqueiro saltando do cavalo. O grito da minha irmã:

— Está tudo bem com você? — permitiu-me ganhar tempo olhando para baixo por mais uns cinco segundos enquanto respondia:

— Está... mas caí sobre um cacto.

Virei-me e procurei me afastar do jardim de cactos, depois abaixei a bermuda. O tecido da minha cueca samba-canção cinza estava salpicado de pontos vermelhos de sangue. No centro de cada olhinho carmesim via-se uma agulha peluda de uns 3 centímetros de comprimento do cacto. Arranquei-os durante vinte minutos e retirei a maioria dos espinhos espetados em mim, depois tirei a cueca para procurar os espinhos menores, como fios de cabelo. Extraíndo-os um por um, perdia a conta em algum momento em que passavam de cem. Mais ou menos uma hora depois, Sonja gritou acima do ruído da água para eu tornar a vestir a bermuda — outros caminhantes se aproximavam. Guardei a cueca cinza no bolso e atravessei o açude para ver quem vinha vindo. Eram as únicas outras pessoas que vira abaixo da aldeia: dois rapazes mais ou menos da minha idade, também de Phoenix, descendo para o acampamento no rio Colorado. Eu queria ver a parte baixa de Havasupai, mas considerando que a minha irmã estava pouco inclinada a fazer a jornada de 25 quilômetros ida e volta, combinei de encontrar com Jean-Marc e Chad às 10h da manhã seguinte para fazer a caminhada de volta juntos.

Sonja e eu voltamos pelos túneis da cachoeira Mooney quando começava a escurecer. Para o nosso jantar no acampamento, pusemos fatias de peru assado sobre bolachas *cream cracker* para acompanhar o nosso prato principal de macarronada com queijo. Mesmo para a culinária do campo, era um prato básico, mas não estávamos ali para comemorar com um grandioso jantar de Ação de Graças tradicional — estávamos mais agradecidos por estar um na companhia do outro num lugar tão

inspirador como aquele. Depois de uma barra de chocolate para cada um de sobremesa, penduramos a nossa comida para protegê-la dos bassariscos e dos guaxinins, e entramos na nossa barraca de lona aberta, os dois únicos ocupantes da área de acampamento de 800 metros de comprimento. Minha irmã virou de lado e dormiu, enquanto eu fiquei sentado com a minha lanterna de cabeça e uma pinça por cerca de 45 minutos, tentando extrair as farpas espinhentas remanescentes da parte interna das minhas coxas. Aliviava o meu embaraço saber que ninguém observava o meu ritual peculiar de esticar-me de maneira estranha, esfregar, arrancar, cutucar e fazer caretas — a minha pinça e eu tínhamos o cânion só para nós. Levaria uma semana inteira até eu encontrar e remover o último espinho, da espessura de um fio de cabelo, espetado na minha nádega esquerda, enquanto assistia ao futebol na televisão da minha casa em Chandler.

Às 7h da manhã seguinte, eu seguia pelo cânion com a lâmpada de cabeça, descendo pelas cordas encadeadas da cachoeira Mooney, chapinhando no leito do rio e caminhando rapidamente através das gramíneas e juncos que cobriam os bancos de areia e as margens do riacho depois da cachoeira Beaver. Cheguei exatamente no horário para o encontro no rio Colorado, onde Jean-Marc e Chad me ofereceram café fresco, feito havia pouco no seu fogão de acampamento. Ficamos um bom tempo sobre as saliências de ardósia ao lado da desembocadura das águas do Havasupai, olhando de cima para o comparativamente monstruoso Colorado, e avaliamos as possibilidades de nadar pela margem sul do rio. Chade patinhou pela zona de confluência do riacho de Havasupai para bater uma foto da linha onde as águas translúcidas encontravam-se pela primeira vez com a loucura desesperada da corrente opalina quase negra do Colorado.

O que me levou a seguir Chad pela água, passar por ele e subir na última rocha da borda, apesar da correnteza e de um poderoso redemoinho, e depois disparar para dentro do rio Colorado, totalmente vestido, sem um colete salva-vidas... Bem, pareceu uma boa ideia no momento. Chad bateu uma fotografia divertida de mim, como um projétil no meio do ar e saltando irrefletidamente para o desastre, mas se ele e Jean-Marc não agissem tão rápido como fizeram nos momentos seguintes, teria sido a última foto que alguém bateria de mim. Quando mergulhei e voltei à superfície, ofeguei ante a inesperada temperatura do rio — hipotérmicos

10 graus — quase 7 graus mais frio do que o tropicalmente quente riacho Havasupai.

A minha camisa grossa de mangas compridas e as minhas calças transformaram-se em 5 quilos de peso e os meus tênis arrastaram os meus pés verticalmente à medida que a corrente me levava para longe da borda de 15 metros de comprimento do redemoinho. Chutando os tênis para fora dos pés, nadei com afinco, avancei pelo redemoinho e fiquei a 1,5 metro da margem, em águas profundas, mas não conseguia me aproximar da terra firme. A corrente do redemoinho circular era forte demais para eu superar. Enquanto dava uma braçada após a outra, via a margem passar por mim. Chad e Jean-Marc estavam me observando e gritaram:

— Aron, você precisa de ajuda?

O meu orgulho respondeu:

— Não, eu vou conseguir — enquanto eu dava o primeiro gole de água do rio.

Chad deve ter percebido o pânico na minha voz, porque correu pela borda atrás da praia estreita até o local do acampamento, a uns 15 metros de distância, enquanto eu tornava a girar na jusante do redemoinho. Empurrado da margem pela corrente revolta, eu era rapidamente pego pela correnteza principal e o ciclo começava a se repetir. Quando tentei desabotoar a camisa de manga comprida para aliviar o arrasto, instantaneamente submergi e não consegui tirar mais do que um botão apenas antes de precisar de ar. O contato gelado do Colorado apertava o meu peito, tornando a minha respiração rasa e ofegante. Depois de engolir três goles de água e imergir uma segunda vez, desisti de tirar a camisa. As paredes do cânion erguiam-se direto da água em penhascos de 60 a 90 metros, por uns 900 metros, até o rio virar à direita e desaparecer na curva. Eu sabia que, se fosse arrastado para depois do redemoinho do riacho Havasupai, me afogaria muito antes de ter outra chance de sair do rio, e na verdade seriam mais 160 quilômetros de rio até a corrente cuspir os meus restos em uma praia na extremidade do lago Mead. Uma manchete de jornal surgiu de repente à frente dos meus olhos: engenheiro idiota afoga-se no grand canyon, corpo encontrado no lago mead.

Eu me debati na água, me esforçando contra o redemoinho e gritei:

— Socorro! Socorro!

Chad chegara à borda de volta do acampamento.

— Jean-Marc, pegue!

Chad lançou uma corda enrolada do equipamento para Jean-Marc, que estava a 4,5 metros de mim.

— Aron, segure firme!

Ele atirou a corda, mas ela caiu no redemoinho, no lado contrário da minha posição, e rapidamente flutuou fora do meu alcance.

— Unnnnggh — grunhi.

Eu continuava a nadar o máximo que conseguia em direção à praia. O frio estava me debilitando, entorpecendo as minhas pernas, os meus braços e o meu interior. Jean-Marc recolheu a corda e atirou-a de novo, mas a correnteza do redemoinho já me arrastara para longe da margem e para dentro da força esmagadora do Colorado. Concentrando-me na linha do redemoinho, bati as minhas letárgicas pernas e me forcei a dar braçadas em estilo livre. Não vi Jean-Marc estender a corda para Chad, mas quando surgiu de novo no redemoinho, cinco segundos depois, Chad já lançara a corda e estava gritando.

— Aron, segure a corda! Vamos! Ela está bem aí!

Estendi o braço para a direita e mergulhei a mão sobre a corda preta enquanto ela derivava solta no redemoinho. Chad deu um puxão para me prender e não consegui segurar a corda. O golpe da decepção quase me afogou. Certo de que não sobreviveria a mais uma volta, pedi:

— Me ajude! Lance de novo!

As minhas braçadas eram desesperadas, mas fracas. O lançamento precisava ser perfeito. Qualquer erro e eu estava morto. Três segundos depois, a corda voltou e enroscou-se sobre o meu ombro direito. Um milagre! Agarrei-a com as duas mãos, enrolando o pulso esquerdo na corda duas vezes enquanto o meu corpo esmorecia. Tomando fôlego uma última vez, deixei a cabeça pender na água e senti a tensão aumentar na corda, apertando o meu pulso, mas não me preocupei. O meu único pensamento era uma esperança de que a corda não arrebentasse. Primeiro as minhas mãos e depois os braços e o peito esfregaram-se na areia, e Jean-Marc estava me agarrando por baixo dos ombros. Senti-me enjoado, frio, apagado e apático. Estava seguro, por fim, mas mais exausto do que imaginava. Uma voz falou:

— Ah, meu Deus, você está respirando?

Eu fiz que sim com um movimento de cabeça.

— Obrigado... obrigado... — eu ofeguei entre a respiração entrecortada, a cabeça enterrada entre os braços estendidos, o rosto na areia.

— Jesus, você quase morreu! — Jean-Marc estava aborrecido e estressado, mas Chad estava calmo.

— Vai ficar tudo bem. Você está seguro. Como está se sentindo?

— Estou com frio. — Fiz uma pausa e estremei. — Acho... que engoli... um monte de água. — Rolando para o lado para me sentar, lentamente flexionei as pernas e segurei o estômago inchado, gemendo de dor, querendo vomitar, mas estava fraco demais para conseguir.

Fiquei uns cinco minutos inteiros descansando, olhando para o redemoinho onde quase respirei a minha última golfada de ar, antes de conseguir levantar. Chad ofereceu-me um blusão seco e eu dei uns passos trôpegos, tentando recuperar o equilíbrio. Mesmo seco, ainda sentia calafrios e precisava continuar me movimentando. Entretanto, nauseado pela água do rio, mal conseguia me equilibrar em pé. Jean-Marc observou-me quando subi na saliência de ardósia onde estivemos empoleirados, e precisei me sentar e dar um tempo enquanto eles guardavam os suprimentos do acampamento. Estávamos relaxando e, depois da descarga de adrenalina, sentimo-nos todos um pouco alegres.

— Não acredito na sorte daquele último arremesso. — Eu estava assombrado como em questão de segundos e de poucos centímetros a minha vida tinha sido salva.

— Não acreditei em você fazendo tipo: “Não, não preciso de ajuda... estou me afogando, mas está tudo bem” — Chad caçoou de mim.

Olhei para ele e sorri, e todos rimos.

— Vocês estão prontos para partir? Preciso manter o meu metabolismo em atividade.

— Certo, estamos prontos — disse Jean-Marc. — Calce os seus tênis.

— Ah. Eles já eram. Precisei tirá-los quando estava no rio. Vou fazer a caminhada de meias. — Os meus tênis estavam a meio caminho do México naquele momento, e as minhas sandálias estavam no acampamento de Havasupai.

— São 13 quilômetros, cara. Use as sandálias que tenho na mochila. — Chad inclinou-se e abriu as fitas de velcro. A papete era grande demais, mas era melhor do que nada.

Quanto mais andava, melhor eu me sentia. Repassamos o resgate e perguntei se Chad batera a fotografia de mim. Ele confirmou:

— Foi no meio do seu salto “iê-uou” quando pulou da rocha.

— Bem, então valeu a pena, já que você conseguiu a foto — disse com sarcasmo e dei um sorriso irônico. No fundo, estava contente em saber que tinha uma lembrança de um dos meus maiores momentos de estupidez de todos os tempos.

Enquanto seguíamos para o nosso acampamento, Jean-Marc mencionou que tinha uma garrafa de Stolichnaya em meio ao equipamento deles no alto da cachoeira Mooney, e sem mais nem menos, foi a única coisa em que nós três conseguimos pensar. Aceleramos nos últimos 5 quilômetros de subida, pulando troncos, chapinhando na água e escorregando na lama, em uma corrida de uma hora de duração para chegar logo à *happy hour* de Havasupai. Engolimos avidamente a maior parte da vodca de Jean-Marc, depois encontramos Sonja quando estava começando a escurecer, para nos reunir para nadar na grande piscina embaixo da cachoeira de Havasupai. Contando e recontando a história do meu quase-afogamento, entrávamos embaixo da cachoeira para reemergir à luz do luar como criaturas da Lagoa Azul. Depois de enxugar a vodca, o nosso grupo de quatro pessoas saiu da água bem depois de escurecer. Produzimos um bilhete falso de pedido de socorro para enfiar na garrafa antes de lançá-la pela cachoeira Mooney a caminho do seu destino. Imaginamos como ela faria a sua jornada por todo aquele caminho até o lago Mead, onde um usuário de Jet Ski encontraria a nossa mensagem: “Socorro! Estamos no Acampamento Havasupai. Envie mais vodca imediatamente! Emergência! [assinado] Jean-Marc, Chad e Aron, 29 de novembro de 1998”.

Uma hora depois, quando demos a noite por encerrada, Sonja e eu enfiámo-nos nos nossos sacos de dormir. Deitado ali, ao lado da minha irmã, eu contei a ela o que acontecera no Colorado. Sem brincadeiras, eu disse:

— Eu estava morrendo de medo, Sonja. Vi a manchete informando sobre a minha morte. Pensei que eu já era.

Choramos juntos, então mergulhamos no sono. Na manhã seguinte, guardamos o nosso equipamento para a caminhada de 16 quilômetros de volta ao meu carro, então posamos juntos para uma fotografia final junto à cachoeira de Havasupai, felizes por termos um ao outro. Essa se tornou uma das minhas fotos prediletas de nós dois.

Em dezembro de 1998, eu ainda não tinha escalado nenhum dos *fourteeners* (picos acima de 4.267 metros) no inverno. Na verdade,

escalara apenas sete no total, e todos em condições de verão. Planejei começar com os picos mais fáceis e não técnicos no início da temporada do inverno de 1998-99. Mesmo essas montanhas menos exigentes requereriam um conhecimento de deslocamento seguro pela neve e experiência nas condições climáticas do inverno. Na última viagem de treinamento que Mark e eu fizemos, antes de eu partir para as minhas férias de inverno, tentamos a montanha Engineer, no sudoeste do Colorado, próximo a Durango. A situação era difícil, em razão de uma nevasca na área lançar neve em condições de visibilidade de 15 metros. Por cerca de um terço do caminho, ancoramos na subida e passamos o final da manhã e início da tarde cavando poços de estudo da neve. Mark mostrou-me como verificar a dureza, a coesão e o potencial de avalanche das camadas de neve, algo que se tornaria rotina para mim como parte do meu projeto com os *fourteeners*.

Dois dias depois, em seguida a um dos melhores dias de prática de esqui de toda a minha vida — em 90 centímetros de neve em Wolf Creek —, Mark e eu descemos para Alamosa no meu cupê esportivo totalmente carregado para conseguir um quarto de hotel para nos recuperar da nossa farra na neve. Tínhamos esquiado juntos regularmente em 1997, o ano da grande nevada, normalmente acampando com tempo de zero grau na traseira do *pick-up* Tacoma dele em estacionamentos das áreas de esqui, sentados na caçamba comendo mingau de aveia quente, direto da panela no fogão de acampamento, e observando a chegada dos outros esquiadores. Essa época foi ainda mais especial porque Mark estava de mudança para trabalhar em Alamosa durante o inverno.

De manhã, íamos cada um para um lado, e eu dirigia para o norte em direção a Fairplay, na região central do Colorado. O meu plano era tentar uma escalada de inverno em solitário do pico Quandary antes de visitar os meus pais no Natal. O fácil acesso ao Quandary no inverno e a curta rota pela linha da cumeeira torna-o o mais fácil dos *fourteeners* no inverno e um com uma baixa possibilidade de avalanches, um campo de provas ideal para testar as minhas habilidades de inverno e os métodos da escalada em solitário. O dia 22 de dezembro amanheceu claro e frio, mas com uma corrente de vento gelado soprando através dos picos altos. Eu comprara de Mark as suas velhas raquetes de neve e, enquanto as prendia nas minhas botas de alpinismo de couro à prova d'água, afobava-me com uma empolgação infantil, sentindo que não se tratava apenas de outra

caminhada. Essa subida dos 4.348 metros do Quandary representava a primeira etapa de um compromisso importante, um envolvimento sério com o meu projeto. Parei no limite da floresta, os braços abertos, ponderando sobre aquele momento em que a preparação se transforma em desempenho.

O vento no meu rosto ocupou a minha atenção pela maior parte da subida suave. Tentei manter a cabeça recurvada e impedir que os meus óculos congelassem por dentro enquanto subia com dificuldade na neve até a elevação onde as árvores cresciam mais horizontalmente do que verticalmente. Rapidamente, deixei para trás até mesmo esses atarracados arbustos de zimbro. Mais no alto, o vento varria o acúmulo de neve para a tundra espalhada sobre a rocha abaixo. Deixei as minhas raquetes de neve em um pequeno monte de terra sobre a colina em um ponto acima dos 3.650 metros. Olhei para sudoeste, onde o grupo de montanhas da formação Lincoln, com os seus mais de 4.267 metros de altura, era claramente visível. O vento passava direto através das aberturas de ventilação dos meus óculos, fazendo os meus olhos lacrimejarem, enquanto os picos cobertos de neve flutuavam sob o céu azul.

À medida que deixava cada vez mais a atmosfera e a sua poluição abaixo de mim, o céu ia passando do azul mediterrâneo para um cobalto forte e um tom índigo. Imaginei que poderia caminhar até o céu tornar-se preto e, para mim, por algumas horas, o céu no meu mundo era de uma cor diferente da que todo mundo vê normalmente. Pensei sobre a possibilidade de ser a pessoa na posição mais elevada do Colorado naquele momento e isso pareceu extremamente provável — praticamente ninguém escala *fourteeners* no inverno. Considerando que estávamos fora da temporada para as outras montanhas elevadas da América do Norte, imaginei que havia uma boa possibilidade de que fosse também a pessoa em uma posição mais elevada do continente.

Com a corrente de vento a sensação térmica era de 6°C negativos e eu não me liguei nisso quando planejei guardar alguns alimentos nos bolsos da calça. No topo da montanha, descobri que as garrafas de água que comprara tinham congelado completamente e as barras de chocolate achavam-se ressecadas pelo frio nas suas embalagens. Não estavam comestíveis, então eu chupei uma como se fosse um picolé até lambe-los todo o chocolate que recobria o recheio de amendoim.

Descendo com o vento nas costas, quase levantei voo do topo da montanha enquanto corria em saltos decididos até as minhas raquetes de neve. Após o *stress* físico da escalada, pude comemorar a minha conquista. Calcei as raquetes e refleti sobre o dia, especialmente sobre como poderia conservar a comida e a água frescos durante a escalada — nem sempre seria uma jornada curta assim, onde poderia ficar sem comer e beber. Na verdade, a fome apertava o meu estômago e deixava a língua pegajosa na boca. Precisava de um descanso e estava decepcionado por ter carregado todo aquele peso morto dos alimentos e da água congelados sem poder aproveitá-los.

Retornei ao meu carro e dirigi por duas horas até Denver, em direção à casa dos meus pais, explodindo de alegria com o início bem-sucedido do meu projeto. Haveria muitos mais êxitos e oportunidades para aprimorar o meu desempenho nas escaladas em solitário no inverno, mas essa me satisfez o ano inteiro, até escalar o meu segundo *fourteener* em dezembro de 1999. Nesse ínterim, mudei-me para o estado de Washington com o meu trabalho de engenharia, o que me proporcionou oportunidades no montanhismo que forçaram as minhas habilidades para o nível seguinte. A minha velocidade aumentou ao ponto de conseguir escalar mais de 900 metros verticais em uma hora com um mochila de quase 10 quilos; tornei-me um perito em usar solas com grampos; e saí com parceiros alpinistas para praticar o resgate de escaladores em fendas de geleiras e técnicas de deslocamento na neve em equipe com cordas, enquanto nos preparávamos para várias escaladas nos picos nevados Cascades — no monte Rainier, no monte Baker e no monte Shuksan. Durante os seis meses que passei em Washington, não houve um único fim de semana de bom tempo (no fim do verão, o recorde mundial de precipitação de neve anual fora estabelecido no monte Baker), mas assim mesmo não passou um único fim de semana que eu não fosse praticar montanhismo. Descobri que, se fosse esperar pelo tempo, nunca faria nada, então me virava com roupas ensopadas, uma barraca embolorada, noites frias ao relento no meio do verão e vistas de picos menos compensadoras de dentro das nuvens.

No monte Rainier, aprendi o que significava ficar em um abrigo provisório ao ar livre depois que o meu parceiro Paul Budd e eu fizemos a travessia sobre o pico, subindo pela rota de Kautz Ice Chute e depois — por nos faltarem parafusos de gelo e por causa de uma tempestade de neve — descendo pela rota padrão de Disappointment Cleaver. Com o nosso

equipamento de acampamento, suprimentos de comida e água a 3.300 metros do outro lado da montanha, tiramos a 3.000 metros durante oito horas enquanto um frio de 12°C negativos drenava o calor do nosso corpo. Durante essa epopeia, escalamos mais de 4.500 metros verticais em 24 horas (tivemos de escalar de novo o pico para recuperar o nosso equipamento) e ficamos 66 horas sem dormir por causa das tempestades.

Paul e eu fizemos um esforço monstruoso que mostrou novas profundidades para a minha força; essas eu viria a suportar no fim de semana seguinte, quando voltei com o meu amigo Judson Cole, do Arizona, e escalamos a rota convencional de Disappointment Cleaver de uma vez só, indo da área da base de Paradise até o pico e voltando em catorze horas. Em uma jornada de escalada de resistência, acompanhei um grupo de três companheiros do ACME Mountain Club para uma subida da Face Norte do monte Shuksan, uma das montanhas mais lindas do mundo e ainda uma das maiores escaladas que já fiz. Mas a aproximação para a escalada foi a prova do adágio: “Se você quer chegar ao céu, precisa passar pelo inferno”. A nossa equipe embrenhou-se por uma floresta com uma vegetação rasteira tão densa que arrancou uma das minhas ferramentas de neve da minha mochila nas costas sem que eu sequer notasse. Perdi também o nosso único mapa, enquanto escorregava a cada dois passos na encosta escarpada com uma cobertura escorregadia de 5 centímetros de galhos de amieiro. Felizmente, conhecíamos a rota bem o bastante e éramos capazes de continuar, apesar de avançar menos de 2 quilômetros em quase oito horas de caminhada durante a noite.

De manhã estávamos exaustos por causa da terrível caminhada. Depois de nos reorientar à luz do dia, atingimos um rebordo a 1.500 metros ao norte da montanha e desmoronamos para uma hora de soneca. Ao meio-dia, acordamos e nos preparamos com corda de proteção contra quedas em uma fenda, enquanto escalávamos as geleiras no alto da montanha. Uns 300 metros acima, no meio da rampa ligando as duas geleiras da Face Norte, quando o meu colega de corda Bruce e eu avançávamos por um campo de destroços de avalanche, ouvimos um rumor distante muito acima de nós.

Os nossos parceiros à frente começaram a gritar para correremos. Sem ver o que o outro estava fazendo, Bruce e eu corremos três passos, um para longe do outro, e a corta se retesou, obrigando-nos a fazer uma parada cômica. Foi um momento que eu recontei mais tarde, engasgando de tanto

gargalhar, mas que me deixou à beira de um ataque de pânico na ocasião. Voltei-me para Bruce.

— POR AQUI! — gritei acima do trovão ainda invisível e dei uma puxada forte na corda.

Corremos os dois a toda velocidade através do campo nevado, cegos de terror. Com as pesadas botas de montanha, os grampos na sola e mochilas com mais de 20 quilos de peso, correr com rapidez revelou-se um pesadelo. O tempo corria devagar; parecia que corríamos no mesmo lugar. De repente, o ruído tornou-se mais alto e então paramos, como se tivéssemos entrado em uma sala à prova de som. Dei uma olhada por cima do ombro.

De um penhasco nevado acima de nós e a meio caminho do outro lado da passagem, um rochedo do tamanho e com o formato de um ônibus precipitou-se no ar, girando e oscilando violentamente como uma bola de futebol americano arremessada. A visão me fez parar horrorizado ao mesmo tempo que gritava para Bruce:

— CORRA! NÃO PARE DE CORRER!

Não sei dizer se ele já fazia ideia de onde o rochedo deveria cair e tínhamos apenas uns dois segundos para que nós dois descobríssemos da pior maneira possível.

Naqueles últimos segundos alongados, Bruce nem sequer levantou os olhos — ele simplesmente correu o mais que pôde na minha direção. Eu agarrava a corda, lançava-a para o lado descendente da montanha e puxava enquanto ele corria, tentando evitar que a corda se enroscasse nos grampos dos pés dele. Uma descarga furiosa de adrenalina contorceu o rosto de Bruce enquanto o rochedo colossal completava o seu voo meteórico em uma fantástica explosão de neve a uns 50 metros acima e — graças aos céus — a uns 40 metros atrás de Bruce. Com a força do seu impulso apenas parcialmente absorvida, o rochedo escorregou sobre os nossos rastros como um trem descarrilado, acelerando até ir parar na borda da fenda quase na velocidade máxima de uma autoestrada.

O som morreu completamente. Nenhum de nós podia acreditar na velocidade com que aquela sequência de acontecimentos se desenrolara. Bruce não vira o rochedo em nenhum momento; ainda estava correndo quando conseguiu sair da geleira. Conseguíamos nos salvar de quase nos perder e nos reagrupamos em meio a um ciclone de tapinhas nas costas.

— Têm certeza de que nenhum dos dois precisa trocar de cueca? — um dos outros gracejou.

Estávamos abalados e queríamos descansar, mas estávamos igualmente os dois determinados a continuar e fazer o nosso acampamento no alto antes de ficarmos sem a luz da tarde.

Depois de ir na frente por 30 metros verticais, a outra equipe de corda deixou essa tarefa mais difícil para Bruce e para mim. Ainda se recuperando da exaustão emocional, Bruce não estava pronto para os lançamentos de pés, para martelar piquetas de neve e carregar o fardo psicológico de estar na frente. Reuni as piquetas, tomei emprestado o martelo de neve em substituição temporária da minha segunda ferramenta perdida e me separei dos outros, que seguiriam assim que eu estivesse a um comprimento de corda acima deles. Cravando as pontas da frente dos meus grampos da bota na borda da cobertura de neve de final de verão, segurei as minhas ferramentas de neve como adagas, com as mãos envolvendo as empunhaduras para o alto.

Caí em um ciclo de movimentos, inicialmente precipitando a machadinha à direita na crosta acima do meu ombro, depois lançando o pé direito através da crosta e comprimindo um passo. Enquanto me apoiava no pé direito, a sequência continuava do outro lado. Quando comecei, tinha aproximadamente 600 metros de encosta branca virgem erguendo-se íngreme acima de mim. Sem marcas no terreno, o campo desimpedido abria-se indeterminadamente. Mesmo o horizonte das encostas de geleiras superiores, avançando a perder de vista acima de mim, pareciam fixas a uma distância inacessível. A minha única indicação de progresso era o grito ocasional de Bruce informando-me que escalara outro comprimento de corda e era o momento de bater uma outra piqueta. Ao sinal dele, em uma série de movimentos suaves, eu tirava uma peça de metal cortada em “T” de 60 centímetros de comprimento da aljava da minha mochila, segurava-a contra a encosta e golpeava com o martelo na parte de trás da minha ferramenta de neve à direita até que estivesse praticamente enterrada. Prendendo a corda através do mosquetão contíguo, protegia a Bruce e a mim contra uma queda. A nossa segunda equipe usava as mesmas piquetas, depois as removia quando o último homem passava cada estaca na neve.

À minha esquerda, a encosta descia para o mesmo penhasco gelado de onde observáramos o rochedo dar o seu espetáculo aéreo. Procurei me

concentrar, preocupando-me em controlar eficientemente os movimentos do meu corpo. Os padrões da minha escalada assumiram um ritmo invariável, enterrar a machadinha, lançar duas vezes o pé, mudar de lado, enterrar, quique, quique, plum, quique, quique. Foi uma valsa que dancei com a montanha por uma hora encantada.

Quando o sol mergulhou em um banco de nuvens delgadas a 64 quilômetros acima do Puget Sound, a luz refratou no prisma de vapores oceânicos e o monte Shuksan cobriu-se com o seu mais belo traje noturno. Olhei por cima do ombro direito para observar as luzes de Victoria iluminarem a linha costeira da ilha de Vancouver. Enquanto o pôr do sol espalhava um vinho clarete sobre a denteada serra Picket e os picos vizinhos das North Cascades, achei cada vez mais difícil apoiar-me nas minhas machadinhas, até que finalmente empertiguei-me e caminhei por 10 metros sem os passos forçados. Estava no topo da geleira, perto de 2.700 metros acima do nível do mar. Olhando à frente, admirei a pirâmide negra do pico simétrico do monte Shuksan projetando-se dos campos nevados em volta. Assim que a corda permitiu, caminhei na direção de um cilindro convexo no planalto branco que dominava as vistas do monte Baker, do Puget Sound, das North Cascades e do sul da Colúmbia Britânica, e tomei uma decisão executiva de que esse seria o local do nosso acampamento naquela noite. Se a escalada primorosa da tarde tinha sido uma recompensa para a tortura da travessia dos arbustos da noite anterior, então o calmo esplendor desse acampamento era o prêmio para o terror provocado por aquele rochedo. Os meus companheiros exaustos chegaram um por um com cumprimentos pelo meu progresso na encosta e pela escolha do local do acampamento, e fomos nos aprontar para o jantar e descansar.

A nossa aventura no monte Shuksan não acabara. Considerando que ainda não chegáramos ao topo da montanha — e na realidade estivéssemos no lado oposto da pirâmide do pico na rota mais rápida para o topo — tínhamos um longo dia pela frente quando o domingo amanheceu brilhante e claro. Rodeando as muralhas da pirâmide negra pelo leste e depois pelo sul, fomos forçados a deixar de subir os 150 metros finais para o ponto elevado do pico para podermos explorar as três principais ravinas que partiam do lado leste da geleira ao sul da montanha. Sem o mapa, tínhamos pouca certeza da nossa descida e, embora considerássemos a descida a escalada mais íngreme da viagem — através de um túnel de gelo

em um *bergschrund* (uma fenda criada onde a cabeça de uma geleira se afasta da rocha adjacente), descendo pela rocha vertical do Fisher Chimney e subindo até uma chegada fatigante para atingir a área de esqui do monte Baker — estava escuro de novo antes de nos acharmos fora da montanha.

Uma semana depois da escalada do monte Shuksan, fui transferido no trabalho para o Novo México e imediatamente entrei para um grupo de busca e salvamento ao qual Mark pertencera por cinco anos. O Albuquerque Mountain Rescue Council, a principal equipe do estado para resgate técnico em rocha, proporcionou-me um treinamento e uma experiência incomparáveis, e apresentou-me a praticamente cada um dos meus parceiros de escalada dos três anos seguintes. Morar em Albuquerque também me proporcionou um acesso mais direto aos picos do Colorado onde passava uma média de cinco dias escalando por mês, o ano inteiro.

Com as minhas aventuras de verão nas altas montanhas de Washington, e mais tempo para treinar nas montanhas do Colorado, tinha obtido uma quantidade significativa de experiência que me preparou para uma programação cheia de subidas de inverno nas altas montanhas durante a estação de 1999-2000. Entretanto, eu ainda estava à mercê dos deuses da montanha. Ventos de mais de 160 km/h me castigaram sobre o planalto do pico do monte Bross em 22 de dezembro, jogando-me várias vezes para fora. O tempo todo eu me arrastava e lutava para me equilibrar, sem saber que a moldura metálica da minha lanterna de cabeça sugava o calor da minha testa em uma amarga insensibilização térmica, deixando uma marca avermelhada gorbacheviana de uma ulceração produzida pelo frio, entre as minhas têmporas. Reuni-me com a minha família naquela noite em Denver com uma fronte púrpura ridícula que se reduziu aos poucos a uma mancha marrom, como a marca de uma queimadura solar branda, depois de quatro dias.

Nos três dias depois do Natal daquele ano, eu cheguei ao cume de cinco *fourteeners*; dois dias depois, comemorei a virada do milênio nos Everglades da Flórida com cerca de vinte amigos (e mais 8.000 fãs) no meu quinquagésimo show da banda Phish. Eles tocaram sem parar da meia-noite até o amanhecer, praticamente oito horas, em uma maratona incomparável. Posteriormente, na primavera, quatro dos meus amigos e eu

decidimos ir ao Japão naquele verão para ver a banda tocar em uma turnê completa por locais pequenos; enquanto estivemos lá, também caminhamos ao topo do monte Fuji, a primeira vez que cheguei ao ponto mais alto de um país.

Antes do final do inverno de 2000, escalei em solitário mais seis *fourteeners* no Colorado, incluindo a moderadamente técnica montanha Kit Carson e o pico Blanca, ambos ao sul da serra Sangre de Cristo. Em 16 de janeiro de 2000, depois de arrebatrar a primeira subida documentada do milênio no Blance e o seu pico irmão, Ellingwood Point, desci rapidamente sobre um fino campo de neve que mal cobria algumas pedras por baixo. Em cerca de 3.600 metros, atravessava a crosta nevada com o joelho direito à frente, pela centésima vez — machucava e arranhava as minhas canelas quando me esfregava na borda da frente da crosta toda vez que tropeçava — mas dessa vez não consegui puxar a minha perna de um buraco. Eu puxava e puxava sem resultado; uma rocha mudara de lugar sob a neve, aprisionando o meu pé e o tornozelo. Não havia muita pressão contra o meu pé, mas a bota estava bem presa e eu não conseguia mover a rocha da minha posição inclinada para a frente. Precisaria cavar na neve, depois mover as rochas para soltar a minha bota, o que seria mais fácil se eu não estivesse preso no lugar. Correndo a mão por dentro do buraco, soltei o cadarço, puxei o pé para fora da bota e rolei para o lado esquerdo, tentando manter o pé só de meia fora da neve. Quinze minutos depois, havia recuperado a bota. A experiência deu-me motivo para imaginar o que poderia ter acontecido se não só a minha bota, mas a minha perna tivesse ficado presa, ou se eu torcesse o tornozelo ou até mesmo quebrasse a perna. Teria conseguido sobreviver a uma noite ao relento? Eu tinha uma sacola com um saco de dormir térmico comprimido no fundo da mochila, e um fogão e combustível, mas as temperaturas à noite eram tão baixas que eu tinha as minhas dúvidas. Considerando o acidente como um pequeno atraso, assim mesmo evitei dois outros campos rasos encavados na pedra durante o resto da descida.

No transcorrer do inverno, aprendi sobre o conceito de “jogo extremo” (*deep play*, em inglês), no qual a busca de diversão de uma pessoa contém um bruto desequilíbrio entre risco e recompensa. Sem o potencial para nenhum ganho externo real ou percebido — fortuna, glória, fama — a pessoa se põe em cenários de riscos e consequências reais exclusivamente

para o benefício subjetivo: diversão e esclarecimento. O jogo extremo explicava exatamente o meu projeto de escalar os *fourteeners* no inverno, especialmente ao começar uma escalada encaminhando-me para uma tempestade, aceitando o mau tempo como parte da minha experiência naquela jornada. Sofrimento, frio, náusea, exaustão, fome — nada disso importava absolutamente, era tudo parte da minha experiência. O mesmo também se aplicava à alegria, euforia, conquista e satisfação. Descobri que não podia estabelecer o intento de ter uma determinada experiência — precauções com segurança e controle dos riscos à parte — a minha meta em vez disso era estar aberto para o que o dia me proporcionaria e aceitar isso. As expectativas geralmente levam ao desapontamento, mas ser aberto ao que quer que haja levam à sensibilidade e ao prazer, mesmo em condições severas. Mark Twight, um alpinista americano com uma extraordinária história de sucesso e desventura no nível de montanhismo mais extremo, escreveu em um ensaio sobre alpinismo: “Não precisa ser divertido para ser divertido”. Exatamente.

Nas duas temporadas de inverno seguintes nos *fourteeners*, eu enfrentaria subidas cada vez mais difíceis; entretanto, deixara os picos mais técnicos e remotos para a segunda metade do projeto. Com o tempo, tornei-me mais eficiente nos meus métodos de escalada e acampamento, e obtive ganhos em preparo físico e aclimatização, o que me permitiu tentar rotas mais longas e mais extenuantes. Sempre estabeleci um itinerário e comuniquei o meu tempo de retorno esperado aos meus pais e companheiros de quarto, e escolhi rotas e ajustei a minha programação para minimizar a exposição a avalanches — o evento casual mais letal do projeto.

No fim de 2002, tinha completado 36 dos 59 *fourteeners*, em quatro invernos. As minhas conquistas eram maiores do que os números — eu estava criando sistematicamente para mim mesmo novas experiências que ninguém mais no mundo estava tendo. Era comum, quando me registrava no começo da trilha, ver que a última entrada antes da minha era de três, quatro ou às vezes até cinco meses antes. Em algumas ocasiões em que voltava a um pico no verão, a minha entrada era a única num período de sete ou oito meses. Com a solidão proveniente de estar em lugares há quatro meses intocados, eu experimentava uma sensação de ser o dono daquelas altas montanhas geladas, daqueles pequenos lagos nas montanhas, daquelas florestas profundamente úmidas; e uma sensação de

afinidade com os alces, veados, castores, arminhos, ptármigas e cabritos monteses. Quanto mais eu visitava a terra deles, mais ela parecia ser minha.

Nos matagais de salgueiro da bacia a oeste do monte Evans, quase tropecei num ptármiga branco como a neve que arrulhou e piou ao sair do meu caminho no último instante. Inclinando-me para o pássaro, entrei num transe nos seus olhos retintos. O universo se expandia; nenhum de nós se moveu. Senti uma ligação com aquele pequeno tufo de penas no seu travesseiro de neve de cor semelhante que pareceu superar a minha ligação com a minha própria espécie. Com a nossa coexistência no panorama invernal, compartilhávamos mais do que eu dividia com os outros humanos que jamais incursionariam por aquele mundo. Bati uma foto para mostrar aos amigos, mas apesar da minha explicação, eles viram apenas o ptármiga, não a ligação.

Aqueles lugares, e as experiências que tive neles, eram meus e somente meus. As sensações de solidão, propriedade e adequação que experimentei naquelas viagens estavam criando um mundo particular que, por definição, era impossível compartilhar. Não obstante, eu tentava. Tirava fotografias e postava online álbuns das minhas viagens; no entanto, as imagens foram insuficientes. Elas não tinham êxito porque eram distantes em tempo e lugar do que passei ao estar *naquele* lugar e *naquela* hora. Para uma pessoa sentada num escritório ou em uma sala de estar, uma fotografia de um pôr do sol numa montanha no inverno é apenas uma fotografia. Para mim, era a experiência de bater a fotografia. Por exemplo, depois de caminhar por oitos horas com raquetes de neve com a minha mochila de 25 quilos subindo o vale de Cottonwood Creek, através de uma floresta desconhecida com uma neve em pó e passar por cascatas congeladas, alcancei o desfiladeiro a 3.960 metros entre os picos Electric e Broken Hand. Com um privilégio à altura de uma pintura de Albert Bierstadt, assisti ao pôr do sol de luz avermelhada do primeiro solstício de inverno transformar as formações de rocha cobertas de neve do Crestone Needle em uma montanha roxa tão majestosa que chorei diante da sua beleza. Uma foto não faria justiça a essa experiência — por maiores que fossem os meus talentos fotográficos, não conseguiria fazer o espectador sentir a combinação transcendente de esgotamento, fadiga, hipóxia, elação e realização pessoal que senti ao presenciar uma vista tão sublime, naquele instante, entre o dia e a noite.

Quanto mais eu prosseguia com o meu projeto solitário de inverno nos *fourteeners*, maior se tornava esse mundo particular, e maior o entrelaçamento com o sentido da minha vida pessoal. Escalar aquelas montanhas no inverno sozinho não era só algo que fazia; aquilo se tornou quem eu era. Não guardo desilusões quanto à dificuldade do projeto em relação às rotas de alpinismo de classe mundial, nem me comparo com os alpinistas de elite, mas toda vez que escalava outro pico elevado, explorava e desenvolvia outra parte de mim.

Deixei os meus primeiros rastros de esquis numa arremetida de volta à terra na face inferior sul do monte Harvard com os meus esquis classe *telemark*, os únicos traços de passagem humana que o pico veria por seis meses. Vi três lobos correndo a uns 800 metros em 90 centímetros de neve através de uma campina a 3.350 metros de altura na face oeste do monte Massive — ainda mais impressionante do que a sua força e graça era o fato de que anteriormente, até aquele dia de março de 2002, os lobos tinham estado extintos no Colorado por mais de seis décadas. Presenciei tempestades e conheci a sua fúria com intensidade e júbilo, carregando o meu rosto de pingentes de gelo no pico Umboldt e abrindo os braços como asas no vento sobre o topo do pico Torreys. Aqueci-me aos raios de sol de um meio-dia perfeitamente calmo e anormalmente quente no alto do monte Yale e congelei embaixo da minha jaqueta mais grossa no monte Sneffels.

À medida que a minha paixão e a minha dedicação à vida ao ar livre se aprofundavam, o meu tempo nas montanhas deixava-me com um desejo singular de mudar-me de volta para o Colorado e continuar a minha evolução a partir de uma casa no interior do sertão. Estava completamente exausto de trabalhar em uma empresa grande. Então, no início de 2002, surgiu a oportunidade de escalar o Denali com um grupo de atletas do mais alto nível. Mas sem o tempo de folga necessário para participar da expedição, tive de fazer uma escolha entre seguir a minha felicidade e manter o meu emprego na Intel. No fim, nem mesmo senti como um sacrifício pedir demissão, vender a maioria dos meus pertences e acomodar os meus brinquedos de exploração da vida selvagem na minha caminhonete Toyota Tacoma de três anos de idade (completa, com uma capota de borracha na caçamba para acampamento). No meu último dia de trabalho, uma quinta-feira, 23 de maio de 2002, redigi um e-mail para os meus amigos, anunciando a minha nova iniciativa, citando Goethe: “Não

importa o que possa fazer, ou sonhar fazer, comece agora. A coragem contém em si o gênio, o poder e a magia”.

A maioria dos meus colegas encorajou-me na transição, mas houve alguns poucos que mal acreditaram no que estava lhes dizendo — que estava me demitindo, não tinha outro emprego em vista e não ia voltar para a escola. Isso não era algo que os engenheiros da Intel faziam. Mas, aos 26 anos, depois de uma carreira modesta de cinco anos, eu oficialmente me aposentei. “Ter um emprego numa grande empresa” juntava-se a “morar a leste das Montanhas Rochosas” em uma lista de dois itens das coisas que prometi nunca mais fazer na minha vida. Assim começou uma jornada que me levaria ao cume do Denali, a montanha mais alta da América do Norte, através de 38 estados e do Canadá em seis meses, e terminaria em um lugarzinho chamado Aspen, no Colorado, a 2.400 metros de elevação.

CAPÍTULO CINCO

SEGUNDO DIA: OPÇÕES FRACASSANDO

Amanhecer no deserto

Clareia cedo, desperta a sua canção

No sopro de vida que sobe da

Rocha brilhante

Sentir a razão do tempo, suave contra a sua pele

Cheirar o hálito das flores dançando no vento

Dançando no vento

— String Cheese Incident,
com a letrista Christina Callicott, “Desert Dawn”

À medida que a manhã esquenta, não preciso mais bater com a minha faca improdutivamente contra a rocha só para me manter aquecido. A mão que a segura, dolorida, implora por uma mudança de rotina, então paro de cortar e lascar por mais um tempo. Mesmo sem dormir, sinto uma energia maior da luz ambiente no cânion. Ela me anima do mesmo modo que o amanhecer o fazia quando caminhava pela noite. Hoje, no entanto, não há um fim à vista. Essa não é uma escalada com um passo final ou caminhada de resistência que acaba depois de um determinado período de tempo. A minha luta contra o rochedo não tem fim. Ficarei aqui até resolver esse problema ou morrer.

Das histórias de sobrevivência no deserto que li, sei que a desidratação pode matar por mecanismos ligeiramente variáveis, mas, fundamentalmente, todos estão ligados aos seus órgãos não receberem nutrientes adequados a um ponto em que param de funcionar. Algumas pessoas expiram depois que os seus rins entram em colapso e a própria toxicidade do corpo as mata; outras pessoas subsistem até o coração parar. Sob esforço em ambientes quentes, a desidratação pode levar ao supraaquecimento, e o seu cérebro efetivamente cozinha. Qualquer que seja a morte que me acometa, as convulsões e as câibras severas muito provavelmente irão anunciá-la. Começo a especular...

Imagino como será sentir uma falência dos rins. Nada bom, provavelmente. Talvez como quando se come demais e se sentem câibras

nas costas. Só que pior, posso apostar. Será um caminho duro morrer. A hipotermia seria melhor, se acontecer rápido. Pelo menos então poderia desligar num torpor mental e não sentir nada. A temperatura não caiu tanto ontem à noite, apenas chegando a cerca de 13°C. Não é um frio suficiente para uma hipotermia grave. Talvez a morte por uma inundação repentina fosse melhor? Não tanto. É melhor partir com um grito sufocado por uma parede de água enlameada, apagar silenciosamente em um coma induzido pelo frio, ou ter a experiência final de espasmos sufocantes de uma falência do coração? Não sei...

Mas estou pronto para a ação, não para morrer. É hora de instalar uma âncora melhor, que possa usar para operar um sistema de suspensão e tentar mover o penedo. Se conseguir girar a parte dianteira da rocha encravada, quem sabe uns 30 centímetros, seja capaz de puxar a minha mão para fora, embora seja um longo caminho mover uma rocha desse tamanho. Talvez consiga mover a rocha para trás o bastante para aliviar o seu aperto e criar um vão de uns 5 centímetros — que é tudo o que preciso para tirar a parte mais espessa do polegar da arapuca. Sei que a dor será pior do que no acidente em si, porque será lenta e provocada por mim mesmo. A mão está insensível; já escrevi isso. Mas o que acontece quando o sangue recomeça a circular? Irá carregar o apodrecimento de volta pela corrente sanguínea e envenenar o coração? Do ponto de vista médico, tenho conhecimento sobre a ameaça potencial envolvida, mas disseminar toxinas parece uma consequência lógica se for capaz de libertar a mão de repente. É um risco que admito e que só posso ter esperança de correr.

A primeira medida na tentativa de criar uma segunda âncora é desengatar a minha fita amarela fluorescente estivada do seu mosquetão na parte de trás da cadeirinha. Desfaço o nó que prende as duas extremidades e estico os 7,5 metros de comprimento para a frente e para trás no topo da rocha encravada, tentando mantê-los bem separados do meu atual sistema de suporte da cadeirinha. Olhando para a parte superior do cânion a partir do meu ponto de amarração, imagino os contornos e bordas que possam existir ou não no topo das rochas encravadas que formam o banco de rochas em cima e à minha frente. Não prestei a atenção necessária à forma desse banco quando estava sobre ele ontem à tarde. Parece-me que uma saliência triangular baixa projeta-se do meio do banco a aproximadamente 2 metros acima da minha cabeça. Talvez, se houver um entalhe suficiente o bastante encravado na parte de trás da

saliência, uma tira da fita de náilon poderia agarrar e prender-se de cada lado da saliência sem escorregar por cima dela.

As minhas tentativas de atirar a fita sobre a saliência fracassam; o material não tem peso suficiente para que eu possa atirá-lo no ar com precisão. Quando consigo lançar alto o bastante, o tecido amarelo afasta-se sozinho da saliência, quase caindo da rocha como se ficasse de algum modo carregado de peso. Imagino uma solução e decido amarrar a extremidade não usada no momento da minha corda de escalar a uma extremidade da fita e tento atirar a corda sobre a saliência, depois puxando a fita sobre a saliência aproveitando o peso da corda. As doze tentativas seguintes— cada uma delas um esforço prolongado e entediante de recuperar e reorganizar a corda e a fita, e recompor o meu corpo na posição de um novo lançamento — fracassam igualmente. Consigo passar a corda sobre a saliência, mas, quando o nó escorrega sobre o topo, perde preciosos centímetros. Subsequentemente, a fita encontra-se adiantada demais do ponto do banco de rochas para prender em segurança sobre o arenito liso. Uma vez após a outra, a fita se solta e cai na areia do outro lado da minha rocha encravada.

Uma fissura no lado direito da saliência chama a minha atenção. Talvez eu possa passar a fita por aquele vão e conseguir um ângulo melhor para escorregá-la pela parte de trás da saliência com maior firmeza. Da próxima vez que arremesso e puxo a corda, no momento em que o nó está prestes a chegar ao topo da saliência, coloco a ponta da corda entre os dentes e delicadamente torço a fita. Ela reage escorregando de volta ao vão. Ahá! Dessa vez, puxo o nó sobre a borda do banco de pedras. Consigo ver a diferença no modo como a fita envolve mais além a parte superior até a parte de trás da saliência cor de salmão. Enrolando lentamente a corda, sei que consegui uma posição manobrável para a minha âncora. Desatando o nó que liga a corda e a fita, introduzo um anel metálico de rapel sobre a fita amarela e amarro uma série de laçadas de meia volta na fita até que ela pende em um laço com o anel embaixo. Puxo o laço com a mão esquerda, apertando o nó e testando a sua colocação ao redor da saliência. A fita não cede nem um pouco à medida que vou aplicando mais peso com o corpo. Está presa.

Consultando o relógio, noto que já passa das 11h da manhã de domingo. Gastei duas horas só para montar a reconfiguração da âncora, mas o esforço foi um sucesso sem comparação até o momento. O meu gole de

água prescrito aumenta a minha sensação de satisfação. Estou seguindo bem a disciplina e estou contente comigo pela conquista representada pela montagem da âncora a partir de baixo — com só uma das mãos, a propósito — ao redor de um local improvável.

“Bom trabalho, Aron. Agora, você só precisa mover a pedra. Não pare agora.”

Cortando a minha corda de escalar a cerca de 9 metros de uma extremidade, enrolo uma ponta da parte curta ao redor da minha rocha encravada e amarro sobre ela mesma. Em seguida, amarro a outra extremidade no anel de rapel — só consigo alcançar o anel com a mão esquerda. Sem esperar nenhum movimento da pedra, dou um puxão na corda. Com certeza, nada.

“Bem, pelo menos a âncora está resistindo.”

Preciso montar um sistema de polias para conseguir alguma vantagem mecânica. Com a curva solteira da corda, não consigo erguer a pedra por mais força que puxe a corda. A fricção no anel de rapel na verdade está causando uma *desvantagem* mecânica. Infelizmente, não tenho polias comigo; tenho mosquetões, embora eles apresentem uma perda por fricção muito maior. Tentando arrancar a âncora do bloco de mosquetões que usei antes para suspender a cadeirinha, sacudo a corda várias vezes até que o bolo enrolado de elos interligados se solta da fenda.

O tempo escoa para mim agora; estou totalmente concentrado no esforço de fazer o sistema com as cordas. Recorro ao meu treinamento de busca e salvamento e crio um esquema mentalmente para imitar um sistema técnico de içamento que usávamos para evacuar pacientes imobilizados de faces de rocha verticais. A equipe de resgate de Albuquerque ensinou-me dois métodos padronizados e escolhi entre eles, decidindo experimentar o sistema de polias em “Z” com um redirecionamento adicional da linha de içamento. Modificando o desenho típico do sistema em razão das minhas limitações de espaço e equipamento, acrescento voltas de Prusik de nós corrediços presos aos mosquetões, ligando a corda sobre si mesma. Com duas dessas mudanças de direção, teoricamente triplico a força aplicada no ponto de içamento — uma vantagem mecânica de proporção 3:1. Em virtude das minhas improvisações, a fricção do meu sistema provavelmente diminui essa vantagem para mais ou menos a metade, mas 1,5:1 ainda é melhor do que 0,5:1, como na minha primeira tentativa.

Ainda assim, o sistema é fraco demais. A rocha ignora os meus esforços. No fim da linha de içamento, prendo um conjunto de nós corrediços que escorregam em nós de aboçar, criando voltas para os pés. Pisando nas voltas, fico cerca de 60 centímetros mais alto no cânion, e embora esteja em uma posição incômoda em razão da mão presa, agora aplico a maior parte do peso do meu corpo na tração da linha de içamento. Provavelmente tripliquei ou quadruplei a força que poderia aplicar quando estava puxando a corda com uma das mãos. A linha de içamento está tensa, muito embora se curve nos mosquetões e o meu sistema funcione como projetado. Entretanto, uma vez que estou usando uma corda de escalar dinâmica, feita para distender-se e absorver a energia de uma queda na escalada, perco grande parte da força que exerço sobre a linha de içamento. Trabalhando com muito esforço durante horas de trabalho difícil, com diversas tentativas infrutíferas de erguer a fita da âncora alguns centímetros depois de prender outro nó acima do anel de rapel, não consegui sequer mover a rocha. Estou fazendo o melhor que posso com os meus materiais disponíveis. Talvez consiga montar um sistema 5:1 — tenho mosquetões e fitas suficientes — mas precisaria de outro espaço para o pé entre a âncora e a rocha para acomodar todas as outras curvas do sistema maior. Desencorajado pelo esforço e a falta de progresso mensurável, paro para um intervalo e olho para o relógio. Passa da uma da tarde e estou suando e arquejante.

De repente, ouço vozes distantes ecoando no cânion. A minha mente blasfema ante a surpresa animadora e a minha respiração repentinamente fica presa na garganta seca.

“Será possível? É a hora certa do dia — um grupo chegaria até esta parte e seria capaz de voltar para a bifurcação Oeste ou para entrada da trilha de Horseshoe à luz do dia. E exatamente como você imaginou, são maiores as chances de que os outros apareçam em um dia do fim de semana. Afinal de contas, foi como você veio aqui ontem à tarde.”

Mesmo raciocinando sobre a situação, tenho receio de me desiludir, que os sons estejam na minha cabeça. Prendendo a respiração, escuto.

Sim! Os ruídos são distorcidos e distantes, mas familiares: calçados raspando na areia. Provavelmente, é um grupo de canionistas seguindo pela primeira descida, lá atrás no tronco em “S”.

— SOCORRO!

Os ecos repetidos do meu grito desaparecem no cânion. Forçando-me a não respirar, espero ouvir uma resposta. Nada.

— SOCOOOORRO!

O tremor intenso do meu grito de desespero me perturba. De novo, prendo a respiração. Depois de o meu grito definhando no silêncio, não há nenhum som em resposta além das batidas do meu coração exacerbado. O momento crítico passa, as minhas esperanças evaporam e sei que não há pessoas neste cânion.

O meu moral despenca em uma pontada no peito, como da primeira vez que tive uma desilusão amorosa com uma garota. Então volto a ouvir ruídos. Dessa vez, estou mais calejado e espero. Os ecos que imagino ser de canionistas se aproximando se revelam tratar-se dos ruídos ásperos de um rato-canguru no seu ninho nos detritos espalhados ao redor da rocha encravada suspensa no alto e acima da minha cabeça. Giro o corpo e vejo a sua cauda passar por uma pilha de gravetos quando ele desaparece na sua toca.

Naquele momento, prometo a mim mesmo que só gritarei por ajuda uma vez por dia. Ouvir o timbre abalado da minha voz quase me deixou em pânico e gritar com mais frequência prejudicaria o meu esforço para manter uma atitude de calma e pensamentos equilibrados. Racionalmente, sei que não deve aparecer ninguém neste cânion até talvez o próximo fim de semana, quando as equipes de busca estiverem vasculhando o interior à procura do meu corpo. Uma vez que a minha voz pode ser ouvida até uns 50 metros de distância, no máximo, e as pessoas mais próximas estariam a uns 11 quilômetros de distância, não faz nenhum sentido ficar me assustando com os meus próprios gritos.

* * *

Por volta das 14h, reconsidero a minha situação e as minhas opções. Os meus esforços para esperar, esfolar a rocha e içar mostraram-se todos insuficientes. Pela primeira vez, considero seriamente a amputação do meu braço, refletindo sobre o processo e as suas possíveis consequências. Estendendo tudo o que tenho sobre as superfícies ao meu redor, reflito sobre o possível uso de cada item na minha cirurgia. As minhas duas maiores preocupações são uma ferramenta de corte que possa fazer o serviço e um torniquete que me impeça de ter uma grave hemorragia. Tenho duas lâminas no canivete multiuso: a lâmina de 4 centímetros é

mais afiada do que a de 7,5. Será importante usar a lâmina mais longa para entalhar a rocha encravada e preservar a lâmina mais curta para a possível cirurgia.

Instintivamente, entendo que mesmo com a lâmina mais afiada, não serei capaz de serrar os ossos. Uma vez eu vi os serrotes que os médicos da época da Guerra de Secessão usavam para amputar as pernas e braços dos pacientes nos hospitais no campo de batalha e não tenho nada que se aproxime nem mesmo de uma serra rudimentar. Tinha presumido que queria amputar o mínimo possível do meu braço. Esse parâmetro não declarado leva-me a pensar estritamente em termos de cortar os ossos do antebraço, em oposição a seccionar as cartilagens do cotovelo. Essa última possibilidade nunca me ocorreu, eliminando preventivamente o método mais provável.

Uma lembrança viva de um filme de um usuário de heroína injetando a droga ilegal com o auxílio de uma mangueira de látex cirúrgica enrolada no braço me dá a ideia de experimentar fazer um torniquete com a tubulação da minha CamelBak vazia. Corto o tubo para soltá-lo do reservatório e amarro-o com um nó simples ao redor da parte superior do antebraço, pouco abaixo do cotovelo. Ocorre-me fazer essa colocação sem considerar os pontos de pressão mais próximos do bíceps. Estou pensando que terei de torcer o tubo tão fortemente que lesionará permanentemente parte do meu braço; portanto, devo aproximá-lo o máximo possível do local do corte. O nó no tubo é frouxo e não consigo apertá-lo em volta do braço mesmo depois de refazê-lo três vezes: o material plástico é rígido demais para permitir que um nó pequeno permaneça engatado em volta do braço. Procuro ao redor uma vareta para colocar no torniquete, mas não encontro nada grosso o bastante para atender às minhas necessidades. Para apertar o tubo vou precisar de uma força que vai quebrar qualquer vareta que consiga encontrar e alcançar.

“Esta ideia não dá.”

Tenho um pedaço de fita roxa amarrada em uma volta que desfaço e amarro ao redor do antebraço. Um esforço de cinco minutos resulta em um nó dobrado, mas as voltas estão frouxas demais para impedir a circulação. De novo, preciso de uma vareta... ou posso usar um mosquetão e torcer as voltas para apertá-las com ele. Prendo nas voltas a abertura do meu último mosquetão não usado e giro duas vezes. A fita pressiona fortemente o meu antebraço, e a pele mais próxima do meu pulso adquire a palidez da

barriga de um peixe. Consegui modelar um torniquete eficaz, e ver o meu equipamento médico improvisado funcionar me dá um sutil sentimento de satisfação.

“Belo trabalho, Aron.”

De que mais vou precisar? Os fundamentos básicos dos primeiros socorros dizem para aplicar uma pressão direta sobre o ferimento, então vou precisar de alguma coisa para enrolar a extremidade do braço, minimizando qualquer vazamento de sangue que consiga vencer o torniquete. Os fundilhos acolchoados da minha bermuda de ciclismo dariam uma boa almofada absorvente, e com pouco mais de 1 metro de fita amarela da âncora, posso prender bem a bermuda na extremidade do braço. Então, posso prender o coto do braço dentro da minimochila da CamelBak e, com as duas correias ao redor do pescoço, o conjunto funcionará como uma tipoia, imobilizando o membro junto ao peito. Perfeito.

Apesar do otimismo, persiste uma corrente negra insidiosa por trás da minha reflexão. Embora a minha mente considere a perspectiva da amputação, a operação ainda é uma possibilidade teórica. Penso: “Se amputar o meu braço, como vou impedir a perda de sangue?” e “Se amputar o meu braço, como vou acolchoar e prender o coto do membro?” Considerando que a minha faca é cega demais, o restante do plano não é mais do que uma elucubração mental inútil. Enquanto não descobrir como serrar os ossos, a amputação não é uma opção prática; é mais uma discussão teórica que me permite ponderar todas as minhas opções. Penso no meu nível de coragem e como o meu estado mental mudará se resolver o dilema. Como teste, exponho a lâmina mais curta do canivete multifuncional e seguro sobre a pele. A ponta encaixa-se entre os tendões e as veias poucos centímetros acima do pulso aprisionado, mordendo a carne. A visão me repugna.

“O que está fazendo, Aron? Afaste essa faca do seu pulso! O que está tentando fazer, matar-se? Isto é suicídio! Não importa o quanto o seu torniquete seja bom, tem artérias demais no braço para estancar todas elas. Você irá provocar uma hemorragia. Cortar o pulso é o mesmo que apunhalar o intestino. Se conseguir serrar os ossos e se soltar, como vai conseguir sair pelo rapel? Esse torniquete não fará porcaria nenhuma de diferença... o pessoal do resgate vai encontrar o seu corpo degradado

dentro de um mês, todo comido pelos urubus no fundo desse cânion. Decepar o seu braço não passa de um suicídio lento.”

Sinto-me vagamente mal e deixo cair a mão esquerda, a faca afastando-se da minha pele. Não consigo fazer isso. Talvez não esteja pronto para fazer a amputação em momento algum. Talvez essa voz que argumenta comigo esteja certa, porém, talvez seja suicídio. Vou precisar de muito mais tempo nessa situação para apelar à amputação. Quem sabe, talvez alguma pessoa apareça por acaso amanhã. A única coisa que posso dar como certa no momento é que, se surgir a necessidade de uma operação prolongada e desagradável — como serrilhar os meus ossos como estava fazendo com a rocha encravada —, a minha força moral precisará estar o tempo todo elevada. Estremeço ao pensar nisso, fecho os olhos suavemente e a minha boca permanece aberta. Imagino o meu sangue espirrando nas paredes do cânion, a carne dilacerada e os músculos despedaçados do braço pendendo em tiras ensanguentadas dos dois ossos brancos manchados com torrões, em consequência dos meus últimos esforços para romper a moldura estrutural do meu braço. Então vejo a minha cabeça caída sobre o torso desfalecido, o corpo pendendo inerte dos ossos mal carcomidos pela faca. É como assistir a uma sequência final de um filme, sem a imagem sumindo no fundo preto. É o meu pesadelo acordado, uma premonição que me faz deixar a faca de lado sobre o patamar da rocha encravada e sentir uma ânsia de vômito.

Lentamente, eu pestanejo. A minha visão se borra numa vertigem nauseante, mas então se estabiliza e o meu equilíbrio retorna. Encerrada a doentia sessão de prática cirúrgica, reavalio a minha situação. Não tenho outras opções além das que já analisei e afastei como ineficazes ou letais. Muito embora tenha examinado detalhadamente cada circunstância potencial, no momento não posso seguir adiante com nenhuma delas. Estou encurralado por todos os lados. Vou morrer antes da chegada do socorro, não consigo escavar para soltar a minha mão, não consigo erguer o rochedo e não consigo decepar o meu braço. Pela primeira vez, uma forte depressão me abate profundamente. O otimismo que me animara durante o último dia se foi e me sinto solitário, irado e com medo. Choramingo comigo mesmo: “Eu vou morrer”. Provavelmente dentro de dois dias, não que importe quando.

Eu vou morrer aqui.

Vou definhar aqui.

Vou secar, caído aqui com o braço preso neste lugar, quando a desidratação decidir acabar com a brincadeira e finalmente me matar.

Por que ainda me incomodo em beber o pouco de água que tenho? Só estou retardando a minha provação. Funestamente, desejo que uma inundação relâmpago acabe com tudo. O pensamento de abrir os pulsos intencionalmente vem e vai na minha mente. O meu desespero se transforma em uma raiva adolescente. Odeio esta pedra. Eu a odeio! Odeio este cânion. Odeio essa laje fria como um necrotério pressionando o meu antebraço direito. Odeio o leve cheiro de barro do limo esverdeado que rebrilha suavemente no fundo da parede do cânion atrás das minhas pernas. Odeio a brisa que sopra poeira no meu rosto e a fraca meia-luz deste buraco claustrofóbico onde até mesmo o arenito parece ameaçador.

“Eu... odeio... isto!” Acompanho cada palavra com tapas da mão esquerda contra a rocha encravada enquanto as lágrimas inundam os meus olhos.

Os ecos da minha angústia reverberam adiante no cânion e desaparecem na tarde. Então outra voz, dessa vez dentro da minha cabeça, fala friamente.

“Esta pedra fez o que tinha de fazer. As pedras caem. Essa é a natureza delas. Ela só fez uma coisa natural que podia fazer. Ela estava pronta, mas esperava por você. Sem você aparecer para empurrá-la, ela ainda estaria encravada onde esteve por sabe-se lá quanto tempo. Você fez isto, Aron. Você criou isto. Você escolheu vir aqui hoje; você escolheu fazer essa descida pela fenda do cânion sozinho. Você escolheu não dizer a ninguém aonde ia. Você escolheu se afastar das mulheres que estavam aqui para impedir que se metesse neste problema. Você criou este acidente. Você queria ficar assim. Você vem se encaminhando para esta situação faz muito tempo. Veja como foi longe para chegar a este ponto. Não se trata de receber o que merece — você está recebendo o que queria.”

Compreender a minha responsabilidade pelas minhas circunstâncias aplaca a minha raiva. O meu abatimento permanece, mas paro de atacar a rocha. Um pensamento em particular circula por vezes seguidas na minha mente: “Kristi e Megan eram anjos enviados para me salvar de mim mesmo, e eu as ignorei”. Tudo acontece por uma razão e parte da beleza da vida é que não podemos conhecer essas razões com certeza, embora nesta questão aumenta a minha convicção. Elas podiam não ter asas nem harpas, mas Kristi e Megan entraram na minha vida para cumprir um propósito.

Elas estavam tentando me poupar do meu acidente. Estou convencido de que de algum modo elas sabiam o que iria me acontecer. Vezes sem conta penso na última pergunta de Kristi — “Que tipo de energia você acha que encontrará aqui?” — e na insistência repetida das duas, mas a minha teimosia e ambição trancaram os meus pensamentos com um cadeado. Eu me meti nisto. De algum modo, de alguma maneira sinuosa, é o que venho procurando a minha vida inteira. Como então vim parar aqui? Nós criamos a nossa vida. Não entendo plenamente por quê, mas pouco a pouco entendo que de algum modo queria que algo assim me acontecesse. Estava procurando uma aventura, e encontrei.

Lembro-me da conversa entre Megan e mim sobre um momento em que ela se perdeu na plataforma Cedar, uma região no sudeste de Utah coalhada de cânions e ruínas antigas de habitações nos penhascos. Ela e um amigo fizeram uma fogueira de galhos de zimbro para passar a longa noite. Em troca, contei-lhe a história de quando eu também me perdi na plataforma Cedar, saindo de um cânion depois de escurecer. Sem conseguir encontrar as pegadas com que contávamos para voltar à minha caminhonete, eu e meu amigo Jamie Zeigler perambulamos a esmo pelo local durante uma hora. Por um golpe de sorte, encontramos o meu carro no alto da plataforma plana. Então contei a Megan sobre um episódio em fevereiro, quando eu e minha amiga Rachel Polver tentamos percorrer um circuito de 32 quilômetros dos cânions Chute e Crack no monte de San Rafael na região central de Utah. Depois de percorrer 24 quilômetros do percurso, chegamos a uma encosta de arenito que Rachel não conseguia subir. Durante uma hora, tentei encorajá-la, ensinando como fazer, puxando-a para cima, até mesmo tentando levá-la nas costas, mas ela não conseguia subir o paredão de 3 metros da fenda. Voltamos pelo caminho por onde viéramos até encontrarmos um tronco de uns 70 quilos que carregamos pelos 200 metros de volta ao cânion para usar como escada. Toda a conversa sobre ficar preso e perdido em uma região de cânions fora uma premonição involuntária sobre o meu aprisionamento. Depois de toda aquela conversa, eu devia ter percebido que estava me azarando e voltado com Kristi e Megan.

Esses pensamentos são ridículos, mas a fadiga de permanecer acordado por 32 horas certamente começa a anuviá-la minha mente. Eu me sinto letárgico e entorpecido, a privação do sono exagerando o meu esgotamento. Antes de me abandonar a algum arremedo dolorosamente

necessário de uma soneca e machucar o braço, prendo a *daisy chain* no anel de rapel suspenso na âncora e ajusto-a para aguentar de novo o peso das minhas pernas. Os números no meu relógio mudam silenciosamente para 14h45.

Não sei se esperava propositadamente por uma ocasião para pegar a minha minicâmera de DVD e gravar um vídeo, mas após as 15h, decido fazer um vídeo de mim mesmo pela primeira vez. Usando o meu procedimento agora padrão para tirar a mochila, solto a correia pela trava de correr e seguro o volume entre os joelhos. Além dos burritos, as câmeras são os únicos artigos úteis que restam na mochila. Ainda tenho o tocador de CD, as diversas pilhas e o reservatório da CamelBak vazio jogado no fundo, mas tudo mais está em uso. Ligando o aparelho que cabe na palma da mão, giro a tela digital ao redor para assegurar que estou no visor e pressiono o botão de gravar antes de acomodá-la no alto da rocha encravada.

“Comece do início. Suponha que quem verá isso vai encontrá-lo depois que estiver morto. Pode deixar a câmera em cima da rocha e um recado na parede: ‘Ligue-me’, e uma seta ou outra coisa apontando para a câmera. Talvez ela se separe do seu corpo em uma inundação. Diga qualquer coisa.”

Eu começo.

— São 14h05 de domingo. Faz vinte e quatro horas que estou preso no cânion Blue John, acima do Big Drop. Meu nome é Aron Ralston. Meus pais são Donna e Larry Ralston, de Englewood, Colorado. Quem encontrar esta câmera, por favor, faça chegar até eles. Tenha certeza de que chegue. Agradeço muito.

Pestanejo várias vezes devagar e raramente verifico a tela da câmera. Estou despenteado e com uma barba de quatro dias desde a última vez que me barbeei em casa, em Aspen. Mas o que realmente me faz evitar o meu olhar é a expressão desvairada de abatimento nos olhos. Eles estão imensos, profundamente encovados, refletindo a tensão devastadora por que passei no último dia. Pregas de pele pendem inchadas das pálpebras inferiores.

As minhas palavras arrastadas soam apáticas entre as respirações forçadas. Faço um esforço para pronunciá-las com clareza.

— Então... eu estava caminhando pelo cânion Blue John ontem... sábado... entre 14h40 e 15h, quando cheguei aonde a parte inferior do

Blue John torna a abrir-se para cima. Fiz algumas escaladas de descida... não foi tão ruim... cheguei ao segundo conjunto de rochas encravadas. E é onde me encontro ainda no momento. Porque uma das rochas encravadas se deslocou quando eu a estava puxando, tentando escalar por ela, e escorregou, esmagando e prendendo a minha mão direita.

Pegando a câmera, aponto-a primeiro para onde o meu antebraço e o pulso desaparecem na fenda horripelantemente estreita entre a rocha encravada e a parede. Então direciono a câmera para o ponto de pressão para dar uma visão da minha mão azul-acinzentada embaixo.

— O que estão vendo ali é o meu braço, entrando embaixo da rocha... e lá está ele, preso, sem circulação por 24 horas. Com certeza já era.

Viro a câmera para a fita da âncora e o anel de rapel.

— As cordas que veem são o aparelho que criei para poder me sentar para não ficar em pé o tempo todo. Não estava fazendo rapel no momento do acidente, embora tenha colocado a cadeirinha depois para poder sentar... Tenho feito muito esforço para me manter aquecido. Tenho pouquíssima água. Tinha menos de um litro quando cheguei aqui. Estou com cerca de um terço de litro agora. Nesse ritmo, ficarei sem água antes de amanhecer.

Outra brisa sopra sobre mim e estremeço descontroladamente por cinco segundos.

— Meu corpo está tendo dificuldade para controlar a sua temperatura. Unnnhhh... Estou no fundo do poço. — Estremeço, faço uma careta e sufoco ao peso das minhas palavras. — Ninguém sabe onde estou a não ser duas garotas que conheci ontem enquanto caminhava pelo Blue John. Kristi e Megan, de Moab... da loja Outward Bound. Elas saíram pela bifurcação Oeste do Blue John, e eu continuei em frente.

“Tinha vindo de bicicleta, que ainda está estacionada e travada — as chaves estão no meu bolso — a mais ou menos 1 quilômetro e meio a sudeste do desfiladeiro Burr, em uma árvore que fica a uns 150 metros do acostamento, do lado esquerdo da estrada para quem vai para sudeste. É uma Thin Air vermelha, da Rocky Mountain. Ainda deve estar lá.”

A brisa sopra e eu fecho os olhos por causa da rajada, tentando evitar que a areia entre nos meus olhos. O ruído do vento encobre a minha voz na gravação, então paro de gravar. Depois de organizar os pensamentos, retomo a gravação para explicar as minhas opções.

— Então, da maneira como vejo... estão acontecendo quatro coisas. Ummm, estou arrepiado. Unnhhh... tentei mover a rocha com o equipamento. Montei uma âncora e passei algumas cordas nela para prendê-la e tentar mover a rocha. Ela não se abalou.

Abanando a cabeça em sinal de derrota, bocejo, lutando contra a fadiga que vem em ondas.

— Tentei lascar a rocha. Pelo progresso que fiz em 24 horas, com um trabalho *enorme*, precisaria de 150 horas, no mínimo. Acho que parte do problema é que a minha mão na verdade está sustentando a rocha. O que significa que toda vez que lasco uma parte da rocha, ela se move um pouco e se acomoda ainda mais sobre a minha mão. Não sinto isso acontecer, mas, microscopicamente, parece ser assim, porque o pequeno vão aqui entre a rocha e a parede... bem aqui... na verdade, pelo menos acho que está menor do que quando comecei. Portanto, aqui podem ver as marcas das lascas embaixo da corda. Tirei uma boa parte da rocha onde a corda está agora. E mesmo parte dela não dá para ver porque o meu braço agora a está cobrindo. De novo porque a rocha se moveu.

Fazendo uma pausa para lamber os lábios secos, tento engolir, então dou um longo e desalentado suspiro. Quando dou uma nova versão da minha situação, ouço o abatimento em minha voz. O fracasso das minhas opções infunde severamente a melancolia no meu espírito.

— Portanto, além dessas duas coisas, a terceira coisa que resta é decepar o meu braço.

Faço uma careta. O meu rosto se enruga em uma contorção que demora dez segundos até eu me recompor antes de continuar com uma explicação profundamente arrasada.

— Preparei um torniquete e pensei algumas vezes em todos os meus planos e no que ia fazer... mas me pareceu um suicídio. São, hã, quatro horas daqui até o meu carro. Seria... se fosse possível... por causa da escalada avançada necessária... voltar pelo caminho que vim, seriam quatro horas por aquele caminho, até onde deixei o meu carro, bem, tenho uma bicicleta, mas... hum... Para sair pela bifurcação Oeste, seriam mais três horas... er, menos... duas horas, talvez duas horas e meia, mas de novo, com a escalada avançada, provavelmente seria impossível com uma só mão. Entre a perda de sangue e a desidratação, acho que estou descartando essa opção. Acho que morreria se decepasse o meu braço.

“Humm, a quarta coisa que poderia acontecer seria aparecer alguém. Isto aqui é a continuação de um cânion que não é muito conhecido, e a continuação menos ainda, acho que é muito pouco provável que isso aconteça antes de eu morrer de desidratação e hipotermia.”

“É estranho... A temperatura é de 19 graus, pelo menos era ontem nesta hora; acho que estava um ou dois graus mais frio do que agora. Chegou até 13°C durante a noite, o que não foi ruim. Mesmo assim, passei muito tempo tremendo de frio. Quando acordava, desbastava a rocha... Não acordava de verdade, sentava e tentava dormir.”

Começo a minha descrição do cenário mais provável do resgate.

— Portanto, mesmo que alguém dê pela minha falta por não ter ido à festa no domingo à noite, ou por não aparecer para trabalhar na terça, assim mesmo ninguém sabe realmente mais nada além de que fui para Utah. Acho que talvez encontrem a minha caminhonete. Acho que isso será na quarta ou quinta-feira, no mínimo, quando alguém imaginar para onde terei ido, o que fiz e chegue até onde estou. Isso acontecerá no mínimo três dias a contar de agora.

“A julgar pela minha degradação nas últimas 24 horas, será surpresa se aguentar até terça-feira.”

Sei que estou dizendo adeus à minha família e que não importa quanto sofra neste lugar, eles sentirão mais tristeza do que eu. Depois de uma longa pausa, começo uma explicação, tentando me desculpar com a minha família pelo que sei que irão passar por causa do meu desaparecimento e da minha morte.

— Sinto muito.

À beira das lágrimas, paro a fita e esfrego os nós dos dedos nos olhos. Início a gravação outra vez.

— Mamãe, papai, eu amo vocês. Sonja, eu amo você. Vocês me dão orgulho. Não sei o que há em mim que me trouxe até aqui. Mas isso é... o que eu estava procurando. Saio em busca de aventura e de correr riscos para me sentir vivo. Mas sair sozinho e não dizer a ninguém aonde vou, isso é simplesmente uma idiotice. Se alguém soubesse, se estivesse com mais alguém, provavelmente o socorro já estaria a caminho. Se ao menos eu tivesse dito a um guarda florestal ou deixado um bilhete na caminhonete. Idiota, idiota, idiota.

Paro a fita pela última vez e desligo a câmera, depois torno a guardá-la na mochila. Como disse na fita, a minha melhor opção é esperar por um

possível resgate. A minha estratégia muda. Preciso me manter aquecido, controlar o consumo de água e, mais importante, conservar a minha energia. Em vez de tentar escapar, agora espero ser encontrado.

CAPÍTULO SEIS

RAPSÓDIA DE INVERNO

Finalmente, enjoei das pessoas, entre elas eu próprio, que não pensavam em si mesmas o bastante para fazer alguma coisa da vida — pessoas que só faziam as coisas por obrigação e nunca algo mais que pudessem ter feito. Aprendi com elas o que é a solidão que nos contamina ao fim de cada dia desperdiçado. Eu sabia que poderia ser melhor do que isso.

— Mark Twight, *I Hurt, Therefore I Am*

Nunca tive tanta sorte na vida como nos doze meses posteriores à minha aposentadoria como funcionário de uma grande empresa.

Para a nossa expedição de 2002 para o Denali, tive o privilégio de participar de um grupo de desportistas de elite da equipe dos Stray Dogs — Marshall Ulrich, Charlie Engle e Tony DiZinno. Eu era o assistente do líder da equipe, Gary Scott, incluindo tudo, desde o começo dos preparativos para a viagem, pedidos de alimentos e reservas aéreas, até a culinária e limpeza após as refeições, construção de abrigos, carregamento da bagagem e tomada de decisões durante a escalada. Além de ser uma equipe ultrapreparada de pessoas que eram flexíveis e que aprenderam rapidamente sobre escalada em geleiras de altas altitudes, os Stray Dogs ensinaram lições importantes sobre dinâmica de grupo. A partir das minhas experiências nessa viagem, facilmente descobri que gostava de liderar grupos e ensinar as pessoas sobre esportes de aventura.

De volta ao Colorado depois da viagem ao Alasca, o meu interesse por ser guia de montanhismo se solidificou. Eu gostava especialmente de mostrar os lugares selvagens do Oeste. Liderei uma viagem de acampamento e escalada com equipamento, em um local próximo a Aspen, com dois amigos menos experientes de Chicago. Amigos da Flórida viram o ambiente selvagem pela primeira vez quando me acompanharam ao deserto do Escalante, em Utah. Eu transportei o equipamento em uma expedição com o renomado fotógrafo de paisagens do Colorado, John Fielder, um embaixador do sertão que leva as pessoas

àqueles lugares por meio das suas fotografias. Ele me instilou um desejo de levar as pessoas lá para conhecer ao vivo.

Decidi que voltaria a Denali em 2003 para escalar o West Buttress com alguns amigos do Novo México, do Colorado e da Califórnia. Gary Scott, o líder da nossa equipe em 2002, detém o recorde da subida mais rápida de uma montanha; em 1985, ele escalou do acampamento de base de Kahiltna, a 2.195 metros, até o pico a 6.193 metros em dezoito horas e meia. Eu sabia que era capaz de ir mais rápido na montanha e, depois de ter escalado com Gary, o canto da sereia do recorde dele me provocou a ir ainda mais rápido. Montei um plano para acompanhar a escalada da nossa equipe de 2003 com uma tentativa de uma subida em velocidade em solitário, esperando completar a primeira viagem de ida e volta abaixo de 24 horas. Passei o ano seguinte entrando na melhor forma física da minha vida.

Em novembro de 2002, mudei-me para Aspen e imediatamente consegui um emprego na área de vendas da Ute Mountaineer. Quando não estava praticando esqui em *telemark* ou *cross-country*, fazendo montanhismo ou caminhando na neve com raquetes, estava falando sobre *telemark* ou *cross-country*, montanhismo ou caminhar na neve com raquetes, na Ute com os clientes (mas sempre guardando as melhores histórias para os meus colegas e gerentes). Além de ter uma base onde morava, de onde podia sair para treinar e escalar nove desafiadores *fourteeners* aquele inverno, estava cercado por toda uma cidade de amigos que pensavam igual a mim.

Um dos desafios agradáveis do meu inverno era manter um equilíbrio entre sair da cidade, frequentar jantares festivos, viajar para assistir a musicais e manter o treinamento em dia. Na maioria das vezes, eu dava um jeito de encaixar uma sessão de esqui *cross-country* de três horas num intervalo de turno, subia uma das quatro montanhas de esqui de Aspen/Snowmass nos meus esquis *telemark* antes do trabalho ou saía para uma caminhada na neve com raquetes depois do trabalho, então me reunia com alguns amigos em uma boate até tarde. Quando não havia algum espetáculo musical em Aspen, ia com os amigos até Vail ou pegava uma boa estrada até Denver ou Boulder e voltava na mesma noite. Nunca havia rotina, nem um momento de tédio.

Eu estava adorando a vida em uma cidade dedicada ao esqui. Quase diariamente, conversava com os meus amigos da cidade sobre “viver o sonho”. Empregávamos todos os tipos de truques, trocas de favores e escambos para nos assegurar uma alta qualidade de vida em Aspen, apesar dos magros salários em um lugar que tem um dos custos de vida mais caros do mundo. Tínhamos direito a passes grátis de esqui de dois dias por semana por causa do nosso trabalho, mas conseguíamos dar um jeito de esquiar cinco dias por semana graças à nossa experiência e conhecimentos — caminhando até pontos mais altos onde os passes não eram verificados. Rapidamente aprendi aonde poderia ir para encontrar pontos na neve não frequentados, quando não podia ser o primeiro a sair em um dia de queda de neve. “Se não pode esquiar primeiro, você fica esperto sobre onde esquiar”, eu dizia aos amigos que conhecia no caminho dos ascensores antes de me embrenhar nas matas em busca de um esconderijo predileto.

Fora das áreas de esqui, as terras públicas ilimitadas criavam oportunidades infinitas para a recreação gratuita ao ar livre. Embora seja difícil conseguir as coisas de graça, sempre que podíamos acumulávamos descontos e ofertas especiais na cidade: ofertas de equipamento de alta qualidade para profissionais, amigos que trabalhavam em cafeterias com quem podíamos contar para um “descontinho para os caras legais”, amigos que organizavam jantares incríveis, porteiros e garçons que nos davam as dicas de festas promocionais com entrada gratuita. Não era muito sofrimento quando tínhamos acesso às melhores pistas de neve naqueles cinco anos.

Assim que o inverno começava oficialmente, focava a minha atenção e me concentrava nas minhas escaladas em solitário dos *fourteeners*. As rotas e montanhas começavam em um nível avançado e tornavam-se cada vez mais exigentes à medida que o inverno avançava. Além das benesses do meu trabalho, dos meus companheiros de quarto, dos meus amigos e do ambiente social e musical, eu também tinha a sorte de contar com um anjo da guarda que aparentemente não se importava em me dedicar umas boas longas horas quando eu viajava ao interior.

Os meus projetos de escalada começaram no dia seguinte ao Natal, quando escalei dois *fourteeners* adjacentes — os picos Castle e Conundrum — duas vezes fazendo o que o guru da vida selvagem e autor de guias de viagem Lou Dawson chama de “a jornada pelo vale da morte”.

O risco de enfrentar uma avalanche aumentava significativamente em torno do ano-novo, assim, em 9 de janeiro, acampado abaixo da face norte do pitoresco pico North Maroon, precisei mudar o meu itinerário da rota padrão para o North Maroon. Em vez de seguir por ela, escalei o pico Pyramid pela rota da sua face oeste, apesar de uma tempestade que lançou uma perigosa quantidade de neve fresca no anfiteatro oeste da face escarpada e íngreme a 4.200 metros. O risco de avalanche alcançava níveis imprevisíveis, esperando por um humano provocador chamado Aron para pisar na parte errada da encosta.

Descendo a cumeeira do pico, contorci o corpo sobre as mãos protegidas por luvas, e estabilizei-me sobre lâminas de xisto soltas para fazer uma manobra de descida difícil através de uma faixa de penhascos de 4,5 metros de altura. Quando a pegada ficou folgada, caí por mais de um metro para a terra plana sobre um banco de um metro de largura. Oscilando diretamente acima do segundo penhasco, estabilizei o corpo antes de descer mais 3 metros sobre o perímetro superior do campo de neve de um anfiteatro batido pelo vento. Dali, fiz uma descida de tirar o fôlego diretamente para a linha das árvores. Para evitar as zonas instáveis, que tinham enchido com uma camada de uns 30 centímetros de neve propensa à avalanche se escalasse acima delas, precisei fazer desvios ineficazes no meu caminho de subida. Fiz um retorno seguro, às vezes jogando neve sobre uma encosta abaixo de mim para provocar uma pequena avalanche no lado frouxo da deriva, antes de continuar descendo. Em nenhum momento caí durante uma escalada de inverno. Tive a sorte de chegar à base em segurança — um passo em falso na borda teria me jogado numa corrida louca para um ponto macio da depressão, muito provavelmente causando uma lesão e provocando um deslizamento — mas eu me precavia de medo e considerava sempre uma margem de erro na descida.

Começando com a experiência na cumeeira do pico Pyramid, segui numa sequência de um mês inteiro de escalada de *fourteeners* em janeiro, com situações em que evitei um acidente por pouco em todas elas. Na minha aproximação do monte Holy Cross fui surpreendido depois de escurecer, a 3.900 metros, com temperaturas gélidas, em razão de uma descrição incorreta da rota para atravessar o monte Notch. Num acampamento provisório em uma borda nevada de 60 centímetros de

largura, encontrava-me exatamente abaixo do entalhe que separa os dois picos de 4.020 metros de altura, mas acima de uma queda vertiginosa em uma encosta de 450 metros de uma ravina nevada. A minha intenção era me agachar por ali para repor as energias com Gatorade quente e purê de batata instantâneo. Os 19 quilômetros de viagem tinham me levado ao topo do pico norte do monte Notch, mas, sem uma barraca, estava planejando alcançar um abrigo de paredes de pedra no pico sul antes de escurecer. Entretanto, a neve profundamente acumulada e o guia que dissera para atravessar o lado leste do pico sul, quando era para dizer lado *oeste*, me atrasaram e acabei com todas as minhas reservas de energia, além da água que tinha. No momento em que percebi que tomara o caminho errado, estava cansado demais para voltar à ravina onde pegaria o caminho certo.

Um mero cartucho de combustível na ocasião quase me custou tudo. Sem que soubesse, a gaxeta de vedação de borracha ficara entalada no buraco de inserção do combustível e, por cinco minutos, o combustível vazou na neve quando abri a válvula. Involuntariamente, perdi três quartos do combustível e imaginei por que o fogão estava tão fraco. Estava com o anel de vedação na minha boca e estava brincando com ele na língua quando vi a tempestade formando-se no oeste. Sabia que precisava chegar ao abrigo, mas primeiro precisava de energia e, sem água, não poderia comer nada — precisava que o fogão funcionasse adequadamente. Ocorreu-me o pensamento então de que há muitas formas para a coisa que separa a vida da morte. Às vezes, é óbvio: a distância que o separa de um para-raios, o cinto de segurança que o segura quando atropela um veado a 100 km/h, as ações de um amigo cuja rapidez de reflexos o salva de se afogar no rio Colorado. Outras vezes, isso é sutil, até mesmo imperceptível: o cordão microscópico de DNA que capacita o seu corpo a combater uma infecção que você nem sequer sabia que contraíra, uma decisão de escalar uma outra montanha e, desse modo, deixar de ser atingido por uma rocha que cai sobre o caminho em que você não estava. Passamos pela vida ignorando essas sutilezas porque há um milhão de coisas a que sobrevivemos todos os dias sem sequer reconhecer que estávamos em risco. Então, passamos por uma situação em que quase acontece um desastre e tomamos total consciência do que significam aqueles poucos centímetros ou aquela fração de segundo. Eu sabia que o meu fogão era a minha salvação ali naquele rebordo e muito

provavelmente o elo de ligação que me tiraria da montanha. Precisava consertar a vedação do alimentador de combustível.

Tirando o anelzinho de 3 milímetros da boca, examinei a área deformada. Enquanto o manuseava, o meu estado deteriorado fez com que me atrapalhasse e perdesse a peça no escuro. Uma dessas sutis linhas da vida que simplesmente tornam-se aterrorizantemente óbvias. Estava horrorizado de pensar que deixara o anel de borracha cair pela borda. Com a lanterna de cabeça iluminando o chão, corri os dedos sem a luva pela neve e encontrei o pequeno anel de borracha preto. Cinco minutos depois, o fogão funcionava a toda enquanto eu derretia neve e sabia que tinha uma possibilidade de lutar.

Quanto mais tempo eu lutava contra a tempestade, mais difícil se tornava a travessia. Não podia tirar os óculos por causa do vento ofuscante e dos golpes da neve, mas também não conseguia ver no escuro com as lentes espelhadas eliminando mais da metade da luz visível da minha lanterna de cabeça. Continuei com os óculos e os levantava periodicamente para pesquisar a rota mais eficiente. Uma hora na travessia íngreme, com encostas invisíveis abrindo-se à minha direita, atravessei até o alto de um campo de neve mais plano embaixo de um penhasco rochoso revestido de neve em 4,5 metros de visibilidade. Tentei passar por cima da rocha, mas fiz um progresso de apenas uns 12 metros até que a natureza técnica do terreno venceu a minha confiança. Voltei atrás para encontrar um caminho mais fácil. Embora tivesse me acostumado com passagens em terrenos complexos com as minhas botas flexíveis de esqui *telemark*, as minhas habilidades não chegavam ao ponto do desafio de escalar um terreno vertical de classe cinco no escuro com uma mochila pesada. Mais uma hora de busca pelos penhascos à procura de uma saída razoável no pico sul me deixou acabado, e no momento em que consegui chegar ao abrigo de pedras e o encontrei cheio de neve, estava exausto demais para cavar. Estendi o saco de dormir, enfiei-me para dentro e apaguei.

Na manhã seguinte, a tempestade passara, mas eu duvidei das minhas chances de atravessar duas vezes a cumeeira da Auréola do monte Holy Cross. Por causa do percurso da rota, precisaria escalar os três pontos altos intermediários — cada um deles acima dos 4.000 metros — para chegar ao pico principal, então retornar sobre aqueles mesmos subpicos. De volta ao abrigo, precisaria inverter toda a aproximação aos dois picos do monte Notch para voltar ao meu carro. Em resumo, havia nove picos acima dos

3.900 metros de altitude que eu precisaria escalar antes de voltar aos meus esquis e para a descida de 5,5 quilômetros. Em razão do fiasco do fogão na noite anterior, tinha apenas combustível suficiente para derreter 2 litros de água, menos da metade do que precisaria. Sem água suficiente, não poderia preparar o meu mingau de aveia e a mistura de proteína para o café da manhã e, portanto, precisaria racionar as minhas cinco barras de chocolate — a minha única comida pronta para o consumo remanescente e, de novo, só metade do que precisava — até voltar à minha caminhonete.

Do lado de fora, o tempo calmo e ensolarado mais a paisagem impressionante me infundiram confiança. Antes de perceber, em cinco horas, dera a volta à Auréola para chegar ao topo do monte Holy Cross, de onde podia avistar facilmente as áreas de esqui e os principais picos da serra Elk que contornava Aspen para o sudoeste. Na descida, precisava confiar na minha forma física, climatização e ritmo para não aumentar a exigência de energia. Descobri que, se conseguisse evitar movimentos fortes desnecessários e manter um resultado coerente, a minha resistência me levaria aonde precisava chegar. Uma hora depois de passar pelo topo, já deixava o rastro das minhas botas de esqui na encosta suave da cumeeira que me levaria de volta ao campo de rochedos do pico secundário, ao sul do Holy Cross. Num conjunto de rochas com a forma de uma ferradura de cerca de 6 metros, ao lado de um beiral com uma queda abrupta, passei por um buraco de poste que fizera na subida.

De repente, um ruído de algo se estilhaçando explodiu na neve acima de mim. Saltei instintivamente para a direita e para a proteção do terreno firme. Dividindo a neve ao longo do limite interno da ferradura de rochas, uma rachadura que avançava rapidamente traçava um semicírculo do lado extremo do campo de neve na direção do ponto onde eu estivera um segundo antes. Enquanto eu saltava em cima das rochas em busca da segurança da tundra vizinha, todo o campo de neve se abriu e desapareceu. Além da ruptura inicial, o colapso do beiral não fez nenhum outro ruído. Segui por cima das pedras até a borda sul do buraco que eu criara e olhei com todo o cuidado para os penhascos lá embaixo. Uns 150 metros abaixo da cumeeira, os destroços do beiral desmoronado estendiam-se espalhados sobre as encostas nevadas acima da borda congelada do lago Bowl of Tears. Recuei do despenhadeiro e considerei o destino de que me safara. A imagem do meu corpo pulverizado ao chocar-se contra os penhascos em meio a uma desordem de blocos de neve cruzou a minha mente. “Não teria

jeito de sobreviver a uma queda dessas”, pensei. “Estaria agora lá embaixo com a cabeça esmagada, embaixo de uma tonelada de detritos do beiral.” O aspecto mais assustador do desmoronamento foi que não tinha percebido aquele beiral quando subira. Os beirais pendentes na encosta são altamente propensos ao desmoronamento — é a natureza deles. Subindo uns 100 metros na cumeeira, voltei-me para ver as minhas pegadas seguindo diretamente para o abismo.

Voltando pelos picos intermediários e pelos dois cumes do monte Notch com a mochila recarregada, cheguei aos meus esquis guardados ao escurecer e esquiei pelos restantes 15 quilômetros verticais sob a luz prateada do meio-dia. Às 21h, acelerando na descida pela larga trilha da rota de chegada do verão, assustei um alce em uma área da encosta sem árvores. Ele correu para dentro da floresta, trotando através da neve de até 1,5 metro de profundidade com o mínimo de esforço. Lembrando do meu andar lento e desajeitado empurrando os esquis ao passar pela floresta na mesma neve, admirei por um instante a proeza do alce, embora soubesse como pareceria pesado a uma alcateia de lobos famintos.

Na terça-feira da semana seguinte à minha viagem de 50 quilômetros no monte Holy Cross, o meu companheiro de quarto Brian Payne acabou na UTI depois de um grave acidente esquiando que o deixou em estado crítico. Minutos depois de eu chegar ao Aspen Valley Hospital para visitar Brian, descobri que o meu amigo Rob Cooper também estava internado lá, para passar por uma cirurgia depois de um acidente de *snowboard* no qual tivera o braço direito, o pulso e a mão esmagados. Brian passou cinco dias na UTI e mais cinco dias em recuperação, com um pulmão arruinado, um rim esmagado e seis costelas fraturadas em 22 lugares. Rob permaneceu lá por duas semanas. Visitei Brian e Rob duas vezes antes de partir na noite da quinta-feira numa viagem até Boulder para duas escaladas no pico Longs, mais baixo, mas muito mais técnico do que a cumeeira da Auréola. Embora a minha maior preocupação fosse com o bem-estar deles, os acidentes que sofreram também me lembraram de como tivera sorte nas minhas últimas excursões.

Assim como Holy Cross fora o último *fourteener* da serra Sawatch para completar a minha lista, o pico Longs seria o meu último cume da serra Front. Encontrei-me com o meu amigo Scott MacLennan para uma tentativa em equipe pela rota por cabos da face norte (assim chamada pela

passagem de cabos montada na década de 1930 para ajudar os escaladores a fazer a subida mais direta da montanha mais alta). Uma horrenda tempestade de vento impediu a nossa aproximação, mas chegamos ao acampamento de Boulderfield e ao nosso posto avançado para passar a noite. Infelizmente, Scott sofreu os efeitos negativos da altitude de 3.840 metros, uma situação agravada por outro defeito no fogão. Aqueci um pacote de lentilhas sobre o estômago, mas não foi suficiente para restaurar as nossas forças para a escalada. Como o descanso não aliviou os males da altitude de Scott pela manhã, prudentemente abandonamos a nossa excursão e retornamos à comida quente e à recuperação em Boulder.

Na manhã seguinte, um sábado, Scott deixou-me na mesma entrada da trilha, com o plano de retornar em dez horas. Subi caminhando pela trilha sozinho, preparado para a minha tentativa em solitário. O pico Longs é incomum por ser tão exposto ao vento que é melhor ser escalado sem esquis. A cerca de 3.960 metros, enquanto contornava o Keyhole pela primeira vez em oito anos, vi que as lajes e torres de barlavento da serra da face oeste e norte estavam cobertas de espessas camadas de orvalho congelado. O vento ganha aceleração sobre o pico, resfriando o ar abaixo ao ponto de orvalho, e então o gelo se condensa em toda a superfície exposta quando o vapor de água super-resfriado lança-se contra a parte superior da montanha. Cogumelos de gelo brotam das partes da linha da cumeeira mais exposta aos ventos tempestuosos do oeste, especialmente ao longo da ondulação rochosa que se estende para o lado oeste do topo das ravinas Trough e Narrows. A minha subida me levou pela mesma rota na qual escalara o pico como o meu primeiro *fourteener*.

Uma vez que ainda não calçara os grampões da sola da bota nem retirara a segunda ferramenta de gelo da mochila, escolhi uma rota que evitasse essa cobertura de gelo escorregadio sobre o Homestretch, que por sua vez significaria 60 metros de neve íngreme, ligando uma série de rebordos que terminavam em uma chaminé de paredes verticais com uma saliência curta ressaltando-se acima. Pressionando as pernas contra a parede direita com as costas contra a parede esquerda da chaminé, tirei a mochila para fazer os movimentos finais apertados para fora da parte superior da saliência. As minhas habilidades de alpinista estavam à altura da operação, mas os meus conhecimentos de basquetebol me faltaram.

Tentei arremessar a mochila acima do bloqueio sobre o pico. Foi uma má ideia. O meu arremesso foi fraco e, em vez de cair sobre o planalto

adiante do tamanho de um campo de futebol, a mochila atingiu a saliência e arrastou-se para a minha esquerda. Ainda desequilibrado pelo arremesso, girei o corpo a tempo de ver a mochila ser impelida sobre a minha cabeça. Caindo livremente por uns 30 metros, a mochila abriu um buraco na neve à esquerda dos meus rastros de subida, depois escorregou montanha abaixo, ganhando velocidade em direção a um abismo de 600 metros. Observei incrédulo enquanto a mochila milagrosamente parou de repente, presa em uma rachadura de uns 60 centímetros de largura no meio da laje de pedra.

O meu assombro diante desse golpe de sorte dissolveu-se quando percebi que agora não podia contar mais com os grampões da sola da bota nem com a ferramenta de neve para a descida planejada do Homestretch. Saí contornando a saliência, caminhei pelo ponto mais alto que encontrei sobre o planalto e tirei algumas fotografias. Com as pernas balançando do imenso penedo acima do Diamond — a bem conhecida face leste do Longs — afastei o abatimento e apreciei o tremendo despenhadeiro vertical aos meus pés. Mas no fundo da mente, só pensava numa coisa: como iria recuperar a mochila.

Alguns minutos depois, encaminhei-me para o Homestretch. Com os lábios apertados e a testa enrugada, desci pelos cinco primeiros lances por fora da montanha e para dentro das nuvens tempestuosas. Rapidamente encontrei neve seca mascarando uma camada traiçoeira de gelo macio que transformava os únicos apoios para os pés disponíveis em pontos escorregadios. Voltei o corpo para encarar a laje de rocha à minha direita, a bota esquerda procurando um ponto de apoio. Observando o meu pé e tentando ignorar o precipício ameaçador às minhas costas, afastei um pouco de neve de uma saliência pequena, que suportava a sola da minha bota, para um teste. Em mais três lances de escalada de descida, batendo com a ponta da machadinha na camada de gelo de quase 2 centímetros para me apoiar, eu alcançava uma seção protegida por trás de um penedo. Virei-me para fora de novo e, mantendo o traseiro em contato com a laje, desci sobre outra mancha de gelo recobrimo uma rocha.

Precisei descer mais 9 metros até um par de lâminas delgadas destacadas da rocha, que me seduziram com a possibilidade de encorajar apoios para as mãos, para um balanço de 6 metros de comprimento à minha direita. Eu tinha duas opções: indo para a esquerda de frente para a laje na descida, podia fazer alguns lances fáceis que me deixariam com

uma laje de 4,5 metros para atravessar de volta à minha direita, o que seria exposto, mas sem neve e gelo; ou podia ir direto para baixo por uma ranhura na neve à direita da laje, seguindo a rota usual de subida/descida, e evitar a travessia da laje exposta.

“Vá com a neve; não há pontos de apoio para as mãos na laje; é muito arriscado.”

A primeira das quatro vezes que desci pelas ranhuras da neve, consegui encontrar apoios firmes para os pés e fiz um progresso confortável para baixo. Ainda olhando para fora com a extremidade traseira sobre a neve, estendi os braços para os dois lados da ranhura e pressionei as mãos contra o granito marrom-acinzentado, as palmas para baixo. A machadinha de gelo balançava na sua correia ao redor do lado esquerdo da minha cintura, batendo contra a rocha toda vez que eu balançava a parte superior do corpo para a frente para redistribuir as mãos mais para baixo na rocha. Depois de ganhos fáceis por cerca de 3 metros, o calcanhar da minha bota esquerda tropeçou em algum gelo escondido embaixo da neve. Abaixando-me até que a bota direita se dobrasse completamente sob o meu traseiro, esticava o pé esquerdo o máximo para baixo na ranhura, mas falhava a cada tentativa. Aqueles grampões estavam fazendo falta.

Peguei a cabeça da minha machadinha de neve na mão esquerda e plantei o lado perfurante na neve até atingir a rocha. Pesando a machadinha, fui então capaz de estender o pé esquerdo por mais 15 centímetros, embora sem encontrar um apoio para o pé livre de neve. Isso seria brincadeira de criança com algumas pontas de metal no meu pé. Exatamente no ponto em que estava me repreendendo por deixar cair a mochila, cometi um erro. Girei demais o corpo para a frente ao me curvar para a direita, achatando a sola da bota direita sobre a neve. Meu pé escorregou do apoio e eu caí. Instintivamente, rolei sobre o meu estômago e agarrei o cabo da machadinha com a mão direita. Eu estava em uma posição de me prender, mas o meu tronco escorregou abaixo da machadinha, os meus dois pés derrapando sobre a laje da rocha e o meu peso caiu sobre a ponta fincada no gelo abruptamente demais. Ela foi arrancada da posição e eu escorreguei pelo que restava da neve de encontro à laje de rocha nuns 40 graus. Ganhando velocidade, eu podia sentir os cristais de granito arranhando as pernas da minha calça à prova d'água embaixo dos meus joelhos. De dentro dos meus olhos fechados, vi

a boca do abismo bem atrás de mim e ofeguei. “É isso aí”, pensei. “Não tenho chance.”

Tentando direcionar a machadinha na laje para me fazer parar, girei os ombros até que todo o peso do meu tronco fizesse pressão na machadinha, raspando-a com um guincho hediondo de aço sobre rocha. Gastei tanta energia fechando os olhos quanto em agarrar-me à machadinha; não podia suportar a visão da rocha indo embora cada vez mais rápido até que a gravidade me pegasse pelo colarinho e eu caísse para trás pela face cada vez mais íngreme do precipício, impelido como um boneco de pano para o vazio de 600 metros de profundidade.

A machadinha guinchou por mais um tempo, depois se prendeu em alguma coisa e eu parei com um tranco. O fato de não estar mais caindo foi tão surpreendente que fiquei paralisado. Ainda prendendo a respiração, abri os olhos com cuidado, certo de que até mesmo o movimento das pálpebras interferisse na suspensão e fizesse eu me soltar, mergulhando para a morte. Vi a princípio que ainda estava na laje, tendo escorregado apenas uns dois comprimentos do meu corpo pela rocha. O que estava me sustentando nessa posição improvável? Inclinando a cabeça para a esquerda, olhei por baixo do cabo da machadinha. Meus olhos pararam na ponta afiada... e não viram nada. Ao que parecia, eu picara o granito com tamanha pressão que soldara a ponta na rocha nua. Não havia outra explicação. Não havia nenhum degrau, nenhum ressalto, nenhuma borda, nenhuma rachadura; só o granito microscopicamente moldado, grosseiro como concreto inacabado, que se interpusera diretamente no caminho da ponta da machadinha e me arrebatou das unhas da perdição iminente. Sem acreditar, cedi à necessidade de oxigênio do meu corpo e respirei ofegantemente várias vezes. Passou um minuto inteiro antes de me mexer e assim mesmo apenas a cabeça, para perscrutar sobre o ombro em busca de alguma rota de fuga.

Não sei como saí da posição em que estava preso e passei para um degrau seguro atrás de um penedo à minha esquerda, mas logo estava pisando firme com os meus próprios pés, estudando como faria o resto da descida. O que sei é que nunca mais olhei para o abismo, em vez disso, centrei minha atenção na travessia remanescente para baixo. Pouco depois de alcançar o primeiro tabuleiro, descobri mais gelo embaixo do campo de neve de 7,5 metros de comprimento. Agarrando desesperadamente com força exagerada a ranhura superior do tabuleiro com a mão direita,

arremeti com a machadinha na mão esquerda, usando o enxó para cavar apoios para os pés, onde encaixava o bico das botas numa descida transversal através do gelo. Em dez minutos, tinha atravessado esse último obstáculo do Homestretch e alcançado o meu rastro da subida, chegando finalmente à fissura onde a minha mochila ficara encaixada. Imediatamente peguei os grampões da mochila e prendi-os às botas, depois tornei a atravessar a laje. Finalmente estava equipado para a descida e foi o que fiz até me encontrar com o Scott, que me esperava na entrada da trilha.

Com dois percursos técnicos e três percursos de longa distância em quatro semanas — incluindo uma incursão com esquis pela depressão nordeste do monte Snowmass, outro *fourteener* da serra Elk — sentia-me pronto para o maior desafio do meu projeto: a escalada em solitário do pico Capitol. Segundo a minha experiência, o Capitol apresenta a maior extensão de escalada difícil de todos os *fourteeners*, tão técnico quanto o Longs e o Pyramid juntos, e tão perigoso quanto os Maroon Bells (também conhecidos como Deadly Bells, ou “Mortal Bells”). Mas eu conhecia a aproximação, sabia das condições da neve e estava no auge da minha forma física e aclimação. O pico é conhecido pela crista Knife; a crista de uns 100 metros de comprimento, a 4.100 metros, que cai por 450 metros no sentido leste, desce abruptamente por estrias de beirais que terminam muito acima da bacia dos lagos Pierre e 750 metros para baixo no lado oeste até o lago Capitol. Enquanto a exposição confere à crista Knife a sua reputação infame, os mais árduos trechos para escalar são os que vêm depois da crista, na pirâmide superior do pico.

Em 7 de fevereiro de 2003, acordei com temperaturas abaixo de 17°C negativos no meu acampamento no perímetro rochoso congelado do lago Moon. Subindo em condições hiperbóreas, avancei com os esquis equipados com *skins* [tiras presas na parte de baixo do esqui] no estilo alpino, até que a inclinação tornou-se íngreme demais, mesmo para os esquis equipados me sustentarem na encosta. Ainda abaixo dos 3.900 metros, descalcei os esquis, montei-os na mochila e chafurdei através da neve fresca e sem fundo, cavando trincheiras de 1,80 a 2,40 metros na subida das encostas nevadas de até 40 graus de inclinação, até o pico subsidiário de 4.145 metros de altitude, localmente conhecido como K2. Escondendo os meus esquis no K2, na expectativa do longo campo de neve

fresca na descida, continuei a atravessar a crista Knife com os grampões presos às minhas botas *randonnées*. A meio caminho da travessia, cheguei a um setor perturbador da crista à beira de precipícios, que era cheia de beirais do lado esquerdo. Em razão dos ventos predominantes de oeste, a neve tinha se solidificado em um rebordo projetado para fora, o qual se estendia desde a face leste da crista.

Eu vinha seguindo montado com as pernas bem abertas sobre o ápice da crista para poder passá-la, mas nos beirais nevados mais salientes, precisava recorrer à minha técnica, avançando então com a machadinha de gelo posicionada para fustigar a costela rochosa como se fosse me derrubar da “sela”. Embora estivesse trepado em segurança com o peso equilibrado de ambos os lados da crista, como a lâmina de uma faca, os beirais continuamente escapavam debaixo da minha perna esquerda, abrindo espaço em um silêncio assustador. Cada falha dessas representava um solavanco sobre a borda da crista Knife com os meus fundilhos. Uma sensação de leveza que acompanhava esses momentos me deixava amedrontado, pois eu sabia sem olhar que as seções do tamanho de uma mesa de centro, de neve compactada, despencavam debaixo da minha nádega esquerda em uma queda livre silenciosa. Eu me concentrava no ritmo de colocar os grampões direitos em uma fenda conveniente no lado oeste da crista, depois socava o corpo para a frente mais uns 15 ou 30 centímetros. Em breve, eu tinha atravessado a crista Knife. Eufórico com a emoção de ter concluído a travessia assustadora, tirei a câmera digital da jaqueta para um autorretrato. O sorriso imenso no meu rosto dizia tudo.

Segui cavando o meu caminho pelos 150 metros finais. Às 12h45, cheguei ao cume do pico Capitol e realizei um sonho de cinco anos. Todo o meu projeto vinha evoluindo até o dia que me levou em segurança ao topo da montanha, o meu 43o *fourteener* em solitário no inverno. Era a prova mais importante do projeto. Ainda com uma segunda travessia da crista Knife para continuar para a descida, apressei-me a sair do ponto mais alto depois de gravar um vídeo exultante e uma série de fotos do cume, e voltei aos meus esquis no alto do K2. À medida que o dia avançava, eu descia pelas sombras de *freezer* do alto da montanha e periodicamente precisava tirar as luvas para bater o gelo do forro. A subida chafurdando pela trincheira de neve ensopara as luvas, enchendo-as de neve que rapidamente se solidificava em gelo com as temperaturas mais baixas da tarde.

Esquiando para fora do K2, eu me preocupava menos com as minhas mãos do que com a estabilidade da neve. As voltas na neve fresca que fiz descendo pela face do K2 somaram-se aos primeiros “S” do monte Harvard na minha lista de descidas favoritas da montanha por regiões não demarcadas. No momento em que retornei ao meu acampamento no lago Moon, porém, percebi que alguma coisa não ia bem com as minhas mãos — elas não se reaqueciam, por mais que eu tentasse. Segurando-as sobre o fogão aceso, derreti as luvas forradas na chama sem sentir nenhum calor na ponta dos dedos. Arrancando o tecido derretido das mãos, vi pela primeira vez a cor pálida de casca de ovo dos meus dedos e polegares. Não era nada bom.

Apressei a partida do acampamento sem preparar comida nenhuma. Não tinha muito receio de enregelamento ou ulcerações produzidas pelo frio; aceitava o que acontecera e queria minimizar qualquer lesão posterior nos tecidos. Tinha escalado um pico em um estilo que, ao longo das últimas trinta horas, satisfizera completamente os meus desejos por experiências em uma montanha. Se tivesse provocado o congelamento parcial ou total de oito dos meus dedos das mãos, incluindo os polegares, fazia parte da aventura. Embora não entendesse o alcance das lesões na ocasião, calcei luvas secas e mantive as mãos protegidas do frio pelos 11 quilômetros da descida em esquis.

Quando cheguei a minha casa, em Aspen, em vez de ir para o hospital (o que devia ter feito), tratei-me do congelamento. Para começar, tomei quatro comprimidos de analgésicos extrafortes para me preparar para a parte seguinte do procedimento. Esperei meia hora para os comprimidos fazerem efeito, enchi a pia da cozinha com água quente e testei a velocidade que precisaria deixar a torneira com água fervente, para manter uma temperatura constante na pia. Sozinho, deixei as mãos na pia por uma hora, observando as pontas dos dedos mudarem de branco para preto, vermelho, laranja e verde, gritando obscenamente por causa da dor latejante. À vezes eu precisava segurar o punho direito com a mão esquerda para impedir-me de arrancá-lo da água — estava mais lesionado e me causava mais dor. Os meus companheiros de quarto não estavam em casa e os vizinhos deviam ter saído também, ou teriam informado à polícia sobre uma possível tentativa de assassinato no local. Ao longo daquela hora, esperei seguidamente para ver bolhas formarem-se sob a pele dos meus dedos. Bolhas significam que o tecido subcutâneo estaria se

recuperando, embora nunca mais voltassem a ter a circulação original; enquanto a falta de bolhas significava que a lesão pelo frio era grave e eu poderia perder parte daqueles dedos. Um dedo depois do outro, bolhas excruciantes incharam a extremidade de cada dedo, até o primeiro dos nós na maioria deles. Eu estava agradecido pelo inchaço feroz.

Em seguida, decidi que tiraria cinco semanas de folga do montanhismo em solitário, permitindo que as minhas mãos se curassem do enregelamento, muito embora faltassem ainda dois picos na serra Elk — os Maroon Bells. Havia muita coisa com que me ocupar até os meus dedos produzirem novas camadas de pele protetora: a banda Phish estava em viagem pelo Oeste pela primeira vez em três anos; eu tinha uma viagem a uma cabana programada com alguns amigos do Novo México; e havia uma porção de saídas em esquis *telemark* para serem feitas com os meus companheiros de Aspen. Mas mesmo esse “tempo de folga” não seria livre de riscos.

Duas semanas depois da minha subida ao Capitol, fui a uma serra ao leste do monte Holy Cross para encontrar seis amigos do Albuquerque Mountain Rescue Council e cinco dos seus parentes numa viagem anual para esquiarem em áreas não demarcadas. Nesse ano, o destino era a cabana de Fowler-Hilliard no monte Resolution acima do Camp Hale. Encontramos-nos em Leadville e rachamos a comida e a bebida a serem transportadas nas nossas mochilas até a cabana. As cabanas da 10a Divisão de Montanha tinham esse nome em homenagem aos esquiadores da infantaria da Segunda Guerra Mundial que lutaram na famigerada Batalha de Riva Ridge, na Itália. O seu principal campo de treinamento por dois anos foi o Camp Hale, a meio caminho entre Leadville e Vail. Muitos dos veteranos de guerra voltaram ao Colorado, onde ajudaram a difundir o grande desenvolvimento da área de esqui no pós-guerra com a sua paixão por esqui e familiaridade com a região. As áreas de esqui de Breckenridge, Vail e Aspen foram alguns dos maiores empreendimentos dos veteranos da 10a Divisão de Montanha. Embora as cabanas do interior só tenham sido construídas na década de 1980, elas são dedicadas à memória daqueles cujo amor pelo país os levou ao exterior para defender a liberdade.

Depois de cinco horas afundando através de 60 centímetros de neve fresca ao longo da aproximação de 9,6 quilômetros até a cabana, nos

instalamos na nossa casa para o fim de semana e comemos aperitivos *gourmet* de ostras, homus, mariscos e salmão defumado com bolachas *cream crackers*, bebendo três rodadas de chocolate quente com gim. Olhando pelas janelas pitorescas da cabana, fiquei com vontade de dar umas voltas na depressão do pico Resolution diretamente em frente à cabana. Na hora de pôr em prática o desejo, dois dos meus colegas do Mountain Rescue, Mark Beverly e Chadwick Spencer, me acompanharam em afivelar as nossas botas e preparar o equipamento de segurança em avalanches para a breve subida.

O nosso trio subiu ao pico Resolution por uma aresta assolada pelo vento no nordeste, começando às 16h50 e chegando ao cume de 3.640 metros pouco depois das 17h15. A escuridão aumentava rapidamente, mas enquanto Mark e eu esperávamos pela chegada de Chadwick, fizemos um intervalo de cinco minutos para pesquisar a aresta da Linha Divisória Continental para o leste e a bacia hidrográfica do rio Eagle e o monte Holy Cross a oeste. Além da Floresta Nacional de White River, a apenas 5 quilômetros de distância (mas uma viagem de três horas desde o começo da trilha), ficava a minha casa em Aspen. Conteí sobre a minha subida de inverno em solitário do Holy Cross para Mark e do esqui noturno desde a elevação a 3.650 metros quando vi o alce na campina. Também comentei sobre a aventura com o anelzinho de vedação do recipiente de combustível que tive no meu acampamento provisório a caminho do abrigo de pedras e o triunfo contrastante que senti ao vencer a aresta da Auréola.

Embora essa fosse a nossa primeira viagem juntos, eu sabia que Mark era um dos melhores alpinistas da nossa equipe de resgate. Eu admirava a técnica de montanhismo dele e as suas habilidades com o equipamento de resgate, o seu treinamento médico avançado e a experiência como guia. Ao contar os detalhes de uma das minhas escaladas recentes, acho que estava tentando impressioná-lo, como ele me impressionara com as suas jornadas de alpinismo no gelo canadense. Ele me surpreendeu quando respondeu com um comentário solidário, mas aparentemente indiferente:

— Não consigo me empolgar como você, Aron. Não escalo desse modo. Mas acho que é ótimo para você... se é isso que lhe faz feliz.

— É, faz, sim. Estou vivendo o meu sonho.

Mark estava dizendo que não aspirava a fazer solos de inverno, e parecia estar assegurando que eu os fazia pelas razões certas — escalar não para contar vantagem, ou merecer a admiração dos outros, mas porque

isso me fazia feliz. Era uma questão sutil que eu tinha resolvido comigo mesmo muito tempo antes, mas estava grato pelo lembrete dele.

Depois que Chadwick juntou-se a nós, posamos para um retrato em grupo com a serra Elk atrás de nós. Ao esquiar de volta do topo rochoso, Mark liderou-nos na descida pela encosta batida pelo vento, uma descida segura em esquis, mas pouco atraente, por causa da neve fina e gelada. Depois que escorreguei e caí para evitar uma raiz de árvore exposta, gritei para Mark:

— Isto está uma droga! Vamos pelo caminho de neve fresca.

Tinha pego emprestado um par de esquis *powder*, para neve fofa e profunda, da Ute em Aspen e estava com um desejo de experimentá-lo na depressão sem trilhas. Fazia um ano desde que começara a esquiar com os tornozelos livres e começara a esquiar em *telemark*. Chadwick me dera as primeiras indicações sobre a técnica e eu estava empolgado para mostrar a ele o quanto melhorara. Deixando a aresta, esquiei para a direita até a neve mais fofa, que se tornou cada vez mais profunda à medida que eu atravessava a depressão de 40 graus.

Mark parou ligeiramente embaixo da encosta em relação a mim sobre a aresta. Chadwick ia atrás de mim, atravessando pela direita, em paralelo e acima dos meus rastros. Nenhum de nós pensou em cavar um poço de estudo na neve para verificar a estabilidade da neve e a probabilidade de uma avalanche, mas eu me sentia confiante no acúmulo de neve depois de ter escalado e esquiado por todo o inverno. O sucesso na escalada dos *fourteeners* e a salvação providencial da série de desastres iminentes alimentara em mim uma atitude displicente em relação ao perigo real de uma avalanche. Nos espalhamos na rotina padrão de expor um esquiador de cada vez a um terreno possivelmente escorregadio. Cheguei ao alto da linha e queda do ângulo mais baixo, que começava a 38 graus e terminava a cerca de 32 graus, acima de um grupo de uns vinte pinheiros adultos.

— Vou esquiar por aqui. Você vem? — disse a Chadwick, que estava perto o bastante para conversarmos em tom normal. Mark ainda se encontrava a uns 100 metros dali sobre a aresta.

— Não sei. Como você pretende voltar à cabana? Parece que vai ter de voltar com *skins* nos esquis.

— Não vou passar daquelas árvores. Vou parar lá, depois atravessar de volta pela esquerda para a cabana.

Mark gritou que não esquiaria pela depressão. Desceria pela aresta. Eu gritei:

— Tudo bem! Me observem! — para que os meus parceiros soubessem que desceria pela depressão. Sentia-me um pouco nervoso, mas não parei para investigar se haveria perigo de avalanche ao esqui na neve profunda. Momentos depois, enquanto dava as minhas primeiras voltas em velocidade, as agradáveis sensações de correr pelos vagalhões de neve substituíram a minha timidez. Eu acelerei e aumentei o meu ritmo, dando guinadas mais curtas sobe a encosta de menor ângulo e gritando quando passava pelas árvores. Com outra vertical de 450 metros da concavidade abaixo das árvores chamando-me para continuar esquiando, só a fadiga das minhas pernas me fez parar. Voltei-me e gritei para Chadwick, que estava a 90 metros na vertical, acima de mim.

— U-hu! Isto é ótimo! A neve está impressionante! Venha!

Com uma guinada na neve fresca, Chadwick seguiu os meus rastros, caindo duas vezes na parte mais íngreme próxima ao topo enquanto Mark observava da aresta. Tirei a minha câmara e bati fotos enquanto Chadwick prosseguia na encosta mais fácil, combinando as suas voltas com os meus rastros. Respirando forte, Chadwick forçou as últimas voltas e parou próximo a mim.

— Uau, é bastante esforço. Mal consegui virar, a neve estava tão funda.

— É, mas estava ótima, hein? Você foi muito bem na última parte. Tirei umas fotos suas. Veja como os seus rastros estão fundos. É como se estivéssemos esquiando em hélice. — Gritei para Mark. — Venha... está ótimo!

Chadwick e eu permanecemos junto às árvores, olhando para Mark lá em cima atravessando a depressão um pouco abaixo dos nossos rastros, tomando impulso nos seus esquis. Ele estava cortando a neve com os esquis, tentando preventivamente provocar um escorregão, simulando o impacto do seu peso enquanto comprimia-se em uma volta. Aparentemente satisfeito com a estabilidade da neve, Mark deu três voltas no alto da encosta, caiu, cambaleou e levantou-se, ainda esquiando, mas sentando-se sobre os esquis. Eles se recuperou e terminou a corrida sorrindo. Exausto, Mark deixou-se cair sobre a neve a uns 9 metros das árvores em vez de fazer uma parada. Um ruído cavo escapou da neve embaixo de Mark e cada um de nós imediatamente pegou seu *skin* — aquele ruído de neve desmoronando geralmente significa que se provocou

uma avalanche. Mas a neve ao nosso redor permaneceu no lugar sem se romper. Aliviado, Chadwick brincou:

— Você ouviu aquilo? O traseiro de Mark acabou de fazer aquele ruído característico.

— Ahá! Ei, Chadwick, caia para frente de joelhos... quero bater uma foto de vocês na neve.

Um motor a diesel — ou talvez fosse o rugido de um avião a jato — soou acima de nós.

Enquanto eu alinhava Chadwick no meu visor e apertava o botão do obturador, percebi uma nuvem em redemoinho branco e espesso no ar sobre a cabeça dele. Então o ruído do diesel registrou-se nos meus ouvidos e na mesma fração de segundo percebi que o ruído e a nuvem branca estavam relacionados, fui atingido com força por trás do meu ombro direito, erguido do chão e atirado montanha abaixo pela encosta. O meu mundo escureceu.

Acelerando de zero a 50 km/h como se um caminhão tivesse me atingido, abri os olhos em meio a uma densa sopa branca. Soube imediatamente que estava deslizando montanha abaixo de cabeça, enterrado em uma abundante massa de neve, mas vários segundos se passaram antes que eu entendesse que estava sendo carregado por uma avalanche. Abri a boca e suguei um punhado de neve que forrou a minha garganta, sufocando-me. Cuspindo a neve, esperei até ver uma mancha de céu através da avalanche, então inspirei profundamente e prenda a respiração. Lutei para me safar da correnteza, tentando girar o corpo para manter a cabeça alta e poder nadar contra o fluxo rolante branco, mas os meus esquis se arrastavam pelos detritos acelerados, como âncoras prendendo os meus pés acima de mim. Relaxando para poupar o meu oxigênio até que outra janela se abrisse na maré sufocante, imaginei comigo mesmo quando a minha vida começaria a passar pelos meus pensamentos; felizmente, isso nunca aconteceu. O meu pensamento seguinte foi: “Então é assim que é passar por uma avalanche”. Esperava ser rolado em um salto mortal terminal, mas simplesmente continuava escorregando sobre o meu lado esquerdo. Fui arrastado por mais diversos segundos. Precisava respirar de novo. Esperei uma oportunidade, mas não houve uma janela azul dessa vez. Ofeguei e enchi a boca de neve.

Então senti a desaceleração quando a avalanche diminuiu de velocidade e bati os braços para mantê-los acima da neve. Por causa dos bastões de

esqui presos aos pulsos, só a minha mão direita levantou-se. Livrei-me da luva, com o antebraço e o cotovelo enterrados na neve que se enrijecia, como o resto do meu corpo ensopado. Quando parei de escorregar, levantei a cabeça e impeli os quadris para a frente, arqueando as costas como um escorpião. Olhava para a encosta da montanha abaixo, no mesmo nível do cascalho. Então um pensamento me ocorreu: “Estou vivo!”

O meu tronco agitava-se incansavelmente por ar. O estado de asfixia da avalanche e um punhado de neve compactada deixaram o meu corpo sedento de oxigênio. Cuspindo fora a neve, continuei a hiperventilar mas consegui gritar:

— Estou bem! Estou bem! — entre suspiros ofegantes.

A neve da avalanche consolidara-se imediatamente, prendendo-me em um molde inflexível que apertava o meu peito e prendia o meu corpo imobilizado a não ser pela minha mão direita e pela minha cabeça. Empurrando os pequenos detritos de perto do meu rosto o quanto podia, olhei para a esquerda e lá adiante avistei a cabana; à minha direita, a encosta da montanha. Os detritos da avalanche estavam por toda parte, mas não vi nem sinal dos meus parceiros.

— Chadwick! Mark!

Acima de mim, Chadwick gritou em resposta.

— Aron! Mark!

Virei a cabeça o máximo que pude para a esquerda e avistei Chadwick de relance, a uns 30 metros, encosta acima.

— Estou bem! Você está bem? Onde está Mark?

— Não sei! — Chadwick parecia assustado e gritar não estava ajudando.

— Você está livre?

— Quase, estou cavando para soltar o meu pé!

Chadwick dera várias cambalhotas na avalanche, mas terminara em pé e se levantara quando parara. Já soltara a pá da mochila e estava escavando as botas e as presilhas do esqui enquanto eu continuava a gritar por Mark.

— Chadwick, você vê algum sinal do Mark?

— Não!

Os meus óculos, pá e câmara tinham se perdido, arrancados de mim durante o tumulto. Os meus bastões de esqui e a luva direita também se foram, enterrados nos detritos. Eu esperava que Mark pudesse ter perdido algum equipamento e que uma trilha visível de utensílios sugerisse a sua

localização, mas nenhum de nós conseguia ver nenhum objeto pessoal no campo de detritos.

— Ligue o sinalizador de busca e venha me desenterrar. Precisamos encontrar o Mark — gritei.

O protocolo podia sugerir que Chadwick devesse tentar encontrar Mark sozinho, mas eu não poderia me desenterrar o bastante para alcançar o meu sinalizador e ligá-lo no modo de busca. Até eu poder fazer isso, o sinalizador de Chadwick estaria recebendo a minha transmissão antes do de Mark, dificultando localizá-lo.

Dentro de mais dois minutos, Chadwick estava ao meu lado, desenterrando a minha mão esquerda.

— Fique acordado, Aron! — Chadwick estava muito abalado emocionalmente. Eu lhe reassegurei que estava bem e orientei-o sobre como desenterrar as minhas pernas e depois soltar as minhas botas das presilhas dos esquis.

Rolando para fora do meu buraco, levantei-me e vi a extensão do imenso deslizamento. Minha voz soou abafada.

— Oh, meu Deus, Chadwick. Olhe só aquilo.

A uns 150 metros verticais acima de nós, uma fratura colossal cortava o topo da depressão, tão alta como uma casa de dois andares à direita. Blocos do tamanho de refrigeradores amontoavam-se na encosta da montanha; alguns pedaços monstruosos eram tão grandes quanto vagões de trem. À primeira vista, o deslizamento parecia ter várias centenas de metros de lado a lado. Então eu vi como ele continuava para a esquerda, por trás da ilha de árvores onde fôramos atacados de surpresa, fazendo um arco de quase 800 metros até a aresta sudeste. Milhares de toneladas de neve tinham se esmagado na encosta da montanha. Os meus joelhos enfraqueceram diante do tamanho da avalanche. Que nós dois fôssemos mobilizar um resgate consistentemente, depois de um deslizamento dessa magnitude, que varrerá sobre nós dois blocos do tamanho de uma cidade montanha abaixo, era quase inimaginável. Mas onde estava Mark?

Chadwick ainda pesquisava a depressão quando descí para um terraço na encosta a uns 9 metros abaixo de nós. Os destroços rolados bloqueavam a nossa visão dos campos de neve mais baixos. Na borda, examinei os detritos em busca de alguma pista, mas não encontrei nada — a avalanche varrerá a depressão por uns 300 metros abaixo da nossa posição, por todo o caminho até a enseada. Com o meu sinalizador ligado no modo de busca,

esperei freneticamente por um sinal, mas não havia retorno no mostrador. Gritei para Chadwick, que começara a andar para a direita e estava a uns 30 metros distante de mim.

— Qual é o seu alcance?

— Não sei.

— Ligue o sinalizador para transmitir.

Eu queria identificar a que distância podíamos captar uma transmissão. Com Chadwick transmitindo e o meu sinalizador recebendo, poderíamos estabelecer a nossa faixa de operação.

— Está me recebendo? — ele gritou. Eu notava o desespero na voz de nós dois.

— Ainda não... volte um pouco na minha direção.

— Certo! Estou indo! Estou indo!

— Pronto; trinta e oito! — O meu sinalizador captara a frequência de Chadwick a 38 metros. — Mude para o modo de busca!

Tínhamos uma faixa definida de 38 metros e um caminho sobre o deslizamento de 600 metros de largura. Se pudéssemos confiar que os nossos sinalizadores trabalhassem sistematicamente na faixa de operação com um mínimo de sobreposição no padrão de busca, precisaríamos de cinco idas para cima e para baixo na extensão da zona de deslizamento para cobrir todo o campo de destroços. Mas não havia tempo para isso.

“Pense, Aron. Pense.”

— Chadwick! Estávamos juntos no alto. Olhe onde você e eu viemos parar. Estamos na mesma linha. O Mark deve estar nessa mesma linha. Ele está acima ou abaixo de nós?

Chadwick não respondeu. Corri de novo sobre a borda da rolagem e tornei a verificar a base da montanha. A imensa maioria de pessoas que sobrevive ao ser enterrada em uma avalanche é encontrada dentro dos primeiros quinze minutos; depois de meia hora, as chances de uma ressuscitação com sucesso são mínimas. Não tínhamos tempo para subir e descer. Era uma coisa ou outra. Eu gritei:

— Não vejo nada... nenhuma pista por aqui. Ele está acima de nós! Vamos lá!

Não tinha certeza nenhuma, mas precisávamos fazer uma escolha. Se ele ainda estivesse vivo, qualquer indecisão da nossa parte mataria Mark em poucos minutos.

Com uns 30 metros entre nós, Chadwick e eu andamos rapidamente pela encosta na direção de outro terreno rolado a uns 15 metros acima. Chadwick parou de repente. À minha direita, ele berrou:

— Quarenta e oito! Tenho um sinal!

Mark! Saímos correndo, as coxas ardendo, os pulmões pinicando, as pernas afundando, tropeçando nos destroços. Mark! Não havia tempo para respirar. Corri sobre a rolagem e o meu sinalizador se acendeu — 38, 37, 34... 28... 24. Estava se aproximando. Então vi um pequeno objeto, a ponta de um esqui. Podia distinguir a insígnia do K2.

— O encontrei! Vejo a ponta de um esqui!

Com mais terreno a percorrer do que eu, Chadwick se atrasara nos destroços, ficando cada vez mais para trás. Eu gritei:

— Mark! Estamos chegando!

Chadwick gritou:

— Aron, pegue a pá!

Eu estava perto. 18... 15... Não podia voltar para pegar a pá.

— Não! Venha você para cá!

Enquanto eu corria até a ponta do esqui, o meu sinalizador pulsava cada vez mais rápido e num tom mais alto, como um detonador prestes a explodir. 11... 8... 4... Acima do apito insistente, ouvi um gemido fraco, depois outro.

— Mark, estou aqui!

Calculei a distância de 1,5 metro da ponta do esqui e ergui um bloco de neve do tamanho de uma mala de cima da origem do gemido. Um emaranhado de cabelo amarelo e um pedaço vermelho de roupa se projetavam de uma pilha de neve parecida com cimento.

— Mark! Pode me ouvir?

Mark não podia desperdiçar o tempo que eu levaria para ser delicado na minha próxima tarefa. Bati grosseiramente na cabeça dele várias vezes enquanto afastava a neve do seu rosto, abrindo rapidamente um espaço para ele respirar. Quando movi a luva vermelha cheia de neve em frente à sua boca, a pele em tom de chumbo de Mark impediu a minha ação. Eu estava olhando para o rosto cinzento de um fantasma enterrado. Das quatro pessoas mortas que tinha visto na vida, todas tinham mais cor do que Mark naquele momento.

Balancei a cabeça de Mark para cima e arranquei a neve que lhe bloqueava a boca. Tinham passado doze minutos desde que a avalanche

parara e Mark ficara sem o oxigênio necessário pela maior parte desse tempo. Ele ainda estava vivo, mas no nível mais baixo de estado de alerta. Fiquei aliviado quando ele respondeu às minhas perguntas, mas tudo o que ele pôde dizer foi que estava gelado e cansado.

Saltei dali e corri no sentido de Chadwick, que atirou a pá na minha direção. Pegando-a no ar, voltei correndo até Mark. Com as vias aéreas desimpedidas e ele ainda respirando por conta própria, a minha preocupação seguinte em relação a Mark era com a temperatura do seu corpo. A hipotermia podia provocar a inconsciência de Mark a qualquer momento e ele pararia de respirar. Cavei primeiro junto ao braço esquerdo de Mark, que estava exposto parcialmente, depois nas suas costas e perna esquerda, gritando sobre os meus achados enquanto fazia um progresso lento. Mark ficara enterrado mais profundamente do que eu. Chadwick chegou e conversou com Mark enquanto eu cavava febrilmente, jogando a neve encosta abaixo. Precisava de ajuda para mover toda a neve pesada. Depois de expor a mochila nas costas de Mark, desamarrei a pá dele e atirei-a na frente de Chadwick.

— Me ajude a cavar!

— Não posso. As minhas mãos estão congeladas. Não consigo segurar nada.

Chadwick perdera as luvas na avalanche e, considerando o esforço de me desenterrar e de tatear nos destroços de gelo, o resultado foi que as suas mãos ficaram imprestáveis. Eu só tinha a luva esquerda e o forro. Arrancando a camada externa, dei-a para Chadwick apesar dos seus protestos:

— As minhas mãos já eram... salve as suas!

— Pegue! Vire do avesso e ponha na sua mão direita. Preciso da sua ajuda para cavar.

Em seguida, arranquei as luvas de Mark, dei a esquerda para Chadwick e peguei a direita para mim.

Pela primeira vez vi uma movimentação na cabana, a uns 500 metros dali, do outro lado da montanha à nossa direita, encosta acima. Fechei as mãos em volta da boca e gritei na capacidade máxima dos meus pulmões para as pessoas que via reunidas do lado de fora:

— SOCORRO! SOCORRO! SOCORRO! SOCORRO!

Ao longe, ouvi uma resposta quase inaudível:

— Estamos indo!

O resgate estava a caminho, mas Mark não venceria a hipotermia a não ser que conseguíssemos tirá-lo da neve e envolvê-lo em camadas de algo que o isolasse. Voamos com as pás, atirando neve, batendo as nossas pás uma na outra. Chadwick errou a neve completamente em duas tentativas consecutivas.

— Chadwick, calma. Você nem está acertando a neve.

Ele estava entrando em pânico; estávamos perdendo a batalha.

— Aqui, comece no alto e jogue a neve para baixo... é mais baixo do que jogar para cima.

— Mesmo com nós dois cavando, Mark estava indo embora. Ele vinha repetindo que estava com muito frio e muito cansado, e então passou cerca de um minuto em silêncio.

Chadwick verificou a cabeça de Mark de novo.

— Ele não está respirando.

Com duas respirações boca a boca de Chadwick, Mark ressuscitou. Tirei a bota esquerda de Mark das presilhas e correias do *telemark*. Cinco minutos e mais de um metro cúbico de neve mais tarde, desenterramos a perna direita de Mark do seu encapsulamento.

— SOCORRO! SOCORRO! SOCORRO!

Gritamos juntos para os nossos amigos na beira do campo de destroços. Tínhamos feito o quanto podíamos e precisávamos de suprimentos para manter Mark aquecido. Exaustos com o esforço de meia hora de resgate e não percebendo as precauções que os nossos amigos estavam tomando para assegurar que não fossem varridos por uma avalanche secundária, eu murmurei exasperado:

— Por que estão demorando tanto?

Rolei Mark para o seu lado esquerdo e o sentei. Ele afundou para trás e arrotou o ar que Chadwick soprara na sua barriga — a respiração de socorro desviara parcialmente dos pulmões de Mark por causa da posição adiantada da cabeça. Abafando as costas e laterais dele com o nosso corpo, tiramos a mochila de Mark e vasculhamos o seu conteúdo à procura de luvas e roupas. Tremendo em consequência da adrenalina, Chadwick e eu apertamos Mark e nós mesmos num abraço sentados. Cheirávamos à halitose crua do medo, misturada com os odores dos aperitivos de ostras, mariscos, peixe e homus. Confiantes na sobrevivência de Mark, rompemos numa série de gargalhadas nervosas com o alívio de que estávamos todos fora e estáveis, com a ajuda chegando em minutos.

Um após o outro, os demais integrantes da equipe do Albuquerque Mountain Rescue que nos acompanhavam na viagem — Steve Patchett, Tom Wright, Dan Hadlich e Julia Stephens — esquiaram até o poço onde estávamos abraçados enquanto a escuridão cobria o lado da montanha, trazendo consigo um saco de dormir de penas, um acolchoado, luvas e luzes de cabeça. Envolvemos Mark no saco de penas e no momento em que Chadwick e eu tínhamos recuperado os nossos esquis e o pouco que sobrara dos nossos outros equipamentos entre os destroços, Mark estava em pé e se movendo. Foi um tributo à sua força e motivação que em trinta minutos tivesse passado da perda de consciência a esquiar de volta para a cabana por seus próprios meios.

Tivemos um jantar solene depois na cabana, rememorando os detalhes daquela noite. Vários dos nossos amigos tinham visto a avalanche e souberam imediatamente que estávamos com problemas. Eles tinham passado do preparo do jantar, vestindo abrigos e meias, a se preparar plenamente para um prolongado esforço de resgate, chegando em segurança ao local do acidente em meia hora — um desempenho fenomenal. Chadwick conseguiu participar mesmo depois do terrível *stress* de resgatar os dois parceiros. Eu estava orgulhoso da sua ação rápida e da resistência de Mark. Embora tivéssemos todos decidido esquiar naquela encosta, senti-me culpado pelas decisões que tomara: decisões baseadas no ego, ousadia, excesso de confiança e ambição, que passaram por cima do treinamento e experiência combinados do nosso grupo. Sobrevivêramos a uma avalanche de grau 5 — à altura das que acontecem no Colorado. Sobrevivêramos a algo que não devíamos ter sobrevivido. Sobrevivêramos, mas Mark e Chadwick me culpavam por pressioná-los a esquiar na depressão. Perdi dois amigos naquele domingo por causa das escolhas que fizéramos; Mark e Chadwick partiram na manhã seguinte e nunca mais falaram comigo depois disso.

Em vez de lamentar aquelas escolhas, jurei para mim mesmo que aprenderia com as suas consequências. Mais simplesmente, entendi que as minhas atitudes não eram intrinsecamente seguras. Sem avaliar plenamente uma decisão quanto ao perigo potencial — isto é, quando tomasse uma decisão cuja atitude passava por cima de uma completa compreensão e mitigação do risco — eu estava jogando com a sorte. Lembrei-me da advertência de um instrutor de avalanche: “Quando se joga com a sorte, é preciso ser capaz de vencê-la”. Depois da avalanche na

depressão do Resolution, achei mais fácil livrar-me do ego e da ousadia, que de outro modo me fariam correr um risco maior do que me convinha, ou apressavam a tomada de decisão, fazendo-me pular as etapas decisivas da reunião e avaliação das informações. O desconforto com riscos elevados não era um ponto fraco a superar, mas um sinal para avaliar uma decisão até poder ou avançar em segurança ou escolher voltar outro dia.

O tempo quente e mais tempestades nas três semanas seguintes provocaram um aumento na atividade de avalanches naturais que diminuiu a possibilidade de concluir o meu projeto para o inverno — escalar os Maroon Bells, as pirâmides gêmeas perfeitas para enfeitar cartões-postais e que decoram calendários como as montanhas mais fotografadas do Colorado. Todas as faces e ravinas dos dois picos são sujeitas a um risco extremo de avalanches. Não existe uma rota de risco pequeno; a única maneira de tentar chegar aos picos seria sob condições de acúmulo de neve estável. No início de março, estava acabando o tempo da minha temporada de inverno.

Em razão das minhas escaladas durante o inverno, a edição de 15 de março do jornal *Aspen Times Weekly* publicou um artigo substancial sobre a minha subida do pico Capitol e da avalanche da depressão do Resolution. Para encontrar fotos para ilustrar o artigo, segui a pé até Highland Ridge com Dan Bayer, um fotógrafo amigo meu. Tivemos um dia de céu azul perfeito sem obstruções às vistas dos Maroon Bells. Eu dissera na entrevista que achava que as condições não permitiriam uma tentativa de escalar os Bells antes do término do inverno. Mas o que vi durante a sessão de fotos levou-me a reconsiderar as minhas chances. Dos 3.650 metros de Highland Ridge, podia ver que a principal calha de neve dividindo a face leste dos dois picos — a ravina Bell Cord — tinha sofrido repetidas avalanches. Às vezes, as rotas mais seguras para escalar são as que já foram liberadas. Especulando que, com a continuidade do tempo quente, ventos calmos e a ausência de neve dali por diante, a ravina permaneceria consolidada depois dos deslizamentos anteriores, planejei uma viagem para dois dias depois.

No dia em que saiu o artigo de capa do *Aspen Times Weekly* — intitulado “For Whom the Bells Toll” [Por Quem os Sinos Dobram] — esquiei com as minhas botas *randonnées* os 14,5 quilômetros de subida desde o fim da estrada de Maroon Creek até os 3.100 metros do lago

Crater. Diretamente abaixo da ravina Bell Cord, atravesssei a zona de 800 metros de largura de detritos de avalanches endurecidos, a evidência de um ciclo semanal de intensa atividade de avalanches. Às 13h30, eu tinha chegado à área onde acamparia e estava examinando as árvores depois da borda dos detritos em busca de um local de acampamento protegido quando uma pluma de neve de 300 metros de comprimento veio cascadeando sobre as encostas mais baixas do East Buttress do pico South Maroon, menos de 400 metros à minha frente. Na velocidade rápida da minha câmera, bati uma série de fotos enquanto a avalanche engolfava a floresta em uma nuvem que se erguia a 150 metros acima do fundo do vale. As ondas de som me atingiram com um atraso no tempo. Os estilhaços do desmoronamento salientavam o rugido prolongado da neve enquanto ela se precipitava dos penhascos superiores sobre as árvores de mais de 2 metros de altura que estalaram sob o ataque devastador. As avalanches podem se deslocar a uma velocidade em torno de 160 km/h, com uma densidade de quatro vezes a do ar por causa da neve em suspensão, que impacta com a energia de um vento de 640 km/h. Os pinheiros e abetos não tiveram a menor chance. Nem eu teria.

Enquanto tufo de neve cristalina eram projetados por todo o vale, escolhi um local de acampamento nas árvores na borda mais distante dos acúmulos de detritos mais antigos e formulei um plano para a subida. A ameaça de avalanche na ravina em si era mínima em razão das ocorrências anteriores, mas as duas faces esvaziavam-se na vala comum. A exposição ao sol sobre a rocha praticamente vertical e as faces nevadas de cada lado do Bell Cord, a 50 graus, seria o maior risco para mim. A face esquerda recebia o sol desde a primeira luz até cerca de meio-dia, enquanto a face direita receberia o sol até o final da tarde. Em razão da maior exposição ao sol, a face direita já tinha perdido a maior parte da sua neve e era menos preocupante do que a esquerda. Interpretei a montanha e concluí que o risco seria menor antes do nascer do sol e pouco depois que a face esquerda entrasse na sombra por volta do meio-dia. No final da tarde, a face direita começaria a deslizar, exatamente como fez por três vezes enquanto eu estava sentado em minha barraca e preparava uma sopa para o jantar.

Às 3 horas da madrugada, acordei e vesti as minhas roupas de clima frio, arrumei a água e a comida, calcei as botas e preendi os grampões.

Depois de uma rápida tigela de mingau de aveia e proteína em pó, eu estava subindo pelo campo de detritos às 3h30.

Dentro de uma hora, eu estava com problemas. Embora tivesse feito as minhas observações na tarde anterior, avistei um atalho íngreme diretamente acima de uma ravina estreita. A ravina eliminaria uma ampla travessia para a direita em neve menos consolidada, permitindo que eu entrasse na ravina Bell Cord exatamente a 3.400 metros. Escalando sobre as pontas à minha frente, em uma bolha iluminada pela minha lanterna de cabeça, eu me achava na metade da subida da ravina quando uma bola de boliche de gelo arremessada do céu retinto passou sobre o corredor estreito assobiando sobre a minha cabeça. Ela caiu com tamanha velocidade que captei apenas o seu clarão iluminado pela lanterna de cabeça. O terror gelou o meu sangue, mas eu continuei escalando, esperando que aquela massa de dez quilos de gelo não tivesse outros amigos. Minutos depois, porém, outro bloco passou silvando próximo ao meu ombro direito, também em alta velocidade, e foi esmagar-se na parede direita da ravina. Eu precisava sair da galeria de tiro o mais rápido possível. Escalar até o topo era a melhor opção, uma vez que os blocos pareciam estar saltando sobre uma borda que proporcionaria cobertura até eu deixar o confinamento das paredes de pedra. A ravina tornou-se mais íngreme à medida que eu me aproximava do topo, e então a minha machadinha de gelo atingiu o gelo sólido abaixo do colchão de espuma de neve. Olhei para a cachoeira totalmente congelada de 12 metros acima que se estendia sobre a ravina de parede a parede.

Mas o que é...? De onde veio isso? Por que não vi antes? Será que posso escalar por ali? Devo descer?

Não queria me arriscar descendo pela ravina — não fazia ideia se o bombardeio acabara ou não — e não poderia me dar o luxo de perder o tempo que seria necessário para tornar a subir pelas rampas nevadas. Eu precisava estar a 4.150 metros na hora em que a luz solar atingisse as faces da montanha em duas horas e não conseguiria se precisasse desistir com um recuo de meia hora. Se quisesse o quinhão de fazer a escalada naquele dia, teria de escalar aquela cortina de água congelada com uma única machadinha de gelo e grampões comuns de montanhismo — não o meu equipamento preferido de escalada no gelo. As pontas dos grampões do meu pé direito cravaram-se no esmalte congelado da cachoeira e eu lancei a machadinha de cabo longo na minha mão direita como uma ferramenta

de escalada no gelo mais curta, até que ela enterrou com o terceiro golpe da picareta. Rachaduras da grossura de um dedo, bordas rasas e apoios para os pés eram numerosos na parede rochosa à minha esquerda. Formando um ângulo reto com o gelo, a parede de rocha à minha esquerda permitia-me fazer manobras de frenagem; usando a contrapressão, podia confiar mais na pegada das pontas dos grampões do meu pé direito, sempre que eles se incrustavam no gelo. Venci dois passos de 3 metros na rocha usando essa técnica básica. Tentando ignorar o vazio mortal atrás de mim, continuei por outros 3 metros e saí do gelo do meu lado direito. Estava quase no topo, mas agora havia uma pequena mancha de tundra congelada exposta pelas avalanches que seguiram pela ravina. Uma fenda horizontal de 5 centímetros ofereceu-me um decente apoio para o pé esquerdo onde as pontas frontais planas dos meus grampões podiam se equilibrar. O meu pé direito podia continuar perfurando a cascata de gelo num apoio retilíneo, mas a parede de rocha afastou-se da minha mão esquerda, deixando-me sem bons apoios para qualquer uma das mãos. Eu estava empacado.

Inverter a escalada descendo pelo diedro misto de gelo e rocha levaria a uma queda mortal. Eu não podia descer; não podia ficar onde estava. Precisava subir, por mais improvável que isso parecesse. Arrancando a machadinha da última posição no gelo, lancei-a com força contra a terra congelada acima do ressalto gramado. Não podia confiar na lama para sustentar o meu peso, mas a minha mão esquerda não podia puxar o último rebordo de rocha remanescente — a minha luva era lisa demais. Enquanto as pontas dos grampões do meu pé esquerdo escorregavam para fora do seu ponto de equilíbrio, eu investi com a mão direita usando a machadinha de gelo. A ponta se prendera firmemente na tundra congelada, mas eu estava desesperado; se a machadinha tivesse sido arrancada quando o meu pé escorregou, eu já estaria morto no fundo da ravina.

Completamente estressado, inclinei a cabeça para a esquerda com o pescoço esticado e mordi o punho da minha luva esquerda, soltando a mão. Deixando a luva pendurada pela alça do pulso, estirei os dedos ao redor do ressalto de rocha e puxei-me ao mesmo tempo com os dois braços, olhando para a ponta da machadinha fincada na lama. Isso foi tão difícil quanto qualquer movimento de escalada de rocha com dificuldade graduada em nível 5.8 que eu já tinha feito, tornando essa a mais difícil manobra livre em solitário que jamais tentei. Acrescente a altitude, o local

remoto e o fato de estar fazendo isso em alta exposição no escuro, e é fácil entender por que deixei meu corpo desmoronar sobre a primeira superfície plana que pude encontrar. Estava suando tanto que precisava ser torcido, mas tudo o que consegui fazer foi abrir um pacote de energético em gel com os dentes enquanto estendia a mão para calçar a luva esquerda. Ela não estava lá: a minha luva não estava pendurada no meu pulso.

Então me ocorreu que não passara a volta de segurança ao redor da mão naquela manhã. Quando tirara a luva esquerda para fazer aquele último movimento, ela caíra diretamente na ravina. Droga, droga, droga! De novo, eu me debati entre descer ou não, mas sabia que isso significaria trocar a escalada pela recuperação da luva. Podia me permitir o risco de mais lesões por congelamento? Bem, não; mas tinha um conjunto extra de luvas finas, para usar junto com as luvas grossas, para impedir o enregelamento como o que acontecera no Capitol. Descalcei a minha luva direita, virei-a do avesso e a calcei por cima da luva esquerda de reserva, acrescentando a luva de reserva direita sobre a luva interna que já estava usando.

“Tudo bem, Aron, o restante disto deve ser fácil em comparação com o que já passou.”

O meu coração batia ao máximo nas duas horas seguintes enquanto eu galgava os 700 metros restantes até o topo da ravina exatamente no momento de ver o sol nascer sobre o cume do pico Pyramid, a 5 quilômetros a leste. As sombras dos Maroon Bells estendiam-se a meio caminho para o horizonte, onde o monte Snowmass e o pico Capitol recebiam os primeiros raios do amanhecer sob um impressionante céu preto. Foi uma recompensa adiantada pela escalada difícil que fizera no escuro, e o meu primeiro nascer do sol no inverno do topo de um *fourteener*. Fiz um longo intervalo, reenergizando-me com algumas barras de alimento e água, depois zarpei para subir lajes e campos de neve de classe 4 até o cume do South Maroon, que alcancei com gritos e risadas às 8h15. Uma hora depois, estava de volta à sela acima do Bell Cord, pronto para subir ao pico North Maroon. A crista dos Bells é uma das travessias de ligação altamente técnicas dos *fourteeners* do Colorado, as outras são Blanca-Little Bear, Wilson-El Diente e Crestone Peak-Crestone Needle. Escalei-as todas no verão, mas a dos Bells seria a minha primeira das quatro no inverno. Encontrando ajuntamentos de neve profundos e afunilados no lado oeste da crista sul do North Maroon, subi pelos

cogumelos de neve no alto da crista e entrei num túnel por um buraco aberto em um dos montes de mais de 2 metros de altura presos à rocha no meu caminho ao cume. Tinha tido poucas experiências no alto de montanhas quando senti a empolgação e o júbilo por que passei no alto do North Maroon. Acenando com a machadinha de gelo no ar, eu gritava de alegria no meu 45o *fourteener* em solitário no inverno, tendo completado a serra Elk em um único inverno e a última das rotas tecnicamente difíceis e a experiência singular de uma travessia dupla na crista dos Maroon Bells. Virando para o sul e para uma vista das minhas pegadas espalhadas por cima e através das formações surreais de neve da crista, dei um grande grito de “Iaaa-huuuu!” e imaginei a minha exuberância, a minha energia, empolgação e felicidade, estendendo-se pelos cumes alpinos em todo o Crested Butte.

De volta ao entalhe acima do Bell Cord ao meio-dia, senti estonteado que o meu esquema funcionara exatamente como planejara. Desci os 1.030 metros verticais até o meu acampamento, pegando a minha luva esquerda dentre os detritos na base da ravina de “atalho”, tudo dentro de 45 minutos desde a partida da cabeceira do Bell Cord.

Na descida, lembrei-me da primeira vez que toquei os Bells, em 2 de julho de 2000. Junto com os meus melhores amigos e companheiros mais próximos de escalada, Mark Van Eeckhout e Jason Halladay, tínhamos escalado o North Maroon, atravessado a crista para o South Maroon e descido pelos regatos lamacentos de neve na ravina East Face em uma jornada de ida e volta de quinze horas. Apesar da descida excelente, lembrei-me de um momento na escalada de descida pela rocha volumosa e arroxeada na fenda central recoberta pelo líquen amarelo na cabeceira do Bell Cord e olhando para o oeste sobre o deslumbrante verde aveludado da bacia Fravert. As cores eram tão variadas e vivas, que pensei que era capaz de sentir o seu perfume. Fui tocado pelo amor da beleza mais profundamente do que nunca antes em toda a minha vida. Duas coisas tornaram-se certas para mim naquele momento: a primeira, que viajaria pela bacia Fravert para sentir de perto a visão da natureza que me emocionara naquela fenda na rocha; e a segunda, independentemente de qual fosse o recesso vago da minha mente que se encarregasse dessas decisões na vida, eu sabia que um dia chamaria Aspen de minha casa. Se a ideia da travessia da crista dos Maroon Bells no inverno tivesse me ocorrido na época, eu a teria rejeitado imediatamente como uma

impossibilidade. No entanto, eu a fizera, não só uma vez, mas duas, no mesmo dia, e cinco horas mais rápido no inverno do que fizera no verão.

CAPÍTULO SETE

TERCEIRO DIA: “CONTINUE ATÉ O DIA RAIAR”

A adversidade tem o efeito de despertar talentos que, em circunstâncias prósperas, teriam continuado adormecidos.

— Horácio

De onde vieram todos estes mosquitos? Espero por dois deles e devolvo seus espíritos ao cosmos quando pousam no meu antebraço direito. Até meia hora atrás, não tinha visto um único inseto em todo o dia, e agora uma meia dúzia de sugadores de sangue zumbem ao redor da minha cabeça. Sentado na cadeirinha suspensa da âncora que construí esta manhã, acima da rocha encravada, executo-os um por um até não sobrar nenhum. Estranhamente, ocorre-me que poderia comer mosquitos amassados. É um pensamento ridículo e desnecessário: os insetos não poderiam mesmo me sustentar e, além do mais, ainda tenho grande parte dos dois burritos comprados prontos. São umas quinhentas calorias com certeza e muito mais apetecíveis do que insetos mortos.

“Deve ser a privação de sono. Ela está deixando você estúpido.”

Mais uma brisa sopra por mim a caminho do Big Drop, privando-me do pouco calor que tenho. No final da tarde — o início da noite, acho — os ventos aparecem com mais frequência e um frescor prenuncia a chegada da noite.

A minha vontade de lascar a pedra se foi. Continuo com o esforço infrutífero unicamente para estimular o meu metabolismo e superar os tremores de fraqueza provocados pelo vento frio. Ainda assim, trabalho apenas uma fração do que fazia ontem. Já admiti a inutilidade de cavar a pedra, mas alguma parte irracional do meu cérebro ainda não concordou com a desesperança da minha situação. Ela insiste que, se eu trabalhar com mais afinco e fizer menos intervalos, acabarei me libertando. Racionalizo a minha letargia com o pensamento impossível de que não quero me libertar com a aproximação da noite — poderia dar um passo em falso ao sair do rapel no Big Drop no escuro, ou me perder na parte inferior do cânion.

“Como você vai se libertar? Você é um preguiçoso e sabe disso. Está lutando pela sua vida — uma luta pela sua vida, nada menos do que isso — e é preguiçoso demais para superar um pouco de fadiga e trabalhar um pouco. Seu traste inútil. Você está se matando aqui. Você vai morrer.”

É isso aí, o meu prognóstico em branco e preto, como um raio-X contra a luz. Estou em estado terminal. Sem ser capaz de atender às necessidades do meu corpo, posso esperar viver mais um dia e meio, talvez. Ou dois dias, mas o que importa isso? Nenhuma expectativa me preparou para esse tormento de ansiedade de uma morte lenta, pensando se ela virá hoje à noite no frio, amanhã nas câibras da desidratação ou no dia seguinte de insuficiência cardíaca. Nesta hora, na próxima ou na seguinte, a todo momento me aproximo da morte. Seja a circunstância vivida ou visualizada, o corte veio como uma lâmina executora, rápida como a gravidade na forma de um bloco de gelo caindo, uma avalanche sufocante, uma contenção de si mesmo fracassada, um salto mortal provocado pelo escorregão de uma rocha. Eu sabia que os meus últimos sons não seriam uma expressão de sabedoria profunda, mas o murmúrio de algo como “Ah, merda”, talvez o pensamento “É isso aí”, e um suspiro esmagado, um cuspe de sangue, ossos triturados. Nunca imaginei desaparecer em uma partida tímida. Imaginei que poderia enfrentar qualquer coisa que provocasse uma luta feroz: enfrentando uma tempestade; procurando uma saída estando perdido; arrastando o meu corpo depois de uma lesão ou doença. Não, não me sentaria pra jantar com a morte, conversar introspectivamente ante uma visita demorada e terminar com “Bem, é isso aí, então, acho que está na hora de partir”.

Tive sorte em tantas ocasiões que mesmo os relances do meu destino final tornaram-se um brinquedo com que eu brincava para provocar uma certa sensação, o contraste supremo entre o medo da perdição imediata e o desejo de viver plenamente. Acho que algumas pessoas considerariam esses pensamentos uma embriaguez de adrenalina, mas eu gosto mais do *controle* da minha adrenalina do que do barato que ela me daria se a liberasse. Em jornadas menos perigosas, mas ainda assim aventureiras, forcei os meus limites de resistência, envolvendo-me com experiências prolongadas de sofrimento catártico para romper as minhas paredes interiores, para limpar o meu espírito para emoções mais puras do que o tédio ou o *stress*, e para superar a mim mesmo. Periodicamente, tenho uma percepção eufórica que me leva além dos limites do meu cérebro, na qual

entendo que o medo e a dor existem apenas no intervalo entre um par de neurônios. Chamei a isso de superar a mim mesmo. Como eu supero a mim mesmo agora, neste cânion, está além de todos os poderes mentais perceptíveis sobre a matéria que acho que tenho — a minha situação é fisicamente impossível de superar. Estou acima da dor, tenho a disciplina para sobreviver ao medo, mas não consigo superar a necessidade de água do meu corpo.

Água. Pego a minha garrafa Nalgene cinza-escura e engulo o conteúdo precioso. No último dia, tenho engolido cerca de 60 mililitros a cada três horas. Hummm. Isso significa que com os 300 ml que ainda tenho, consigo atravessar a noite, mas preciso que durem mais do que isso. Já passa das 18h, e não bebi nada de água desde que desliguei a câmera de vídeo às 15h15. Devia pular esta vez, economizar para mais tarde. Acho que tudo bem, talvez. A minha língua não está inchada, pegajosa ou mais dura do que o normal. Os meus lábios parecem normais também. Estou pensando em água com muita frequência, mas talvez esse estágio de desidratação seja como aquela parte do jejum quando penso que morrerei se não comer logo, mas depois de mais meio dia, as fantasias perturbadoras em torno da comida cessam e a minha fome desaparece. De algum modo, duvido que a sede seja assim. Aposto que isso é apenas o começo.

“Seja como for. Pare de pensar nisso; coloque a Nalgene em algum lugar longe. Prenda-a na areia de modo a não ficar olhando quanto ainda tem. Melhor ainda, faça alguma coisa. Prepare-se para passar a noite.”

Sim, é melhor me concentrar no meu plano. Ponho a Nalgene embaixo da rocha encravada sobre a areia e penso na noite que está chegando. Estará totalmente escuro às 21h e então serão nove horas de escuridão. Sei que são apenas nove horas, mas especialmente quando não estou produzindo calor interno, a sua duração será como a de um inverno polar. Vou beber às 21h, meia-noite, 3h e 6h da manhã. Beberei goles menores do que na última noite; isso irá conservar mais para amanhã. Vou precisar comer o resto dos meus burritos. Aquela primeira mordida, três horas atrás, foi tão seca que ele se transformou numa cola pastosa na minha boca; o resto será ainda pior. Muito bem, então, é isso que vou fazer.

Isso me deixa com a pergunta sobre como vou me manter aquecido. O ar parece mais frio do que na mesma hora ontem. Houve um pouco mais de camadas de nuvens passando hoje, mantendo a temperatura mais baixa. Mas agora as nuvens se foram e não há nada para me isolar quando o sol

se for. Uma das poucas leis da transferência de calor de que me lembro das aulas de engenharia é que a radiação, ou a perda do calor emitido, entre uma fonte no chão e o céu noturno, é proporcional à diferença de temperatura elevada *a quarta potência*. Se me lembro corretamente, o espaço é 400 graus Kelvin (cerca de 127°C) mais frio do que o meu corpo. Elevando isso à quarta potência, multiplicando por uma pequena constante que esqueci, isso ainda é como 25 bilhões de unidades de alguma coisa. O resultado final é que estou emitindo um monte de calor para o céu. Preciso fazer o melhor possível para me manter aquecido à noite, especialmente quando não estarei trabalhando muito. Vou simplesmente dar um jeito de chegar até de manhã e depois me preocupar com o que virá em seguida.

Pegando a mochila, retiro o saquinho preto de tecido no qual guardei a câmera digital. Segurando a abertura do saco nos dentes, pego a faca com a mão esquerda e corto o fundo do saco, tentando evitar de cortar o meu próprio rosto. O material leve rasga-se facilmente e eu enfio o antebraço esquerdo no tubo de tecido. Arrastando com os dentes, puxo a extremidade mais próxima do saco sobre o cotovelo, criando uma manga comprida improvisada para o braço esquerdo. Desfaço os nós corrediços da sua posição no meu sistema de içamento e recupero dois comprimentos de fita roxa que amarro ao redor do braço direito, puxando as correias entre o antebraço e a parede onde não posso colocar o isolamento da CamelBak. Também do meu sistema de ancoragem, pego com os dentes o comprimento adicional da fita amarela e, aplicando tensão contra a alça amarrada, corto uma tira de 1,5 metro com a faca. Ponho os dois terços remanescentes do meu primeiro burrito no bolso esquerdo, deixo o que está inteiro e fechado no fundo da mochila e embrulho o bíceps direito com o saco plástico do supermercado que estava usando para guardar a comida. Amarro o saco plástico com a fita amarela e tenho uma manga comprida também para o braço direito.

Agora vou fazer o mesmo para a metade inferior e de algum modo fazer pernas de calças dos restantes 50 metros da corda de escalar. A corda verde e amarela suja está em um ressalto sobre o banco de rocha na frente dos meus joelhos. Gasto vinte minutos com cada perna, mas consigo enrolá-las das coxas até as meias com cerca de trinta voltas de corda. Rio comigo mesmo. As cordas se empilham como voltas de um vaso de barro; parece que fui atacado por duas serpentes verdes idênticas de 1,5 centímetro de espessura. As voltas se reúnem e apertam os meus joelhos quando me

sento na cadeirinha, então as afrouxo e faço um ajuste na *daisy chain* que me prende à âncora, erguendo-me 5 centímetros mais acima no meu assento. Essa é a posição mais confortável desde que fiquei preso.

Com as cordas enroladas sobre a barriga da perna, posso me inclinar sobre o banco de rocha na frente das minhas canelas — da qual temia cair para trás se tentasse sair do caminho da rocha encravada caindo. Mesmo que tivesse caído, seria melhor ter uma fratura da tíbia. Será que pensei nisso, ou estava preocupado com a minha cabeça? Aconteceu tão depressa, mas aconteceu tão vagarosamente também. Quanto tempo tive realmente para reagir? Havia muita coisa sobre o que considerar naquela fração de segundo que tomei a decisão de tentar empurrar a rocha em queda. Por que fiz aquilo? Talvez tenha pensado que poderia desviar a pedra da minha cabeça, como tinha feito com um penedo de tamanho semelhante no Crestone Needle.

Daquela vez, eu certamente não tive escolha. Se não tivesse desviado o rochedo, ele teria esmagado o meu peito e eu teria despencado de 4.300 metros em queda livre. Estava fazendo uma travessia sobre a crista entre o pico Crestone e o Needle na primavera de 2000, depois de subir sozinho a ravina Northwest no pico Crestone com bastões de caminhada e sem grampões. Eu estava com um humor dos mais elevados, corajoso e determinado, e em vez de tomar a rota documentada e demarcada de menor resistência na travessia, criei a minha própria variação de aventura na qual me vi atravessando uma considerável extensão de terreno no lado norte da crista, de cume a cume. A rota normal jamais cruza pelo lado norte, e por uma boa razão: duas vezes caíram diante de minhas botas de montanhismo rochas quebradas de classe cinco. Fiquei alerta durante os 900 metros da minha posição até descer ao lago Upper South Colony. Com o penhasco do Black Gendarme à minha frente, eu sabia que tinha de encontrar um caminho pela crista até o lado sul e daí para um terreno mais fácil. Uns 15 metros acima de mim, um escoadouro curto e íngreme de detritos soltos de rochas caídas terminava em um teto de 3 metros de altura. Ele se sobressaía um pouco, mas o escoadouro tinha apenas 90 centímetros de largura na cabeceira, então imaginei que podia galgá-lo até o teto, subindo no estilo de chaminé até atravessar, provavelmente me colocando na escada de ressaltos de detritos onde terminaria a travessia ao cume do Needle.

A não ser que acontecesse o que aconteceu. Eu estava a pouco mais de um metro para fora do cascalho no escoadouro de 50 graus quando fiquei preso no prolongamento e todo o teto desabou. Um grosso pedaço de laje se desalojou de entre as duas torres que formavam a estreita chaminé. Merda! Recebi a pedra no peito e caímos os dois para trás como um único objeto até que o meu tronco girou para a esquerda no meio do ar. As minhas costas bateram na parede da direita e a pedra momentaneamente comprimiu o meu peito, forçando a minha respiração para fora. Enquanto eu escorregava para baixo para cair nos destroços pontiagudos, empurrei a pedra que caía, desviando-a da parte superior do meu corpo e para dentro do escoadouro logo depois dos meus pés. Sem fôlego, caí para a frente e as minhas mãos apoiaram-se na parede oposta, com a minha cabeça voltada para baixo. Vi a pedra quicar duas vezes nos seixos, então ser catapultada sobre a borda inferior da ravina em um chuveiro de uns 800 metros de comprimento de pedras esmagadas e seixos. Se as minhas costas não tivessem batido na parede e me mantido ereto, permitindo-me redirecionar a pedra, eu teria acompanhado o movimento em paralelo com ela. Recuperei o fôlego, mas não a minha confiança, e acabei invertendo o caminho pelo escoadouro para a passagem mais fácil para o lado sul do Needle.

Meia hora depois, nos 9 metros verticais do cume, errei um movimento fácil. Não conseguia tirar da cabeça o acidente de que por pouco não escapei. Nem sequer me incomodei em trocar de pé e tentar o movimento final pela segunda vez. Era o que bastava. Desisti da travessia, fazendo uma descida abominável pela face sul do Needle, manobrando por uma série de ressaltos de rocha espalhadas e ravinas intermediárias ligadas por estropos de rapel, uma evidência de que não fora o primeiro a fugir de terminar a travessia. Enquanto os meus pés não tocaram o solo nivelado a 4.000 metros, fui consumido pelo desespero e desejava que tivesse o luxo de fazer rapel. De volta ao meu carro, coloquei o meu CD favorito do Pink Floyd no rádio da caminhonete e ouvi várias vezes a faixa “Fearless” [Intrépido]. Cantei junto, os versos do início da canção como que entalhados na minha mente: “Dizem que aquela montanha é íngreme demais para escalar. Escale-a”. O Crestone Needle tinha me vencido, mas inspirado pela música, voltei lá na manhã seguinte e cheguei ao cume, olhando de lá o ponto a que chegara no dia anterior, a apenas alguns metros do topo. Aprendi como a confiança é uma coisa frágil, como é fino

o fio que liga o meu corpo à minha mente em situações pouco auspiciosas. O que não aprendi foi que nem sempre seria o melhor plano redirecionar um rochedo em queda com as mãos.

Uma sensação sutil no meu íntimo diz-me que está na hora de rezar. Ainda não tinha feito isso, mas agora estou pronto. Fecho a mão esquerda com o punho um tanto folgado repousando sobre a rocha encravada, fecho os olhos e apoio a testa contra a mão.

— Deus, estou rezando para pedir uma orientação. Estou preso aqui no cânion Blue John... provavelmente já sabe... e não sei o que devo fazer. Tentei de tudo que pude imaginar. Preciso de novas ideias. Ou, se precisar tentar alguma coisa de novo, erguer a pedra, amputar o braço, por favor, dê-me um sinal.

Esperando um minuto, com a cabeça ainda abaixada, inclino lentamente a cabeça para trás até estar olhando para o pálido lusco-fusco, implorando ao céu para me aconselhar. Espanto-me por acabar esperando uma indicação visual que me guiasse perante esse dilema. Surpreendo-me procurando nas paredes rochosas, em busca de inscrições hieroglíficas sobrenaturais. É claro, não há nada, nenhum conselho metafísico, nenhuma resposta divina se manifestando no arenito. O que eu queria? Um redemoinho nas nuvens que me dissesse a hora e o dia da chegada do socorro? Um petróglifo mostrando um homem com uma faca? Num esforço distorcido e exausto para disfarçar o meu desapontamento, recomeço a rezar, carregando de sarcasmo cada palavra.

— Muito bem, então, Deus, uma vez que aparentemente está ocupado... Diabo, se estiver ouvindo, preciso de alguma ajuda aqui. Entrego-lhe o meu braço, a minha alma, o que quiser. Mas me tire daqui. Se quiser que nunca mais volte a escalar, também pode ser. Só me mostre a saída.

Paro e suspiro. Embora não haja nada realmente divertido em minha piada, estou feliz por ainda não ter deixado de me divertir.

Acho que talvez isto seja um teste, uma lição. Talvez, depois que entender a lição, então venha a me libertar. Será isso mesmo? O que devo aprender com isso? O que devo aprender?

Penso na lição sobre a qual conversei algumas vezes com o meu amigo Rob Cooper. Rob não é um cara de muitas palavras que gosta de filosofar, mas muitas vezes mostrou o seu lado mais profundo em um ou outro comentário certo. De maneira característica, as nossas conversas

sempre começavam quando eu contava a Rob sobre uma aventura recente e, assim do nada, ele respondia com o seu *non sequitur* preferido: “O que importa não é o que você faz, Aron, é quem você é”. Desencaminhado da minha história, eu passava os dez minutos seguintes questionando Rob sobre o que exatamente ele queria dizer com aquilo. Ele repetia o axioma e, no fim, ainda não entendendo, eu tentava refutá-lo. Na minha opinião, definimos quem somos exatamente pelo que fazemos. Descobrimos a nossa identidade na ação. Se não fazemos nada, não somos nada. Até mesmo o nosso corpo assume a forma que é, em grande parte pela consequência do nosso estilo de vida. Nunca consegui entender o que Rob dizia. Por mais que eu argumentasse sobre a questão, também nunca o convenci.

Talvez a minha perspectiva torta, no fundo deste cânion, me dê o ângulo oblíquo de que preciso para reconsiderar o comentário de Rob. Pensando no que ele disse, avanço um pouco: Rob achava que os relatos das minhas aventuras eram um pedido não declarado da sua aprovação. Mais uma reafirmação do que um questionamento, a resposta dele me dizia que para ele não importava o que eu tivesse feito ou realizado. Ele me considerava um amigo por causa do que eu era — como pessoa, não como alpinista, esquiador, aventureiro. A minha confusão com a afirmação dele mostrava o quanto ele estava certo. Erroneamente, eu valorizava a mentalidade que só valoriza as conquistas, desconsiderando o processo da conquista. Rob e todas as pessoas importantes na minha vida me respeitavam ou deixavam de respeitar pela pessoa que eu era — pelo modo como tratava os outros. Os riscos que eu corria não afetavam a minha integridade como amigo. Hã. Acho que agora entendi. Será que é por isso que estou aqui, para aprender?

“Bem, se for por isso, Aron, então a rocha encravada deve se dividir em duas e cair inofensivamente sobre a areia... digamos... agora.”

Previsivelmente, nada acontece. Por mais trinta segundos, continua não acontecendo nada e eu paro de esperar. Talvez essa alegriazinha tenha sido um apagador emocional, algo para aliviar a minha consciência cansada. Sei que não estou preso aqui esperando pela iluminação — estou preso aqui porque há uma pedra imensa pousada sobre a minha mão. Afinal, ela é mesmo assim tão grande? É mais pesada do que eu, mas consegui movê-la um pouquinho ontem, quando tentava levantá-la. Duvido que pese mais do que uns 200 quilos, ou não haveria como movê-la um milímetro que

fosse. Com um sistema de vantagem mecânica de 6:1 multiplicando a maior parte do peso do meu corpo posicionado nas alças de apoio da linha de içar, eu deveria ser capaz de deslocar a pedra mesmo que perdesse metade da força de levantamento para a fricção. É tarde demais dentro da noite para começar a reconfigurar o sistema de polias. Estou usando a maior parte dos pedaços decisivos de fita como aquecedores dos membros e não quero desistir também do isolamento térmico.

A noite rompe no cânion e enche o céu. Fechando os olhos, faço um desejo e dou uma voz visual ao meu desejo mais profundo. Vejo-me sendo levantado pelo vento incessante, cavalgando a onda de escuridão para fora daqui, deixando-a levar-me como um corvo sobre a paisagem árida do deserto direto para o vazio. Pairó lá no alto sobre os morros isolados, plataformas marrons e acima do manto estendido da região central de Utah, seguindo para oeste sobre a Great Basin frígida e negra, e sobre as montanhas da Sierra Nevada desprovidas de luzes de cidades, a terra executando um truque de mágica de transformação espectral enquanto afasto o pôr do sol e surpreendo o dia outra vez em algum lugar sobre a costa do Pacífico.

Quando a minha luta parece mais difícil, o tempo se dilata, o meu sofrimento expandindo-se com ele exponencialmente. Envelheço mais depressa, especialmente à noite, quando perco a indicação visual da progressão real do tempo. Três minutos de calafrio atormentado consomem dez minutos de vivência percebida, como se tivesse caído em um buraco de verme onde passo por maus-tratos excruciantes por eras incomensuráveis só para voltar à consciência normal. Mas encontrei um antídoto para esse sofrimento: na brumosa liberdade da minha imaginação, mergulho e me misturo com as nuvens sussurrantes acima do mar, carneirinhos transformando-se em vagalhões enquanto continuo ainda mais para o oeste. Voo mais alto pela atmosfera, olhando para a terra lá atrás se transformando em uma moldura verde ao redor do oceano azul-escuro como cobalto, as ilhas encolhendo como pontinhos. Subindo em rodopios gelados de vapor de água cristalizado, entro em espiral no imenso vazio do espaço, alijando-me do meu corpo num ato final de evolução, metamorfoseando-me num jato de luzes coloridas, um jorro iridescente de fótons suspensos.

Um acesso de calafrios desfaz a minha fantasia, as partículas dançantes de luz se dissolvendo na escuridão e abro os olhos. A minha jornada

mental pareceu curta, mas olhando o relógio vejo que são 21h45. Passa das 22h quando noto que estava escuro o bastante para ver as estrelas. As mesmas constelações brilhantes que vi na noite passada reaparecem no vão estreito entre as paredes da fissura. Duas delas se destacam das outras, como um par de ferraduras entrelaçadas. Imagino se uma delas é o ferrão curvo de Escorpião, o signo zodiacal do dia do meu nascimento, 27 de outubro. Independentemente do seu nome, as estrelas indiferentes são um lembrete sombrio de que não existem luzes para poluir a visão. Encontro-me tão distante da civilização que poderia muito bem estar na Lua.

— Ungg-gggu-ggga-gggnggh. — A minha garganta emite uma série de sons ininteligíveis enquanto os meus dentes batem, chocando-se espasmodicamente como as bicadas de um pica-pau.

Tentando captar o máximo de calor dos estremecimentos contínuos, rearranjo as minhas roupas improvisadas. As voltas da corda de escalar se afrouxaram, expondo as minhas coxas ao frio. Aperto melhor o envoltório e enrolo a extremidade superior ao redor dos cinco cordões superiores, na esperança de que segurem as voltas sobre os meus joelhos. Experimento usar o saco de cordas como um saco de abrigo temporário em miniatura, enfiando a mão e o braço esquerdo no tubo de tecido com o zíper aberto, depois enfiando a cabeça dentro da dobra. O espaço apertado do saco força a minha cabeça para a frente sobre o pulso, o que é relativamente mais confortável se coloco a mão esquerda no bíceps direito, próximo ao ombro. Sentado na cadeirinha com o quadril esquerdo contra a parede do cânion, estou estável o bastante para poder inclinar-me para a direita, descansando a cabeça sobre a mão esquerda no cotovelo direito, e então relaxo o tronco. É como se descansasse a cabeça sobre a carteira da escola para uma soneca.

Produzi um calor suficiente para poder sentar na cadeirinha sem fazer nada, por quase quinze minutos, antes que os calafrios voltassem. Quando o meu corpo estremece, as cordas se afrouxam ao redor das pernas e eu gradualmente me dedico a improvisar com as minhas escassas cobertas por mais meia hora. Usando a lanterna de cabeça, mexo nas cordas, torno a mexer a fita enrolada no braço direito, ajusto o saco da câmara enfiado no braço esquerdo, me remexo na cadeirinha para estimular a circulação nas pernas e finalmente torno a enfiar o braço e a cabeça no saco de cordas, retomando a posição, como passei a imaginá-la. Mais quinze minutos de tranquilidade abençoada e depois mais calafrios. Forma-se um padrão. Me

remexo por meia hora, elevando a minha produção metabólica o bastante para poder descansar na cadeirinha por quinze minutos. Mas sempre que o frio vence, e as convulsões me sacodem, o meu queixo se contrai em espasmos incontrolláveis até eu pensar que vou esmigalhar os meus dentes.

Depois do quarto ciclo de ação e repouso, é meia-noite, hora do meu gole de água estipulado. As horas passam rapidamente. Não tão rápido quanto na última noite, mas estou conservando as minhas calorias mais do que na noite passada. Pego a Nalgene do seu lugar na areia e me xingo por ter apertado demais a tampa — não consigo desatarraxá-la. Apertando a garrafa entre as pernas, consigo abrir a tampa e levar a garrafa aos lábios, inclinando-a o bastante para que apenas uns 15 ml se espalhem sobre a minha língua. Anseio por mais. O gole inicia uma reação em cadeia de sede crescente que culmina num desejo quase louco de beber de uma vez o líquido remanescente.

“Não faça isso, Aron.”

Ordenando que a minha mão torne a fechar a Nalgene, admito que estou conseguindo controlar as minhas reações e enfrentar os meus instintos selvagens com uma estratégia racional visando à preservação a longo prazo. Em algum momento, nas próximas 24 horas, mais provavelmente, vou ficar sem água. Penso no que a minha disciplina me levará a fazer então. Continuarei com o meu ritual de abrir a Nalgene, tentando esticar a última molécula na garrafa de plástico rígido? Imagino a minha língua ressecada tateando a borda da garrafa há muito vazia, arranhando a Lexan numa esperança transtornada.

Voltando ao padrão de me remexer e descansar, mentalmente me conduzo pelas seis horas seguintes. Mais oito ciclos ajustando as cordas e cobertas, entremeados por períodos de dez a quinze minutos de estase e o amanhecer estará aqui. Não consigo dormir, mas sentar ainda ajuda a concentrar a minha energia. Evito pensar no resgate ou em qualquer das minhas opções de resgate próprio. Na maior parte do tempo, observo a minha respiração, condensando-se no interior da sacola de cordas à prova d'água. Por alguma razão, é confortável deixar a minha lanterna de cabeça por alguns minutos a cada vez que enfio a cabeça na sacola; acho que ajuda a afastar a claustrofobia. A sacola é um pouco maior do que um saco plástico de supermercado, do tipo com o qual não se deve deixar as crianças brincarem. É contraintuitivo pôr a minha cabeça dentro dessa sacola, mas isso produz uma melhora notável em reduzir a minha emissão

de calor para o céu noturno. Depois que estou acostumado com o interior escuro forrado de plástico, desligo a lanterna e ouço a minha respiração, sinto a umidade se acumular no interior da sacola e relaxo o melhor que posso na posição, esperando pela luz.

Agora está mais frio. O termômetro do meu relógio indica 11,5°C — está frio, mas estou me aguentando bem. Por mais enlouquecedor que seja o meu corpo lançar-se em outra rodada de tremores, estou convencido de que os meus reflexos involuntários ainda estão funcionando bem. Eles poderiam facilmente ter cessado de se manifestar em razão do *stress* e do trauma do meu acidente. Que sorte a minha de a pedra não ter causado nenhuma perda de sangue importante. Teria entrado em choque hipovolêmico, o meu coração tentando bombear um volume de sangue insuficiente através do encanamento do meu corpo. É uma provocação sem sentido. Chegará um momento em que os processos metabólicos do meu corpo não irão se comportar de acordo com os seus códigos operacionais e então uma morte feia me levará embora.

Decido lascar a rocha para ajudar a gerar um pouco mais de calor, uma vez que não há trabalho suficiente envolvido em ajustar as coberturas das pernas. Bater na pedra também mantém a minha mente ocupada, embora não esteja mais tentando fazer progressos. Sei que a pedra continuará alojada em cima do meu braço enquanto retirar mais material dela. A região onde eu cavei os flocos de ontem já girou para baixo sobre o meu braço direito, fazendo desaparecer todo o progresso noturno. Mas em cinco minutos, estou aquecido e deixo o canivete multifuncional em cima da rocha encravada, ponho a sacola de cabos em cima da cabeça e recosto-me na cadeirinha uma vez mais. Em cada um dos cinco ciclos seguintes, incluo um esforço simbólico de bater a lâmina da faca e, às vezes, a lâmina da lima na rocha desigual.

O céu muda gradualmente de preto para branco. O meu regime ordenado de mexer o corpo e descansar ajudou-me a atravessar outra noite, embora não esteja agradecido pela repetição tediosa da minha sobrevivência. Sou bem-sucedido na estimulação e na ação e, à parte a ladainha do constrangimento físico, o meu aprisionamento trouxe a maldição psicológica adicional de ser incapaz de ocupar plenamente a minha mente. Sinto-me envolvido em alguns momentos, até mesmo uma hora de cada vez, mas não posso evitar de passar pela monotonia dessa inatividade. Se

não for acometido de desidratação e hipotermia nos próximos dias, o tédio poderá muito bem embotar os meus instintos e extinguir a minha vontade de viver. Uma dúvida me persegue: até que ponto estarei tão fatigado até que o suicídio pareça ser a única excitação que poderia aliviar o tédio?

O nascer do sol não tem cores, brilhante demais para as estrelas atravessarem a luz. O céu fantasmagórico me confunde; não sei dizer se ainda estou olhando para um firmamento agora pálido ou observando uma camada de nuvens. À noite, as nuvens caíam bem — elas ajudam a bloquear as perdas de radiação que tornam as superfícies muito mais frias do que a temperatura do ar. Mas nuvens durante o dia são menos desejáveis. Elas impedem que o deserto se aqueça e há sempre a chance de que, se trouxerem chuva, o cânion se inunde e fim de jogo. Outra hora passa e o dia se torna um azul-celeste sem nuvens.

Em vez de esperar que o cânion se aqueça, começo o processo de reconfigurar o meu sistema de içamento da pedra. Tiro a fita do braço. Ontem, esvaí-me em suor tentando erguer a pedra, e penso que o meu cansaço vá me aquecer. Com base no meu treinamento em busca e salvamento, criei uma disposição de mosquetões de engates de Prusik que devem me dar uma razão de força de 6:1. Antes de prender todas as voltas de mosquetões, preciso encurtar a fita da âncora em torno de 15 centímetros, para criar mais espaço entre a rocha encravada e o anel de rapel para o sistema de levantamento ampliado. Faço uma série de nós de volta na fita acima do anel de rapel, usando o material e efetivamente apertando a laçada da âncora. À medida que a âncora fica mais alta e se torna mais difícil de alcançar, esfrego a sola dos meus tênis contra as paredes do cânion, ganhando quase 60 centímetros de altura, mas ao custo de um estiramento doloroso no pulso direito.

Lembro-me de instalar uma laçada de progresso-captura desde a âncora até o cabo principal dessa vez, de modo que, se tiver sucesso em levantar a pedra ainda que por poucos centímetros, talvez seja capaz de sustentar o cabo principal com o Prusik e reiniciar o resto do sistema para içar de novo. Com uma razão de 6:1 no sistema, a cada trinta centímetros que consiga puxar o cabo principal com sucesso, vou ter 5 centímetros de içamento da pedra. Uma vez que o meu sistema está apertado em um espaço entulhado de 90 centímetros entre o laço da âncora e a rocha encravada, tenho apenas cerca de 30 centímetros de içamento até que o sistema aguente firmemente. Preciso erguer a pedra de 15 a 20 centímetros

para soltar a parte superior da palma da minha mão, o que exigirá pelo menos três reinícios no sistema. Já decidi que, se um ou mais dos meus dedos continuarem presos, quando libertar a palma da mão, farei o que for preciso para liberar a mão, arrancando os dedos presos remanescentes se necessário.

Com o sistema pronto, ergo-me sobre a corda até poder galgar as voltas para os pés. Observo uma efusão de empolgação surgida nessa tentativa e tenho uma esperança de que logo estarei livre. Mas quando forço o meu peso nas voltas de içamento e a corda estica e o Prusik agarra o cabo principal, não há nenhum efeito sobre a pedra. Emocionalmente abatido, mas não desesperado, examino o sistema, ajusto os Prusiks e considero se deveria encurtar a fita da âncora de novo. Por causa do trecho de corda, preciso de mais espaço para o sistema se desenvolver antes de puxar a pedra. Acrescento mais dois nós acima do anel de rapel. Tentando de novo, observo o sistema se esticar, mas ainda assim nem mesmo um roçar ou tremor por parte da pedra. Não sinto um agudo ataque de dor no meu pulso que certamente sucederia a um movimento significativo da rocha encravada. Maldição, o que está acontecendo? Faço pressão nos laços para os pés, puxando o cabo de içamento com a mão esquerda ao mesmo tempo. A corda é tensionada na minha mão; estou exercendo o máximo de força que posso. Mas quando sigo a corda através das voltas nos mosquetões com os dedos, sinto-a folgar a cada tentativa. Com todo o meu peso aplicado no sistema, dou um puxão no cabo principal acima da rocha e percebo o problema: não existe tensão na corda. Ela está tão frouxa como se tivesse sido deixada completamente inerte. A fricção entre a corda e os mosquetões dissipa toda e qualquer força que consigo aplicar. São nós demais, perdas demais. Talvez com polias eu tivesse uma chance, mas não desta maneira.

Agora o desapontamento toma conta de mim. Depois de já ter concordado ontem com a inutilidade de novas tentativas de me tirar daqui, e resolvido esperar pelo resgate, elevar as minhas esperanças só para aniquilá-las uma segunda vez deixa-me totalmente desanimado. Os meus ombros afundam quando desço das laçadas para os pés e desmancho o sistema de içamento para poder sentar na minha cadeirinha e descansar. Suspiro desconsoladamente vezes seguidas, lutando com todas as reservas que posso para não chorar. Estou à beira da abdicação total.

Procuo sair desse estado desastroso imaginando os meus amigos em Aspen levantando-se e saindo para o trabalho nesta manhã, os meus colegas de casa preparando-se para a festa de despedida da nossa companheira de quarto Leona. Por esta hora amanhã, eles positivamente vão saber que tem alguma coisa errada e a busca irá começar. A minha quase extinta esperança de salvação tremula de novo. Não estou pior do que estava ontem; volto a esperar.

Toda vez que olho para o relógio e vejo que está prestes a completar mais uma hora, calculo por quanto tempo estou preso, contando os marcos de referência mais importantes. Um dos efeitos da privação de sono é que sou incapaz de manter os detalhes da última hora na cabeça e constantemente preciso recomençar as contas. São 7h da manhã e estou preso há quarenta horas. Quarenta horas sem dormir, quarenta horas sem alimento e água adequados, quarenta horas sentindo calafrios, quarenta horas de *stress*, fadiga e sofrimento. Exatamente dois dias atrás, acordei na carroceria da minha caminhonete, onde dormi na sexta-feira à noite e preparei um mingau de aveia antes de aprontar os suprimentos para os percursos em cânion e de bicicleta considerando o itinerário planejado.

A minha sede dirige seletivamente a minha memória para se concentrar no garrafão de 18 litros comprado em Moab, com três quartos do conteúdo repousando sobre a cama da minha caminhonete. Penso nas duas garrafas de um litro de Gatorade que comprei em uma loja de conveniência na noite de sexta-feira em Green River. Elas estavam espalhadas no piso do assento do passageiro, juntamente com alguns *grapefruits*, laranjas, *muffins*, burritos e barras de alimento que escaparam dos sacos plásticos depois de todos os solavancos e curvas da estrada de terra. Tenho em mente a imagem dos *grapefruits* sobre o tapete do chão, fantasiando a sua doçura. Eu os comprara especificamente para comer depois do circuito Blue John/Horseshoe, prevendo o efeito intensificador da longa jornada do dia sobre a sua suculência. A minha língua estala de encontro ao palato, ansiando por um refresco. Antes que a vontade leve a melhor sobre mim, fazendo-me engolir sofregamente os meus restantes 180 ml de água, afasto a imagem da cabeça.

Estou impaciente com a inatividade me barrando dentro da minha cabeça, então torno a avaliar a minha situação. Não vou fazer outra tentativa no sistema de içamento. Isso é tão inútil quanto martelar a rocha com a lima do canivete multifuncional. As minhas opções parecem ter-se

esgotado. Reconsidero as minhas escolhas restantes pela vigésima quinta vez, preso à ideia de que possa ter me esquecido de alguma coisa.

Ainda não refleti completamente sobre a amputação. Nem mesmo tentei me cortar ontem. Parei na hora. Foi porque não estava pronto ou porque tinha medo de que fosse terminar mal? Lembro-me de como a visão da lâmina de metal contra o meu pulso repeliu a minha mão e deixou o meu estômago embrulhado. Estou menos do que confiante sobre o torniquete de fita que preparei ontem. Talvez a minha indecisão indique uma necessidade de preparar melhor a minha estratégia. Escapar deste cânion a pé — arrastar-me por fendas apertadas, fazendo rapel em 20 metros de altura e depois seguir a pé por cerca de 13 quilômetros — depois de uma amputação total de uma extremidade, exige um torniquete de classe internacional. No fim, não estou preocupado em lesionar os tecidos residuais ou os vasos sanguíneos remanescentes do meu membro com um aparelho de constrição infalível. O principal problema é deter a ameaça iminente à vida, estancando completamente o fluxo sanguíneo. Então, como posso melhorar o meu torniquete e assim o meu plano? Já descartei o tubo da sacola de água; é muito rígido para dar um nó apertado. A fita não estica o bastante; não se ajustando ao contorno do braço, e não sei como mantê-la suficientemente apertada. Preciso de algo mais flexível do que o tubo e mais elástico do que a... É isso! Elástico! O tubo de isolamento de neoprene da minha bolsa CamelBak é esticável e maleável mas forte. É perfeito.

Fico entusiasmado com a ideia. Recupero o tubo de isolamento descartado da mochila, onde deixei cair as partes que sobraram da minha sessão cirúrgica preparatória de ontem. Por que não pensei nisso antes? Usando a mão esquerda para enrolar duas vezes o neoprene preto e fino ao redor do antebraço direito a apenas 5 centímetros abaixo do cotovelo, faço um nó de volta simples e aperto uma extremidade com os dentes, depois dobro e triplico o nó. Pego o mosquetão marcado com a fita roxa — a mesma que usei ontem, e observo — e prendo o neoprene, torcendo-o seis vezes. Agarrado ao meu antebraço, o material aperta a minha pele. Ajusto os pelos do braço sob a faixa, mas ainda dói. Por algum motivo, a dor me agrada, talvez porque me reassegure que o torniquete está funcionando. Posso ver como o meu antebraço perde a cor até um branco de barriga de peixe, e a carne apertada acima, entre o cotovelo e o torniquete, torna-se bem vermelha. Ah, sim, essa é uma ideia bem melhor do que a da fita. A

dor no braço incendeia, mas a minha satisfação é maior do que ela. Estou satisfeito comigo e com o aperto do torniquete, menos masoquismo do que uma centelha de esperança renovada. Estou em ação. E parece muito bom estar em ação.

Estou pronto para o próximo passo. Pego o canivete multifuncional e mudo da lima desgastada para a mais longa das duas lâminas de faca, esquecendo os meus planos de usar a mais cortante. Em vez de direcionar a ponta para o espaço do tendão no pulso, seguro a ferramenta com a lâmina contra a parte superior do antebraço. Surpreendendo-me, pressiono a lâmina e lentamente corro a faca pelo antebraço. Não acontece nada. Hã. Repetindo o gesto, pressiono mais forte com a palma sobre o cabo da ferramenta. Ainda nada. Não corta, não sai sangue, nada. Tirando a faca curta, serro vigorosamente de um lado para o outro o meu antebraço, a minha frustração aumentando a cada tentativa improdutiva. Exasperado, desisto. Isto é uma merda! A maldita lâmina não corta a pele. Com que diabos vou cortar os dois ossos com uma faca que nem sequer perfura a pele? Maldição dos diabos.

Amargurado, deixo a faca em cima da rocha encravada, destravo o mosquetão e solto o torniquete. Depois de um minuto, o fraco fluxo sanguíneo no meu braço faz surgir uma série de linhas vermelhas na pele onde eu estava serrando com a faca. Esses arranhões exasperados são a única evidência da minha tentativa de amputação.

“Isso é ridículo, Aron; simplesmente ridículo.”

Volto a esperar

Flape, flape, flape. Um corvo negro voa no alto. Verifico o meu relógio. São 8h15 — precisamente a mesma hora em que vi o corvo ontem de manhã. Penso se será o mesmo. É claro que é. Provavelmente, deve ter um ninho em algum lugar no cânion. Que maluquice é essa de um pássaro voar exatamente na mesma hora de ontem? Para mim, parece antinatural que um ser vivo tenha um senso de tempo tão refinado. A luz do sol ou a temperatura do ar devem provocar alguma resposta que diz ao pássaro que está na hora de ir procurar alimento. Não sei.

Mais previsivelmente, mas não menos pontualmente, a adaga de sol aparece cerca de uma hora mais tarde, e eu me estico na direção dela, às 9h35, para o meu intervalo de dez minutos de “saudação ao sol”. Com as visitas duplas do corvo e da adaga de sol, calculo que as minhas rotinas

matinais estejam concluídas. Então, pela primeira vez, sinto uma pressão na bexiga. Solto-me da *daisy chain*, abro o zíper da bermuda e viro de lado para urinar. A areia absorve o líquido antes que possa empoçar ou espirrar, aparentemente retendo a urina mais rápido do que ela cai. Ela não apresenta um odor tão ruim nem parece tão escura quanto eu tinha imaginado, em razão de estar dois dias sem urinar. Sentindo outro chamado da natureza, tiro a cadeirinha e abaixo a bermuda numa tentativa de defecar. Não quero emporcalhar o cânion, mas não tenho escolha. A minha preocupação rapidamente revela-se infundada; trata-se de um alarme falso.

Cansado da tensão das rodadas da madrugada de esperanças despertadas e perdidas, deixo a mente vagar. Lembro-me de ter conhecido um aventureiro australiano, Warren MacDonald, no Banff Mountain Film Festival em novembro passado. O festival estava exibindo um documentário do acidente numa escalada na Tasmânia que custara a Warren as duas pernas acima dos joelhos. Nos conhecemos em um jantar em que Warren me contou alguns detalhes do ocorrido. Tendo deixado o parceiro no acampamento para ir ao banheiro uma noite, ele atravessou um riacho próximo, fez o que tinha de fazer e, no caminho de volta, passou por algumas pedras próximas à margem. Foi quando deslocou uma pedra tremendamente grande, que caiu em cima dele, esmagando-lhe as duas pernas e prendendo-o ao leito do riacho. No momento em que o parceiro percebeu que havia algo errado, começou a chover copiosamente, e Warren viu-se esperando por ajuda no meio das águas cada vez mais volumosas do riacho. O pessoal do resgate demorou dois dias para soltá-lo, levantando o rochedo do tamanho de um carro com a ajuda de um macaco hidráulico. Assisti ao filme dele na noite seguinte, assustado com as imagens de Warren embaixo da rocha e impressionado com a sua recuperação e retorno às montanhas. Dois anos depois do acidente e tendo aprendido a usar próteses, Warren escalou o pico Federation, uma das montanhas mais altas e mais distantes da Tasmânia.

Enredado naquela posição ali no fundo do Blue John, senti um profundo nível de empatia pelo que Warren suportou. Parece-me uma estranha ironia que, seis meses depois de conhecê-lo, eu me torne o segundo andarilho de que tenho notícia a ficar imobilizado por uma rocha. Pode ser que tenha havido outros também, não sei. Imagino comigo mesmo como ele fez as suas necessidades enquanto estava preso. Invejo a sorte de

Warren por ter um companheiro por perto para conseguir ajuda. Se ao menos estivesse com alguém... a história de Warren me inspira a pensar que, se sobreviver a essa experiência no cânion, eu também continuarei a escalar e a gostar de aventuras. Não vou poder apresentar concertos de piano como fazia na faculdade, mas esses são os intervalos.

Passo o resto da manhã e início da tarde alternando entre as minhas poucas atividades: levantando e sentando, lascando a rocha sem entusiasmo, olhando para o céu em busca de sinais prematuros de perigo de inundação, batendo em insetos, contando os minutos e horas até o meu próximo gole de água. Finalmente, são 15h, a hora pela qual estive esperando. Esse é o meu segundo marco de referência importante, o fim do meu segundo dia de prisão.

Tirando de novo a câmera de vídeo da mochila, assopro a areia da lente e alinho-a no seu lugar no alto da rocha encravada. Essa é a maior ação que vou criar para mim mesmo durante a tarde. É animador quebrar o tédio de esperar, mas infelizmente não tenho boas notícias para dar. Suspiro e começo a falar.

— Estou na marca das 48 horas agora. São 3 da tarde de segunda-feira. Tenho ainda cerca de 150 mililitros de água. Isso representa cerca de 5 onças.

Faço uma pausa e considero a minha reação desapaixorada à declaração. Ao longo do primeiro dia da minha prisão, senti uma ligação emocional com a quantidade de água que tinha, o cordão umbilical da sua essência vital compelindo-me a fazê-la durar o máximo possível. Agora esse sentimento está desligado. Em algum momento à noite, a minha contagem final começou sem advertência. Há tão pouca água, que não importa se ainda tem alguma — não pode mais afetar o quanto tempo vou sobreviver. Pela manhã, a água terá acabado. Passei a aceitar esse fato, e com a aceitação, o medo que começava a sentir se dissipou, deixando apenas um vazio.

O meu pensamento seguinte foi para a minha irmã. Olho diretamente na lente da câmera, imaginando-a sentada na sua sala assistindo a essa fita algum dia no futuro. Vejo o seu rosto e os seus olhos olhando-me como que através da câmera.

— Sonja, estou muito orgulhoso de você. Não soube em primeira mão como estava a sua participação nas disputas, mas a mamãe me contou que você se colocou muito bem no campeonato nacional, que ficou em décimo

lugar geral em oratória e debate no país. Mas que coisa, garota. Estou muito orgulhoso de você. Não só por isso, mas por quem você é. Estive pensando nisso. O meu amigo Rob, de Aspen, me dizia várias vezes... frequentemente... que, sem que eu entendesse direito, “O que importa não é o que você faz, mas quem você é”. Eu ficava intrigado com isso, porque sempre pensei que quem eu era estava muito ligado ao que eu fiz. Que estava feliz por causa das coisas que fazia que me deixavam feliz. Se as coisas que você faz o deixam feliz, então elas também podem torná-lo infeliz. Acho que é por isso que me vi sendo tão ambicioso e agitado...

O vento me interrompe e eu estremeço, murmurando:

— Está frio — e depois continuo de onde parei: — para ter todas as aventuras que tive.

A carta-vídeo para a minha irmã tinha se transformado em uma confissão. Embora não me arrependa do que vivi, acho que estou tentando compartilhar um conselho com Sonja, alguma coisa que ela poderá aproveitar aqui e que a ajudará a ser feliz consigo mesma. Somos semelhantes na nossa assertividade, inteligência e nosso sentido subjetivo de competição que nos motiva ao ponto do perfeccionismo. Espero que ela não caia na armadilha que eu caí, de deixar que a minha capacidade de criar o que quero na minha vida me convencesse de que “eu sou” apenas desde que “eu faça”. Sim, sou um montanhista, engenheiro, admirador de música, um caçador de aventuras. Mas não sou *só* essas coisas; sou também uma pessoa que se enriquece com a vida das outras pessoas, e cuja vida é enriquecida pelas outras pessoas quando permito que façam isso.

— Em retrospectiva, aprendi muito. Uma das coisas que estou aprendendo aqui é que não gostava da companhia das pessoas o bastante, ou tanto quando poderia. Passei muito tempo na companhia de muitas pessoas realmente boas. Muitas vezes tentei ignorar ou diminuir a sua presença buscando a essência da experiência. Tudo isso para dizer que estou repensando algumas coisas.

A minha explicação sem grande coerência alivia a culpa que sinto pelo meu egoísmo. Recordar aquelas lembranças eleva o meu espírito e até mesmo me faz sorrir, apesar das minhas circunstâncias no momento. O fato de ter passado tanto tempo deixando os meus amigos para trás para viajar sozinho, ou mesmo para passar um tempo sozinho quando estava com eles, revela um egocentrismo que me desagrada. As lembranças que

evocam a maior gratidão da minha vida são as dos tempos com a minha família e com os meus amigos. Estou começando a entender o valor inestimável da sua companhia e me deprime perceber que essa nem sempre foi a preocupação do nosso tempo juntos.

Registro alguns trechos sobre os meus esforços contínuos para me libertar.

— Quanto à situação aqui, montei e remontei o equipamento, consegui até montar um sistema de polias de 6 para 1... mas a fricção foi demais. Não estava nem conseguindo esticar a corda principal... havia nós demais na corda. Lasquei um pouco mais a pedra. Não há esperança.

A fadiga e a privação de sono toldam o meu pensamento, e deixo de mencionar que tentei cortar o braço fora.

Agora volto para as perspectivas remotas de uma intervenção externa para um resgate.

— Cheguei ao ponto em que estava percebendo os fatores mínimos que poderiam levar ao meu resgate, e não vejo isso acontecer e se coadunar no tempo. Estou pensando em Leona, a minha companheira de quarto que se preocupa comigo tanto quanto a minha família. Só disse a ela que estava vindo para Utah. Ela vai saber, quando não voltar à noite, que estou atrasado. Mesmo que ela informe imediatamente à polícia, é preciso que se passem 24 horas para que entrem em ação ou façam alguma coisa. Dito isso, acho que há uma chance mínima de que um guarda florestal apareça no início da trilha onde estacionei em Horseshoe, a não ser nos fins de semana, para levar os visitantes para ver a Great Gallery.

Balançando a cabeça, olho para a minha lasca de céu no fundo do cânion, de uns 30 centímetros de largura, e para o meu equipamento, fazendo qualquer coisa para evitar a expressão condenada do meu rosto no visor.

— Brad e Leah estavam me esperando no sábado, mas se não tiveram notícias, provavelmente não se importaram muito. Eu devia encontrá-los para uma festa no Parque Estadual de Goblin Valley. Mas duvido que sintam a minha ausência como um motivo de alarme. Eles não sabiam para onde eu ia de qualquer maneira. Nem *eu* mesmo sabia. Uma das coisas que mais me empolgavam foi que cruzei a fronteira do estado antes de saber para onde ia, não fazia ideia do que faria na sexta-feira ou no sábado. Puxa vida.

Sei que desrespeitei uma das minhas regras quando saí sem deixar os detalhes do que planejava fazer. Agora estou pagando uma dívida pra lá de vencida. Quantas vezes saí e depois mudei os planos quanto ao meu itinerário sem informar a ninguém? Acontecia o tempo todo. Agora não acontecerá mais.

— Também podia ter escutado melhor a Megan e Kristi, as garotas da Outward Bound. Devia ter ido com elas. Simplesmente ter saído na bifurcação Oeste.

De novo, balanço a cabeça em autopiedade e luto contra uma série de longas piscadas. Mereço tudo isso.

— Deus, estou realmente ferrado. Vou definhir aqui ao longo dos próximos dias. Se tivesse um jeito de acabar com isso, provavelmente terminaria, amanhã à tarde no máximo. É triste. É frio. Não posso me proteger do vento. Ele sopra o tempo todo. Não se trata apenas de muita brisa, mas é frio. Vem de trás de mim.

Volto-me sobre o ombro esquerdo indicando a direção com um movimento da cabeça.

— Estou fazendo o que posso, mas isso é uma droga. É realmente muito ruim. Esta é uma das piores maneiras de partir. Sabendo o que vai acontecer, mas ainda faltando três ou quatro dias.

A minha voz falha num sussurro áspero. Espero que não dure por mais quatro dias. Não posso imaginar como vou estar se ainda estiver vivo na sexta-feira.

Sentindo o peso da minha morte iminente, faço uma transição lógica para o que fazer com as minhas coisas. Não posso evitar a morosidade disso, mas parece prático advertir a minha família sobre os meus bens, gravando efetivamente uma versão abreviada de um último testamento e legado.

— Queria dizer, do ponto de vista da logística das coisas, que tenho um seguro do American Express que pode cobrir os custos da operação de resgate quando isso acontecer. O meu saldo bancário deve pagar os meus débitos do cartão de crédito. Terão de vender a minha casa, mãe e pai. Quanto aos meus bens, não sei se Sonja quer ficar com o meu computador e a câmera de vídeo... Há fotos no *pen drive* no meu bolso e na câmera. O meu amigo Chip, do Novo México, pode ficar com os meus CDs. Todo o meu material de alpinismo e o resto, Sonja, se alguma coisa servir e você quiser usar, sinta-se à vontade.

Próximo das lágrimas, paro de falar. Desligo a câmera, dobro a tela na posição de guardar e devolvo-a à mochila. Seguro a cabeça na mão esquerda e balanço-a desanimado, fungando, limpando com a palma da mão o nariz e a boca, os dedos limpando as pálpebras e coçando a barba e o bigode crescidos, subindo para a testa enrugada.

Meia hora depois, por volta das 15h35 de segunda-feira, preciso urinar de novo. “Como isso é possível?”, penso. É a segunda vez no dia, apesar de estar quase certamente desidratado. O que está acontecendo?

“Economize a urina, Aron. Urine na sua CamelBak. Você vai precisar dela.”

Obedecendo, transfiro o conteúdo da minha bexiga para o reservatório de água vazio, economizando o líquido laranja-acastanhada para outro momento pouco apetitoso, mas inevitável, quando será o único líquido que terei. Devia ter guardado a primeira urina, concluo, pensando em retrospectiva. Estava muito mais clara do que esta e não tinha um odor tão desagradável. Discuto se devo beber ou não, mas deixo a escolha para mais tarde.

Vasculho ansiosamente à procura da minha máquina fotográfica digital pela primeira vez e bato uma série de fotografias: um retrato aproximado do meu braço desaparecendo na rocha; um detalhe do meu sistema de âncora que me mantém suspenso na cadeirinha; e dois autorretratos — um olhando a jusante do cânion e outro de cima do meu ombro esquerdo mostrando-me com a rocha encravada. Revendo as fotos, também passo pelas que bati durante os primeiros dois dias de férias no monte Sopris e ao redor de Moab, depois as de Megan e Kristi, na parte superior do cânion Blue John. Os anjos.

CAPÍTULO NOVE

QUARTO DIA: SEM COMIDA E ÁGUA

Eu acreditava na crença, pelo seu próprio brilho. Acreditar em face da total desesperança, com todas as evidências em contrário, ignorar a catástrofe evidente — que outra escolha havia? (...) Somos muito mais fortes do que imaginamos e a crença é uma das características humanas mais corajosas e antigas. Acreditar, quando o tempo todo nós humanos sabemos que nada pode curar a brevidade desta vida, que não existe remédio para a nossa mortalidade essencial, isso é uma forma de bravura. Continuar acreditando em si mesmo (...) acreditando no que quer que escolha acreditar, isso é a coisa mais importante (...).

— Lance Armstrong, *It's Not About the Bike*

A luminosidade difusa do sol alcança as espirais diáfanas das nuvens esgarçadas muito acima do deserto de Utah. “Vai ser um belo pôr do sol”, penso do fundo da minha fissura. Espero que as nuvens continuem por perto e ajudem a conservar o calor durante a noite. A tarde cai na segunda-feira. Estou acordado há 57 horas. Estou aprisionado por 50 horas. Trago a mesma canção na cabeça há 43 horas.

Como um rádio com o botão do sintonizador permanentemente apertado, a minha mente insone e desassossegada gasta a sua energia vagando no mostrador por distração, só para pousar na mesma estação interminavelmente. A estação não é outra senão uma amostra de 10 segundos de uma canção. Vezes sem conta, sempre com a mesma letra; “BBC1, BBC2, BBC3, BBC4, BBC5, BBC6, BBC7, BBC Heaven!” Não é nem mesmo uma canção de verdade. Sinto-me como o vilão Dr. Evil, os meus planos malogrados de novo. Fico agitando o punho fechado no ar — “Por que não me deixa em paz, Austin Powers? Por que precisa me atormentar?”

A minha fadiga tomou a forma de uma sensação de estar fortemente drogado por uma febre que cozinha o meu cérebro. Já consegui dormir em alguns dos lugares mais estranhos antes — em pé na frente de uma pintura em um museu de Paris; sentado num concerto do Guns N’ Roses a 110 decibéis — mas nunca senti este nível de privação do sono. É como uma

doença desintegrando as funções superiores do meu cérebro, empurrando-me para perto da linha da irracionalidade. Talvez seja melhor não poder dormir, evitando ser dominado pela hipotermia. Não consigo dormir, mas também não estou plenamente desperto — esse miasma mental está me levando diretamente à loucura.

Lembro-me de uma ocasião em que me senti quase do mesmo modo, descendo a depressão leste do monte Princeton no escuro com a minha mentora de treinamento de resistência, Theresa Daus-Weber, durante a nossa primeira intoxicação anual de fourteeners em setembro de 2002. Fizemos uma sequência de sete fourteeners em 48 horas de escaladas contínuas, e estávamos na segunda noite da orgia de 96 quilômetros de escaladas e 7.600 metros verticais, quando a minha mente exausta por não dormir perdeu o sentido da realidade.

Saí numa corrida desembestada por um campo inclinado de rochedos de 3 quilômetros de extensão à frente de Theresa. Cada um tinha uma lanterna de cabeça e um bastão de caminhada para nos ajudar a atravessar o terreno incerto no escuro. Frequentemente, eu a perdia de vista atrás de mim, uma vez que as projeções rochosas que caracterizavam aquela borda da montanha elevavam-se na minha linha de visão. Parando para descansar em cada canto, eu me sentava e dormia por um instante, acordando dentro de vinte ou trinta segundos com o som do bastão de caminhada de Theresa batendo nas rochas em sincronia com os passos dela. Via a luz da lanterna de cabeça dela projetar-se contra o meu rosto quando ela se aproximava e então levantava sem uma palavra e caminhava por cima da próxima dezena de rochedos até não conseguir vê-la mais, então parava e repetia o ciclo. Tique, tique, tique, o bastão dela batendo de leve nos rochedos. Clarão, a luz da lanterna atingindo os meus olhos, cegando-me ao fato de que havia uma pessoa por trás da lâmpada. Outro encontro sem palavras, rochedos voando sob os meus passos ao alcance da minha lanterna de cabeça, então o repouso abençoado.

A despeito de uma hora e meia de movimento, nunca parecia que eu tivesse feito nenhum progresso na direção do lado distante da depressão, onde encontraríamos o cruzamento de uma estrada de acesso a cerca de 3.600 metros. Alguma coisa estava errada. Depois da décima ou décima segunda ou décima quinta vez que repeti o padrão de caminhar-cochilar-acordar-tique do bastão-luz-caminhar, um repente surreal de insanidade deu-me a ideia de que, toda vez que caía no sono, retomava a posição

inicial no lado da montanha no mesmo ponto no meio do campo de rochedos. O meu corpo de algum modo estava sendo misteriosamente transportado de volta para cima da montanha durante as sonecas de vinte segundos e eu revivia a mesma sequência inúmeras vezes seguidas.

Outros cinco ciclos e eu estava certo disso: estava aprisionado no tempo, como Bill Murray no filme *O Feitiço do Tempo*. Alguém estava fazendo isso comigo. Theresa. Eu me convenci de que ela me pusera um feitiço. Eu era indefeso contra ela; o único modo de interromper o controle dela sobre mim seria ficando acordado. Não importava o que acontecesse, eu não conseguia evitar — quando parava para esperar por ela, cochilava instantaneamente. A paranoia da ilusão era tão forte que nunca me ocorreu verificar as horas no relógio, caminhar junto com Theresa, criar alguma variação da experiência, ou retardar o passo e caminhar no ritmo dela, eliminando assim as minhas oportunidades de pegar no sono. O que me ocorreu mesmo foi memorizar as rochas por que passava. Se pudesse provar para mim mesmo que não estava passando pelas mesmas rochas, essa seria uma evidência inegável de que estava tudo na minha cabeça. Aí encontrei outro problema: não conseguia lembrar-me das rochas, nem mesmo daquelas em que me recostava para descansar.

Continuamos a travessia para baixo com a minha mente presa a um círculo repetitivo infinito de rochas. Depois de duas horas, saímos do campo de rochedos e eu contei a Theresa sobre as minhas ilusões. Ela me disse que as alucinações são uma parte previsível do excesso de escaladas com a privação do sono. Só depois de quase 24 horas, quando cheguei à minha caminhonete, a uns 50 quilômetros dali, foi que pus um fim ao meu delírio com uma bem merecida noite de sono.

De volta ao cânion, a única preocupação que alivia a tortura incessante da BBC é ponderar a questão de se devo ou não beber a minha urina. Esse assunto é suficiente para jogar todo o resto para o fundo dos meus pensamentos. A questão do gosto realmente não me preocupa; deve ter um gosto de urina, não interessa qual. A consideração é se a urina irá prolongar a minha sobrevivência ou apressar a minha morte. Especulo que, a esta altura, a minha urina tem um conteúdo de sal consideravelmente elevado, mas não posso saber se a salinidade é maior do que a já presente no meu sangue. Se a minha urina tiver menos sais do que o meu sangue, então não será um problema. Mas, em concentrações superiores, seria como beber água salgada, basicamente acelerando a minha desidratação.

Penso também se não haveria toxinas e outros conteúdos potencialmente prejudiciais presentes em níveis perigosos. É dessa coisa que o meu corpo está tentando se livrar e, nesse caso, estaria devolvendo isso para dentro.

Pousado na frente do meu nível de visão sobre a rocha encravada, o meu reservatório CamelBak azul transparente faz o litro de urina salgada alaranjada parecer marrom na fraca luz do final de tarde. Nas quatro horas desde que urinei dentro do frasco, a urina separara-se em camadas estratificadas: uma sopa viscosa marrom no fundo, um fluido laranja sujo no meio, um líquido dourado e claro no alto. Uma acumulação de pouco mais de 1 centímetro de sedimento amarelo-esbranquiçado se formou no fundo; cada vez mais refugos caem da solução à medida que a urina esfria. Espeto a CamelBak com o dedo, perturbando os sólidos. Isso me faz lembrar da levedura no fundo de uma garrafa de cerveja caseira. É claro, isso é substancialmente menos atraente.

A noite cai de novo, pressagiada pelo aumento da rotina na brisa no alto do cânion e por outra invasão de mosquitos. Por que eles ficam tão ativos logo antes de escurecer, penso, e depois digo em voz alta:

— E de que maldito lugar eles vêm?

Deve haver água parada em algum lugar do cânion — não passei por nenhuma no caminho até aqui, mas talvez no fundo do rapel do Big Drop. Acho que me lembro de algo no guia. Verifico o mapa. A cópia está desbotando e se desgastando nas linhas de dobra, mas ainda consigo ler o sinal que indica uma piscina embaixo do rapel. Trata-se provavelmente de um poço, remanescente das últimas chuvas, assim como o lodo esverdeado na parede sul atrás dos meus pés. Na verdade, o mapa indica que deve ter existido uma piscina a jusante do cânion e outra onde me encontro, mas obviamente elas evaporaram. Espero que ainda haja algum suprimento de água disponível no rapel. Aposto que ela se seca no verão e no inverno, mas o lodo, os mosquitos e os resíduos quebradiços sobre as paredes fazem-me pensar que exista água no momento. Isso será muito importante se eu conseguir sair daqui — trata-se da única fonte em quase 7 quilômetros, até Barrier Creek aparecer no fundo do cânion Horseshoe, logo além da Great Gallery.

“Você não vai sair daqui, Aron. Nunca verá água outra vez.”

Escuridão.

Frio.

Estrelas.

Espaço.

Tremores.

Volto ao padrão de me mexer e descansar que me ajudou a transpor a última noite, mas só consigo uns dez minutos de calma a cada ciclo. Hoje a noite parece mais fria, ou talvez eu esteja sentindo os efeitos acentuados da fome e da desidratação nos sistemas metabólicos do organismo. Com a deterioração certa que sofri desde o momento em que fiquei preso, presumo que o meu corpo não esteja gerando muito calor. O frio mais intenso aumenta a minha compulsão para reter cada porção de calor possível. O que mais posso fazer para me isolar? Desligado do tocador de CD, os fones de ouvidos ao redor do meu pescoço não produzem música há três dias. Coloco-os nas orelhas assim mesmo, como tampões de ouvido de tamanho médio. Quando enfio a cabeça dentro da sacola de cordas, fecho o zíper até que ele escorregue sobre a pele do pescoço. Com a sacola tão apertada ao redor do rosto, espero pelo benefício do calor da minha respiração, deixando-o aquecer a minha cabeça e preaquecer a minha próxima inalação sem me levar perto demais à beira da sufocação.

Respiração após respiração enche a sacola de cordas com um ar úmido enquanto me concentro em expirar contra o forro à prova d'água. Em vez de deixar a minha respiração se dissipar no ar frio da noite, tento recaptar parte do conteúdo de água do meu corpo das expirações umidificadas. Usar a sacola de cordas como uma câmara de respiração parece uma teoria coerente, mas não faço ideia se irá ajudar. Tenho a sensação familiar de que estou prolongando o inevitável. Depois de cinco ou seis minutos de respiração na sacola, o frio sobe das minhas pernas e braços para o meu íntimo. Estremecendo, luto para manter a posição, sentado na cadeirinha por mais outros três ou quatro minutos: a mão esquerda segurando o cotovelo direito, a cabeça aninhada sobre o bíceps direito, os joelhos dobrados na prateleira da rocha. No entanto, os tremores me dilaceram como cães de ataque. Preciso tirar a cabeça da sacola para mexer nas cordas ao redor das pernas e nas coberturas sobre os braços. Estou ficando eficiente demais — reenrolar as voltas nas pernas toma apenas vinte minutos — e tenho mais dificuldade de me aquecer entre as sessões sentado. Nem mesmo me incomodo em pegar a faca e lascar a rocha; simplesmente aguento o meu sofrimento e rezo para sobreviver à noite.

Meia-noite. Já é terça-feira, 29 de abril. Depois de horas debatendo a questão comigo mesmo, decido tomar um gole da minha urina. Ainda tenho aproximadamente meia xícara de água fresca sobrando, mas quero descobrir o gosto da urina e se serei capaz de mantê-la no estômago. Com a válvula dentada religada à tubulação no toco onde cortei a mangueira durante a minha primeira tentativa de fabricar um torniquete, sugo duas colheres de sopa de urina na boca e engulo imediatamente. O ar da noite esfriou-a substancialmente da sua temperatura inicial de 37 graus para uns 16 graus. O pungente gosto salgado é travoso e amargo. O meu rosto enruga-se como um nó. Surpreendentemente, não é tão horrível como poderia ser — não engasgo nem vomito. O meu atoleiro se aprofunda. Se a urina fosse tão insuportavelmente desagradável a ponto de ser intragável, eu teria a minha resposta — não beba. Mas, uma vez que é factível que possa beber quase metade do que urinei antes de ter a inimaginável porcaria marrom, a questão permanece aberta. A minha sede me faria beber dois copos agora mesmo. Isso, porém, não parece ser uma boa ideia. Penso que ouvi falar de pessoas que se submeteram a algum programa dietético de limpeza que encoraja beber a própria urina, mas preciso supor que se permaneça bem hidratado ao mesmo tempo. Talvez essa lembrança seja uma invenção — mal posso confiar no meu cérebro para alguma coisa a esta altura — mas a urina clara definitivamente seria uma alternativa melhor do que a que tenho disponível. No fim, não sei de deveria beber mais da urina e não tenho como ter certeza. Desconfio que o estratagema valeria a pena, mas não ainda. Vou continuar bebendo a minha água pelas próximas doze horas, até acabar, e então voltarei a pensar em beber a minha urina.

Mais ciclos. Três horas, madrugada de terça-feira, sexagésima hora. Assinalo o meu tempo preso aqui em dois dias e meio. Ajustei o meu cronograma de beber água de acordo com a duração mais curta do ciclo. Tiro delicadamente a minha garrafa de água da sua posição elevada e observo a quantidade remanescente: escassos 90 ml. Prendendo a garrafa entre as pernas, desenrosco a tampa com a mão esquerda livre. Mantenho a tampa para trás, levanto a garrafa e, antes de molhar completamente o interior do lábio inferior, forço a mão a recuar e abaixar a garrafa, como fiz uma vez, uma hora durante a noite.

O último punhado do meu suprimento tornou-se um elemento sagrado. Na verdade, o líquido transubstanciou-se em algo desta terra a algo santo e eterno — transformou-se no próprio tempo em si, e de tempo, transformou-se em vida. Quanto mais tempo a água durar, mais tempo eu vou durar.

Ou pelo menos é o que digo a mim mesmo. Criei diversos sinais que me dizem que a desidratação já se instalou em mim e, mesmo que conserve a minha última água, ainda morrerei muito em breve. O meu corpo já não tem mais fluidos suficientes para funcionar em um nível ideal. Os meus olhos estão afundados e secos — evito olhar para mim mesmo nos episódios da câmera de vídeo por causa da lúgubre faixa de pele sobre as maçãs do rosto. O ar do deserto contribui com elementos irritantes para as minhas lentes de contato, mas os meus olhos não conseguem lavar os elementos contaminantes. À medida que a desidratação estressa os meus músculos cardíacos, o meu batimento vai se enfraquecendo, tornando-se errático às vezes e rápido — meço-o em estado de repouso numa velocidade de 120 batimentos por minuto, mais que o dobro do que o normal para mim. Apesar da minha elevada frequência cardíaca, a minha circulação tem perdido velocidade ao longo dos últimos três dias à medida que o sangue engrossou, inibindo a distribuição de nutrientes aos meus órgãos e a remoção de dejetos metabólicos. A minha bomba está queimando enquanto o fluido que está tentando mover se solidifica no encanamento interno do meu corpo. Com a pressão sanguínea caindo constantemente, a temperatura do meu corpo flutua de modo antinatural e a mais leve brisa me faz estremecer de modo incontrolável. Perdendo drasticamente a massa líquida, os meus órgãos sofrem o golpe da desidratação; ao todo, o meu corpo está perdendo entre quatro e cinco quilos por dia. A pele no dorso da minha mão está encarquilhada em rugas reptilianas; a elasticidade insuficiente permite que eu forme pequenas tendas puxando a pele com os dentes.

No entanto, apesar de todos os sinais físicos da terrível necessidade do meu corpo por hidratação, nada, nada se compara à angústia da minha sede: insatisfeita... insaciável... inesgotável... insuperável... inextinguível.

Pego-me desejando acabar com tudo de uma vez simplesmente para aliviar a sede. À medida que chega o meu fim, um provável colapso cardiovascular, imagino se a sede não resolverá a questão primeiro.

Duas horas depois, são 5 horas da manhã, e o momento para o meu ritual com a água de cada hora. Coloco a garrafa de água na virilha e de novo desenrosco a tampa com a mão livre. Relaxo o aperto das pernas na garrafa e começo a levantá-la em direção à boca. Mas a tampa inesperadamente fica presa na cadeirinha e a garrafa escorrega, caindo no meu colo. O meu cérebro vagaroso reage lentamente demais para que a minha mão pegue a garrafa antes que ela se incline quase na horizontal, e uma vazão do sacramento escurece a minha bermuda escura, transformando a poeira vermelha em uma pátina de lama brilhante.

“Putá que pariu, Aron. Preste atenção! Olhe o que você fez!”

Água é tempo. Com esse vazamento, quantas horas acabei de perder? Quem sabe seis horas, quem sabe dez horas, quem sabe meio dia? O erro atinge o meu moral como um trem, destruindo as minhas paredes protetoras de disciplina e meticulosidade que vinham mantendo o desespero afastado. Independentemente do que pensei anteriormente, perder metade do meu suprimento de água remanescente faz-me perceber o quanto estou psicologicamente ligado a ela. Mesmo que tenha tão pouca água restante que, psicologicamente falando, possa muito bem não ter nenhuma, emocionalmente, sinto-me como se tivesse desperdiçado metade do resto da minha vida.

Tenho tremido muito dentro das minhas proteções, com a cabeça dentro do saco de cordas, tentando afastar o frio desagradável, quando ouço um grito no meu cérebro privado de sono. Passa um pouco das 6h15 da manhã de terça-feira.

— Larry! — Minha mãe grita o nome do meu pai. Vejo-a no seu robe de banho, descendo a escada do quarto deles para dar ao meu pai algumas notícias terríveis que acabou de receber. A imagem termina antes de eu vê-la alcançar o meu pai. Diferente de uma lembrança ou um sonho, o clipe foi mais como um televisor ligado involuntariamente na minha mente, transmitindo da casa dos meus pais. Será algo que já aconteceu? Ou uma premonição de algo que vai acontecer? Seja como for, estou bem certo de que sou o motivo por minha mãe estar correndo para o meu pai. Mas será que queria dizer que ela descobriu que estou com problemas, que fui encontrado, ou que estou morto? Pode não ter sido nada.

Gradualmente, a luz ressuscita as dimensões do cânion e eu me sinto flutuando por saber que sobrevivi a outra noite. Agora que há visibilidade

suficiente, decido atualizar a gravação da minha situação com outra rodada de conversações na minha câmera de vídeo.

Limpando o olho esquerdo, esfrego a mão pelas sobrelanceiras e pelo rosto, depois suspiro. Verifico o enquadramento para me assegurar de que estou pelo menos parcialmente na tela, mas evito olhar para a câmera enquanto falo.

— São seis e quarenta e cinco da manhã de terça-feira — repito para mim mesmo. — Imagino que a esta altura Leona deve ter notado a minha falta, uma vez que não apareci na festa na noite anterior. Outra hora e meia, e eles vão notar a minha falta por não aparecer para trabalhar. Continuo pensando nisso. O meu melhor cenário para o meu caso é que talvez informem à polícia e a coloquem em espera por vinte e quatro horas até oficialmente considerar uma ocorrência oficial, com um boletim de ocorrência de pessoa desaparecida. O que deve fazer com que, digamos, talvez ao meio-dia de amanhã torne-se oficial que estou perdido.

As minhas frustrações crescem e estou à beira das lágrimas.

— Maldição. Realmente está piorando, por mais idiota que isto seja. Tantas coisas estão envolvidas. Tantas coisas. Vai demorar realmente um bom tempo até alguém chegar a mim. Estive pensando nisso cada vez mais. Eles precisarão quebrar esta rocha com britadeira ou amputar o meu braço só para me tirar daqui. Isso quando alguém me encontrar e depois for buscar as ferramentas adequadas. E depois será preciso armar para cima duas escadas consideráveis para sair para uma zona de pouso de um helicóptero, e então mais uma hora de voo até Grand Junction, talvez menos que isso. Talvez seja meia hora. Vá lá.

Imaginando uma equipe descendo uma britadeira pneumática sobre o cânion Blue John para quebrar a rocha com a minha mão ainda presa sobre ela dá a ideia do resgate parecer ainda mais improvável do que antes. Só a necessidade de me soltar daqui será uma tarefa tremenda, e me evacuar em uma padiola para fora da fenda... O espaço é tão apertado, não estou certo de que exista um percurso factível que possa ser usado.

O pesadelo da logística tem um peso muito maior do que a minha esperança. Sei que é tudo teórico, mas mesmo na teoria, parece uma provação de mais de um dia depois de eu ser localizado. Erguer um sujeito em uma liteira a centenas de metros abaixo posicionado, em um local largo, toma cinco minutos com seis pessoas. Considere uma trilha estreita e com vento encanado e o mesmo trabalho poderia se transformar num

esforço de meia hora. Se houver um sistema de içamento ou de descarga envolvido, acrescente-se uma ou duas horas, e isso com as condições ideais. Cada nível de complexidade aumenta o tempo e as exigências de recursos, elevando o risco para o pessoal do resgate. Para mim, cada uma dessas rochas encravadas por onde passei representam uma probabilidade menor de que sobreviva pelo tempo necessário para evacuar o meu corpo imprestável. Se estiver vivo quando a equipe de resgate me encontrar, provavelmente morrerei antes de alcançar o atendimento médico definitivo. Compreendendo que isso não importa — estarei morto antes de o pessoal do resgate chegar a esta parte do cânion de qualquer modo — fecho o meu olho esquerdo em uma careta inconsciente e continuo a gravar o vídeo. Estou exasperado.

— Eu tentei... tentei cortar o meu braço. Não consegui nem romper a pele com esta faca estúpida. Tentei com uma lâmina diferente, mas tudo o que consegui foi apenas me machucar. Mal tive algum sangue para tirar, provavelmente porque está grosso demais a esta altura.

— Ainda tenho uma minúscula porção de água sobrando. Bem, na verdade, recorri... tomei uns bons goles da minha própria urina que guardei na CamelBak. Meio que a deixei destilar. O sedimento se separou da parte mais líquida.

Enfatizando cada palavra, eu capricho:

— O gosto é horrível — faço uma pausa, estalando os lábios quando tento engolir. — Tenho cerca de uma mordida de burrito sobrando que mal posso digerir de qualquer modo. Tentei mover a rocha um pouco mais. Não deu resultado nenhum.

— Portanto, não faz ainda setenta horas desde que saí do começo da trilha de Horseshoe na minha bicicleta, e durante esse período de tempo consumi três litros de água e uns dois goles de urina. Com a comida não estou tão preocupado, embora esteja ficando tão cansado que estou a ponto de não fazer nada. Não posso nem mesmo lascar a rocha mais. É que... tentei e não tenho mais energia e vontade... É ridículo.

Desgostoso com a minha impotência, estremeço e depois dou um gemido.

— Unaaannggh.

Abanando a cabeça, enrugo a testa e faço uma careta, depois me recomponho durante um longo período de olhos fechados e olho direto para a câmera em razão do que quero dizer em seguida.

— Mãe, pai, realmente amo vocês dois. Quis aproveitar este tempo para dizer que os momentos que passamos juntos foram muito bons. Não lhes dei o devido valor, do fundo do meu coração, como sei que poderia. Mãe, eu amo você. Muito obrigado por ter vindo me visitar em Aspen. Pai, obrigado pelo tempo passado no ano passado quando viajamos juntos pelo Golden Leaf Tour. Aqueles foram os meus momentos prediletos que passei com você em muito, muito tempo. Obrigado a vocês dois por serem compreensivos, e me apoiarem, e me encorajarem durante este último ano. Eu realmente vivi este último ano. Desejo ter aprendido algumas lições com mais esperteza, mais rapidamente, do que seria preciso para aprender. Amo vocês. Sempre estaremos juntos.

Apertando os lábios, sinto as lágrimas assomarem aos meus olhos. Curvo a cabeça outra vez fechando longamente os olhos, depois faço um sinal com a cabeça para a câmera, como se estivesse dizendo adeus, antes de estender a mão para parar a gravação. Uma brisa lúgubre introduz-se no cânion; a calma da noite chega ao fim. Quando reinicio a câmera, os meus pensamentos voltam-se para a minha irmã e para a nuvem de tristeza que lança uma sombra sobre a sua formatura e seu casamento neste verão.

— Queria dizer para Sonja e Zack que realmente lhes desejo o melhor na sua vida juntos no futuro. Vocês dois são demais juntos. Sonja, você tem uma grande carreira pela frente. Sei que vocês dois serão muito felizes. Gostaria de estar lá para ver esse começo. Vocês vão se formar dentro de aproximadamente um mês a contar de agora. Façam grandes coisas na sua vida... isso irá me orgulhar ao máximo. Obrigado.

Fico feliz em pensar na minha irmã. Muito embora eu tenha recebido boas notas na escola, ela veio depois e me superou em todos os campos, e a amo por isso. Ela se preocupa em aprender... está pretendendo ser uma professora voluntária. Fico feliz por ela, mas também feliz por mim. É como se Sonja pagasse o débito educacional que criei por sair do sistema sem dar um retorno. Estou mais orgulhoso do que ela fez na faculdade do que fiz depois de me formar seis anos atrás. Mesmo com a minha partida, grandes coisas vão acontecer na nossa família por causa dela; tranquiliza-me saber que ela tenha tais aspirações.

Outra brisa passa vinda dos recessos invisíveis do cânion atrás de mim, fazendo eu me preocupar com a mudança do tempo. Já posso discernir uma camada de nuvens mais grossas que já vi até agora. Nenhum sinal de trovada, mas eu não necessariamente a veria antes de desencadear uma

inundação relâmpago. Esqueci-me desse risco. Enquanto estou com a câmera para fora, decido gravar mais algumas observações em vídeo para o caso de vir a chuva. Começo a gravar de novo, apontando para os detritos acima da minha cabeça.

— Também me ocorreu que ainda há o risco de uma inundação relâmpago. Essa coisa toda acima de mim aqui, foi tudo colocado aí... As rochas empilhadas acima de mim foram todas colocadas aí pelas inundações. Existem quatro cânions bem maiores a partir daqui que convergem todos neste vão de 90 centímetros de largura onde me encontro. Mesmo que esteja morto a essa altura, as coisas... as coisas vão ficar bem piores. Esta gravação será perdida, e o meu corpo provavelmente será destruído. Isso não acontece realmente em todos os lugares. Eu estava quase querendo que acontecesse. Num sentido em que talvez consiga um pouquinho de água. Não sei se isso parece ridículo ou não, mas estava pensando nisso na noite passada. Acho que no ponto em que você está bebendo os dejetos do seu próprio corpo... sei que não devia estar fazendo isso. Tem muito sal e outras coisas naquilo, só apressaria o processo.

— Três dias, estou sem água por um dia e meio. Isso provavelmente significa que terei mais um dia e meio. Vou aguentar firme. Mas se chegar a ver o meio-dia de quarta-feira, ficarei impressionado.

Paro a fita. Estas foram palavras duras. Verbalizar que estou me dando mais trinta horas de vida deixa-me com uma sensação de irreversibilidade que toca o meu espírito de maneira errada. Ponho o gravador de vídeo sobre a rocha encravada e o meu corpo involuntariamente afunda para trás na cadeirinha. As palavras ecoam e rebatem dentro da minha cabeça — “se chegar a ver a quarta-feira” — até que atingem uma sinapse guardando uma reserva de vontade e determinação. A próxima coisa que sei, estou desenrolando a fita do meu braço direito e amarrando as cordas roxas nos nós de Prusik outra vez. Com a prática que adquiri ontem, monto o equipamento do sistema de içar 6:1 em uma fração do tempo que precisei para fazê-lo da primeira vez, prendendo a corda à rocha encravada com os mosquetões e configurando os Prusiks com destreza, com apenas uma mão, que impressiona o meu cérebro lerdo. A minha atrapalhão durante a noite me deixou pensando que a minha coordenação tivesse acabado. Guardando a garrafa de água, o suprimento de urina, a faca e as câmeras

na mochila, limpo o alto da rocha encravada, colocando por fim os óculos escuros riscados no alto da cabeça.

— Pronto para içar — digo para mim mesmo depois de verificar duas vezes os Prusiks para me assegurar que irão prender na direção adequada. Posicionado logo acima da minha cintura, os laços para os pés estão um pouco mais altos do que ontem — devo ter usado um pouco mais de corda no sistema desta vez — mas monto no mais baixo primeiro com o pé esquerdo e subo em seguida no direito.

“Muito bem, agora mova a pedra, Aron. Faça isso. Balance. Mais forte. Puxe a corda... dê um tranco nela. Balance e dê um tranco. Mais forte! Você consegue fazer isso. Faça a pedra se mover!”

Grunhindo, mexendo-me, balançando o meu peso no aparelho, puxo o cabo de içar.

— Vamos, mexa-se, droga!

Nada. Estou completamente impotente contra a massa desta pedra e a fricção destas paredes. Os meus pés se puxam sozinhos das alças, como se tivessem um poder próprio de decisão que já sabe que não vou conseguir outra tentativa. Sou derrotado de novo. Não há nada em que me apegar. Estou afundando violentamente neste isolamento gótico; quanto mais eu luto, mais apertada a pedra se fecha, espremendo a vida de mim. Descansando por quinze minutos, sinto vontade de chorar, mas os meus soluços secos não produzem nada. É como se estivesse arrasado demais até mesmo para desperdiçar a minha energia em lágrimas. Que bem poderia me fazer se chorasse? Desperdiçaria o pouco de líquido que ainda resta no meu corpo.

Vagarosamente, tomo consciência do olhar frio do meu canivete dentro da mochila. Existe uma razão para tudo, incluindo por que trouxe esse canivete comigo, e de repente sei o que estou prestes a fazer. Criando coragem, desfaço o nó de Prusik da fita roxa do equipamento e amarro ao redor do meu bíceps, preparando o resto do torniquete como tinha definido ontem — o isolamento da tubulação da CamelBak enrolado duas vezes ao redor do meu antebraço, amarrado duas vezes e preso com um mosquetão que gira seis vezes e se prende à fita roxa para segurá-la.

Observo a hora com um olhar de relance para o meu relógio na alça da mochila nos meus joelhos: 7h58 da manhã.

Abrindo a mais curta das duas facas, fecho a empunhadura e seguro-a na mão fechada, a lâmina saltando de baixo do meu dedo rosado. Elevando o

canivete acima do braço direito, escolho um ponto sobre a parte superior do meu antebraço, próximo a uma pinta e imediatamente acima das marcas que deixei na pele ao arranhá-la ontem de manhã. Hesito, detendo a mão por um instante, uns 30 centímetros acima do meu alvo. Reposiciono a ferramenta e, antes de poder me deter pela segunda vez, meu punho golpeia violentamente de cima para baixo com a lâmina de 4 centímetros de comprimento, enterrando-a até o cabo na carne do meu antebraço.

— Mas que merda, Aron, o que você acabou de fazer?

A minha visão se deforma com a surpresa. A característica da luz no cânion explode em um contraste bege, a iluminação tornando-se marrom-claro brilhante e as sombras mudando para marrom-escuro como se eu tivesse entrado em um filme colorido em sépia. Inclino a cabeça para o meu braço, reagindo sem pressa nenhuma aos meus movimentos, como se esse pseudofilme estivesse sendo exibido em dois terços da velocidade normal. Eu meio que esperava que a faca resvasse no meu braço, mas quando relaxo o aperto no cabo, posso ver a empunhadura dobrada do canivete multifuncional enterrada perpendicularmente no meu braço. Ontem não parecia possível que a faca conseguisse sequer penetrar na minha pele, mas agora penetrou. Quando seguro a ferramenta com mais firmeza e a contorço ligeiramente, a lâmina bate em algo duro, o osso da parte superior do antebraço. Empurro a faca para baixo e sinto-a bater no meu rádio.

“Uau. Que bizarro!”

De repente, estou curioso. Há uma sensação mal discernível da lâmina abaixo do nível da pele. Os meus nervos parecem estar concentrados nas camadas externas do meu braço. Confirmo isso retirando o canivete, cortando a pele de baixo. Ah, sim, é o que está acontecendo. A carne se estica com a lâmina, enviando sinais através do braço enquanto abro um buraco de 2,5 centímetros no local. Deixando a dor se dissipar, observo que há consideravelmente pouco sangue proveniente das células cortadas na minha pele; os capilares devem ter fechado por enquanto. Fascinado, cutuco o corte com a ferramenta. Ai! Empurrando a faca de volta, para dentro do buraco sanguinolento, sondo a constituição interna do meu braço. A epiderme é duas vezes mais espessa do que eu pensei que fosse, e com a dureza de couro. Os tecidos gordurosos amarelos estão embaixo da pele em uma camada membranosa ao redor do músculo. Quando remexo a

faca por dentro, a minha visão desaparece quando o sangue da cor de vinho vaza no fermento. Bato no osso de novo, sentindo a vibração de cada golpe através do polegar e do indicador esquerdos. Mesmo abafada pelos tecidos adjacentes, a batida oca da ponta da lâmina contra o osso da parte superior do meu antebraço ressoa no meu cotovelo. O toque-toque-toque suave me diz que cheguei ao fim deste experimento. Não posso furar nem serrar os ossos do meu antebraço.

Deixando de lado essa conclusão desoladora por um momento, encontro alguma frivolidade na minha situação — é a primeira vez em treze anos que executo uma dissecação e a controlei muito melhor desta vez, muito embora se trate do meu próprio braço. Lembro-me do olho do carneiro que me observava de dentro da panela de aço inoxidável na aula de ciências biológicas no nono ano do ginásio. Cortar o globo macio e úmido foi o bastante para me intimidar na hora quanto ao curso de biologia no colegial; depois disso, preferi ficar com a química e a física — faria qualquer coisa para evitar partes de animais num ambiente não culinário. Aquele olho foi indiretamente responsável pela minha escolha do caminho da engenharia. É estranho que tenha voltado a encarar esse medo antigo e enraizado dentro deste cânion.

Suando por causa da adrenalina, coloco o canivete multifuncional em cima da rocha encravada e pego a garrafa de água. Não é a hora do meu próximo gole, mas este eu mereço. Quando as primeiras gotas se espalham sobre o meu lábio, abro os olhos e olho para o fundo azul sem brilho com distanciamento. Continuo a inclinar a garrafa para cima sem parar, sentindo uma mistura de recompensa merecida e malevolência recalcitrante — como se estivesse fazendo algo perverso, mas não me importasse; vou fazer isso, e o fato de que não devo me dá ainda mais prazer.

“Faça isso — acabe com isso. Não importa.”

Cada colherada de água em sequência me satisfaz como um gole inteiro, e instantaneamente engulo o fluxo gotejado. Fecho os olhos... Ah, Deus. Depois de um total de três breves segundos, engulo as últimas gotas do meu suprimento de água fria e ela acaba. O meu corpo implora para que a água continue vindo, mas não tem mais. Olho para o recipiente posicionado acima da ponta do meu nariz e balanço a Nalgene, tentando soltar as últimas gotas das paredes da garrafa.

Bem, é isso aí, não sobrou mais nenhuma gota. Não me importo com isso. Rosqueando a tampa de volta no gargalo, concluo que passei por um momento pelo qual vinha esperando há três dias. Agora passou. É menos uma coisa com que me preocupar. Decido desfazer o torniquete — está fazendo todo o meu braço doer e, uma vez que não vou mais seguir com a amputação, não há necessidade de causar nenhum excesso de dor. Solto o mosquetão que prende a tubulação de neoprene e lentamente o desenrolo, permitindo que o braço recupere o formato original. Em um ritmo de caracol, a minha circulação retorna ao meu braço e eu observo o ferimento. Não há aumento no fluxo de sangue no corte nem qualquer pulsação, portanto, imagino que evitei as artérias. Ainda assim, o sangramento é menor do que eu esperava. Quase parece que o torniquete não serviu para nada. Faço a ilação de que, uma vez que a rocha encravada prendeu as artérias e veias na minha mão, com isso reduziu o fluxo sanguíneo em todo o braço. Isso explicaria por que o antebraço está frio como pedra.

Pegando de volta a câmera de vídeo, seguro-a na mão desta vez e começo a gravar os resultados da minha cirurgia. O meu boné, a fita e as partes do torniquete aparecem na tela, acima da rocha encravada.

— Esta parte agora pode não ser para todos os que estão assistindo em casa. Passa um pouco das 8. Exatamente às 8 horas em ponto, tomei o meu último gole de água pura... e... esconda os olhos, mãe...

Passando o foco pela pedra, a câmera chega ao meu braço e ao ferimento aberto, manchado de sangue vermelho vivo. A minha respiração torna-se difícil quando observo a perfuração no braço.

— Fiz uma tentativa... uma breve carreira na cirurgia, como se revelou — aquelas facas não estão nem de longe à altura da tarefa. Fiz um corte de uns 3 centímetros de largura no meu braço que chegou a cerca de 1,5 centímetros de profundidade. Cortei a pele e o tecido gorduroso, a atravesssei uma parte do músculo. Acho que cortei um tendão, mas não estou certo. Tentei, afinal de contas. Mas simplesmente não deu certo. O torniquete está solto agora. O que realmente é um pouco aborrecido, considerando que não estou sangrando tanto, quase nada. É tão estranho. Definitivamente, era de se esperar ver uma pulsação e um sangramento, mas... ah... bem.

— Estou realmente ferrado agora. Estou sem água.

Paro a fita, mais deprimido que nunca. Com um ferimento aberto, introduzi um novo adversário na competição para ver o que vai me matar primeiro — a desidratação, a hipotermia, uma inundação relâmpago, as toxinas da minha mão esmagada ou a infecção que provavelmente está se desenvolvendo no meu braço neste exato momento.

“Apunhalar-se com uma faca contaminada... isso foi um ato de gênio, Aron.”

Supondo que a hemorragia no local do ferimento não vai ficar pior do que está, decido cobrir o ferimento para protegê-lo da sujeira, do pó e dos insetos. Pegando delicadamente a parte de baixo da minha camiseta salmão da turnê da banda Phish entre a ponta dos dedos anular e mínimo mais a palma da mão esquerda, perfuro o tecido com a faca, presa entre o polegar e o indicador. A partir do furo, corto uma tira do tecido de algodão a partir da minha cintura e enrolo-a três vezes ao redor do antebraço. Aí está. Tenho um curativo sobre o local da punção.

Com um ruído apressado, as asas do corvo batem no ar a 20 metros sobre a minha cabeça — uma vez, duas, à medida que ele alcança a altitude de cruzeiro, voando pela sua rota de busca matinal. Olho para o relógio. 8h31. O pássaro está quinze minutos atrasado esta manhã.

O cânion atrás de mim começa a brilhar num espectro de vermelhos pastel à medida que o sol alcança as profundezas das paredes superiores. Sabendo que o sol será mais pontual do que o corvo, pego a câmera de vídeo da mochila pela terceira vez esta manhã, prevendo a minha saudação matinal ao sol. Gravo a mim mesmo esticando a perna para a adaga de luz solar quando ela chega mais perto de mim. Antes que o sol resvale para a parede norte, movo a câmera da visão das ondulações de um rosa brilhante e laranja-cenoura por uns 20 metros ao longo do cânion, para a minha barriga da perna absorver o calor precioso da minha única luz solar direta.

— É tão bonito aqui. Por uns... cerca de vinte minutos, realmente consigo receber um pouco de sol direto na perna se me esforçar bastante.

Como um presidiário com uma bela vista além das barras da janela da sua cela, não estou certo se a beleza do cânion na luz da manhã inspira a minha tenacidade ou corrói a minha vontade. Anseio ainda mais pela liberdade.

Com a fita parada, os meus pensamentos se irradiam do cânion para os meus amigos em todos os Estados Unidos, preparando-se para outro dia de

trabalho. Imagino se algum deles estaria pensando em mim. Duvido muito que o alerta sobre a minha ausência tenha ido muito além do escritório no andar de cima da Ute Mountaineer, mas pelo menos alguém sabe com certeza que estou oficialmente ausente. Teoricamente, o meu gerente no mínimo está imaginando o que poderia ter acontecido comigo, se não efetivamente me procurando. Começo a me lembrar dos meus amigos, das nossas viagens favoritas e dos lugares por que passamos juntos. Por estar com apenas 27 anos, sinto como se tivesse as aventuras de alguém com o dobro da minha idade e a sorte de ter tido a atenção e a alegria de tantas pessoas que estiveram comigo durante as viagens, nos concertos e no ambiente selvagem. Pensar na minha família e nos meus amigos me faz sorrir. As lembranças produzem em mim um aumento enorme do moral, poupando-me da preocupação com o sofrimento causado pelo meu pulso esmagado embaixo desta pedra. O meu humor muda de uma especulação em torno de alguma esperança sobre o meu resgate para uma sucessão de pontos altos da minha vida. Essa animação é algo que eu definitivamente quero registrar no vídeo. Imagino se os meus amigos chegarão a ver o meu funeral, e esse pensamento sombrio realmente me faz mais feliz — posso imaginar a igreja cheia dos meus amigos vestidos de preto, observando o que vou dizer em um telão de televisão colocado ao lado do altar. Me preparando, arrumo o boné, limpo a garganta e tento engolir, o que faz os meus lábios estalarem com a secura da minha boca.

— Estive pensando no que falei anteriormente, sobre o meu arrependimento por não me preocupar o bastante com as pessoas. Não sei, não. Acho que talvez não seja totalmente verdade.

— Estive pensando em algumas das minhas viagens preferidas, que fiz com alguns dos meus amigos mais queridos. Com Erik e Jon, quando fomos ao Parque Winter naquelas viagens para os festivais de jazz, tudo o que fizemos, desde as pilhas de latas de refrigerante que deixávamos em cima da geladeira, até grudar macarrão no teto, ver televisão até tarde da noite completamente dopados de açúcar e cafeína, só para nos divertir. Fazendo aqueles abomináveis — eles eram realmente bons — sanduíches de manteiga de amendoim com mel. Jon, quando escalamos o pico Longs, o nosso primeiro fourteener juntos, e aquela viagem de carro que fizemos no ano passado através da Costa Leste, passando por tantos estados, fazendo um monte de coisas. Foi realmente muito divertido, sair com você e a Chrystie. Ver vocês começarem a construir uma vida juntos, que legal.

— Erik, fiquei lembrando tantas vezes de Maui com Matt e Brent. Aquela foi uma semana muito divertida. Quantas viagens fizemos para ver os shows do String Cheese, como aquela para o Wiltern Theatre, e aquela outra quando nos divertimos pra valer naquele Carnaval de Inverno dois anos atrás. Quando fomos ao festival de jazz da KPat. Minha nossa! Nunca estive tão violentamente embriagado às 8 da manhã como quando estávamos sentados naquela passarela à margem do rio Mississippi. Cara, foi uma loucura... voltar para sentar na banheira de água quente, estando de pé outra vez algumas horas mais tarde para repetir tudo de novo, por cinco dias seguidos. Impressionante.

Sorrio com os olhos fechados. Ocorrem-me as imagens daquela semana louca em Nova Orleans quando assistimos a vinte concertos intermináveis em cinco dias com uma média de três horas de sono — normalmente, entre 9 da manhã e meio-dia. No fim de tudo, eu estava tão exausto que caí no sono no chão de um bar de Nova Orleans no meio de uma multidão se entupindo de cerveja enquanto uma das bandas estava tocando. Você nunca encontra os próprios limites quando vai a tal extremo.

— Estive pensando na viagem que fiz com Erik Zsemlye e Rana... estou pensando em vocês... quando fomos a Denver saindo de Albuquerque e abrimos as janelas no meio de uma tempestade e a nevasca cerrada entrou pelo carro e ficou uma escuridão indevassável. E foi a mesma neve densa dentro do carro quando fomos para Antonito. Como Rana estava bonita com o seu traje de princesa da neve gelada.

— Sonja, estive lembrando da viagem a Washington, D.C., e das viagens maravilhosas que fizemos naquela época. Quando fomos para Havasupai e eu caí de um penhasco entre os cactos e quase me afoguei no rio Colorado. Estive pensando em outra ocasião, com Jean-Marc e Chad em Phoenix, quando fomos ao México e nos entupimos de margaritas, velejamos até não poder indo e voltando ao Rocky Point depois de nos encher de cerveja e tequila na praia. Jamie, quando você e eu fomos a Havasupai... aquilo foi lindo. No acampamento, foi tão incrível, acordar juntos na manhã do ano-novo. Uau.”

Rindo uma risada de completa exaustão, lembro-me da ironia das lembranças que envolviam um contato íntimo com a morte. Relacionei várias vezes em que quase morri como as minhas lembranças prediletas, vezes em que me diverti com a intensidade da experiência. Independentemente das implicações psicológicas, encontro um certo alívio

cômico em relação à minha situação atual, imaginando se me sentirei do mesmo modo se sobreviver a esta clausura no Blue John.

— Nem precisava dizer, todas as viagens fantásticas que fiz com a minha família, mas, pai, você e eu fizemos algumas especiais, como a para Gettysburg, na Pensilvânia, na época da faculdade. A primeira vez que fomos a Canyonlands, Zion, Bryce, Capitol Reef, Arches, todos esses lugares que me atraíram para o deserto todas as vezes. Obrigado por tudo. Tantos momentos especiais com grandes pessoas na minha vida.

Balanço a cabeça impressionado com a minha boa sorte. As lembranças desconsideram a minha capacidade de mantê-las classificadas, interligadas ou ordenadas, e elas começam a se acotovelar em sucessões caóticas.

— Estive pensando também, Erik, naquela primeira viagem para assistir um show de música quando fomos ver o Grateful Dead, no fim de semana do 4 de Julho, em 1995.

— Gary Scott, a nossa viagem a Denali... aquilo foi o verdadeiro catalisador para eu deixar o meu emprego. Obrigado. Boa sorte no Everest, cara. Sei que deve estar lá em cima agora mesmo, provavelmente no Acampamento Três, mais ou menos. Se cuida, volte para casa.

— Estive pensando também em quando Judson veio de Phoenix para escalarmos o monte Rainier juntos na maior rapidez, pois não tinha muito tempo. Tirando uma soneca no Disappointment Cleaver a 3.800 metros, às 3 da tarde, depois de chegar ao cume, tendo começado às 2 da madrugada. “Só mais cinco minutos para o acampamento Muir!” E faltava muito mais.

O meu sorriso torna-se ainda mais aberto. Judson ficava me perguntando quanto faltava para chegar à placa do acampamento; eu podia ver para onde estávamos indo, mas a noite enluarada distorceu o meu sentido de distância e eu fiz uma previsão sincera depois de outra previsão sincera de que estaríamos nas cabanas dentro de mais quinze minutos, depois mais cinco minutos, até que, depois de dezenas de estimativas de “mais cinco minutos”, finalmente topamos com o acampamento justo no momento do nascer do sol. Tive a sorte de Judson não me atirar por uma fenda pelas minhas péssimas previsões.

— Estava me lembrando, Chip, de quando você e eu fomos de carro a Flagstaff e voltamos por Keller Williams. Essa foi outra correria. Ah, cara, tantos momentos incríveis. Lugares a que fui com o meu amigo Erik Kemnitz... à casa dele em Rochester num fim de semana na faculdade. Quando fui à Califórnia algumas vezes para me encontrar com Soha e

Craig e Buck, acho que alguns de vocês foram comigo ao seu primeiro show do Phish.

Sinto que o meu cansaço retarda os meus esforços para falar coerentemente. Simplesmente ficar acordado parece estar tributando integralmente o meu poder de pensamento. Preciso descansar, mas não posso dormir. Apoiando o cotovelo esquerdo contra a parede sul do cânion, mantenho a cabeça elevada com a mão e continuo.

— Bryan Long, aquilo que fizemos no ano passado. Indo de bicicleta, caminhando e curtindo as fontes de águas quentes, depois de dois shows do Cheese, e mais dois shows do Cheese. Zach, obrigado por ser meu amigo, conseguimos caminhar até o pico Sandia com o Erik naquele dia. Ahhh, que divertido. Gosto muito de todas essas ocasiões, tantos bons amigos na minha vida. Rana, a nossa viagem a Telluride para o Cheese. Aquele foi o meu melhor “último dia” de todos, esquiando de trancinhas, camisa amarrada na cintura, estola cor-de-rosa fluorescente, estávamos com tudo naquele dia.

O meu sorriso está rachando os meus lábios secos. Preciso de uma pomada para os lábios, mas vou esperar um minuto para pegar. Mesmo a dor dos meus lábios me faz sentir agradecido pelas pessoas que amo.

— Então, obrigado pessoal. Obrigado pelos bons tempos. Gosto de todos vocês, cada um de vocês. Norm e Sandy, vocês são como gente da família. Todos os pais dos meus amigos também, por proporcionar essa gente maravilhosa que participou da minha vida, muito obrigado. Os meus amigos de Aspen com quem fiquei na maior parte dos últimos seis meses, um pessoal lindo, lindo, todos vocês, muito obrigado. Bryan e Jenn Welker, Bryan Gonzales e Mike Check, obrigado. Rachel, você é uma mulher maravilhosa, muito obrigado. Poderia dizer o mesmo sobre uma porção de gente na minha vida. Agradecidamente, estou dizendo agora. Amo todos vocês. Abraços.

Uau! Me sinto muito bem agora. Imagino se isso não é um pouco a minha vida passando diante dos meus olhos, mas numa cronologia mais lenta. O que faz o cérebro humano reagir à morte com reflexão? Sempre pensei que as pessoas viam imagens da família como um modo de dizer adeus, mas considerando o que as lembranças fizeram comigo — dando-me um ímpeto de energia positiva, sorrisos, sentimento de alegria — rumino ainda um propósito ulterior. Talvez a sequência de pontos altos de toda a vida seja um instinto de sobrevivência, algo entranhado no nosso

subconsciente, o truque final na manga do cérebro para continuar a sua própria existência. Imagino que depois que a adrenalina deixar de enviar um impulso efetivo de lutar ou fugir, a sequência de lembranças atue como um reflexo secundário, motivando-nos a continuar lutando, mesmo quando achamos que não nos resta mais nenhuma luta. Em face de uma morte iminente, o bulbo raquiano instila um superacionamento involuntário e diz: “Você pensa que está acabado? E quanto a todas aquelas pessoas que se importam com você? E quanto a todas aquelas pessoas com que você se importa?” E pum! Você ganha um pouco mais de ânimo. Talvez seja por isso que o suicídio parece mais tentador quando não temos pessoas dizendo que nos amam, ou quando não importamos que nos amem — não acontece a sequência de lembranças, o sistema de recuperação falha. Talvez seja por isso que o nosso cérebro armazene lembranças em primeiro lugar, para jogar sobre o corpo estupefato quando chega o fim do jogo. Bem, seja como for. Vou ficar com a felicidade e a animação e deixar de lado a psicobobagem. Sinto-me bem, é isso que importa.

Vem o meio-dia, estou aguardando a minha morte, algemado à parede do cânion. Com tanta prática em sentar na cadeirinha, encontrei o ângulo mais confortável para os joelhos, a melhor altura para a minha daisy chain e a localização perfeita na borda para a corda enrolada como um acolchoado na frente das minhas canelas. Cuidei do meu corpo com o melhor que pude dentro das minhas possibilidades e de acordo com os recursos disponíveis. Estranhamente, preciso urinar de novo. Decido que vou decantar a que guardei, antes de abrir o zíper, mas despejar a parte superior mais clara do líquido na minha CamelBak será um desafio de coordenação. Prendo a Nalgene vazia entre as coxas e seguro-a firmemente enquanto prendo a extremidade superior da sacola de água azul da CamelBak entre os dentes. Mantenho o reservatório inclinado, um canto do fundo mais baixo do que o outro, e o sedimento se acomoda num lado do canal. Pego a válvula mordida com os dedos, deixando o líquido correr lentamente para a Nalgene enquanto o sedimento salgado fica para trás. Com apenas os detritos restando na CamelBak, fecho a tampa da Nalgene, acomodo-a sobre a rocha encravada e despejo os restos do meu reservatório azul na areia atrás dos meus pés. Eca! Essa porcaria fede.

“Bom, isso significa que você se livrou da pior parte dela.”

Urino dentro da CamelBak e fecho a tampa bem apertada, colocando-a de volta sobre a rocha encravada ao lado da Nalgene. Esse líquido está mais escuro ainda, pungente e quente. Vou deixá-lo esfriar e se assentar antes de decantá-lo como fiz com o outro — o gosto não é tão desagradável quando está mais frio.

Por volta das 13h30 de terça-feira, decido rezar mais uma vez. Dessa vez, já tenho a minha resposta quanto ao que devo fazer. Só falta uma coisa — esperar pela morte ou pelo resgate, mais provavelmente a primeira. Portanto, em vez de pedir uma orientação ou instrução, peço paciência.

— Deus, é Aron de novo. Ainda preciso da sua ajuda. Esta ficando ruim aqui. Estou sem água e comida. Sei que vou morrer logo, mas quero ir naturalmente. Decidi que, não importa o que passe, não quero tirar a minha própria vida. Ocorreu-me que poderia fazer isso, mas esse não é o modo como quero ir. Assim sendo, não acho que viverei mais um dia... já se passaram três dias... não acho que verei o meio-dia de quarta-feira. Mas, por favor, Deus, me dê a firmeza para não fazer nada contra o meu ser.

Vou ver no que vai dar, seja como for que acabe.

O terceiro período de 24 horas do meu aprisionamento terminou. Não resta água para conservar, nenhuma experiência potencialmente libertadora para concluir. Às 15h, sem nada para decidir, a minha existência resume-se no seguinte: cuidar de mim mesmo o melhor que puder, física e mentalmente. Fisicamente, não há nada que precise fazer até a noite cair — a tarde é o período mais quente, portanto, a minha única necessidade é ajustar a posição do meu corpo para manter a minha circulação ativa tanto quanto possível.

A falta de exigências do meu corpo deixa praticamente toda a minha atenção para sustentar a minha mente. Sem dormir, os estímulos externos mal parecem reais, e alguns deles não são. Ouvi vozes duas vezes mais desde que resolvi o mistério do ninho do rato-canguru, mas esses não eram sons reais, apenas fabricações que o meu cérebro invocou para preencher o vazio de áudio do cânion. Existe apenas o fio mais fino ligando os meus pensamentos conscientes com a razão confiável. Estou preocupado que aconteça alguma coisa e me iluda a tomar uma decisão perigosa. O tempo

passa mais rapidamente quando estou recontando as lembranças. Volto vezes sem conta a elas. Percebo que deixei de fora do videoteipe um amigo muito chegado; é hora de filmar outra vez.

A minha respiração difícil, pouco profunda, ressoa no cânion. Tento acalmá-la antes de começar, mas ela me força a fazer uma pausa entre poucas palavras. A fadiga domina os músculos do meu pescoço e preciso apoiar a cabeça com a mão esquerda, como fiz antes.

— Continuando no assunto. Estava pensando em Mark Van Eeckhout, em todos os momentos ótimos que passamos juntos. Na nossa viagem para Aravaipa, dirigindo enquanto eu ia na carroceria da caminhonete dele, ouvindo a música melosa dos anos 1980 com Angie. Quando esquiamos um pouco no pico Williams próximo a Flagstaff. E o nosso grande dia de neve fresca em Wolf Creek, ainda um dos maiores dias de toda a minha vida de esquiador. Todos os grandes dias em Pajarito juntos e indo visitar Los Alamos, e praticando mountain bike e escalando. E em Baldy, a minha primeira viagem de esqui sem fronteiras. Todas as viagens que fizemos com Patchett naqueles Dias do Trabalho, cara, tantos dias ótimos na época. Quatro Dias do Trabalho seguidos, acho, nós conseguimos. Adorei cada um deles. O pico Vestal e aquela viagem a Wham Ridge, Pigeon no ano seguinte, Jagged no ano seguinte a esse e Dallas no outro ano. Cara, algumas das minhas jornadas nas montanhas prediletas foram com vocês dois. Ah, uau!

O meu sorriso exausto permite que um gemido baixo escape da minha boca. Depois de uma pausa, mudo de assunto, lembrando de alguns dos meus haveres financeiros que a minha família provavelmente vai precisar resolver.

— Logística rápida. Tenho ações da CompuServe, UBS PaineWebber, as pastas embaixo da minha prateleira de roupas em Aspen têm as informações sobre as ações. Livrei-me das ações da Delphi, ainda tenho ações da GM. Essas podem ir para Sonja ou mamãe ou papai, se tiverem outro uso para elas. Ao pessoal de busca e salvamento que executar a recuperação do meu corpo, acho que seria adequado fazer uma doação pelos seus esforços também.

Sinto-me bem por ter tratado de todos os assuntos para facilitar as coisas para os meus pais darem um fim aos poucos bens que possuo. Mas, realmente, o que está na minha mente é comida e bebida. Gelados, sucos saborosos, frutas, sobremesas frias, todas as coisas úmidas e gostosas.

— Cara, não consigo parar de pensar em suco de grapefruit, uma margarita, ou um suco de laranja, ou um picolé, todas essas coisas ótimas que adoro. Uma laranja, uma tangerina. Ah, não posso pensar nessas coisas.

— Estou pensando que, na melhor de todas as conjunturas possíveis, alguém consiga entrar em contato com mamãe e papai agora, que vocês estejam pelo menos conscientes da minha ausência, hum, sim, sei lá.

Quero que os meus pais saibam que, quando descobrirem que estava desaparecido, eu ainda estava vivo.

Cerca de quarenta minutos depois, antes das 16h, tiro do seu envoltório plástico no saco do supermercado o pedaço final do meu último burrito. A tortilha descorada de farinha branca ressecou ao redor do recheio de feijão mais macio. Úmido não está. O pedaço que comi ao meio-dia era de papelão, pronto para absorver os líquidos remanescentes do meu corpo. De novo, discuto os méritos da minha próxima ação. Será que o último pedaço não irá me secar mais do que proporcionar sustento? Não sei. Só sei que estou com fome. As informações nutricionais da embalagem dizem que ingeri um total de 500 calorias com os dois burritos nas últimas 72 horas e aposto que tenho 50 calorias sobrando nesta última mordida. Quando estou ativo, como duas vezes a média diária de alimentos recomendada, entre 4.000 e 5.000 calorias por dia. Desde sábado sem alimento substancial, o meu corpo está consumindo a si mesmo para suprir a diferença. Com tão pouco quanto fiquei, não vai importar muito se comer ou deixar de comer o burrito, mas isso porá alguma coisa no meu estômago.

Enfio o pedaço ressecado do burrito na boca e mastigo por vinte segundos, depois tomo um gole de urina da minha Nalgene para suavizar a mistura. Argh, é nojento. Faço uma careta enquanto mastigo por mais dez segundos, depois engulo essa coisa desagradável, acompanhando-a com outro gole amargo de urina. Devia ter molhado o pedaço na urina e usado o pouco da saliva que ainda me resta para engoli-lo; poderia ter poupado o gole adicional da urina no final. Não importa, não vou ter de passar por isso de novo, porque agora estou sem comida. Lambi e tornei a lambar as embalagens das barras de doces, escarafunchando alguns restos de muffin da minha sacola. É isso aí. Agora estou na dieta de urina.

Voltando à câmera de vídeo, penso que vou me ocupar um pouco mais e documentar que acabei de terminar com a comida. Piscando longamente

várias vezes, filmo a mim mesmo falando bem devagar, com longas pausas entre cada frase. Percebo que a minha voz está ficando mais aguda e imagino que se é por causa da desidratação esticando as minhas cordas vocais.

— Terça-feira, 4 horas da tarde. Faz cerca de 18 a 19 graus de temperatura. Estou de novo às voltas com os números na minha cabeça. Há muito pouca esperança para este garoto. Acabei de tentar comer o meu último pedaço de burrito e tive de engoli-lo com um gole da parte de cima da garrafa de urina, de qualquer jeito. Apesar de a parte mais densa ficar no fundo, a parte mais clara não é nenhum refresco. Seria bom um daqueles geladinhos. Não quero desligar sem dizer que “Amo todos vocês” à vovó e ao vovô — dos dois lados, Anderson e Ralston. Vovôs, vou vê-los em breve. Vovós, amo vocês duas, orgulhosas matriarcas. Todos os meus parentes em Ohio, amo vocês. Sou um privilegiado por fazer parte dessa família.

Sinto vontade de tornar a ver a minha família de novo, mas sei que entrei na postergada contagem final funesta para a minha morte. Esta vai ser uma noite difícil.

CAPÍTULO DEZ

PRIMÍCIAS DE UM RESGATE

dum spiro, spero

— *Parte do lema oficial do estado da Carolina do Sul. Literalmente, “Enquanto respiro, tenho esperança”. Ou, mais livremente, “Onde há vida, há esperança”.*

Sábado à tarde, Kristi e Megan deixaram a confluência onde me viram pela última vez, caminharam até a bifurcação Oeste do cânion Blue John e sentaram-se para lanchar. As duas garotas relaxaram e ficaram conversando por cerca de meia hora, então guardaram as suas coisas e iniciaram a jornada pelo leito de aluvião. Em algum momento durante a hora seguinte, elas se desorientaram e não foram capazes de interpretar o mapa para estabelecer a navegação para contornar um beco sem saída 4,5 metros abaixo de um penhasco elevando-se da base do cânion. Voltando por onde vieram, depois tornando a subir o cânion, dando a volta no penhasco, elas gastaram uma hora tentando entender as instruções que lhes diziam para contornar o rochedo pelo lado direito do cânion.

— Se formos para cima, pela direita, parece que precisaremos sair pelo lado direito do cânion. Não acho que esse seja o caminho. — Kristi apontou para duas ramificações conjuntas do cânion considerando onde se encontravam. — E não está claro, tentar atravessar aquele rebordo sobre o cânion da esquerda.

— É. Não vou escalar essa saliência também. Mas por onde mais podemos ir? — A laje de arenito na frente de Megan era desencorajadoramente íngreme, até mesmo fazendo uma curva para fora na borda superior. Virando o guia aberto, Megan encontrou o marcador da página do cânion Blue John. — Muito bem, aqui está. O livro diz: “Caminhe pelo lado direito (leste) por uma pequena trilha, depois encontre a rota descendo por duas seções íngremes”. Temos certeza de que este lado é o leste?

— Não acho que nenhum lado seja leste. Leste é descendo o cânion, por onde viemos. Estamos subindo pela bifurcação Oeste, portanto estamos

indo para oeste. Não estou entendendo; não existe lado leste. Posso ver o mapa de novo?

— Sim, claro... veja. — Megan estendeu o mapa para Kristi, correndo o dedo sobre a página do guia várias vezes.

— Cara, gostaria que o Aron estivesse aqui... ele descobriria isso na hora. — Ela suspirou e recomeçou o processo de encontrar a rota. — Muito bem, então colocamos a minha bicicleta bem aqui, no início da bifurcação Oeste. E estamos aqui... ou em algum lugar por aqui. Não deixamos o curso principal do rio. Sim, precisamos ir pela esquerda. Por que ele diz direita?

— Oh... meu... Deus — Megan disse de repente. — Kristi, nós somos umas verdadeiras idiotas. A direita é para *descer* pelo cânion. Mas estamos *subindo*. A “pequena trilha” fica à nossa esquerda. Deve ser subindo por algum lugar *ali*. — Ela apontou para a esquerda.

— Ah, cara... você deve estar brincando comigo. Isso é ridículo. Como não percebemos isso? — Kristi sentiu-se arrasada por terem se enganado com um erro tão elementar (parecido com segurar o mapa de cabeça para baixo).

Megan rapidamente encontrou uma passagem arenosa à esquerda, que subia de um lado para o outro da parede do cânion como uma rampa de cadeira de rodas. Elas seguiram por ali até acima do penhasco, onde continuaram subindo pelo leito até as pegadas irem diminuindo em encostas arenosas cortadas por ravinas em miniatura e drenos de água. Duas horas mais tarde, bem depois das 17h, elas chegaram à estrada principal de terra onde a bicicleta de Kristi estava amarrada a um pinheiro. Kristi perdeu no *joquempô* para ver quem levaria a bicicleta de volta para pegar a sua caminhonete no começo da trilha de Granary Spring. Pelo caminho, Kristi procurou no planalto onde estaria a minha *mountain bike* vermelha. Se soubesse para onde olhar, teria visto a minha bicicleta inclinada contra um pé de zimbro a uns 100 metros da margem esquerda da estrada quando se encontrava mais ou menos na metade do caminho de volta para o começo da trilha. No momento em que prendeu a bicicleta no *rack* do teto da sua 4Runner no começo da trilha de Granary Spring, e voltou para pegar Megan, Kristi tinha concluído que demoraram tanto no cânion que eu devia já ter passado para encontrá-las e que tinham perdido a festa.

Estacionando no acostamento da estrada de terra do acesso, na frente da amiga, Kristi abaixou a janela e brincou:

— Ei, você aí, precisa de um transporte?

Descansando nos assentos, as mulheres encheram as suas garrafas de água e beberam, reidratando-se depois da cansativa caminhada pela bifurcação Oeste. Megan perguntou a Kristi:

— Devemos voltar para o começo da trilha de Granary Spring e esperar por Aron?

— Acho que ele chegou antes de nós.

Megan não acreditou.

— De jeito nenhum, ele ainda tinha uns 16 quilômetros para caminhar. Não há como ter chegado e procurado por nós.

— Mas eu procurei a bicicleta dele, e não a vi. Não existem muitos lugares para esconder uma bicicleta ali. Acho que ele já foi. Provavelmente está a caminho de Goblin Valley para chegar à festa.

Megan imaginou que Kristi não conseguira ver a minha bicicleta e que eu chegaria ali por volta de mais uma hora ou duas.

— Não devíamos voltar só para ver se ele aparece?

Kristi estava preocupada com o combustível, sabendo que teriam de percorrer 40 quilômetros até o próximo posto de serviços. Ela hesitou.

— Se rodarmos por aí mais um pouco, não vamos conseguir chegar a Hanksville. Temos combustível para mais uns 48 quilômetros mais ou menos... devemos realmente abastecer e podemos encontrá-lo em Goblin Valley antes de anoitecer.

Sem muita certeza sobre uma coisa ou outra, Megan concordou e elas seguiram para Hanksville para abastecer e comer um hambúrguer com milk shake na lanchonete Stan's.

Uma hora depois, por volta do mesmo horário que Brad e Leah atravessavam o deserto pelas estradas até Goblin Valley, Kristi e Megan deixaram a autoestrada para entrar no parque estadual, procurando pela mesma festa. Uma grande placa indicava que o espaço do acampamento estava lotado. Kristi parou o carro para pensar no que fariam a seguir.

— Devemos ir ao terreno do acampamento e tentar encontrar a festa? — indagou Megan.

— Não sei, não. — Kristi riu consigo mesma e depois explicou: — É engraçado, todo esse dia está tão cheio de dúvidas. “Devemos esperar ou ir abastecer? Devemos ir por este caminho ou por aquele?”

— A festa pode ser divertida, mas estou cansada.

— Eu também. — Então Kristi reconsiderou. — Mas vai ser divertido.

Megan disse:

— Você sabe o que vai acontecer? Nós chegamos lá e todo mundo vai estar bebendo e então vamos beber. E depois vai escurecer e o acampamento está lotado, e estaremos bêbadas e precisaremos dirigir pelo deserto à procura de um lugar para acampar.

Imaginando que me encontrariam no cânion Little Wild Horse na manhã seguinte, Kristi e Megan deram meia-volta e seguiram para a autoestrada a caminho do Little Wild Horse até o calçamento acabar. Estacionaram em uma saída lateral, onde acamparam para passar a noite. Domingo de manhã, aprontaram-se sem pressa e depois seguiram pelo desvio, estacionando perto de uma Toyota Tacoma na área de estacionamento do Little Wild Horse. Kristi foi a primeira a notar o veículo.

— Ei, você se lembra qual é o tipo de caminhonete que Aron tem?

— Acho que ele não nos disse — falou Megan, ainda sentindo-se cansada do esforço do dia anterior no Blue John.

Kristi disse:

— Esta Toyota parece que poderia ser a dele. Tem esquis e uma bicicleta. E tem placas do Colorado. Aposto que é esta caminhonete.

— Provavelmente ele já está no cânion — sugeriu Megan.

Kristi concordou.

— É, já são onze e meia. Provavelmente ele já foi.

— Deveríamos deixar um bilhete no para-brisa com os nossos e-mails, para o caso de não o vermos pelo caminho.

— Mas e se não for a caminhonete dele?

Megan estava acostumada a trocar endereços de e-mail com as pessoas, para providenciar viagens futuras e convidá-las a visitar Moab. Estava surpresa por não ter feito isso comigo no dia anterior.

— Bem, se for a dele, ele terá os nossos e-mails, se não for, eles simplesmente jogam fora.

— No entanto, este é um cânion em que você entra e sai por aqui, então podemos vê-lo quando sair.

— Muito bem, então. Devemos almoçar antes de ver se Aron aparece por aqui?

— Hum, ainda não estou com muito apetite. — Kristi estava com vontade de caminhar e explorar um pouco.

Enquanto estavam caminhando, Megan continuou a especular se me veriam no Little Wild Horse.

— Você acha que ele já veio e foi embora?

Kristi ponderou a pergunta por alguns segundos.

— Acho que ele ou acordou realmente cedo e já passou pelo cânion, ou acordou com tanta ressaca que decidiu não caminhar por hoje.

— Por que não pegamos o número de telefone dele?

— Nós já íamos nos ver de novo.

— É, mas é estranho. Eu normalmente teria trocado os números de telefone ou o e-mail ou algo assim, e não fizemos isso. Ele era muito legal. Foi tão bom conhecê-lo no cânion, e ele caminhou conosco e não foi logo tentando dar em cima.

A dupla se divertiu pela manhã, explorando a fenda estreita do Little Wild Horse. No fim, elas voltaram pelo mesmo caminho pelo qual entraram, saindo na mesma fenda para a área do estacionamento. Depois de guardar na 4Runner branca de Kristi o que sobrou do fim de semana de aventuras longe da civilização, elas voltaram para Moab passando por Green River no domingo à tarde. Megan ficou pensando no que teria acontecido comigo, mas nenhuma das duas pensou em nada fora do comum. Havia muitas explicações racionais. Elas não se preocuparam se me veriam de novo; conversaram sobre o quanto haviam se divertido no fim de semana e sobre como era revigorante afastar-se do trabalho fazendo alguma coisa diferente. Elas concordavam que era ruim demais terem de voltar ao almoxarifado da Outward Bound no dia seguinte para preparar suprimentos para pacotes de viagens. Não estavam dispostas a trocar as suas despreocupadas explorações no deserto pelo trabalho interno na empresa, mas decidiram que em breve sairiam para outra exploração e, com essa promessa, o choque do retorno à civilização deixou de ser tão desagradável.

* * *

Depois de ajudar a tirar a minha caminhonete do atoleiro de gelo e lama na tarde de quinta-feira, os meus amigos Brad e Leah Yule deixaram a área do monte Sopris próximo a Carbondale, Colorado, e seguiram pela panorâmica autoestrada em meio aos arvoredos do desfiladeiro McClure a caminho da região sudoeste do estado. Já escurecera havia tempo quando saíram da Highway 550 para a cenográfica cidade de mineradores de

Silverton, onde dormiram na carroceria da caminhonete de Brad em plena rua principal. Leah já estava no quarto mês de gravidez e, no dia seguinte, saiu com a mãe para fazer compras em Durango, enquanto Brad esquiava pelo monte Silverton com alguns dos seus colegas da Incline Ski Shop de Aspen. Brad e os colegas de trabalho haviam economizado as gorjetas de toda a estação para custear uma viagem até a montanha de esqui recém-inaugurada apenas para os esquiadores mais avançados; o preço do ingresso para o teleférico era de 100 dólares cada, mas isso incluía um guia e uma experiência única de esqui de alpinismo dentro de limites estabelecidos que os fanáticos pela neve fresca e fofa mais desejam. Naquela noite, Brad e os amigos ocuparam um quarto de hotel em Silverton para curar os efeitos subsequentes de um festival de cerveja local que incluía topless de trenó na base da área de esqui. Depois de acordar tarde naquela manhã, Brad desceu para Durango para se encontrar com Leah. Eles seguiram pela Devil's Highway, a rota 666, através do deserto de Utah. Na tarde de sábado, Leah deixou o telefone celular ligado enquanto seguiam para o norte pela Highway 95 através do braço superior do lago Powell, esperando pela minha chamada para combinar os detalhes finais para a festa de Goblin Valley naquela noite.

Por volta das 19h, eles estavam se encaminhando para o San Rafael Swell, seguindo para o oeste pela Highway 24. Leah observou as barras indicadoras do sinal do celular desaparecerem enquanto seguiam pelas partes planas do pavimento da estrada. Elas só indicavam um sinal usável quando o veículo chegava ao topo das elevações do terreno.

— Por que não ligamos para ele? — indagou Leah.

— Ele não tem telefone celular. Ele disse que ligaria para dar as orientações.

— Quer saber de uma coisa? Antes de ir mais longe por aqui e perder a recepção totalmente, deveríamos verificar as mensagens. Volte para aquela elevação mais alta. Consegui quatro barras de sinal lá.

Brad deu a volta na estrada, para regressar pela outra pista. A carroceria do *trailer* de madeira feita em casa balançou o veículo ligeiramente para o lado do passageiro enquanto Brad fazia a curva fechada sobre a autoestrada de duas pistas.

— Muito bem, pare bem aqui, sobre esta colina. — Leah verificou as três mensagens no telefone, mas nenhuma delas era minha. — É estranho que ele não tenha ligado. Ele garantiu mesmo que vinha?

Brad respondeu:

— Bem, ele não garantiu de verdade. Falei para ele da festa e que estaríamos lá, e que viria um pessoal de Aspen que ele conhece. Ele pareceu interessado e disse que ligaria e confirmaria.

— Vai ver que decidiu não vir. Deveríamos esperar aqui para ver se ele liga?

— Ele não tinha um plano muito claro antes de sair... só queria escalar, caminhar e sair de Dodge. Você sabe, coisas de fora da estação. Não pedi que confirmasse mesmo se viria. Acho que devemos ir em frente até ver a tal da placa.

Um dos amigos de Brad prometera nos deixar orientações mais específicas presas numa placa na entrada do parque estadual, para informar de mudanças de última hora.

Cinco minutos depois de partir da elevação na estrada, o pneu traseiro esquerdo da caminhonete furou. Brad descobriu que o estepe também estava perigosamente vazio. Arrastando-se a 8 km/h, o casal continuou até o Parque Estadual de Goblin Valley. Brad conseguiu as informações, a mais importante sendo virar à esquerda num boneco do Scooby-Doo preso num pé de zimbro. O sol da tarde batia direto nos olhos de Brad, transformando o para-brisa coberto de poeira numa cortina de vidro. Eles perderam o retorno para a festa e dirigiram por volta de uma hora enquanto o sol se punha e o deserto mergulhava na escuridão.

Exaustos do dia inteiro na caminhonete, eles rapidamente perderam o interesse por voltar pelas diversas estradas do parque estadual a 8 km/h, então Brad estacionou em um cânion estreito depois de uma saída da estrada, encontrou uma área de estacionamento plana e eles acomodaram-se na carroceria para passar a noite. Não significava uma grande perda para eles deixar de ir à festa — eram um casal livre e despreocupado numa viagem para o que desse e viesse de divertido pela frente e teriam muitas outras festas fora da temporada. Com a luz do dia ajudando no domingo de manhã, Brad e Leah zanzaram pela região até encontrar o que sobrou da festa — amigos espalhados por todo o deserto como se um avião tivesse caído na ravina vizinha. Um deles reviveu o bastante para indicar-lhes como chegar em mais ou menos uma hora em Green River para consertar os pneus. Eles voltaram no começo da tarde.

Supondo que eu tivesse ou encontrado a festa ou me deparado com alguma coisa mais interessante para fazer, Brad e Leah não se alarmaram

por não me ver em Utah. Com apenas dois dias em Aspen antes da viagem de lua de mel para as Bahamas, estavam mais preocupados com os preparativos naquele momento, então imaginaram que me veriam na festa da Spruce Street na segunda-feira à noite.

A segunda-feira foi agitada em minha casa. Os meus companheiros de quarto estavam se preparando para a nossa primeira festa do fim da temporada, um grande regabofe na transição das estações e dos companheiros de quarto. Com as quatro áreas de esqui de Aspen fechadas, a temporada estava oficialmente encerrada. Depois de trabalhar comigo na Ute durante todo o inverno, Leona Sondie estava partindo para Boulder, onde planejava trabalhar como paisagista durante o verão. Elliott Larson estava se mudando para se juntar ao seu companheiro de corridas de *mountain bike*, Joe Wheadon, formando um quarteto com Brian Payne e eu. Brian estava de volta à cidade depois de uma ausência de dois meses — o seu acidente de esqui em janeiro o forçara a ir morar com os pais em Ohio para se recuperar e fazer a reabilitação — e eu estaria de volta das minhas férias. Seria uma ocasião rara em que estariam todos juntos. Tanto assim que um turno noturno não fazia sentido em relação à dimensão da festa; poucos dos participantes tinham responsabilidades sérias no dia seguinte, o término da temporada trazendo consigo um descanso de obrigações importantes no trabalho. O planejamento da festa incluía conseguir um barril de gelo, armazenar suprimentos para o churrasco, pendurar luzes decorativas por toda a casa, convidar cinquenta pessoas e levantar a porta de enrolar da garagem para transformá-la em sala de estar e aumentar o espaço para a festa na nossa casa de 93 metros quadrados.

Típico das construções mais antigas da área da mina Smuggler, em Aspen, o número 560 da rua Spruce passara por diversas reformas ao longo dos seus 115 anos de vida. Em consequência disso, a casa tinha características inusitadas, incluindo uma porta de enrolar instalada na parede oeste da sala. A Smuggler Mine Company construíra a casa como uma contrastaria onde os avaliadores pesavam o minério de prata em estado bruto e mediam a sua pureza. Em 1894, quando a maior pepita de prata do mundo foi extraída da mina, ela muito provavelmente passou pelo número 560 da rua Spruce, embora ninguém na época tenha se empolgado demais com o achado, uma vez que a queda do preço da prata de 1893 tenha chegado ao ponto mais baixo do mercado. Conforme está assentado

nas medidas dos assessores, a maior pepita do mundo valia um pouco mais do que uma pedra decorativa.

Na época da história de Aspen do pós-guerra, o número 560 da rua Spruce reencarnou como uma loja de iscas artificiais, acrescentando a garagem com a porta de enrolar na parede oeste do primeiro pavimento e transformou a contrastaria em um apartamento de um quarto. Reformas e acréscimos posteriores dividiram o edifício de dois andares em estilo de celeiro em dois apartamentos, uma unidade de estúdio no andar de cima e um espaço com quatro quartos. Na unidade inferior, a cozinha contornava um banheiro que veio depois, com duas entradas no chuveiro, uma diretamente detrás da pia da cozinha. O espaço da garagem/loja tornou-se a sala de estar, com a porta de enrolar remanescente ainda instalada. Com um *deck* instalado fora da porta da garagem onde fora a alameda de entrada, o tempo quente da primavera e do verão davam a oportunidade de enrolar a parede da sala e aproveitar o sol e a brisa dentro de casa, ou empurrar um dos velhos sofás para o *deck* para uma soneca ao ar livre.

Os amigos começaram a aparecer na noite de segunda-feira, incluindo Brad e Leah e Rachel Polver, e antes de o sol se pôr em um impressionante espetáculo de luzes atrás do monte Sopris, a comida do bufê cada-um-traz-o-que-quiser tinha se acabado. Rachel achou estranho eu não aparecer para a festança, considerando o meu apetite raramente satisfeito, mas Leona tranquilizou-a dizendo que eu estaria de volta de Utah a tempo do melhor da festa. À medida que mais amigos e conhecidos se reuniam e a festa embalava noite adentro e a música retumbava pela parede aberta, os meus companheiros de quarto gritavam acima do estéreo discutindo a minha ausência.

Um copo cheio de cerveja na mão, Elliott levantou a questão:

— Ei, Brian, você já viu o Aron? Pensei que ele precisava trabalhar amanhã.

— Vai ver que ele ainda está viajando. Não o vejo desde quarta-feira. Ele sabia da festa? — Brian perguntou a Leona.

Leona repetiu o que dissera anteriormente a Rachel.

— Sabia, quando partiu, disse que voltaria a tempo de participar. Eu disse a ele que ia embora na terça e que provavelmente seria a nossa última noite juntos, e ele disse que estaria aqui. Esta é a minha festa de despedida. É melhor que ele não a perca. Vou ficar irada.

— Que horas são? Se ele está mesmo atrasado na volta, com certeza vai chegar e querer desabar. — Elliott estava pensando que deveriam diminuir o barulho da festa se eu voltasse com vontade de ir para a cama. — Vai ser difícil para ele dormir com a festa comendo solta. Talvez ele tenha pensado nisso e parado para dormir em algum lugar.

— Isso seria melhor do que tocar todo mundo para fora. Isso aqui está com cara de durar um bocado.

Brian estava certo — a festa ia longe. Embora ele tenha ido dormir pouco antes da meia-noite, no momento em que Joe e Leona despediram os últimos festeiros para pegar o ônibus ou ir a pé para casa, passava das 2 horas da madrugada.

Entretanto, deu 8h15 da manhã de terça-feira e eu não apareci para trabalhar na Ute Mountaineer. O meu gerente, Brion After, ligou para a minha casa na rua Spruce. Leona tinha acabado de acordar e andava meio atordoada pelo seu quarto, um tanto grogue e com ressaca.

— Ei, Leona, é o Brion. O Aron está aí? — Brion parecia mais esperançoso do que curioso, e ligeiramente ansioso.

— O quê? Não. Ele não está aí? — Leona instantaneamente acordou e se preocupou.

— Não, ele não apareceu nem telefonou. Estava pensando que ele poderia estar esticando um pouco as férias. A caminhonete dele está aí?

Leona percorreu toda a casa com o telefone sem fio na mão, olhando pela janela da cozinha para ver se a minha caminhonete estava em uma das vagas de estacionamento em frente da cerca de ripas de madeira. Conhecendo o meu hábito de aproveitar umas férias até o último minuto, ela pensou que eu poderia ter dirigido a noite inteira e ido diretamente para o trabalho naquela manhã. Ela verificou o meu quarto à procura de alguma indicação de que eu tivesse passado por lá e saído, mas não encontrou nada. Alguma coisa não estava certa.

— Será que ele puxou a Leona? Talvez tenha esquecido da sua troca de turno.

Brion e Leona riram da piada que ela fizera consigo mesma. Ela ganhara a reputação depois de faltar a um turno que deveria cumprir, e então completou o fora uma semana depois quando apareceu para trabalhar e não estava nem mesmo escalada para o horário.

— É possível, mas ele disse: “Vejo você na terça” ao sair pela porta. Ele sabia que hoje era o dia dele.

— Vai ver que ele ainda está voltando de Utah, então — disse Leona. — Quem sabe chegue dentro uma hora mais ou menos.

— Pode ser. Preciso desligar agora, mas volto a ligar para você. Quando você vai partir?

— Dentro de uma hora, depois de pôr a bagagem no carro.

— Muito bem, me ligue se tiver notícias dele.

— Pode deixar. Tchau.

Leona desligou o telefone e ficou andando de um lado para outro com o coração pesado. Começou a carregar o Subaru da sua tia Leslie com os seus pertences, aprontando-se para dirigir até Boulder, mas quanto mais enchia o carro, mais preocupada se tornava.

Ciente de que nunca tinha me atrasado por mais de quinze minutos antes, Brion também estava começando a ficar preocupado. Ele desceu para o piso da loja às 8h30, para comentar o assunto com outro funcionário e alpinista, Sam Upton.

— Você viu se o Aron já chegou?

Sam ergueu os olhos para ele da prateleira onde arrumava os tênis de corrida na saleta de mostruário.

— Hã, não... ele devia estar refazendo a parede de camping esta manhã, certo?

Ignorando a pergunta de Sam, Brion insistiu.

— Ele telefonou ou coisa parecida?

Sam sentiu a tensão na voz dele.

— Não. Tem alguma coisa errada?

— Não sei. Acabei de falar com a Leona, e ele não estava em casa. Ela disse que parece que ele não passou por lá. São 8h30 agora. A única vez que Aron esteve mais de quinze minutos atrasado foi quando fez aquela subida épica do desfiladeiro Pearl.

Lembrando-se da ocasião um mês antes quando passei a noite num acampamento provisório em um poço escavado à mão na neve, a 3.650 metros de altura, Brion tinha confiança em que eu apareceria, a menos que estivesse com um problema grave.

Entendendo as implicações, Sam perguntou.

— Você acha que ele teve um acidente?

— Putz, eu não sei. A única coisa que sei com certeza é que ele não falta ao trabalho. É possível que algo ruim tenha acontecido.

— Ele poderia estar perdido ou ferido. Mas duvido que esteja perdido... ele sempre leva uma bússola e o relógio tem um altímetro, e ele é bom nisso — disse Sam.

— Não, eu sei. Mesmo que estivesse a 80 quilômetros no meio do nada, seria capaz de cobrir essa distância em um dia. Não é um caso de pânico. Quero dizer, ele é forte o bastante para, no caso de ter acontecido alguma coisa, conseguir se safar. Alguma coisa abaixo de uma perna quebrada não o atrasaria. E se ele quebrou a perna, viria se arrastando. Ele poderia demorar, mas apareceria. Precisamos dar a ele 24 horas — concluiu Brian e Sam concordou.

Leona ligou para a Ute dentro de uma hora, falando com Brion e Paul Perley, o gerente-geral. Ela contou como foi a última vez que me viu, na quarta-feira à noite, quase uma semana antes.

— Ele estava com as caixas do equipamento de alpinismo e as coisas do ciclismo. Disse que ia fazer uma escalada, um pouco de canionismo e talvez também fazer umas trilhas de bicicleta. Estava arrumando as coisas como se dissesse: “Ah, devo levar isto para o caso de sair de bicicleta” e “Ah, devo levar isto caso queira escalar”. Normalmente, ele tinha tudo planejado antecipadamente, mas dessa vez não sei se sabia aonde estava indo. Ele disse que ia para Utah, para a área de Canyonlands. A questão é: será que ele foi para o deserto?

Com o passar da tarde, Brion reiterou a sua decisão com Paul.

— Vamos dar a ele até as 9 da manhã de amanhã. Qualquer montanhista iria querer a chance de se livrar do problema antes dos helicópteros começarem a aparecer. Se ele não estiver aqui para o início do seu turno amanhã, vou ligar para os pais dele e fazer a bola rolar.

Terça-feira à noite, por volta das 18h30, logo depois dos seus turnos, os meus companheiros de quarto Brian e Joe estavam sentados na sala na rua Spruce, relaxando com a porta da garagem levantada, testando a qualidade da cerveja deixada no barril.

— Ei, que história é essa com o Aron? — indagou Joe.

— Ele ainda não chegou — respondeu Brian. — Acho que Leona ligou para a Ute de manhã. Ele não apareceu para trabalhar.

— O que você acha que deveríamos fazer, ligar para a polícia ou algo parecido? — Joe não tinha certeza se era a coisa certa a fazer, mas tocou no assunto com Brian assim mesmo.

— Sabe, acho que é o que deveríamos fazer — disse ele, depois de pensar sobre o assunto por um longo momento. Tirou a lista telefônica debaixo da mesa de centro aos seus pés e folheou as páginas à procura do número do departamento de polícia de Aspen. Ele discou o número para não emergências e falou com o recepcionista depois do primeiro toque. — Um amigo nosso devia ter voltado de uma viagem na noite passada e ainda não chegou em casa, já faz um dia. Só queria que soubessem que achamos que ele está desaparecido. Estamos calmos... estamos preocupados com ele, mas não estamos desesperados. O que podemos fazer a respeito?

— Podemos fazer uma ocorrência de pessoa desaparecida. Você disse que já faz 24 horas?

— Isso mesmo, ele devia ter voltado de Utah ontem, e faltou ao trabalho hoje.

— Qual é o nome dele?

Brian informou o meu nome, idade, altura aproximada, peso e descrição ao recepcionista, que digitou os dados no computador do sistema de dados da polícia.

— Você sabe o número das placas do veículo dele?

— Hã, sim, espere um instante, posso conseguir para você. — Brian foi até o meu quarto e encontrou um antigo itinerário de alpinismo quando eu tinha escalado as duas montanhas Bells em solitário anteriormente. Eu tinha anotado o número das placas — NM 846-MMY — e o ano e o modelo da minha caminhonete.

— Para onde você acha que ele foi? Você disse Utah?

— Sei que ele ia escalar o monte Sopris na quinta-feira, mas estava bem equipado para uma viagem. Acho que ele disse que estava indo para a região de Moab em Utah.

— Tem alguma informação mais específica do que essa, ou apenas região de Moab.

— É só isso. Normalmente ele deixa itinerários, mas desta vez não deixou nenhum.

— Tudo bem. Já é um começo. — Eles desligaram.

O que o recepcionista não disse a Brian foi que eu não estava desaparecido por tempo suficiente para que a polícia fizesse alguma coisa

de inmediato.

CAPÍTULO ONZE

QUINTO DIA: SANTUÁRIO DO TRANSE

O verdadeiro teste de qualquer escolha é: “Eu faria a mesma escolha outra vez?”

Ninguém pode ver além de uma escolha que não compreende.

— O Oráculo, *Matrix Revolutions*

Faces beatíficas cor de marfim sorriem para mim. Elas se projetam das paredes uterinas vermelhas, surrealmente pálidas e carecas, como concorrentes em uma disputa pela semelhança com o professor Xavier, de *X-Men*. As paredes parecem formar um tubo escarlate de tecido orgânico, um túnel fibroide pulsando em ondas que poderiam ser um vaso sanguíneo de 2,40 metros de altura vazio, a não ser pela minha presença dentro dele. Na minha visão onírica, estendo a mão, esfregando a ponta dos dedos no tecido esponjoso. Ele reage ao meu toque com carícias acolhedoras. Como se tivessem apertado uma descarga, sinto que começo a me mover ao longo do tubo, empurrado pelo movimento em onda. Cortinas de celulose pegajosas agarram no meu rosto e braços com a maciez invisível de uma pétala de flor silvestre enquanto flutuo através das sinuosidades e curvas veladas do conduto. Passando pelos rostos santificados, um de cada vez, estou vagamente consciente da sua animação imprecisa, como bonecos de adoração animados que me chamam, mas sem que possa ouvir-lhes a voz. Uma vaga familiaridade compele-me a olhar mais detidamente para os rostos, mas não consigo me deter por tempo suficiente no tubo e eles continuam a passar por mim antes de eu poder identificar algum em particular. Também não sou capaz de discriminar-lhes o sexo, mas eles parecem ter mais ou menos a minha idade ou quem sabe ser um pouco mais velhos. Em todo caso, sinto-me à vontade aqui, como se os rostos fossem meus amigos — ou, mais exatamente, como se os rostos fossem os rostos dos meus amigos — mas não sei dizer.

O movimento para a frente continua por algum tempo, levando-me relaxadamente pelo corredor placentário. Sinto-me como se estivesse surfando agradavelmente em grupo, mas também estou preocupado. O que

está acontecendo? O que é toda essa coisa ao meu redor? Onde estou? Isto é um sonho? Onde está o cânion? O meu ambiente parece reagir apoiando-me com mais firmeza, e então o tubo inclina-se para cima diante de mim. Até este ponto, a minha jornada foi estritamente horizontal. Não podia sentir a atração da gravidade antes, mas agora é como se estivesse subindo por uma parte de uma montanha-russa muito bizarra. Não há mais rostos, apenas o revestimento das paredes passando em uma progressão monótona por uma sucessão de incontáveis minutos. Que altura alcancei? Várias centenas de metros, imagino. O aperto das ondas carnosas sobre o meu corpo torna-se mais sutil, com a exceção de ligeiras vibrações que se somam à sensação da montanha-russa, puxando as minhas pernas, cintura, tronco e costas.

Intensificando-se, as vibrações me balançam cada vez mais, me afligindo. Agora quero descobrir o que há no fim desta rampa. Tenho a sensação de que será algum tipo de portal. Quero vê-lo, talvez atravessá-lo, mas de algum modo sei que vou me soltar do delicado revestimento da parede antes de chegar ao fim. As vibrações fazem com que tenha espasmos tumultuosos. Não quero chegar a descobrir o que vem depois deste plano inclinado. Liberto-me do revestimento como de uma casca, o envoltório se despregando de mim enquanto as paredes do vaso desaparecem. Sem o seu apoio, dou um salto mortal para trás, suspenso em câmera lenta, estremecendo violentamente, como se estivesse prestes a detonar. A escuridão erradica o túnel e os tremores do estado onírico transformam-se em estremecimentos de verdade, o meu corpo tentando se libertar do aperto tenebroso da noite do cânion.

É noite de terça-feira, pouco depois do pôr do sol, e a minha mente privada de sono está fabricando uma fuga ilusória do meu aprisionamento, se não para o meu corpo, pelo menos para o meu espírito.

Distraído pela fadiga e pelo relativo calor do dia, ainda não tornei a vestir a minha bermuda de Lycra, mas a sensação do frio noturno iminente promete mais nove horas de batalha exaustiva. Tirei a bermuda antes do esforço cirúrgico desta manhã. Pensando que poderia ter sucesso, planejava usar o seu forro acolchoado como uma atadura absorvente no coto do braço, mas é claro que não precisei disso. Por nunca ter recebido uma instrução formal em medicina em ambientes sem recursos convencionais, estou orgulhoso por ter resolvido tantas exigências médicas com as minhas improvisações. Estou quase desapontado por não

ter a oportunidade de testar a sua eficácia, mas resolvi não fazer outra tentativa de amputar o braço. Provei para mim mesmo a inviabilidade de serrar os ossos. Limitado pelas minhas próprias faculdades se desintegrando, sei que esforços adicionais para decepar o meu braço serão suicídio certo.

A morte por desidratação está se revelando mais fatigante psicologicamente do que estava prevendo no sábado. A esterilidade da falta de água espreita-me, o leviatã indomável do deserto aproximando-se cada vez mais a cada hora. A insônia imposta completa o sofrimento do meu corpo, soltando uma aberração quadridimensional na minha cabeça. Eu não existo mais em um contínuo espaço-tempo normal. Minuto a minuto, a minha privação de sono desmantela uma nova função cerebral. Considerando o meu estado de deterioração, ver a manhã de quarta-feira será uma façanha totalmente diferente. Sobrevivi às minhas previsões iniciais de que não viveria para ver a manhã de terça-feira. Talvez sobreviva a mim mesmo de novo.

“Simplesmente espere. Isso é tudo o que você pode fazer.”

Decido pôr a bermuda de Lycra por baixo da fina bermuda de náilon. O ato ocupa-me por aproximadamente dez minutos. Desconecto a cadeirinha do sistema de apoio de cordas, desprendo a correia da cintura do seu anel de segurança duplo e deixo cair a cadeirinha pelas pernas até os pés. Tirando a bermuda, admiro por um instante a aparência descarnada das minhas pernas pálidas à luz da lanterna de cabeça. Perdi muito peso, talvez uns 10 quilos ou mais, e não estava muito rechonchudo quando entrei neste cânion. Tenho um longo caminho a percorrer até acabar com toda essa massa corporal, mas a parte triste é que a maior parte dela será pasto para os insetos e animais necrófobos deste ambiente do deserto. Visto a bermuda de ciclista, enfiando os meus tênis sobre o tecido elástico enquanto enfio cada perna através do seu buraco. A bermuda marrom volta ao lugar com facilidade, seguida pela bagunça enrolada da cadeirinha. Passar as pernas através das voltas adequadas requer três tentativas antes de conseguir que todos os emaranhados de fios entrem na posição certa. Passar o cinto através do anel encaixado é simples com uma das mãos, mas inverter a fita para terminar o nó duplo é mais difícil e, depois de cinco minutos, deixo o serviço inacabado, como estava antes.

A escuridão sepulta-me no cânion. Outra noite de depredações da hipotermia me aguarda. Estou vacilante e inquieto enquanto passo resolutamente pelo ciclo de dezenas de repetições de reapertar a corda ao redor das pernas, muitas vezes levado por outro transe extraordinário de fantasia nos dez minutos de prorrogação que conquisto entre acessos de tremores. O meu espírito clama pela sua liberdade e eu deixo a mim mesmo uma meia dúzia de vezes. Às vezes, as viagens são pirações oníricas psicodélicas, a exemplo da jornada através do vaso sanguíneo, e outras vezes eu me vejo de cima numa saída para fora do corpo em que a minha alma é capaz de sair do cânion, como fiz na tarde de domingo quando voei sobre o oceano Pacífico e me transformei num chuveiro de fótons no vácuo do espaço.

Outras experiências também começam com a visão dos meus amigos, de corpo inteiro, ainda que transparentes, fantasmas que habitam temporariamente o cânion comigo até sairmos juntos para ir a um lugar familiar. Eles nunca se comunicam por palavras, apenas por gestos, e de algum modo transmitindo emoções por meio de emissões de ondas não verbais; se eles querem que me sinta seguro e tranquilo, é assim que me sinto. Se quisessem que me sentisse assustado, então eu sentiria medo, mas não acontece isso — estou totalmente à vontade nos transes. Independentemente do local ou da companhia nessas experiências visionárias, há sempre uma voz muda que me lembra quando preciso voltar a cuidar de mim mesmo. Inevitavelmente, eu atraso o meu retorno até o meu corpo entrar em convulsões de tremores hipotérmicos, mas sempre sei quando é o momento.

No espaço real, confinado entre a rocha encravada e a parede do cânion, despejo intermitentemente a camada superior da minha urina da CamelBak na garrafa Nalgene, deixando o sedimento repugnante cair na areia atrás dos meus pés. Repito essa atividade com maior frequência do que o necessário, só para quebrar o tédio. Ah, o que eu daria por um daiquiri de morango com gelo picado, uma margarita, um *milk shake* maltado, um copo alto de suco de *grapefruit*, uma garrafa gelada de Budweiser. Cada pensamento é precedido e acompanhado de um pensamento sobre uma bebida de alguma espécie — bebidas que a minha lembrança produz em uma projeção vívida quando fecho os olhos, flutuando em um ponto a 60 centímetros à minha frente e cerca de 15 centímetros acima do nível dos olhos. É peculiar que, não importa o que

beba, a bebida sempre aparece para mim em uma forma do meu passado, e no mesmo espaço elevado, ao alcance, mas não presente ali. Não estou certo se deixar a minha imaginação se entreter me sustenta ou faz-me mais sedento pela bebida. É a mesma discussão que mantive comigo mesmo sobre o resto da minha comida, o resto da minha água, beber a minha urina, todas as escolhas mais importantes do meu aprisionamento: “Isto é bom para mim, ou vai piorar as coisas?” Tenho sido cuidadoso ao deliberar sobre cada escolha. Mas fico por aqui.

Confusão, delírio e um frio impiedoso competem por tempo igual ao longo da noite, distorcendo até mesmo pequenos segmentos de tempo em compostos infinitos de luta contra a crueldade dos elementos. As mesmas constelações em forma de ferradura que notei inicialmente na noite de domingo centram-se sobre o cânion Blue John, a sua marcha através do céu seguindo a minha linha de visada do firmamento entre as viseiras das paredes. Imagino quem mais estaria lá no planalto do deserto, observando o mesmo firmamento celestial, e se houver alguém, se estaria também notando as rotações das estrelas. Não vou muito além com o pensamento. Na verdade, os meus pensamentos raramente se concluem. A minha mente engasga como se estivesse acabando o combustível, produzindo apenas duas ou três palavras em uma questão ou uma resolução antes de derivar para o silêncio ou para outra constatação premente. Não consigo manter a concentração.

O meu cérebro saiu para passear. Perdeu a motivação para registrar o tempo com exatidão, seja conscientemente, por intermédio do meu relógio, seja pelos instintos subconscientes nos quais normalmente podia confiar. Tipicamente, a minha mente tem uma capacidade muito precisa de estimar o tempo. Por exemplo, no início dessa situação de aprisionamento, se olhasse para o meu relógio, depois pensasse no casamento da minha irmã, mexesse com a minha lâmpada de cabeça e prendesse a fita ao redor do bíceps direito, tinha uma intuição de que tinham se passado cerca de dois minutos. O que quer que fizesse, tinha uma sensação da duração adequada, e esse tempo estimado correlacionava-se de perto com o andamento real do meu relógio.

Mas, agora, essa correlação acabou. Com a fadiga provocando tantos pensamentos distintos, as coisas parecem demorar mais do que realmente acontece. Estou tendo muita dificuldade de compreender por que só dois

minutos se passaram, de acordo com o meu relógio, quando parece que foram dez. Outro acesso de paranoia se manifesta em mim e me aferro à ideia de que o meu relógio foi danificado no acidente com a rocha encravada e não está mais informando o tempo corretamente. Talvez esteja mais perto de amanhecer do que imaginei; talvez esteja mesmo um dia adiantado. (Ou talvez eu esteja completamente desequilibrado.) Demoro algum tempo para deduzir que o meu Suunto está funcionando perfeitamente bem — de que outro modo seria capaz de prever o amanhecer iminente, o aparecimento diário do corvo e da adaga de sol, e a queda da noite tão precisamente. Está bem, está bem, então realmente é 1h30 da madrugada.

Tenho meia hora ainda para o meu próximo gole de urina. Pelo menos a urina está fria agora; estou feliz por isso. Mas estou ainda mais contente com as lembranças de bebidas que me hipnotizam de tempos em tempos, arrematadas por projeções como que reais.

Fecho os olhos e tenho oito anos de idade, sentado na varanda dos fundos da casa dos meus avós no interior da região central de Ohio, jogando baralho com o meu avô Ralston. Aplacamos o calor com uma 7-UP, servida de uma garrafa gelada de 2 litros em copos térmicos de plástico com cinco cubos de gelo cilíndricos, o gás coçando o meu nariz quando levanto o copo para dar um gole. Assim como sou capaz de sentir o gosto adocicado, a lembrança muda para uma visão, e ali à minha frente está o copo térmico de plástico em um halo de luz, cintilando como o Santo Graal, a gaseificação atomizada borbulhando acima da borda do copo na contraluz. Estremeço e abro os olhos, e embora o interior da minha sacola de cordas esteja completamente escuro, a visão cintila.

Torno a fechar os olhos e é uma tarde de final de agosto em 1987. Numa lembrança antiga da infância, estou fazendo um intervalo enquanto embalo o feno com amigos da família em um campo junto à ondulação de uma colina verdejante no leste de Ohio. A visão para o norte é ampla e exuberante; um tufo de floresta cerrada interrompe o horizonte ao sul, a uns 200 metros de distância. Estamos sentados na traseira da plataforma da máquina de enfardar, revezando-nos em tragos de chá reforçado com bastante açúcar de uma garrafa térmica vermelha e branca. Quando a garrafa chega até mim, eu a levanto e a condensação que passa através da tampa forma gotas sobre a minha face. Faço uma pausa para afastar a

umidade dos meus olhos, depois estremeço e perco a visão antes de poder engolir o chá espesso como xarope.

Uma sucessão de visões leva-me ao redor do mundo e atravessa a maior parte da minha vida. Tomo o meu primeiro gole de cerveja através da aba puxada de uma lata de Budweiser na varanda atrás da casa da minha família junto com o meu pai e o meu tio em 1985. Bebo saquê aquecido com os meus amigos Jon, Erik, Moody e Chrystie no nosso quarto de hotel no centro de Nagoya, no Japão, antes de um show do Phish em junho de 2000. Bebo através de um canudo de comprimento duplo preso em uma Slurpee encaixada no vão triangular do guidão da minha bicicleta enquanto volto de uma loja do 7-Eleven próxima à casa dos meus pais num subúrbio de Denver, em uma tarde de julho de 1991, antes de ter obtido a habilitação de motorista.

Uma bebida em especial aparece repetidamente na minha mente, a borda salgada do copo encobrindo o sabor adocicado da combinação misturada de gelo, tequila, *triple sec* e lima. Imagino que estou babando em mim mesmo, espumando na boca de desejo por uma margarita, mas a minha língua gruda no meu palato seco como algodão. A minha respiração raspa na garganta ressequida e eu arquejo, então sufoco nas minhas cordas vocais, lembrando-me do fato de que as lembranças de bebidas foram postas de lado: estou morrendo.

Às 15h, aplico mais protetor labial na minha boca, esperando conseguir um último resquício de umidade e, então, me ocorre que eu poderia do mesmo modo ter sucesso em selar a minha língua. Passar o bastão por toda a língua me faz salivar e eu engulo o protetor labial, curioso sobre o seu conteúdo calórico. Se ele deixar o meu corpo excitado por comida, talvez valha a pena uma tentativa de comer um pouco dele. Mordo um pequeno naco, de cerca de um décimo do total do bastão, e o amacio revolvendo por dentro da boca. Ele reveste os dentes e a língua, e quantidades diminutas de saliva exsudam através da camada de geleia sem sabor. A meleca resultante escorre pelos meus molares e decido não engoli-la. O fato de ainda estar produzindo saliva me encoraja; não estou ainda no estágio mais grave da desidratação. À parte essa conclusão inferida, não ganho nada com o meu esforço. A minha fome continua invicta.

Sem atividade física para manter-me ocupado, passo as horas frias recontando dezenas das minhas viagens favoritas com a família e os amigos. Do Japão ao Peru e à Europa, do Alasca à Flórida e ao Havaí, de escaladas de montanhas a ver as nossas bandas favoritas, invoco as minhas lembranças mais queridas. Cumpri o meu propósito na vida explorando grande parte do mundo, fazendo-me feliz e inspirando os outros com as minhas aventuras. Realizei a minha vocação em todas as oportunidades de viver uma vida intensa e radical.

Ainda assim, não estou pronto para morrer. Mergulho em uma série de transe. Em um, um amigo não identificado aparece na frente da rocha encravada envergando uma túnica branca celestial e silenciosamente faz sinal para segui-lo. Voltamo-nos para a parede do cânion, exatamente à esquerda da borda onde a corda da minha âncora está presa. Pressiono um painel de arenito e a parede se abre como uma porta pivotante, girando para a direita. Partimos juntos, ele primeiro, passando pelo batente da porta que apareceu milagrosamente e deixamos o chão arenoso do cânion para entrar em um corredor acarpetado de uma casa. O meu amigo me leva para uma sala de estar que está cheia de mais amigos meus relaxando em sofás e poltronas confortáveis. Sinto um arrebatamento imediato de alegria, como se tivesse chegado em casa depois de uma longa viagem. Ainda não consigo distinguir os amigos, mas eles conversam entre si como se estivessem numa festa, as vozes murmurantes acariciando os meus ouvidos num nível indecifrável.

Permaneço parado à porta, sentindo-me à vontade, mas não consigo fazer contato com ninguém. Eles existem em um plano diferente e, embora possamos nos ver, eu sou diferente — de algum modo, eles não são reais. Os meus amigos olham-me em meio à sua conversa como se para me fazer entender que me ouvem pensar aquilo e respondem num pensamento unificado: “Estaremos aqui quando precisar de nós. Quando estiver pronto, então seremos reais”.

Sinto-me afrontado. “O que está acontecendo? O que está acontecendo comigo aqui? Estou dentro da minha cabeça? Estou sonhando? Como pode ser isso, se não estou dormindo? Mas como isso é possível se não é um sonho?” Discuto se estou dormindo ou não. Tenho certeza de que não perco a consciência nem caio no sono durante esses episódios. O meu controle muscular parece permanecer intacto, porque de outro modo o meu corpo se encolheria por causa da dor violenta do peso sobre o meu punho

direito. Não, esse retiro mental é algum lugar mais abstrato do que a minha consciência habitual, mas também não se trata exatamente de um mundo de sonho. De algum modo, mantenho o meu corpo no cânion enquanto simultaneamente parto dele.

Acima de tudo, clamo por alguma verificação do que é real, mas antes de chegar a uma conclusão, a minha mente se esquece das perguntas que acabei de enunciar. Os meus sentidos me alimentam de informações realistas de que este mundo de transe não existe de fato. Posso estender a mão e tocar as paredes e a mobília desta sala cheia de amigos. Posso sentir o cheiro das velas acesas queimando na mesa ao fundo. Sinto a brisa quando alguém abre uma porta de correr de vidro para o pátio e caminha para o exterior. Embora grande parte do ambiente se apresente convincentemente, é como se estivesse assistindo a tudo do lado escuro de um espelho de uma face só. Existe ação, mas não posso participar dela. Descubro que não estou me movendo para nenhum lugar a não ser a minha cabeça e braços; as minhas pernas travaram nos joelhos. E esse negócio da parede do cânion se abrir? Isso é loucura.

Finalmente, volto para o meu corpo, encontrando previsivelmente o meu íntimo se convulsionando em espasmos frios. Passo outra hora me mexendo com as minhas amarrações e a sacola de cordas antes de deixar o cânion de novo, mas desta vez sigo um amigo que identifico ao primeiro olhar. É o meu melhor amigo do colegial, Jon Heinrich, e observo o meu espírito flutuar para fora das minhas costas encapotadas e da cabeça dentro da sacola de cordas. Atravessamos o painel articulado do cânion como fiz já duas vezes e entramos em uma saleta quadrada às escuras, toda entulhada, que mal tem espaço para nós dois em pé sem tropeçar um no outro. A saleta está em total escuridão a não ser por uma linha de luz brilhante refletindo-se do piso de concreto bruto. Aparentemente, Jon não consegue enfiar a chave que supostamente abriria a porta. Ele aciona um interruptor e as prateleiras estreitas de metal cheias de artigos de limpeza aparecem nos três lados ao nosso redor, um escovão industrial pendurado no canto à minha esquerda. Estamos em uma despensa de zelador. De algum modo, sei que está localizado em um hospital, em vez de num edifício de escritórios ou numa escola, e as minhas esperanças disparam selvagememente.

“Bata na porta, Aron! Peça ajuda! Você precisa de cuidados médicos e esse pessoal pode conseguir isso para você!”

Mas Jon não me deixa bater na porta metálica oca, como se me dissesse que aquilo apenas iria provocar um tumulto — o hospital e o cânion estão em mundos diferentes. Os minutos passam, lentamente entendo que a ajuda aqui não é de médicos e enfermeiros do outro lado da porta que responderão às necessidades do meu corpo, mas o meu amigo Jon, que reforça a minha coragem e apoia a minha força com graça, empatia e gratidão. Percebo o quanto tenho sorte por ter conhecido ele e as minhas emoções disparam na sua presença. Entretanto, uma voz não pronunciada interrompe o encantamento do transe: “Está na hora de dizer adeus”.

Não quero partir. De novo, mais insistente agora, a realidade me cutuca: “Está na hora de dizer adeus”. Eu informo a minha necessidade a Jon com um sinal com o polegar e inclino a cabeça agradecendo por sua visita abençoada. Estou à beira das lágrimas, precisando deixá-lo, mas sei muito bem que não posso ficar. A minha partida produz um efeito estranho, como se a minha consciência fosse uma bola de energia solidificada que subitamente se fundisse como uma bola de sorvete, concentrando-se no chão da despensa, depois pingando do mundo visionário de volta ao espaço entre as paredes do cânion. Gradualmente enchendo o meu corpo das pernas para cima, reentro no meu corpo frio e enrijecido.

Os estremecimentos começam, destruindo o meu íntimo numa vingança furiosa, e imagino se a voz me deixou evadir por tempo demais dessa vez. Sempre há uma voz silenciosa. Ela permanece no meu corpo real, o observador que me chama de volta antes de atravessar a borda invisível para o sono hipotérmico. Nos transes, não sinto o frio, a dor, a fome, a fadiga, a sede. Não importa que o destino seja uma despensa de zelador ou uma sala de estar, e não alguma vista abrangente de colinas bucólicas ou os tronos nublados dos anjos, cada uma dessas experiências é confortadora, e eu não quero que termine. Na realidade, a visita de Jon me deu um impulso de coragem e esperança, e através dos meus tremores, digo em voz alta, a minha voz ecoando no cânion às escuras:

— Ainda tenho mais alguns dias.

Se conseguir continuar no mundo do transe e sentir a presença da minha mãe, do meu pai, da minha irmã e dos meus amigos, então posso ter descoberto uma estratégia para sobreviver por mais tempo do que até mesmo à minha última previsão de meio-dia de quarta-feira.

Os transes me dão esperança, mas sei também que cada um termina com o mesmo mergulho desesperado que acompanha o meu regresso ao cânion,

onde sinto o frio e a sede e todos os outros aviltamentos do meu aprisionamento. Pelo ânimo que me dão, os transes só reforçam que não estou realmente livre. Posso ter passado dez minutos de uma noite impiedosa escapando em uma experiência fora do corpo, mas são dez minutos que me atiram de volta à minha sina indelevelmente prescrita. Mesmo que eu dure mais alguns dias, não será tempo suficiente para que o pessoal do resgate me localize e salve.

Na brutalidade penetrante da noite, escapo repetidamente para dentro de transes, mas eles se fundem na minha memória no momento em que retorno ao cânion. Se o céu for tão confortável quanto os transes, então isso para o que volto no cânion não está longe do inferno. Convencionalmente, o inferno é representado como um lugar infernalmente quente e apinhado — o Pandemônio de Milton — governado por um demônio de chifres que supervisiona a tortura das almas perdidas. Agora não caio nessa. O inferno é realmente um profundo buraco ctônico, mas quente? Não. É um lugar amargamente escuro e insuportavelmente frio de solidão desamparada, uma prisão ártica sem um guarda nem um único habitante desconsolado, abandonado até mesmo pelo suposto chefe do mundo subterrâneo. Não existe nenhuma outra energia, boa ou má, sobre que projetar amor ou ódio. Existe apenas uma emoção no inferno: um desespero irrestrito, implacável, envolvido num isolamento abjeto.

O lusco-fusco finalmente dispersa o encantamento sinistro do cânion Blue John. Uma dezena de mosquitos e uma branda, mas ressequida brisa ao longo do cânion sopra de manhã, e depois de duas horas tanto ignorando quanto batendo nos insetos aborrecidos, tenho a luz do dia para me consolar. Não estou tão sozinho; o sol chegou para me acompanhar por mais uma jornada. Torrentes gloriosas de luz dourada se espalham pelas paredes a 9 metros atrás de mim, varrendo a opressão do cânion. Pela primeira vez em dois dias, tiro a minha câmera digital do repouso e bato uma fotografia dessa inundação momentânea de luz. Quando contemplo, por cima do ombro esquerdo, a formação celestial no cânion mais adiante, as cores parecem irradiar-se das superfícies de arenito, não só refletir-se nelas. Não consigo imaginar uma demonstração mais exaltada que acompanhasse algo menos do que o Êxtase. Os meus olhos começam a

encher-se de lágrimas. Antes de guardar a câmera, ajusto-a para bater um autorretrato, o brilho fulgurante flutuando por trás da minha cabeça como uma aura. Com a luz, recomeçam as atividades naturais da vida no deserto: o rato-canguru passeia ao redor do seu ninho e mais insetos revivem para voar ao redor da minha cabeça.

Outra parte do meu ritual matutino é a atualização diária na câmera de vídeo. Pouco antes das 9h, tiro o pequeno aparelho da minha mochila. Por que não desisto disso, não tenho bem certeza. Talvez seja mais um modo de me manter ocupado, sempre desatando e reatando a fivela da alça do ombro esquerdo.

Imagino se os meus pais estão envolvidos na minha busca teórica. A única maneira de poder ser localizado é as autoridades obterem os históricos das minhas compras com os cartões de débito e crédito, o que as levaria a Glenwood Springs, Moab e depois a Green River. Não, espere: paguei em dinheiro aqueles Gatorades em Green River. Droga. Os investigadores realmente precisarão ter sorte para encontrar a minha caminhonete. Se tudo o que souberem é que eu estava em Moab na sexta-feira, quatro dias atrás e com um veículo, eu poderia estar em qualquer lugar dos Estados Unidos no momento. Quando o período de espera terminar e a polícia começar efetivamente a me procurar, primeiro terá de deduzir que não estou tentando me esconder, descartando a possibilidade de que eu fugi. Então a polícia terá de concluir que ainda estou em Utah e pedir ao Serviço de Parques Nacionais e aos xerifes locais para verificar os locais mais prováveis ao redor de Moab.

A notícia realmente deprimente é que estou em um dos lugares mais improváveis de uma região de cinco condados. Há facilmente duas dezenas de áreas mais populares próximas a Moab que o Serviço de Parques Nacionais e os escritórios dos xerifes vão querer verificar antes de se dirigir a uma entrada de trilha tão remota quanto a do cânion Horseshoe. Com recursos limitados, o Serviço de Parques vai seguir os dados históricos de onde as pessoas se perdem com maior frequência e concentrar-se primeiro aí. A umas três horas da cidade, o Horseshoe será um dos últimos lugares que o Serviço de Parques vai verificar, possivelmente um dia inteiro depois de ter começado as buscas.

Com o lance improvável de que o Serviço de Parques encontre a minha caminhonete, o seu próximo passo será enviar equipes de busca para procurar no cânion Horseshoe. Se encontrarem a minha caminhonete a

qualquer momento do início da tarde, só na manhã seguinte enviarão uma equipe para vasculhar as cabeceiras do cânion Blue John, 24 quilômetros distantes da estrada. Uns 11 quilômetros dentro do cânion, eles vão me encontrar, mas uma equipe montada às pressas não terá nem a metade do equipamento de que precisaria para me libertar do rochedo. Calculo mais umas 24 horas desde o momento em que for encontrado até poder ser libertado e transportado por helicóptero. Mas pelo menos eles terão água. Com apenas mais um litro ou dois vou conseguir sobreviver facilmente a mais um dia. Aposto que eles terão mais do que isso, desde que eu possa beber. Os delírios de água fresca me distraem de pensar na busca.

Finalmente, ligo a câmera de vídeo. Antes de começar a gravar, olho para mim mesmo na tela. Pareço extraordinariamente alerta, considerando a minha situação, e estou surpreso de ver que a vermelhidão se foi da minha conjuntiva. Contrabalançando essa pequena boa notícia vejo que as minhas bochechas estão encovadas. Por cima do meu ombro direito, a luz do cânion adiante dança na tela, uma irradiação graciosamente amarelo-canário. Limpando a garganta, aperto o botão de gravar e começo a falar, notando imediatamente que a minha voz subiu uma meia oitava a mais desde ontem, mais aguda ainda enquanto as minhas cordas vocais se esticam em razão da desidratação.

— Quarta-feira, 9 horas da manhã. Estou curioso sobre como estão caminhando as investigações entre o pessoal daqui. Com esperança, alguém imaginou como conseguir um relatório do cartão de crédito e descobriu por onde andei, desde Grand Junction e Moab e de lá para cá. — Involuntariamente, giro os olhos de um lado para outro, para cima e para baixo, depois olho sem expressão para o pé esquerdo. Inclinando a cabeça, espelho: — Quem sabe o guarda florestal do Serviço de Parques Nacionais em Horseshoe tenha dado um aviso sobre a minha caminhonete estacionada lá, não sei — e concluo com uma encolhida de ombros.

Lembro-me de que alguns itens lá de Aspen precisarão ser enviados a outras pessoas, então dou mais algumas instruções aos meus pais.

— De qualquer maneira, a bicicleta no meu quarto em Aspen pertence a John Currier, que mora algumas casas acima da rua perto de Erik Zsemlye. Todos esses endereços e nomes vocês poderão encontrar no meu PalmPilot, que está no porta-luvas da minha caminhonete. Além disso, o saco de dormir que está no meu armário no trabalho pertence a Bill Geist, que fez parte da expedição a Denali, portanto, podem dá-lo a ele.

Por último na minha mente nessa rodada da fita estão algumas lembranças favoritas.

— Estou pensando numa 7-UP em um copo térmico — explico, e pisco longamente para invocar a imagem uma vez mais. Deixo escapar um gemido fraco, depois passo a outra lembrança de bebida. — Um suco de frutas Five-Alive na casa da vovó Anderson. Algumas das minhas bebidas prediletas estão entrando na lista agora. Estou pensando nisso.

Estou ofegante com o esforço para respirar entre as frases e concluo que tive estímulo suficiente por enquanto. Depois de desligar o gravador de vídeo e guardá-lo em cima da prateleira da rocha encravada, atualizo as minhas contas na cabeça: 96 horas de privação de sono, 90 horas que estou aprisionado, 29 horas que estou bebendo a minha urina e 25 horas desde que acabou a minha água fresca.

Enquanto repasso os números, o corvo voa sobre a minha cabeça. Eu fervo de inveja da liberdade do pássaro.

Numa observação mais leve, calculo que faz quatro dias desde que usei um creme dental ou uma escova de dente. O que eu daria para interromper esse jejum. Com uma semana passada desde que fiz a barba pela última vez, as minhas suíças estão uns 6 milímetros mais compridas. Esfregando a mão ao redor do queixo e do pescoço, imagino o quanto a minha barba estará comprida no momento em que me encontrarem — ela continuará crescendo por um dia ou dois depois da minha morte — talvez até uns 2 centímetros?

* * *

O tempo perdeu o sentido. Contar as horas e os dias é agora um simples registro de dados. O exercício não invoca nenhuma reação emocional, só uma constatação imparcial: “Ah, certo, então faz esse tempo que estou aqui”. No meio da manhã, não olho mais para o relógio. Não quero ver com que rapidez o dia está passando, porque sei que a noite virá, e não estou ansioso por ela. Parece melhor ignorar o tempo. Posso acelerá-lo ou retardá-lo; posso apenas absorver as impressões surreais que rodopiam na minha cabeça, marcas retardadas das paredes, experimentos narrativos da claustrofobia mental que vêm com um longo tempo sem dormir, constringindo o meu pensamento e desligando os meus processos racionais um por um.

De repente, tenho uma nova ideia — que tal usar uma rocha como uma bola de demolição para esmagar contra a rocha encravada e potencialmente remover mais granito de cima da minha mão? Ou talvez essa seja uma ideia velha. Será que já não pensei nisso antes? Não consigo me lembrar. Trata-se de força bruta em comparação com a precisão tática com que eu picava a rocha com o meu canivete multifuncional e isso empresta um ângulo positivo à teoria. Pelo menos é algo diferente.

Pego uma rocha do tamanho de um melão da pilha aos meus pés. Embora sustentando o meu corpo com o braço esquerdo pressionado contra o escarpamento da parede do cânion, uso as pernas para rolar a bola de boliche sobre o rebordo à altura dos meus joelhos. Depois que percebo a sua massa desajeitada, fico hesitante. Se perder o controle da pedra, ela cairá diretamente no meu colo ou até mesmo sobre um dos meus pés. Com mais de 20 quilos, ela é inconvenientemente grande para a tarefa, mas faço uma tentativa, içando-a primeiramente no meu ombro esquerdo e depois impulsionando-a para a frente sobre a rocha encravada em uma explosão pulverizante de cascalho e arenito pulverizado. Com certeza, a rocha ricocheteia na rocha encravada e despenca com a força da gravidade na direção dos meus pés. Afasto as pernas do caminho e ela cai de volta à pilha. O mais inteligente talvez seja deixá-la onde está. O impacto da pedra fez muito pouco para demolir a rocha encravada; a maior parte da poeira levantada pela colisão veio da pedra que atirei, não da rocha. Preciso de uma pedra de composição mais dura do que a rocha encravada. Procuro por ali e descarto todas as candidatas dentre as rochas remanescentes próximas aos meus tênis. Esse foi o obstáculo que deteve os meus esforços de gerar ideias três dias atrás.

Às vezes, quando estou escalando, fico preso em um trecho difícil porque continuo tentando o mesmo movimento do mesmo modo e, não é de surpreender, continuo falhando. A essa altura, geralmente concluo que não estou considerando todas as minhas opções — fiquei com uma escolha óbvia sem levar em conta todo o espectro de possibilidades. Olhando ao redor, poderia colocar um apoio para os pés que permitiria elevar o meu corpo numa posição acima ou para perto de um apoio para a mão que estava antes fora do meu campo de visão.

O que estou deixando de perceber aqui? O que ignorei porque não era óbvio? Inclinando a cabeça para trás até ficar de cabeça para baixo, posso ver diversas pedras do tamanho da palma da minha mão alojadas acima da

minha cabeça entre os detritos compactados ao redor da grande rocha encravada atrás de mim. Lá, uma ardósia preta com uma coloração ligeiramente avermelhada, com a forma de um ovo, se destaca das outras; não parece ser arenito, mas uma camada mineralizada. Embora possa não ser mais dura do que a rocha encravada, é mais provável que tenha uma dureza semelhante, e há a chance de ser a solução de que preciso. Alcançando-a acima da minha cabeça no ninho do rato-canguru na rocha encravada, puxo a rocha para fora. Outra pedra cai e quase atinge a minha cabeça, resvalando pelo meu ombro.

“Malditas rochas cadentes. Isso deve ser um sinal.”

A rocha preta na minha mão equivale a um peso de arremesso. É perfeita. Posso erguê-la sem esforço e batê-la contra a rocha sem deixá-la escapar. Por que demorei tanto tempo para virar para o lado e procurar no ninho por uma oportunidade dessas, só posso atribuir ao entorpecimento letárgico que me distrai e confunde. Ainda assim, uma nova atividade é uma conquista em si mesma.

A minha mão esquerda rapidamente fica ferida por absorver o recuo de cada batida do meu martelo manual. Depois de dezenas de batidas, preciso parar. O dano provocado na minha mão esquerda é grande demais.

Calculando que a probabilidade diminuta da minha sobrevivência tenha chegado ao seu limite mais baixo, pego a câmera de vídeo para os meus últimos pedidos. Começo a falar, a voz foge; posso ouvir a exaustão devastando os meus esforços para permanecer coerente.

— São duas da tarde de quarta-feira. Está quase fazendo quatro dias desde que caí neste buraco. Há alguns assuntos de logística que preciso comentar. A cremação provavelmente seja uma boa ideia, considerando que os meus restos serão de pouca qualidade depois que isso acabar. Se for conveniente ter alguém que carregue o meu caixão, gostaria que os meus amigos Jon Heinrich, Erik Johnson, Erik Zsemlye, Brandon Rigo, Chip Stone, Norm Ruth sejam esses, além de Mark Van Eeckhout também. — Indiquei a maioria dos meus amigos mais chegados, mais do que são necessários para me carregar para o meu local de descanso final, mas quero incluir o máximo que puder.

Embora esteja considerando se tenho mais alguma coisa a dizer, a fita acaba. Rebobino-a toda e depois começo a vê-la desde o começo. As imagens me fascinam e entro num estado extasiado, como uma criança

assistindo a *Vila Sésamo*. Tenho uma televisão em miniatura nas minhas mãos! Entretenho-me por uma hora inteira com a fita que gravei. O assunto é bem sombrio, mas gosto de assistir ao desfile das minhas imagens, embora por algum motivo a minha mente critique as mensagens que deixei para a família, corrigindo-as e editando-as como se fosse fazer uma segunda tomada. Que conceito mais fútil. Imagino-me dirigindo a mim mesmo: “Muito bem, isso ficou bom, Aron, mas desta vez diga com *sentimento*”. Ridículo.

Paro a máquina e depois rebobino pela segunda vez, de modo a poder rodar de novo, gravando sobre o que tinha registrado no monte Sopris com uma mensagem mais urgente sobre a divisão dos meus restos para serem espalhados por alguns dos meus lugares favoritos e especiais em todos os Estados Unidos.

— Estava falando sobre o meu funeral e a cremação, e gostaria que as minhas cinzas fossem espalhadas por locais de que mais gostei ou que considere especiais. Sei que, hum, gostaria que a minha família se possível chegasse até alguns deles. E então, portanto... não tinha pensado nisso antes... gostaria que parte das cinzas fossem com Erik de volta para a Califórnia e talvez até mesmo espalhadas pelo litoral, Big Sur, onde fizemos uma viagem incrível descendo até Santa Bárbara e isso foi fantástico. Parte delas pode ir talvez com Jon para a Costa Leste, e se for escolher algum lugar por lá, talvez seja o monte Greylock, nas proximidades de onde quase atingimos um porco-espinho, pode espalhar parte de mim ali. Sonja, se puder levar um pouco de mim para Havasupai, caso volte para lá um dia, isso seria muito especial. Mark, se puder, pegue parte de mim e espalhe em uma cerimônia no topo do pico Sandia, isso seria legal.

— Portanto, hum, últimos pedidos, eu acho, ah, isso... Na verdade, Chip e Norm, talvez possam levar parte de mim com Erik e deixar pelo rio Grande no Bosque, no rio, fluindo. Isso abrange uma certa parte de oceanos, rios, florestas e topos de montanhas.

— Não mencionei Dan e Julia, eles foram realmente especiais para mim. E se Dan e você, mais Mark e Jason e Allison e Steve Patchett e os caras da equipe de resgate, numa dia de neve fresca, talvez sobre um pouco de mim para espalhar por Pajarito ou Wolf Creek.

Percebendo que não tinha falado das minhas experiências nos concertos mais preferidos de todos os tempos, venci a minha respiração difícil e

superficial para dizer:

— Não acho que poderia partir sem mencionar o ano de 2000 no Japão, e Bonnaroo e Horning's, algumas das melhores ocasiões de todas em que estive com os meus amigos para assistir aos concertos de música. São tantos os que vimos juntos também. No ano-novo com o Phish em Big Cypress, no ano-novo com String Cheese em Portland... a noite dos caubóis do espaço. Obrigado a todos.

Protegendo-me uma vez mais, sinto-me de algum modo mais animado com a minha longevidade, mas sei que estou nas últimas. Olhando direto para a lente, arrisco um último adeus:

— Estou me aguentando, mas está ficando difícil, o tempo está realmente acabando. Portanto, de novo, amor para todos. Promovam amor, paz, felicidade e vidas maravilhosas no mundo em minha homenagem. Isso daria o maior sentido para mim. Muito obrigado. Amo vocês.

Um grupo de nuvens leves passa pela tarde, abafando o acréscimo normal de 12 graus na temperatura do cânion. O meu relógio indica que a alta temperatura do dia até o momento foi de 14°C. As nuvens se espalham pelo planalto Robbers Roost e depois desaparecem quando a tarde cai. Com a menor alta temperatura dos últimos cinco dias acontecendo hoje, a noite promete ser a mais fria e mais difícil de todas. A minha força diminuiu e os recursos do meu corpo estão completamente esgotados. Mesmo no final da tarde, não consigo evitar os tremores. Corto uma faixa da fita da minha âncora de trás do nó e enrolo-a frouxamente uma meia dúzia de vezes ao redor do pescoço, só para acrescentar algum tecido para cobrir a pele exposta. Talvez isso me mantenha uma fração de grau mais aquecido, imagino.

Quero continuar batendo na rocha encravada com a pedra como martelo, mas não consigo suportar o sofrimento que isso impõe à minha mão esquerda. É como esmurrar uma parede de tijolos sem parar. Tenho a ideia de usar a meia esquerda ao redor da rocha como acolchoado entre ela e a minha mão. Cada batida ainda lesiona a minha mão esquerda, mas estou fazendo um progresso tremendo em comparação com as investidas com a faca ineficaz. Com a série de ataques que fiz ao longo da tarde, removi mais material da rocha do que nos primeiros quatro dias somados. Os detritos são abundantes o bastante para eu estender o saco preto da câmera que estava usando como manga comprida para o braço esquerdo sobre a

bandagem no meu braço direito para proteger o ferimento a faca do cascalho pulverizado. Pouco depois das 18h, faço um intervalo para relaxar a mão esquerda dolorida e tirar a câmera digital de novo. Bato uma foto do meu antebraço direito coberto com os detritos resultantes do meu esforço — uma camada de uns 2,5 centímetros de espessura de areia e lascas de rocha. Baixando a câmera, espalho o cascalho para fora, tentando manter longe da sujeira o ferimento causado pela faca. Um sentimento repentino de desesperança se apodera de mim. Mesmo a essa velocidade acelerada, não seria capaz de desfazer a rocha a ponto de libertar a minha mão. Não antes de morrer. E isso até mesmo pressupondo que seja capaz de continuar com a demolição, o que já causou dor suficiente na minha mão esquerda que acho que poderia ter fraturado os dedos mínimos e anular, ou talvez um osso na palma da mão cima das articulações mais próximas. Olho sem esperança para a pedra que uso como martelo, revestida com a minha meia cinza SmartWool como uma capa e decido abandonar de novo o esforço.

“Deixe pra lá, Aron. Deixe a rocha quieta. Por que causar mais dor a si mesmo quando esse é um esforço inútil antes de mais nada?”

Calço a meia de volta no pé e puxo-a o mais alto que consigo até a panturrilha, sabendo que não poderei me dar o luxo de perder nem um pouco do seu efeito isolante durante a noite que chega. Em algum ponto na minha mente, sei que não sobreviverei a essa noite no cânion Blue John. Não se trata de algo que eu debata ou discuta subjetivamente, mas quando considero que vou morrer em questão de horas, parece verdade. Contrastando com o meu acesso de raiva anteriormente durante o meu aprisionamento, quando bati e estapeei a rocha com a palma de mão, aceito essa constatação com um sentido pacífico de reconhecimento de que não estou no controle desta situação. Se o meu tempo acabou, então acabou, não há nada que possa fazer para protelá-lo mais. E se o meu tempo não acabou, então não acabou, e não há nada mais com que precise me preocupar. Mas acho que o primeiro argumento é muito mais provável que o último. Entendo que este é o fim, que não sobreviverei à noite, e o pensamento não me abala, porque parei de lutar para ter o controle. Abandonar o meu desejo de determinar o resultado do meu aprisionamento libera uma sensação desligada de despreocupação que vagamente se aproxima da alegria. Imagino se é assim que se parece o êxtase, aquela experiência mística em que cada alma renuncia à sua encarnação terrena e

se une ao divino. Não é o mesmo que quando tenho os meus transes fora do corpo e não é apatia nem resignação, é mais como se tivesse abandonado uma carga espiritual. Sinto-me como se tivesse reconhecido uma grande verdade: alguma outra força maravilhosa está no controle e sempre esteve o tempo todo. Dê a ela o nome que quiser, tudo o que sei com certeza é que não preciso me esfalfar mais, porque não sou mais o responsável.

Brisas frias sobrenaturais sugam o calor do meu corpo e os meus tremores aumentam intensamente. O cânion é uma geladeira. Cada noite tem sido progressivamente mais difícil, mas esses são os ventos de matar.

Contando do anoitecer até o amanhecer, passei apenas duas das nove horas dolosamente frígidas antes de decidir que está na hora de fazer um apontamento final. O meu relógio confirma que é 30 de abril, por mais uma hora, pelo menos. Perdi o interesse no tempo durante a tarde, mas agora cada minuto parece importante, uma vez que qualquer um deles pode ser o meu último. Torno a gravar o meu nome na parede de arenito acima do meu ombro esquerdo, riscando sobre as letras que talhei com a faca no sábado depois de escrever “O Tempo Geológico Inclui o Agora”. Acima das quatro letras maiúsculas do meu primeiro nome, “ARON”, rabisco na rocha vermelha, “OCT 75”. Abaixo do meu nome, faço o rabisco complementar de “APR 03”. Não me ocorre escrever “May”, uma vez que estou certo de que não verei o amanhecer no final derradeiro desta noite horivelmente fria. Termino o epitáfio esculpindo “RIP” [*Rest in Peace*, descanse em paz] acima do meu nome e mês de nascimento, depois me reclino para trás na cadeirinha e deixo a faca em cima da rocha encravada antes de entrar em um transe.

As cores explodem na minha mente e depois atravesso a parede do cânion por conta própria desta vez, entrando em uma sala de estar. Um garoto louro de 3 anos de idade de camiseta polo vermelha vem correndo através de um piso de madeira iluminado pelo sol no que eu, de algum modo, sei que é a minha casa no futuro. Pela mesma percepção intuitiva, sei que o garoto é meu filho. Inclino-me para envolvê-lo no braço esquerdo, usando o braço direito sem a mão para equilibrá-lo, e rimos juntos enquanto eu o levanto até o meu ombro. Esse encontro é um afastamento importante dos transes anteriores; nos outros, eu estava

enfeitiçado e impedido de ter contato com as outras pessoas. Mas agora estou participando efetivamente da ação. Estou me movimentando e livre.

O garoto se aninha alegremente no meu ombro direito, segurando os meus braços com as mãozinhas enquanto o seguro com a mão esquerda e o coto do braço direito. Sorrindo, dou voltas na sala, pisando com as pontas dos pés nas manchas de sol no assoalho de carvalho e ele ri alegremente enquanto giramos juntos. Então, com um choque, a visão se apaga. Estou de volta ao cânion, os ecos dos sons alegres do menino ressoam em minha mente, criando uma afirmação subconsciente que de algum modo irei sobreviver a esta situação. Apesar de já ter admitido que vou morrer onde estou, antes da chegada de ajuda, agora acredito que vou sobreviver.

Essa crença, esse garoto, muda tudo para mim.

CAPÍTULO DOZE

TEMPESTADE DE RAIOS

Saber não é o bastante, devemos pôr em prática. Querer não é o bastante, devemos fazer.

— Johann Wolfgang von Goethe

Às 9 horas da manhã de quarta-feira, 30 de abril, as minhas 24 horas tinham se esgotado. Brion After atravessou a loja da Ute Mountaineer no térreo, cismando: “Onde diabos ele está?” Ele andava de um lado para outro entre as prateleiras de roupas de esquí, botas de neve e artigos de acampamento, a preocupação aumentando. O meu turno tinha começado às 9 horas em ponto e, pelo segundo dia consecutivo, eu não aparecera nem telefonara. Às 9h15, Brion olhou para o relógio e decidiu que já esperara o suficiente. Depois de subir a escada para a sobreloja, primeiro ligou para a rua Spruce, para verificar se eu já aparecera em casa, mas ninguém atendeu. Brion sabia o que precisava fazer em seguida, mas foi interrompido pelo telefonema de Leona, de Boulder.

— Ele apareceu? — A pergunta direta de Leona mal disfarçava o seu temor. Apesar do esforço para se controlar, a voz dela tremia. Ela estava carregando um peso com o meu desaparecimento e não se livrara dele na primeira noite de volta a Front Range.

— Não, ele não está aqui. Era para ter começado a trabalhar vinte minutos atrás, às nove. — A ansiedade de Brion em relação ao meu paradeiro deixava-lhe a voz tensa. — Ele é tão assíduo, sei que realmente está acontecendo alguma coisa.

Leona também estava certa de que tinha algo errado.

— Isso já foi longe demais. Precisamos envolver os pais dele.

— Eu estava pensando exatamente nisso. Existe uma possibilidade remota de que ele tenha ligado para eles e contado o que está acontecendo. Você se importaria em ligar para eles? Preciso aprontar a loja para abrir na próxima meia hora.

Era mais do que o senso de dever de Brion em relação à Ute que o motivava a pedir a ajuda de Leona. Nem ele nem Leona queriam ser a

pessoa a dizer à minha mãe e ao meu pai que o filho deles achava-se desaparecido e que muito provavelmente estaria com um grave problema. Leona encontrou um jeito de evitar a tarefa de mensageira.

— Não tenho o número deles. Mas você tem, Brion.

— Eu tenho? Onde?

— Na papelada dele. Aposto que Aron colocou os pais como contato de emergência no registro de emprego. Você tem a pasta dele?

— Ah. Sim, só um segundo... está na minha gaveta... aqui.

Brion tirou a pasta de documentos de funcionário da gaveta do arquivo e abriu a capa de papel manilha. Lá, no alto da pilha de poucas páginas, encontrava-se o meu pedido de emprego, com os nomes e o número do telefone dos meus pais, como Leona previra.

Às 9h30, Brion ligou para a casa dos meus pais em Denver. Meu pai estava em Nova York, conduzindo um grupo no quarto dia de passeio pela cidade. A minha mãe acabara de chegar de uma ida à agência do correio e achava-se sentada no seu escritório no andar de cima, no aposento que eu usara como o meu quarto até ir para a faculdade e que depois os meus pais reformaram para abrigar o negócio de consultoria administrativa da minha mãe. Ela atendeu ao telefone com um cumprimento animado:

— Alô, Donna falando.

— Oi, Donna. Aqui é Brion After, ligando da loja Ute Mountaineer, em Aspen. Sou o gerente do Aron.

— Ah, sim, bom dia, Brion. Como vai você? — A minha mãe conhecera Brion na semana anterior, na viagem que fizera a Aspen para me visitar.

— Estou bem, obrigado — respondeu Brion. Sabendo que estava prestes a soltar uma tremenda bomba sobre a minha mãe, ele hesitou, depois deixou as palavras escaparem. — Estou ligando para saber se você tem ideia de onde o Aron está. — Depois de uma pausa, Brion continuou: — Ele não aparece para trabalhar há dois dias. Ele não ligou e ninguém o vê faz quase uma semana.

As palavras de Brion deixaram a minha mãe completamente chocada. Ela ficou sentada na cadeira giratória em silêncio, absorvendo a importância do que ele lhe dissera. Finalmente chegara o horrendo dia que ela esperava que nunca acontecesse.

Brion sabia que a linha telefônica silenciada significava que não tivera notícias minhas, mas ele não fazia ideia se ela começaria a chorar, ficaria irritada ou explodiria. Sentiu-se aliviado quando ela indagou com firmeza:

— Você compreende o que isso significa?

Brion disse:

— Pensamos que aconteceu alguma coisa.

— Sim. As coisas do tipo que ele faz são muito perigosas, ele sai muitas vezes sozinho. Ele não faltaria ao trabalho sem ligar se pudesse. Deve ter acontecido algo terrível. Precisamos descobrir onde ele está. O que você fez? Já falou com os companheiros de quarto dele?

Brion ficou impressionado com a reação da minha mãe e instantaneamente sentiu parte do peso psicológico da responsabilidade tirada da sua mente. Encontrara a aliada de que precisava para prosseguir com a busca e rapidamente atualizou a minha mãe em relação à premência da situação em curso.

A minha mãe achou estranho eu não ter contado aos companheiros de quarto sobre os meus planos, mas isso não a surpreendia inteiramente. Ela me orientara durante as temporadas de escaladas de inverno anteriores para sempre deixar um bilhete sobre a minha mesa na Intel, ou com um dos meus amigos, de modo que alguém soubesse onde eu me encontrava. A princípio eu deixava bilhetes sobre o painel do carro no início das trilhas de neve, mas depois que comecei a viajar a áreas cada vez mais remotas, concluí que precisava de um sistema melhor. Poderia demorar semanas senão meses antes de alguém se deparar com o meu veículo em um determinado começo de trilha, então acatei as sugestões da minha mãe e adquiri o hábito de contar a pelo menos uma pessoa sobre os meus planos. Numa temporada de escaladas de inverno, em 2000-2001, telefonei para a minha mãe antes e depois de cada tentativa feita em um *fourteener*, mas ela não gostava muito de ouvir os detalhes das minhas aventuras de arrepiar os cabelos, então voltei a deixar um recado com os meus amigos.

Aterrorizada com o que poderia ter acontecido comigo, a minha mãe fez um grande esforço para se concentrar no que deveriam fazer. Pondo de lado o medo que lhe contraía as entranhas, ela conseguiu continuar a conversa com Brion:

— Você já informou à polícia?

— Não, ainda não. Era o que faria em seguida.

Não tendo recebido treinamento em busca e salvamento, a minha mãe sabia muito pouco acerca de um boletim de ocorrência sobre pessoa desaparecida. Não tinha certeza sobre o que a polícia precisaria para dar seguimento à busca, mas entendia enfaticamente que era isso que

precisava ser feito. Falando mais para si mesma do que para Brion, a minha mãe disse:

— Os boletins de ocorrência sobre pessoa desaparecida precisam ser preenchidos na jurisdição onde a pessoa mora, sei bem disso, portanto o caso deve ficar a cargo da polícia de Aspen. Não estou bem certa de como é esse processo, se o xerife do condado precisa ser envolvido, mas eles saberão o que fazer. Você vai até lá e faz o boletim de ocorrência?

Brion concordou.

— Vou ligar para eles agora mesmo e depois lhe retorno a ligação assim que terminar.

— Obrigada, Brion. Vou desligar então.

O mundo de minha mãe estava desmoronando ao seu redor. Imediatamente, ela ligou para a sua amiga de longa data, Michelle Kiel, que viria à casa dela mais tarde naquela manhã para discutir os planos para o clube de jardinagem do bairro, e pediu-lhe que viesse direto e depressa.

— Aron está desaparecido — exclamou ela.

Minutos depois, Michelle abria a porta de tela da frente para encontrar a minha mãe balançando-se involuntariamente para a frente e para trás em um banquinho no balcão da cozinha, agarrando o estômago enjoado e soluçando num terror de pesar desconsolado. Os lamentos de minha mãe prevaleceram sobre as duas. Elas se abraçaram por vários minutos, chorando juntas, e depois a minha mãe inspirou-se na própria coragem e na presença de Michelle para recompor-se e começar a discutir as opções de quem poderia saber alguma coisa sobre os meus planos.

Para a minha mãe, essa foi a hora mais emocionante de toda a sua vida, todos os indizíveis “E se?” flutuando em sua mente, um após o outro, mas ainda assim ela conseguiu começar a montar o quebra-cabeça.

— Normalmente ele sempre conta a alguém sobre aonde vai. Se não disse nada aos companheiros de quarto, ou deixou um bilhete na loja, eu não sei. Talvez tenha escrito um e-mail a alguém, contando o que pretendia fazer.

O rosto de Michelle se iluminou.

— Podemos verificar isso. Ele tem e-mail na internet, como o Yahoo! ou Hotmail ou outro desse tipo?

— Sei que ele tem um endereço do Hotmail. Por quê?

— Você sabe a senha?

— Não, não faço ideia.

— Podemos entrar na rede e ver o que podemos fazer.

Michelle sabia que, pelo menos, poderiam tentar descobrir a minha senha, acessar os meus arquivos e ver o que escrevi para os meus amigos recentemente.

Na página de entrada da conta, Michelle apontou para o link que sugeria:

“Esqueceu a sua senha?”

Elas encontraram uma tela pedindo o meu endereço de e-mail, estado e código postal. A minha mãe desceu a escada e pegou o seu caderno de endereços. De volta ao computador, ela e Michelle tentaram dar entrada no meu código postal de Aspen, mas o acesso foi negado.

Desnorteada por vinte minutos, a minha mãe tentou usar o código postal da sua casa antes de se lembrar que eu abrira a minha conta de e-mail quando ainda morava no Novo México. Consultando o caderno de endereços de novo, ela digitou o meu antigo código postal de Albuquerque e o site finalmente respondeu com a página de retomada da senha, perguntando: “Colégio?” A minha mãe exclamou:

— Ah... eu sei essa resposta! Talvez funcione.

Entretanto, uma vez que o site exige que as letras coincidam perfeitamente com a resposta registrada anteriormente, as duas *hackers* amadoras precisaram tatear às escuras atrás da combinação exata de abreviaturas que usei. Todas as vezes o site respondia em letras vermelhas: “Por favor, digite a resposta correta à sua pergunta secreta”. Tão perto e tão longe. Michelle e minha mãe estavam imaginando variações sobre o nome do meu colégio quando o telefone tocou.

De volta à Ute, os acontecimentos transformaram-se em uma bola de neve depois da primeira conversa com a minha mãe. Brion ligou para Adam Crider do Departamento de Polícia de Aspen pouco depois das 10h e informou o meu desaparecimento. Explicou que eu tinha partido para uma viagem de fim de semana e que não regressara para uma festa em 28 de abril, e que em seguida faltei a dois dias de trabalho sem telefonar. Adam começou a preencher o boletim de ocorrência, observando que Brion estava “muito preocupado”, e registrou as informações no Quadro de Incidentes Legais às 10h27. Adam pediu a Brion para continuar obtendo mais informações sobre para onde eu poderia ter ido e disse que passaria pela Ute dentro de alguns minutos para ver o que Brion tinha conseguido.

Às 10h19, Brion havia ligado para Elliott, que estava sozinho em nossa casa na rua Spruce, para pedir-lhe que procurasse alguma coisa que pudesse indicar para onde eu tinha ido. Brion explicou que fizera um boletim de ocorrência de pessoa desaparecida e que precisava de informações mais específicas sobre para onde eu tinha ido naquele fim de semana passado. Brion estava especialmente interessado em descobrir qualquer coisa relacionada à minha expedição ao Alasca. Ele disse a Elliott:

— Preciso da sua ajuda. Alguém disse que Aron devia se encontrar com a equipe com que foi ao Denali para uma escalada de treinamento. Você poderia procurar alguma coisa no quarto dele que diga quem são essas pessoas?

— Sim, com certeza.

Elliott não estava com pressa em relação à limpeza que precisava fazer para se mudar e desfazer a sua bagagem. Não tinha um emprego para onde ir, desde que deixara o trabalho de mecânico numa bicicletaria local. Ele foi ao meu quarto, ao lado da área de convivência, e procurou entre os papéis. Encontrou uma abundância de papelada, mas a primeira coisa que chamou a sua atenção foi uma pilha de papéis sobre uma das minhas prateleiras com itinerários de viagem e fotocópias dobradas de mapas. Embora a pilha parecesse promissora a princípio, Elliott rapidamente determinou pelas rugas provocadas pela água e pelo estado desgastado das pastas que se tratava de material de viagens antigas, tendo ouvido de mim mesmo comentários sobre a maioria delas durante as suas frequentes visitas à casa.

Elliott procurou rapidamente entre as dezenas de pastas empilhadas ao acaso no meu quarto, uma pasta depois da outra, cheias de correspondência pessoal, velhas notas fiscais e descontos de impostos devolvidos. Passou cerca de meia hora até que encontrasse uma pasta cor de laranja embaixo de uma bolsa de couro sob a minha prateleira de roupas onde se lia “Denali 2003” na etiqueta. Os nomes e números de telefone apareciam em e-mails antigos impressos, mas Elliott desistiu de ligar para algum dos meus antigos companheiros de equipe depois de encontrar o pedido de permissão para escalar que apresentei em abril de 2002. Pensando: “Ahhh, o Serviço de Parques teria novas informações sobre a equipe de Aron”, Elliott pegou o telefone celular do bolso do desgastado casaco Carhartt cor de abóbora e digitou o número, o qual

tocou no posto da guarda do Parque Nacional e Reserva de Denali, em Talkeetna, Alasca. Apesar de todas as garantias de Elliott de que estava honestamente tentando ajudar o amigo que estava desaparecido, entrando em contato com colegas de equipe de expedição, os guardas florestais no setor de registro de escaladas não se dispuseram a informar nenhum nome nem número de telefone. (Sua política interna impedia a distribuição de informações particulares a quem não pertencesse a instituições oficiais do governo.)

Elliott entendeu a posição deles, mas queria deixar a questão aberta de modo que pudesse ligar mais tarde e falar com alguma autoridade superior. Depois de agradecer aos guardas por considerar seu pedido, ele desligou, em dúvida se deveria pedir à polícia de Aspen para ligar para o posto de Talkeetna. Antes, porém, queria discutir a questão com Brion. O tempo estava correndo, mas naquela hora desde que haviam conversado, Brion encontrara uma mina de ouro.

— Não se preocupe em procurar mais nada. Descobri uma pasta no armário de Aron, onde eu devia ter procurado em primeiro lugar. De qualquer maneira, consegui as informações sobre eles.

Nos e-mails impressos dos meus colegas de equipe, ele tinha descoberto os endereços de que precisava. Faltando doze minutos para as 11h, Brion tinha enviado um e-mail para o Team Green Chili Winds, alertando sobre a minha ausência e pedindo informações.

De: Brion After

Data: 30 de abril de 2003, quarta-feira, 10:48 a.m.

Para: Janet Lightburn, Bill Geist, Jason Halladay, David Shaw

Assunto: Procurando Aron Ralston

Olá,

Sou o gerente de Aron na Ute Mountaineer, em Aspen, e surpreendentemente ele não veio trabalhar nos últimos dois dias. Estamos muito preocupados quanto ao bem-estar dele e imagino se algum de vocês saberia onde ele possa estar, ou possa dar alguma informação sobre a mais recente viagem dele. Nenhum dos amigos/companheiros de quarto dele sabe com certeza para onde ele foi, mas achamos que foi para Utah em 24 ou 25 de abril. Quem sabe para encontrar algum de vocês para treinamento para o Denali. Se tiverem alguma informação sobre o Aron, por favor respondam-me por e-mail neste endereço. Ou podem me ligar na Ute. Informamos a polícia e a família dele, uma vez que Aron normalmente é muito assíduo e chega sempre no horário, mantendo contato conosco e com os amigos.

Atenciosamente,

Brion After

A essa altura, embora tivesse feito uma investigação excelente, Brion estava se preparando para viajar para a Austrália, para algumas semanas de férias, e estava um pouco atrasado no trabalho necessário na loja. Precisava passar o bastão para alguém que ficasse na cidade, então sondou Elliott indiretamente quanto a ser seu substituto:

— O que tem para fazer hoje?

Percebendo o peso da pergunta, Elliott disse:

— Hã, estava arrumando o quarto de Leona, preparando-me para me mudar com as minhas coisas para cá, desfazer as malas, essas coisas. Você precisa de mim para mais alguma coisa? Ficaria feliz em ajudar.

— Bem, sim. Estou começando a receber respostas por e-mail e estou ficando meio atolado. Estava pretendendo partir amanhã em uma viagem de duas semanas. Você poderia vir até a loja, fazer algumas ligações e receber os e-mails?

— Com certeza. Estava mesmo pensando em ir até aí de qualquer maneira, perguntar se teria algum trabalho para mim. Chego aí em dez minutos.

Poucos minutos antes das 11h30, Brion estava ao telefone, ligando para a minha mãe. A ligação interrompeu os esforços de minha mãe e Michelle para desfazer a proteção à minha senha. A minha mãe ficou feliz em ser informada dos progressos de Brion com a polícia e sobre o e-mail para os companheiros no Denali. Ela falou com ele sobre as informações adicionais de que a polícia precisava enquanto continuava a pensar na senha. Brion perguntou se a minha mãe tinha os números das placas do meu carro. Ela foi até a gaveta no andar de baixo onde guardara meia folha de papel em que anotara o nome do fabricante, o modelo, o ano e o número da licença da minha caminhonete. Ela tinha me pedido a descrição do veículo quando eu estivera lá no Natal, em 2000, antes da escalada em solitário dos *fourteeners* no inverno, para o caso de precisar dessas informações em uma emergência. Eu lhe dera apressadamente as informações sobre o veículo de memória, portanto, inadvertidamente ela passou a Brion um erro que eu cometera.

Assim que terminou de confirmar a descrição e a licença da caminhonete, a minha mãe digitou “enter” na mais recente tentativa de adivinhar a resposta à minha “pergunta secreta” e ofegou quando a tela do

computador mudou pela primeira vez em meia hora. Michelle e a minha mãe gritaram ao mesmo tempo:

— Conseguimos! Conseguimos! — e se abraçaram.

— O que foi? O que está acontecendo? — indagou Brion quando a minha mãe voltou ao telefone.

— Faz meia hora, estávamos tentando entrar nos e-mails de Aron. Acabamos de descobrir como mudar a senha dele. Vamos ler os e-mails e ver se há alguma coisa sobre o destino dele.

Brian podia ouvir o efeito animador que o sucesso exercera sobre a minha mãe.

— Você está na conta dele agora? — indagou ele.

Verificando rapidamente os e-mails mais recentes dos meus amigos, a minha mãe explicou:

— Sim, estamos procurando na caixa de entrada. Se não encontrarmos nada nas mensagens dele, você seria capaz de enviar um grande e-mail para todos os amigos dele e descobrir o que sabem?

— Claro, é uma ótima ideia — replicou Brion.

A minha mãe deu a Brion a nova senha e eles concordaram que ele cuidaria do e-mail em massa enquanto ela e Michelle liam as duas dezenas de e-mails que eu tinha recebido desde a última vez que verificara as mensagens, na quarta-feira da semana anterior. Depois de desligar, Brion imediatamente ligou para Adam Crider, no Departamento de Polícia de Aspen, para passar a descrição da caminhonete e o número da licença.

Depois que a minha mãe transferira a senha para Brion, Michelle precisou voltar para casa e fazer as malas para uma viagem com o marido. Sozinha de novo, pouco antes do meio-dia, minha mãe ligou para a minha irmã em Lubbock, onde ela estava trabalhando na tese de mestrado para o Honors College, na Texas Tech. Com a voz rouca pelo choro e pela comoção nas últimas duas horas, a minha mãe falou baixinho:

— Sonja, acabei de descobrir agora de manhã que o seu irmão faz dois dias que não aparece no trabalho. Você tem alguma ideia de para onde ele possa ter ido ou o que esteja fazendo?

Sonja manteve a calma, mas não tinha muitas informações sobre as minhas viagens recentes, uma vez que fazia algumas semanas que não conversávamos.

— Não faço a menor ideia de onde ele esteja. Sinto muito, mãe. Você está bem? Quer que eu vá até em casa?

— Não, fique aí e termine o seu trabalho. Vou mantê-la informada do que acontecer. Tente não deixar que isso a distraia.

Apesar dos desejos da minha mãe, a vida não continuaria sem distrações tanto para ela quanto para a minha irmã. Muito embora Elliott estivesse no controle da busca por e-mail, passando pistas para a polícia de Aspen, que estava totalmente envolvida depois que Brion ligara com as informações sobre o meu veículo, a minha mãe não conseguiu voltar a trabalhar sem se preocupar com o que poderia ter acontecido comigo.

Minutos depois do meio-dia, Elliott chegou à Ute, deixando a sua bicicleta prateada na grade de estacionamento na frente da loja. Elliott raramente dirigia na cidade, uma vez que normalmente podia andar de bicicleta pelo centro de Aspen em menos tempo do que de carro à procura de lugar para estacionar. Depois de Elliott subir correndo pela escada até o escritório, Brion estendeu-lhe a pasta “Denali 2003” e resumiu as últimas atividades.

— Aqui está a pasta com as pessoas com quem ele vai para o Denali. Já recebi respostas de alguns deles e conversei com um, Jason Halladay. O número dele está num papel dentro da pasta. O número da mãe de Aron está aí também. Além disso, este é o endereço de e-mail dele e a senha está ao lado. A mãe dele quer que enviemos um e-mail a todos os que estão na caixa de endereços dele.

Brion estava a toda velocidade e ainda assim mal conseguiu manter os pensamentos em ordem no meio da tempestade de raios mais frenética pela qual já tinha passado.

— Quem está em contato com a polícia? — perguntou Elliott.

— Ah, sim. Falei com eles algumas vezes. Aqui está o nome do cara de lá, hã, Adam.

— O que você disse a eles? — Elliott era meticoloso e queria saber tudo o que todos os envolvidos sabiam.

Brion repassou-lhe as informações que fornecera a Adam até o momento. Elliott sentou-se à escrivaninha abarrotada de Brion e refletiu sobre o que faria em seguida enquanto Brion ia para a loja verificar o reduzido pessoal que ficara.

No meio da pilha de e-mails impressos que Brion fizera naquela manhã e entregara a Elliott estava a resposta de Jason Halladay. Jason respondera quinze minutos depois do e-mail inicial de Brion, esclarecendo sobre a nossa futura viagem de treinamento ao Denali, entre os dias 1º e 4 de maio. Às 11h03 da manhã, ele tinha escrito: “Não tivemos notícias dele desde a última semana. O último e-mail que tenho de Aron aqui no trabalho é de 22 de abril, mas ele não mencionou os seus planos imediatos”. Jason estava voltando para a sua residência para almoçar e tinha digitado: “Posso ter uma correspondência mais recente dele em casa e vou verificar assim que chegar lá”. Meia hora depois, Jason enviara outra mensagem, com trechos de um e-mail original que eu enviara para ele em janeiro, convidando-o para uma série de cânions com cavernas, assim como para a expedição de alpinismo ao Denali. Sentado na escrivaninha de Brion, Elliott leu este e-mail:

De: Jason Halladay
Data: 30 de abril de 2003, quarta-feira, 11:40 a.m.
Para: Brion After
Assunto: RE: Procurando Aron Ralston

Brion,
Olá de novo. Verifiquei os e-mails em casa e a última vez que tive notícias de Aron foi em 23 de abril, com relação à sua viagem ao Quandary. Ele não mencionou planos para as semanas seguintes, mas no início do ano mencionou os seguintes cânions como expedições que gostaria de fazer em Utah:

Cânions:
Black Box de San Rafael;
Virgin River, em Zion;
Cânions Cable/Seeger (área de San Rafael);
E quaisquer outras fendas técnicas relacionadas como as “melhores” nos livros de Kelsey (você tem o livro San Rafael Swell? — é excelente).

Você está certo, pode ser que ele não soubesse sobre o horário de trabalho e quem sabe o vejamos amanhã à noite em Georgetown, mas seria fora do costume dele se esquecer do horário de trabalho e não entrar em contato pelo menos com alguém.

Obrigado, de novo, por entrar em contato conosco,
Jason

Brion voltou ao escritório e conversou com Elliott sobre para quem ligar em seguida. Brion sugeriu:

— Pelo que sei, Brad Yule foi a última pessoa que viu Aron. Mas não sei como entrar em contato com ele.

Elliott exclamou:

— Você está brincando comigo. Tenho o número do celular dele bem aqui. — Tirando o celular do bolso, Elliott olhou para o número de Brad e depois ligou para ele em uma das linhas do escritório, pegando-o no aeroporto de Denver, pronto para embarcar num voo de conexão em viagem a Atlanta.

— Ei, Brad. Tenho uma pergunta para lhe fazer. Aron não apareceu para trabalhar ontem nem hoje de manhã, e estamos começando a nos preocupar seriamente com ele. Estamos tentando obter informações para dar à polícia, para poderem começar uma busca. Parece que você foi a última pessoa a vê-lo. Sabe para onde ele foi? Qual é a melhor informação que obteve dele quando conversaram?

Brad recordou a Elliott a ida para esqui no monte Sopris, incluindo a informação de que tinham desatolado a minha caminhonete da estrada de saída, e que eu tinha partido para o deserto, mas que não dissera exatamente para onde ia.

— Pensamos que receberíamos alguma notícia dele antes da festa no sábado, mas ele não ligou e depois não conseguimos mesmo chegar à festa.

— Certo. Você se lembra do que ele tinha na caminhonete?

— Tinha a bicicleta e os esquis no bagageiro do teto, ele tinha o material de alpinismo com ele, além do equipamento de esqui e de acampamento.

— Ele ia sair para esqui mais?

— Não, estou quase certo de que ele estava indo praticar canionismo.

— Ah, certo. A polícia quer saber o que ele estava usando. Como a mochila e algum casaco.

— Não me lembro exatamente, mas, ei, Elliott, estou no avião e preciso desligar. Vou pensar nisso e ligo para você quando chegar a Charlotte.

No avião, Brad tirou a sua câmera digital e reviu as fotos do monte Sopris, verificando com atenção a mochila que eu levava comigo naquele dia e que jaqueta estava usando, pensando no que diria a Elliott quando pousasse na Carolina do Norte.

Pouco antes de falar com a minha irmã, às 11h43, a minha mãe enviou uma mensagem aos integrantes da equipe do Denali por sua própria conta. Usando os endereços de um e-mail que ela e Michelle haviam encontrado na minha caixa de entrada, ela pedia qualquer informação que tivessem, assim como Brion já havia feito. Jason Halladay ligou para ela do Los Alamos National Lab, para onde regressara à sua função como técnico de computação, para dar-lhe as mesmas informações que enviara a Brion. A minha mãe foi para o andar de baixo de casa e localizou um atlas de estradas, assinalando no mapa os locais do Parque Nacional de Zion e do San Rafael Swell. Jason tentou ajudá-la o melhor que pôde, mas não sabia os locais exatos de alguns dos cânions. Ele precisava do seu guia de canionismo, mas esse estava na casa dele.

Elliott passou a minha última localização e subsequente orientação ao Adam Crider do DPA, que perguntou se havia um local mais específico além de simplesmente o deserto de Utah. Elliot pegou a lista de prováveis destinos em Utah fornecida por Jason e leu-a para Adam. Crider reconhecia o Parque Nacional de Zion da lista e localizou o San Rafael Swell em um mapa de Utah. Embora a pista fosse um e-mail não confirmado de três meses antes, essa era a única informação específica coletada até o momento da investigação e Adam deu seguimento o melhor que pôde. Pouco antes das 13h, ele enviou um telex para o escritório dos xerifes dos condados de Washington e Emery e em seguida telefonou para os condados de Grand e de Zion, para se assegurar de que os parques nacionais recebessem as informações.

O condado de Grand é a região de Canyonlands e Arches, dois dos parques nacionais mais populares do Oeste dos Estados Unidos. Por causa da concentração de agências que administram terras públicas no condado de Grand, é possível atravessar três, quatro ou até mesmo meia dúzia de fronteiras em uma única viagem de bicicleta, de carro ou mesmo num dia de caminhada. Para coordenar melhor a resposta a incidentes e oferecer um serviço de melhor qualidade ao público, o Serviço de Parques, o Serviço de Florestas, os Parques Estaduais de Utah e o Bureau of Land Management têm um mesmo comando unificado e centro de informações ao visitante em Moab. Com a ação de Adam, praticamente todas as agências de recursos públicos do quadrante sudeste de Utah tinham as informações sobre o meu veículo. Embora nenhuma delas estivesse

efetivamente envolvida em um trabalho de busca — seria caro demais localizar todos os veículos que pudessem estar ou não no estado — estavam todas em posição de observação e ligariam para a polícia de Aspen se por acaso encontrassem a minha caminhonete.

Elliott começou um processo intenso de notificar os meus amigos em todos os Estados Unidos de que eu estava desaparecido. Da escrivania de Brion, Elliott acompanhava a minha conta no Hotmail, a conta de Brion na Ute, a conta de Brion no EarthLink e a sua própria conta no Yahoo!, indo de uma mensagem a outra dos meus amigos desconcertados. Observando os e-mails por toda a tarde, Elliott reuniu algumas pistas, mas a maioria delas acabava em respostas que diziam: “Não faço ideia de onde o Aron está, mas estou preocupado com ele”. Destacando-se de outros e-mails havia um do meu amigo Dan Hadlich que orientava Elliott para o monte Sopris e para o monte Holy Cross, no Colorado, mas não para Utah.

De: Daniel Hadlich

Data: 30 de abril de 2003, quarta-feira, 12:27 p.m.

Para: Brion After, Jason Halladay

Assunto: RE: Procurando Aron Ralston

Brion e Jason,

Não acredito que Aron tenha ido para Utah no último fim de semana.

Incluí as seguintes informações que recebi de Aron em 20 de abril por e-mail:

>Estou saindo para subir de esquis Conundrum Hot Springs e escalar

>Castleabra amanhã. Talvez mergulhe nas piscinas um pouco também! Depois

>irei escalar a ravina do Cristo na sexta-feira com Janet, esquiando no domingo

>em Ajax para fechar a temporada, e começar tudo de novo na próxima quarta-feira com uma

>viagem para esqui no monte Sopris, escalar a ravina do Holy

>Cross na sexta/sábado, e quem sabe o que mais por lá! Aqui pode ser

>primavera, mas estou ainda muito longe de caminhar por onde seja quando >posso esqui ou escalar na neve!

>Saudações,

>Aron

Isso significaria que Aron teria estado no monte Sopris na qua-quin (23/4-24/4) e na ravina do Holy Cross na sex-sáb (25/4-26/4). Alguém procurou o veículo dele nessas áreas? Por favor, me comuniquem o mais rápido que puderem se tiverem notícias dele. Além disso, eu e Julia queremos saber se outras pessoas precisam ir a esses locais procurá-lo e à sua caminhonete, neste fim de semana.

—Dan.

Embora isso fosse o contrário do que eu dissera ao Brad, Dan apresentava o único itinerário que eu deixara por escrito, e Elliott sabia que precisava enviar a pista sobre o Holly Cross para a polícia de Aspen. Quando eles conversaram um pouco depois das 13h, Adam disse que poderia ligar para o departamento de polícia de Minturn, a cidade mais próxima do acesso para o monte Holy Cross, para pedir-lhes uma busca do meu veículo na Tigiwon Road.

— No entanto — Adam informou a Elliott —, a informação sobre a licença que você me deu não é válida. Pesquisamos nos registros do computador e aquele número 888-MMY de placas do Novo México não existe. Pedi para o pessoal do condado de Eagle procurar por uma Toyota Tacoma 1998 marrom, mas precisamos do número correto das placas.

Elliott disse que ligaria para a minha mãe para tornar a verificar o número.

Incapaz de comer no almoço, a minha mãe voltou para o escritório no andar de cima, onde sentou-se na escrivaninha, organizando alguns documentos enquanto pensamentos aterradores da minha situação, sem dúvida calamitosa, a enlouqueciam à beira do colapso. Então ela reagiu. Afastando outro acesso de desespero, largou os documentos e disse em voz alta:

— Preciso fazer alguma coisa para ajudar o Aron.

Para a minha mãe, era como se a minha vida agora dependesse das suas ações. Ela não ia ficar sentada, esperando ouvir as notícias de como as coisas estavam progredindo. Esse simplesmente não era o seu estilo.

Ela tentou duas vezes ligar para o meu pai em Nova York para informá-lo do que estava acontecendo e pedir ideias suas sobre o que fazer, mas ele não deixara o celular ligado e estava fora do quarto do hotel, então minha mãe deixou recados para ele ligar assim que voltasse no final da tarde. Por sua conta, com as informações que recebera de Jason, ela pensou numa lista de grupos de contato: a polícia de Aspen, Brad Yule, a Polícia Rodoviária de Utah e o Parque Nacional de Zion.

Antes que a minha mãe pudesse entrar em contato com o primeiro nome da sua lista, seu telefone celular tocou. Era Elliott, ligando para notificá-la de que a informação sobre a licença do carro estava incorreta. Ela pegou as anotações que mencionara anteriormente e leu o número para Elliott, um dígito de cada vez.

Depois do terceiro dígito, ele a interrompeu.

— Espere, oito-oito-*seis*, a senhora disse? Muito bem, o Brion tinha anotado oito-oito-oito. O resto é “M-M-Y”? Vou informar à polícia.

Apenas meia hora depois, Elliot tornou a ligar para a minha mãe. A polícia de Aspen disse que aquele também não era o número da minha licença — ele pertencia a um Chevy Blazer registrado em nome de uma mulher de Albuquerque. Tomando a iniciativa, Elliott tinha ligado para o Departamento de Veículos Automotores do Novo México e tentado conseguir uma busca do número correto da licença usando a descrição da caminhonete e do meu nome, mas o pessoal de lá não pôde ajudá-lo. Infelizmente, a minha mãe não tinha informações melhores, então eles desligaram sem outros planos sobre como obter o número correto da licença.

Minutos depois, às 15h45, a linha doméstica tocou de novo. Era o meu pai chamando de Nova York. A minha mãe achava-se então na mesma posição de dar a notícia terrível em que Brion estivera de manhã.

— Recebi um telefonema do gerente de Aron hoje de manhã. Ele não foi trabalhar nem ontem nem hoje, e ninguém o viu desde a última sexta-feira. Ninguém sabe para onde ele foi.

Chocado por um instante, meu pai instantaneamente começou a pensar no que poderia ter acontecido comigo. Ele estava preocupado por eu não ter deixado notícias com ninguém. Alarmado como estava, porém, ele sabia que eles precisavam atacar o problema de imediato. Mais tarde haveria tempo de sobra para descarregar as emoções.

A minha mãe contou ao meu pai o que estava acontecendo. A cada coisa que ela dizia que fizera, ele fazia algumas perguntas para esclarecer se haveria pistas não verificadas, mas todas as vezes eles concluíram que ela fizera tudo o que pensavam que podiam ter feito. Ainda assim, o meu pai quis voltar para casa imediatamente.

— Você acha que devo providenciar isso?

A minha mãe replicou:

— Não, é uma viagem curta, você estará em casa em três dias. Quando conseguirem alguém para ocupar o seu lugar, será sábado à noite, e você volta para casa no domingo. Seja como for, não há nada que você possa fazer aqui.

Confortando a minha mãe o melhor que pôde do outro lado do país, o meu pai sabia que ela precisava de alguém para lhe fazer companhia, especialmente quando as coisas fossem mais devagar.

— Se eu não for para casa, então você tem de me prometer que vai ligar para a igreja e pedir que alguém vá aí para lhe fazer companhia.

A minha mãe resistiu à ideia de pedir ajuda, dizendo:

— Não acho que seja necessário.

Mas o meu pai finalmente a convenceu a ligar para a igreja metodista de Hope United, a congregação da nossa família em Greenwood Village, um subúrbio no sudeste de Denver. A minha mãe concordou, depois disse que iria contatar o escritório do xerife e o Serviço de Parques Nacionais.

Por fim, o meu pai aconselhou:

— Se ainda não fez isso, você precisa tomar nota de tudo para poder confirmar quando fizer as ligações para saber como andam as buscas.

— Sim, já comecei a fazer um diário das ligações — disse-lhe a minha mãe.

Da experiência de ambos no trabalho com as instituições burocráticas, eles sabiam da importância de saber exatamente quem disse o que e quando, para que, da próxima vez, quando minha mãe ligasse e outra pessoa atendesse, ela pudesse ser eficaz.

No fim da conversa, todas as outras explicações sobre o meu desaparecimento — que eu poderia estar acampando à beira de um rio com alguns amigos, ou que fosse irresponsável e não ligasse para ninguém informando que decidira prorrogar as minhas férias — foram exauridas. Não havia uma racionalização poliânica, nem desculpa que pudesse explicar a minha ausência prolongada. Com o alarme aumentando ao nível de uma terrível dor no estômago do meu pai, no momento em que disse “Eu te amo” para a minha mãe e desligou, ele sentiu como se tivesse sido alvejado no estômago.

As coisas não foram mais fáceis para a minha mãe, uma vez que ligar para a igreja converteu-se no telefonema mais emocionalmente desafiador de todo o dia. Uma pessoa voluntariosa como era, não costumava pedir ajuda para si mesma. Entretanto, quando uma boa amiga, Ann Fort, respondeu ao telefonema minutos depois, dizendo que iria até em casa lá pelas 19h, a minha mãe ficou feliz por ter feito o pedido.

Às 17h23, a partir da polícia de Aspen, a minha mãe começou a telefonar para os nomes no seu bloco de anotações. Ela contou a mesma

história uma meia dúzia de vezes em uma série de conversas de vinte minutos. Falou com os representantes da lei em todo estado de Utah por duas horas, começando às 17h45, falando primeiro com dois recepcionistas da polícia estadual do Departamento de Segurança Pública, e depois com outros dois recepcionistas da polícia do Parque Nacional de Zion, encaminhando um pedido de emergência após o outro, na sua assistência ao meu caso. Toda vez, antes de desligar, ela terminava com a pergunta:

— A quem mais devo telefonar?

Por intermédio da rede de amigos alpinistas e colegas de busca e salvamento, Steve Patchett recebera uma cópia encaminhada do e-mail que eu escrevera a Jason indicando quatro cânions de Utah que queria conhecer. Como líder de salvamento no Albuquerque Mountain Rescue Council e um dos meus principais mentores, Steve estava bastante ciente de que o tempo era essencial na situação em andamento. As primeiras 24 horas das buscas geralmente são as mais decisivas. Da sua casa em Albuquerque, Steve ligou para Mark Van Eeckhout em Los Alamos e eles conversaram sobre a lista de cânions às 15h38 de quarta-feira, tentando descobrir onde se localizavam alguns dos cânions mais obscuros. Mark digitou “Cânion Seger” em um mecanismo de busca da internet que encontrou “Guia de Canionismo em Utah de Tom”. Clicando no link, Mark leu uma descrição completa em estilo de guia de viagem, arrematada com as informações sobre as estradas e mapas topográficos do cânion. Na outra extremidade do telefone, Steve assinalava com um “X” a região central do condado de Wayne no seu atlas rodoviário de Utah, seguindo as informações de estradas que Mark lia para ele na página da internet. Eles encontraram o cânion Cable próximo ao Segers Hole, na extremidade sul do San Rafael Swell.

Então Steve ligou para a Ute Mountaineer, respondendo ao e-mail de Elliott e oferecendo o seu tempo. Steve e Elliott conversaram por quase 25 minutos e Steve disse que entraria em contato com diversas autoridades do Colorado e de Utah. Elliott tinha recebido um e-mail do meu amigo de escaladas Wolfgang Stiller, que confirmou em uma breve conversa por telefone que tínhamos cancelado a viagem ao monte Holy Cross em razão das condições de avalanche. Entretanto, Wolfgang tinha conhecimento de que era possível que eu fosse adiante com a tentativa por conta própria.

Elliott passou essa informação ao Steve, que disse que ligaria para o xerife do condado de Eagle para verificar a pista sobre o monte Holy Cross. Ele disse a Elliott que os seus esforços seguintes se concentrariam em locais de Utah.

Entre 16h15 e 17h, Steve ligou para a polícia do Parque Nacional de Zion e para o escritório do xerife do condado de Emery, sediado em Castle Dale, Utah, para iniciar as buscas nos começos de trilhas para o rio Virgin e o Black Box do San Rafael, respectivamente. A polícia de Zion indicou que iriam procurar o meu veículo durante as suas rondas de final do dia nos inícios de trilhas. Steve falou com o capitão Kyle Ekker do escritório do xerife do condado de Emery às 17h19 no escritório dele em Castle Dale. O capitão Ekker recebeu as informações de Steve e depois fez com que o recepcionista de plantão do escritório do xerife registrasse o boletim de ocorrência de pessoa desaparecida, incluindo a emissão de um informativo a todos os postos sobre a minha caminhonete. Além disso, o capitão Ekker pediu aos voluntários locais de busca e salvamento para seguir aos diversos começos de trilhas. Às 18h07, os funcionários e o pessoal de busca e salvamento estavam a caminho da Swinging Bridge, no Joe's Valley, e dos Upper e Lower Black Boxes. Às 18h51, todas as quatro unidades de campo tinham relatado ao recepcionista de plantão do escritório do xerife do condado de Emery que estavam procurando as trilhas de saída da região de San Rafael em busca do meu veículo. Os voluntários Russell Jones e Randy Lake, da equipe de busca e salvamento do condado de Emery encontraram-se na área do Lower Black Box e verificaram todos os veículos fora-de-estrada nos começos de trilha mais inacessíveis que normalmente poderiam ser alcançados apenas por bicicleta ou a pé.

Depois de dar notificações a outros condados, Steve entrou em contato com a minha mãe às 18h38 e a informou sobre as buscas nos começos de trilhas. Além disso, Steve estava mobilizando um grupo de Albuquerque para ir a Utah o mais cedo possível no dia seguinte. A minha mãe disse que ficaria em contato com o Departamento de Segurança Pública e com meia dúzia de contatos fornecidos por Steve, para manter o controle das pistas. Enquanto Steve lia a lista de nomes e números de telefone, a minha mãe reconheceu o condado de Emery da lista que fizera depois de compilar as informações sobre cânions de Jason anteriormente naquela tarde. Tão logo desligou a ligação com Steve, ela estava impaciente para

saber se tinham encontrado alguma coisa. Quando ela ligou para o condado de Emery às 19h20, o recepcionista de plantão estava no processo de receber as ligações dos policiais de campo e pediu para a minha mãe ligar um minuto depois. Durante a segunda conversa, ela soube que o grupamento tivera “contato negativo com a pessoa desaparecida ou o seu veículo”.

A minha mãe pressionou as equipes de busca para continuarem o trabalho depois de escurecer, mas o recepcionista de plantão observou que seria improvável, uma vez que a maioria dos policiais terminariam os seus turnos. Pareceu razoável ao recepcionista sugerir:

— Às vezes os *hikers* se desorientam e acabam perdidos. Num grande número de vezes eles encontram o caminho de volta depois de alguns dias.

“Essa pessoa realmente não conhece o meu filho”, pensou a minha mãe e replicou com uma afirmação resoluta:

— Ele não está *perdido*. Aconteceu alguma coisa com ele.

Mas ela reconhecia que a situação da força de trabalho não permitiria que os xerifes de condados rurais dedicassem todo o turno das suas patrulhas para procurar a minha caminhonete. Ela encerrou a conversa educadamente, depois pensou no que faria em seguida.

Nos dez minutos seguintes, ela falou com Eric Ross, da polícia de Aspen, que assumira o posto de Adam na mudança de turno. Eles decidiram que ele iria até a minha casa na cidade e obteria o número do meu cartão de crédito. A minha mãe ligou para Elliott e pediu-lhe para ajudar Eric, que estava a caminho da rua Spruce. Depois que o policial chegou, ele e Elliott sentaram-se na sala e discutiram sobre o que se passara na Ute durante toda a tarde. Elliott saíra da loja quando as portas se fecharam, às 18h, levando para casa consigo as pastas, mas suspendera a rotina de e-mails até de manhã, uma vez que não havia conexão de internet na casa. Elliott acompanhou Eric até o meu quarto e mostrou-lhe as pastas com os extratos do cartão de crédito e da conta bancária. Eric anotou os números enquanto Elliott procurava o meu talão de cheques, que encontrou nas minhas prateleiras. Anulando o cheque 1066, ele arrancou-o e estendeu-o a Eric. Eric disse a Elliott que ligaria para as empresas de cartão de crédito para que rastreassem as minhas compras e depois iria ao meu banco quando abrisse de manhã para rastrear as minhas transações com o cartão de débito.

Pronto para ir para a cama depois de um dia emocional e mentalmente exaustivo, Elliott escreveu um bilhete que fixou na porta do meu quarto: “Aron, você está desaparecido. Está todo mundo procurando por você. Bata na porta do meu quarto ou ligue para o meu celular no instante em que encontrar este bilhete”. Depois ele se retirou para ir dormir.

* * *

A minha mãe falou de novo com o meu pai às 21h, para contar-lhe sobre as atividades de busca. Essa segunda conversa deixou o meu pai andando de um lado para outro no seu quarto de hotel, certo de que alguma coisa estava me impedindo de voltar. Ele sabia que eu simplesmente não fugira nem me perdera; as únicas coisas em que podia pensar que teriam acontecido eram que eu tinha caído e quebrado a perna, ou que estava preso embaixo de um deslizamento de rochas na encosta de uma montanha. Rezando por mim, “Aguente aí, Aron, fique firme”, ele fez um esforço para afastar outros pensamentos mais preocupantes. O meu pai sabia, ou queria acreditar nisso, que eu estava vivo, mas isso significava que eu estava ferido. Doía nele saber que eu estava sofrendo; entretanto, isso era a melhor das alternativas. Não havia como ele conseguir se aquietar o suficiente para dormir — o sofrimento o mantinha acordado e em movimento — então, ele se ocupou preparando apontamentos para o resto do passeio por Nova York, para o caso de precisar partir e passar o controle a outra pessoa.

Em Boulder, a minha amiga Leona estava voltando com a tia de uma sessão de meditação que não ajudara a aliviar a sua ansiedade com relação ao meu desaparecimento. Ela fechou os olhos e sentiu uma conexão, algo que lhe chamou a atenção, e depois apareceu uma visão imprecisa, como num sonho. Ela via um espírito que era claramente eu, visível da cintura para cima. Ela me reconhecia, mas não conseguia saber onde eu estava. Podia dizer que eu estava vivo e praticamente bem, mas assustado. Eu segurava o braço direito contra ao peito, como se estivesse ferido, e me encontrava em um lugar escuro e apertado, usando uma camisa verde. Ela sentia que eu estava consciente da sua presença e com medo, não dela, mas do lugar onde me encontrava. Ela estava com seus braços estendidos para me tranquilizar com um toque confortador, mas ficou petrificada — não conseguia me tocar. Eu tinha uma decisão a tomar. E parecia que precisaria

tomar essa decisão sozinho. A empatia que ela sentia intensificou as sensações físicas que acompanhavam a visão: ela sentiu calafrios, a boca ressecada de sede e uma profunda exaustão. Ela saiu do transe e sentiu-se exausta, como se tivesse acabado de correr 16 quilômetros. Sentada no banco do passageiro no carro da tia, ela percebeu que estavam em casa, mas não conseguia se lembrar de nada do percurso de quinze minutos desde que tinham saído da sessão em grupo. Leona acompanhou a tia para dentro de casa, bebeu 1 litro de água e foi para a cama, rezando com as mãos entrelaçadas para que não sonhasse com a visão. Sabia que não era capaz de me ajudar e não queria ver outro episódio assustador uma vez que não havia nada que pudesse fazer.

Depois de falar com a minha irmã às 22h20, a minha mãe foi para a cama. Ela dormiu por cerca de uma hora, então não conseguiu mais dormir. Depois da meia-noite, ela estava deitada na cama com os olhos abertos, pensando em mim. Às 2h da madrugada, tendo esperado ansiosamente pela mudança de turno desde que acordara, ela ligou para a polícia de Aspen. Foi informada de que a busca estava indo devagar em razão da falta de informações sobre o uso do meu cartão de crédito — aparentemente, eu não usara nenhum dos meus cartões desde a última vez, na quinta-feira, 24 de abril, em Glenwood Springs, para pôr gasolina. Não havia indícios de que eu fora além do condado de Eagle. Mas o maior problema de todos eram as placas do meu carro; nenhum dos números coincidia com a descrição do veículo quando a polícia dera busca nos registros. A minha mãe sabia disso, mas aparentemente Eric tentara de novo. O que ele disse em seguida deu-lhe um pouco de alegria: ele procurara o número com a polícia estadual do Novo México na sua linha de atendimento 24 horas sobre registros de veículos, mas sem conhecer o endereço de registro, o qual obviamente não era no Colorado, ele não podia executar a investigação por conta própria. A minha mãe disse a Eric que faria uma ligação e conseguiria a informação correta sobre os números das placas; sentia-se empolgada e aliviada ao mesmo tempo por ter algo para fazer.

Às 2h45 da madrugada, ela entrou em contato com um policial de Santa Fé que sabia como operar o sistema de computador e realizar uma busca genérica com base no veículo dado e o endereço de registro, que a minha mãe deduziu corretamente que era o de onde eu morava em Albuquerque.

Em questão de dez minutos, ela tinha confirmado que o número da minha licença era NM 846-MMY e passou a informação ao policial Ross. Esse momento foi quando ela sentiu-se melhor desde que conseguira refazer a minha senha de e-mail cerca de dezesseis horas antes. Assim que os escritórios dos xerifes se abrissem pela manhã, ela começaria a repassar a sua lista de telefonemas pela terceira vez. Atravessando a cozinha depois de desligar o telefone, a minha mãe sentou-se nos degraus acarpetados da escada que subia para o quarto de hóspedes onde a amiga Ann estava dormindo e, nas três horas seguintes, manteve-se numa vigília solitária, rezando por mim.

— Agente. Estamos chegando, Aron, estamos chegando. Apenas aguarde.

CAPÍTULO TREZE

SEXTO DIA: ILUMINAÇÃO E EUFORIA

Só depois de ter perdido tudo é que estamos livres para fazer qualquer coisa.

— Brad Pitt, como Tyler Durden, em *Clube da Luta*

Olhando para fora dos confins escuros da minha sacola de cordas, observo o amanhecer forçando a sua presença dentro do cânion. A luz fresca do dia reduz as visões que dominaram a minha noite. Entretanto, o meu cérebro está tão distorcido depois de 120 horas sem dormir que a realidade do novo dia se parece com mais uma invenção alucinatória. A desagradável rocha encravada sobre o meu braço mal se distingue das sucessões de imagens geradas pela minha mente delirante. Com cinco dias de poeira acumulada nas minhas lentes de contato, os meus olhos doem toda vez que pisco, e uma sombra nublada emoldura a minha visão desbotada. Não consigo mais manter a cabeça levantada; ela pende contra a parede norte do cânion, ou às vezes eu mudo de posição e deixo que caia para a frente, onde o meu antebraço esquerdo a enlaça. Sou um zumbi. Sou um morto-vivo.

É quinta-feira, 1o de maio. Não consigo acreditar que ainda estou vivo. Devia ter morrido dias antes. Não entendo como vivi nas condições hipotérmicas das últimas noites. Na verdade, estou quase desapontado por ter sobrevivido à noite, porque agora o epitáfio na parede está incorreto — não “descansei em paz” em abril, afinal de contas. Por um breve momento, pondero se devo corrigir a data, mas decido não me incomodar. Isso não vai importar aos integrantes da equipe de salvamento, se acaso notarem, e o médico legista será capaz de deduzir a data da minha morte pelo estado de decomposição dentro de um dia mais ou menos. Isso é o que basta, imagino.

Onde está a confiança que senti durante a visão que tive do garotinho louro, meu futuro filho? Psicologicamente, pensei que tinha chegado ao fundo do poço na noite anterior, quando gravei o meu epitáfio, só para depois encontrar tranquilidade ao pegar aquele garotinho. Mas a minha

animação fora acorrentada pelo poderio estoico da pedra e o amargor da urina que cauteriza as bordas da minha boca. O hábito de beber um gole após outro da urina do meu reservatório grotesco na Nalgene, corroeu o interior da minha boca, deixando o meu palato em carne viva, lembrando-me que vou morrer. A acidez da urina dissolve toda reminiscência de crença em mim mesmo que possa ter encontrado no meio da noite. Se vou não viver, por que estou bebendo a minha própria urina? Não é essa a característica típica de um homem condenado. Fui sentenciado e deixado para me decompor.

São 8h30 da manhã, mas o corvo ainda não voou acima de mim. Imagino por que durante algum tempo, mas perco os meus pensamentos para os insetos que enxameiam com intensidade o tempo todo, ao redor da rocha encravada. Depois de esmagar alguns dos insetos voadores com a mão esquerda, matando-os para me entreter, olho para o meu Suunto amarelo, que diz 8h45. Até mesmo o pássaro me abandonou — o seu voo diário nunca passou das 8h30, mas, hoje, nada de corvo. Na ausência dele, sinto que a minha hora se aproxima, como se ele fosse uma divindade totêmica me sustentando.

Um desejo me ocorre: quero morrer com música nos ouvidos. Em algum momento naqueles dias, até mesmo aquela incômoda canção da BBC de *Austin Powers* deixou de perturbar a minha mente. Mas não consigo trazer à lembrança uma única melodia sequer. Tudo o que tenho é o silêncio horrível do cânion; o silêncio me enlouquece. Preciso do meu tocador de CD. Os fones de ouvido não saíram das minhas orelhas ou do pescoço nos últimos cinco dias, mas o tocador e os dois CDs estão no compartimento principal da minha mochila. Escorrego a mochila das costas com três movimentos simples e deixo-a cair sobre o joelho esquerdo levantado, vasculhando o seu interior com os dedos, onde eles encontram o Discman e os discos... e uma camada de areia de quase 2 centímetros.

Antes de tirar o equipamento, sei que é uma causa perdida. Os discos estão arranhados a ponto de ser impossível tocá-los. Os cinco dias no deserto deixaram o seu revestimento plástico como se eu os tivesse lixado. Não importa. O Discman não vai nem sequer rodar o disco que está dentro dele. Ele informa “sem disco” toda vez que o aciono para tocar. Tiro as pilhas, mas só para ser meticoloso. Devo ter batido o aparelho contra a

parede em algum momento dos últimos cinco dias e tirado o laser do alinhamento.

A câmera de vídeo, porém, sobreviveu à areia e ao estrago na minha mochila. Desistindo da música, decido gravar mais um pouco de vídeo. Ocorre-me que entrei no período de tempo com a maior probabilidade de ser resgatado ainda com vida. Ponho a mochila nas costas e ajeito a correia do ombro pela quinquagésima vez. Deixando o aparelho de vídeo sobre a rocha, me acomodo e tento organizar os pensamentos. Quando começo a falar, a minha voz está fina e aguda a ponto de me sobressaltar. Outro lembrete de que estou próximo da morte, só esperando pelo Ceifador.

— Estava aqui pensando... São cerca de 9 horas da manhã de quinta-feira. Estou entrando no período de maior probabilidade de que possa ser encontrado... que alguém realmente me encontre e que ainda estarei vivo.

“Essa é quase uma boa notícia”, penso. Mas, considerando que estabeleci a janela de resgate para ter início a qualquer momento de hoje a domingo, isso não me dá esperança de um socorro iminente. As minhas chances subiram de “ridiculamente improvável” a talvez “totalmente improvável”. Não me demoro no assunto. Na verdade, como a minha mente é confundida por um torpor persistente e cada vez mais profundo, não consigo pensar muito em nada que pretendo — não tenho energia mental. De um certo modo aleatório, penso na minha irmã e no seu casamento. Ela e Zack me pediram para tocar piano por alguns minutos durante a cerimônia marcada para agosto e eu disse que tocaria. Mas, obviamente, não vou; e nem mesmo estarei lá. Isso me desanima completamente, mas concluo que talvez possa fazer alguma outra coisa.

— Sonja... se quiser que eu toque no seu casamento... há uma fita gravada na caixa no porão da casa da mamãe e do papai. A caixa está rotulada, acho eu, “Minhas Peças de Piano” ou “Minha Música”, talvez. Há uma fita ali dentro. Sou eu, tocando as canções da maioria das minhas apresentações em 1993 ou 1994.

Imediatamente, imagino-a inserindo a fita em um gravador cassete, ouvindo as músicas na casa dos meus pais junto com a minha mãe. Sei que será um esforço supremo para elas ouvir as músicas que toquei tão diligentemente dez anos antes: Mozart e Bach, Beethoven e Chopin, meu favorito. Outra imagem salta na minha mente, dessa vez do casamento. Não consigo situar exatamente o cenário, mas é pastoral e ao ar livre. A mesma música ao piano ecoa por toda parte vindo de um sistema de alto-

falantes, impulsionando uma nuvem ameaçadora que se rompe e banha a plateia da nossa extensa família em um dilúvio de lágrimas. A minha morte vai lançar um sentimento de luto sobre o casamento de Sonja, mas sei que ela vai prosseguir com ele. Não haverá motivo nem razão para adiá-lo. A vida segue em frente para os vivos.

Eu sigo em frente e disperso as imagens da minha mãe e da minha irmã na minha mente, deixando uma trilha de pensamentos interrompidos para recuperar depois. Percebendo que houve mais uma coisa que esqueci de mencionar sobre os meus bens financeiros, começo a explicar os meus desejos quanto à minha conta de previdência privada.

— Além disso, obviamente, os rendimentos da minha conta no fundo de pensão Schwab podem ir para Sonja se houver...

Não termino a frase. Num espasmo de pensamentos desconjuntados, a minha mente sai à deriva. Onde havia um conceito que antes eu tentava expressar, não tenho nem sequer uma lembrança. Eu flutuo, sem expressão, perdido, então dou de encontro com outro pensamento fugidio, mas não consigo me conectar com ele rápido o bastante para expressá-lo em palavras. Ele afundou sob a superfície do meu oceano mental, depois flutua de novo, e dessa vez eu o capturo. Ele tem a ver com a minha cremação e a distribuição das cinzas.

— Ah... hum... esclarecimentos... O pico de Knife Edge... Para a parte de mim que vai voltar para o Novo México. O Bosque e o Knife Edge... o Knife Edge se tornou uma das minhas escaladas preferidas. Então, talvez seja para lá que Dan e Willow, e Steve DeRoma, Jon Jaecks, Eric Neimeyer e Steve Patchett devam ir e as espalhar.

Limpendo a garganta mais uma vez, aperto o botão prateado de gravação na parte de trás do aparelho. Espero que o que disse na fita sirva tanto como um adeus adequado aos meus entes queridos quanto como a minha última vontade e testamento. Tratei do que fazer com os meus bens e as minhas finanças, e acabei de dar um destino às minhas propriedades, dentro do pouco que tenho para acertar, esperando beneficiar a minha irmã. Embora pudesse ter sido mais organizado, estou exausto com o esforço envolvido em pensar em tudo isso e não tenho vontade de editar ou refazer nenhuma parte do vídeo. Pela que talvez seja a última vez, fecho a tela do gravador contra o corpo da câmera e o guardo na sua fenda, entre o lado esquerdo da rocha encravada e a parede do cânion.

Em estado miserável, observo outra hora vazia passar. Pelo menos não tenho de lutar para me manter aquecido. O frio da atmosfera exterior não suga mais o calor do meu corpo como durante toda a noite. Mas eliminando a necessidade de reconfigurar as cordas ao redor das minhas pernas e os tecidos e sacos plásticos ao redor dos meus braços, o dia pôs de lado a última atividade da minha vivência no cânion. Sem sequer essa mínima distração, não tenho mais absolutamente nada a fazer. Não tenho vida. Só na ação a minha vida se aproxima um pouco mais da existência. Sem mais nenhuma outra tarefa ou estímulo, não estou mais vivendo, nem sequer sobrevivendo. Só estou esperando.

Desde que os golpes repetitivos da pedra usada como martelo deixaram a minha mão esquerda sensível, tudo o que me resta é esperar. Pelo que, no entanto? Resgate... ou morte? Não me importa. Os dois desfechos representam a mesma coisa — salvação e libertação do meu sofrimento. Não suporto a inatividade que alimenta essa apatia. A essa altura, a própria espera em si é a pior parte do meu aprisionamento. E quando estou esperando, tudo o que se segue é mais espera. Posso tocar a face do infinito nessa calmaria. Nada dá nem mesmo a mais ligeira indicação de que a calma será perturbada.

No entanto, eu posso perturbá-la. Posso ignorar a dor da minha mão esquerda e continuar a bater na pedra com a bola de destroçar na mão. Posso continuar a lascar a rocha com a minha faca, apesar da sua inutilidade. Posso fazer tudo o que fiz nos últimos cinco dias só para me manter em movimento. Estendo a mão para a pedra arredondada que uso como martelo, depois percebo que vou querer a meia esquerda para acolchoar. Descalçando o tênis, tiro a meia e tenho o forro para proteger a minha palma desgastada. Os ferimentos na parte carnosa do meu polegar são os mais sensíveis ao impacto e eles imploram para ser poupados do primeiro ao quinto golpe, quando faço uma pausa. A adrenalina transporta a raiva e eu levanto o martelo de novo, dessa vez em retribuição ao que essa peça de geologia desgraçada fez à minha mão esquerda. Bonque! De novo eu golpeio a pedra, a dor queimando na mão. Tonque! E de novo. Escretchê! A raiva floresce roxa na minha mente, em meio a uma nuvenzinha em formato de cogumelo de cascalho pulverizado e o cheiro de queimado do choque entre a pedra a rocha encravada, fundindo-se com o calor da fricção de cada golpe. Lanço a pedra mais uma vez. Crunchê!

Com fúria animal, eu ronco, “Unnnngaaaaaargh!” em resposta às palpitações latejando na minha mão esquerda.

Forço-me a parar e não consigo soltar a pedra da mão. Os meus dedos ficaram paralisados no esforço de agarrar.

“Uau, Aron. Não precisava ir tão longe!”

Gradualmente, os meus nervos chocados relaxam e os dedos vão se soltando até eu largar a pedra, que atiro contra a rocha encravada. Produzi sujeira de novo. Quero espanar a poeira acumulada de cima do meu braço, para longe do ferimento aberto. Pego a faca e começo a limpar as partículas de cima da mão presa, usando a lâmina cega como uma escova. Afastando o cascalho do polegar, acidentalmente corto a mim mesmo e arranco um pedacinho de carne decomposta. Ela se solta como a camada de nata do leite fervido antes de eu perceber o que está acontecendo. Já sabia que a minha mão devia estar em decomposição. Sem circulação, ela vem morrendo desde que ficou presa. Todas as vezes que considerei a amputação, sempre foi sob a premissa de que a mão estava morta e teria de ser amputada depois de libertada. Mas não sabia com que rapidez a putrefação tinha avançado desde a tarde de sábado. Agora entendo o aumento do interesse da população de insetos locais. Eles já podiam sentir o cheiro da próxima refeição, seu terreno de procriação, ambiente propício para as suas larvas.

Só por curiosidade, atijo o meu polegar com a lâmina da faca duas vezes. Na segunda picada, a lâmina perfura a epiderme como se entrasse em um pedaço de manteiga à temperatura ambiente, e libera um chiado proverbial. Gases escapando não são uma coisa boa; a decomposição avançara mais rapidamente do que eu imaginara. Embora o odor seja fraco para o meu nariz dessensibilizado, é abjetamente desagradável, o cheiro podre de uma carcaça distante.

Na esteira do odor, uma percepção ocorre ao meu cérebro — o que quer que tenha começado na minha mão, brevemente passará para o meu antebraço, se já não passou. Não sei e além do mais não me importo se for gangrena ou algum outro ataque insidioso, mas sei que está envenenando o meu corpo. Reajo com fúria, tentando arrancar o meu antebraço de uma vez do aperto da rocha encravada, querendo mais do que nunca agora, simplesmente me livrar de qualquer ligação com esse apêndice em decomposição.

Não o quero.

Não faz parte de mim.

É lixo.

“Jogue isso fora, Aron. Livre-se disso.”

Eu me debato da frente para trás, de um lado para o outro, de cima para baixo, de baixo para cima. Grito de puro ódio, guinchando enquanto agito o meu corpo de um lado para outro contra as paredes do cânion, perdendo toda a mínima compostura que tinha me esforçado tão intensamente para manter. Então sinto o meu braço curvar-se de maneira antinatural no aperto inamovível da rocha encravada. Uma alegria indizível me atinge com a glória magnificente de uma intervenção sagrada e instantaneamente interrompe a minha apreensão:

Se torcer o meu braço o bastante, serei capaz de quebrar os ossos do meu antebraço.

Como se dobrasse um bastão preso em um torno de mesa, posso curvar todo o meu maldito braço até que ele se parta em dois!

“Santo Deus, Aron, é isso aí, é isso aí. É ISSO AÍ, PORRA!”

Eu luto para me soltar da rocha, tentando manter a cabeça ereta. Não há hesitação. Sob o poder dessa intervenção divina, eu mal me dou conta do que estou prestes a fazer. Entro numa espécie de piloto automático; não estou mais no controle. Dentro de um minuto, oriento o meu corpo numa posição encolhida embaixo da pedra, mas não consigo me abaixar o suficiente para curvar o braço antes de sentir um puxão na cintura. Desconecto a *daisy chain* da fita da âncora e solto o meu peso até o máximo que posso para baixo, quase tocando as pedras do piso do cânion com as nádegas. Ponho a mão esquerda embaixo da rocha e empurro com força, com mais força, COM MAIS FORÇA, para exercer o máximo de força para baixo sobre o rádio do braço direito. Enquanto curvo vagarosamente o braço para baixo e para a esquerda, um Pow! reverbera como um disparo abafado de arma com silenciador de um lado para outro pelo Blue John. Não digo uma palavra, mas estendo a mão para sentir o meu antebraço. Há um inchaço anormal em cima do meu pulso. Puxo o meu corpo para trás da rocha encravada e para baixo de novo, simulando a posição em que estive há pouco, e sinto um intervalo entre as bordas serradas do osso perfeitamente quebrado do meu braço.

Sem me conter mais e de novo em silêncio, arqueio o corpo para cima da rocha, com um único propósito definido em mente. Esfregando os tênis contra as paredes do cânion, faço força com as pernas e agarro a parte de

trás da rocha encravada com a mão esquerda, puxando com toda a ferocidade que sou capaz de conseguir, com força, com mais força, COM MAIS FORÇA, e um segundo estalido seco termina a minha expectativa em relação à ulna. Suando e eufórico, de novo toco o meu braço direito uns 5 centímetros abaixo do pulso e puxo o ombro direito no sentido contrário ao da pedra. Os dois ossos despedaçaram-se no mesmo lugar, a ulna talvez quase 2 centímetros mais para perto do cotovelo do que o rádio. Girando o meu antebraço como um eixo dentro do seu encaixe, tenho uma reta comum de movimento recém-independente da servidão do meu pulso em relação ao aperto da rocha.

Estou dominado pela empolgação de ter resolvido o enigma da minha prisão. Apressando-me a empregar a mais curta e afiada das minhas duas lâminas do canivete multifuncional, pulo o procedimento do torniquete que ensaiara e coloco a extremidade cortante entre as duas veias azuis. Empurro a faca para dentro do pulso, observando a pele ceder para dentro, até a ponta perfurar e a lâmina entrar inteira. Num acesso de dor, sei que o trabalho está apenas começando. Com um olhar de relance para o meu relógio — são 10h32 da manhã — eu me motivo: “Muito bem, Aron, aqui vamos nós. Agora você está dentro”.

Deixo de lado as minhas declarações anteriores de que cortar o meu braço não é nada além de um lento ato de suicídio e prossigo na crista de uma onda de emoção. Sabendo que a alternativa é esperar por uma morte progressivamente mais certa, mas certamente lenta, escolho enfrentar o risco da morte em ação. Tão surreal quanto parece o meu braço desaparecer dentro de uma luva de arenito, parece gloriosamente perfeito ter descoberto como amputá-lo.

O meu primeiro ato é cortar, com um movimento de vaivém para baixo, o máximo de pele na superfície interna do meu antebraço, sem romper nenhuma das veias que se prolongam como macarrão muito próximas da pele. Depois de ter aberto um buraco grande o bastante no meu braço, a cerca de 10 centímetros abaixo do pulso, eu momentaneamente retiro a faca, segurando o cabo entre os dentes, e enfio primeiro o indicador esquerdo e depois o polegar esquerdo dentro do braço e apalpo. Avaliando as texturas bizarras e desconhecidas, faço um mapa mental das características internas do meu braço. Sinto os feixes de fibras musculares e, movendo os dedos por trás delas, encontro dois pares de extremidades ósseas perfeitamente fraturadas, mas estilhaçadas. Torcendo o antebraço

direito como se para girar a minha palma presa para baixo, sinto as extremidades ósseas mais próximas do ponto de origem girarem livremente ao redor dos seus parceiros fixos. É um movimento doloroso, mas ao mesmo tempo é um movimento que não tinha feito desde sábado, e me empolga saber que logo estarei livre do resto da minha mão morta e esmagada. É só uma questão de tempo.

Picando e beliscando, consigo distinguir entre os tendões e ligamentos duros das artérias mais flexíveis e macias, com a elasticidade de borracha. Devo evitar cortar as artérias até o fim, se puder evitar, e depois decido.

Retirando os meus dedos ensanguentados para a borda do meu ponto de incisão, isolo um cordão de músculo entre a faca e o meu polegar e, usando a lâmina como uma faca de podar, corto um filamento rosado do tamanho de um dedo. Repito a ação uma dezena de vezes, deslizando a faca através dos cordões de músculos sem hesitação ou ruído.

Separar, pinçar, girar, cortar.

Separar, pinçar, girar, cortar.

Padrões; processo.

Seja qual for a massa fina e sanguinolenta que encaixo entre a borda cortante e o meu polegar, ela rompe, vítima do movimento rotatório do canivete multifuncional, para a frente e para trás. Sou como um cortador de canos atuando sobre a circunferência exterior de um pedaço de tubulação macia. À medida que cada feixe de músculos submete-se ao metal, tato à procura de alguma das artérias da espessura de um lápis. Quando encontro uma, empurro-a um pouco e removo-a do cordão a ser cortado. Finalmente, com cerca de um terço dos tecidos macios separados do meu braço, eu corto uma veia. Não tinha colocado o torniquete ainda, mas sou como uma criança de 5 anos liberada para pegar os seus presentes de Natal — agora que comecei, não há o que me faça parar. O desejo de continuar cortando, de me soltar, é tão forte que eu racionalizo que não perdi muito sangue ainda, apenas algumas gotas, porque a minha mão esmagada vem agindo como uma válvula de isolamento da minha circulação.

Passam mais dez, quinze ou talvez vinte minutos. Estou absorvido em fazer o trabalho cirúrgico o mais rápido possível. Embatucado no tendão amarelado de menos de 2 centímetros de espessura no meio do meu antebraço, detenho a operação e monto o torniquete improvisado. A essa altura, tinha cortado uma artéria secundária, e vários gramas de sangue,

talvez um terço de um copo, pingaram sobre a parede do cânion abaixo do meu braço. Talvez porque removi a maioria dos tecidos de ligação na parte mediana do meu antebraço, e permiti que os vasos se abrissem, a perda de sangue se acelerou nos últimos minutos. A cirurgia segue mais lentamente agora que cheguei ao teimoso tendão resistente, e não quero perder sangue desnecessariamente enquanto ainda estou preso. Vou precisar de cada gota dele para a caminhada até a minha caminhonete e para dirigir até Hanksville ou Green River.

Ainda não decidi qual será o caminho mais rápido para o atendimento médico. O telefone mais próximo fica em Hanksville, a uma hora de carro para oeste, se for rápido com os movimentos da mão esquerda. Mas não consigo me lembrar se existe uma clínica médica por lá; tudo o que me vem à mente é um posto de gasolina e uma lanchonete. Green River fica a duas horas de carro para o norte, mas tem uma clínica médica. Espero encontrar alguém no início da trilha que possa dirigir para mim, mas me lembro de quando cheguei lá no sábado — havia apenas dois outros veículos no terreno de 3 quilômetros quadrados. Aquilo foi num fim de semana, agora estamos no meio da semana. Preciso admitir o risco de que, quando chegar ao começo da trilha, não haverá ninguém lá. Preciso me preparar para um esforço de seis a sete horas antes de receber um atendimento médico definitivo.

Colocando a faca sobre a rocha encravada, pego a tubulação de neoprene da minha CamelBak, que tinha ficado à esquerda no alto da rocha, sem uso, durante os últimos dois dias. Dou a volta no tubo de isolamento preto em um laço duplo ao redor do meu antebraço, 7,5 centímetros abaixo do cotovelo. Amarrando o tecido preto esticado em um nó de volta duplo, com uma extremidade nos meus dentes, puxo a outra extremidade com a mão esquerda. Em seguida, prendo rapidamente um mosquetão no torniquete e torço-o seis vezes, como fiz quando experimentei o torniquete horas atrás, na terça-feira, ou seria segunda-feira?

“Por que não descobri como quebrar os meus ossos naquele momento?”, imagino. “Por que tive de sofrer por todo esse tempo mais?” Deus, devo ser o cara mais imbecil que alguma vez já teve a mão presa por uma rocha. Precisei de seis dias para descobrir como decepar o meu braço. A minha garganta aperta com a decepção que sinto por mim mesmo, até que consigo clarear os pensamentos.

“Aron, isso tudo é apenas distração. Não importa. Volte ao trabalho.”

Viro o mosquetão preso fortemente em uma segunda volta de fita ao redor do meu bíceps para impedir que o neoprene se desenrole e volto a estender a mão para a minha faca ensanguentada.

Continuando com a cirurgia, destaco os últimos músculos envolvendo o tendão e corto uma terceira artéria. Ainda não pronunciei nem mesmo um “Ai!” Não penso em verbalizar a dor; ela é uma parte desta experiência, não mais importante para o procedimento do que a cor do meu torniquete.

Agora tenho um acesso relativamente livre ao tendão. Cortando agressivamente com a faca, como antes, não consigo fazer nem um dente na fibra incrivelmente forte. Puxo-a com os dedos e compreendo que tem a durabilidade de um cabo de tecido; é como uma tira de dupla espessura de fita de embrulho reforçada com fibra, dobrada sobre si mesma em dobras de 60 milímetros. Não consigo cortar, então decido reconfigurar o meu canivete multifuncional para o alicate. Desdobrando o implemento escorregadio de tão ensanguentado, empurro a parte de trás da lâmina contra o meu estômago para encaixar a faca de volta na sua ranhura e depois expor o alicate. Usando-o para morder a borda do tendão, aperto e torço, arrancando um fragmento. Sim, isto vai funcionar como deve. Ataco com a tarefa mais brutal.

Prender, apertar, torcer, cortar.

Prender, apertar, torcer, cortar.

Padrões; processo.

“Isto vai dar uma história infernal para contar aos meus amigos”, penso. “Eles nunca vão acreditar como precisei cortar fora o meu braço. Diabos, *eu* mal posso acreditar nisso e estou vendo tudo.”

Pouco a pouco, vou rasgando o tendão até cortar totalmente o filamento que se parece com fio retorcido, depois mudo a ferramenta de volta para a faca, usando os dentes para extrair a lâmina. São 11h16; estive cortando por mais de quarenta minutos. Com os dedos, faço um inventário do que sobrou: dois pequenos conjuntos de músculos, outra artéria e um quarto de circunferência de pele mais próxima à parede. Há também um cordão de nervo esbranquiçado, tão grosso quanto um pedaço inchado de macarrão cabelo-de-anjo. Fazer isso vai ser inevitavelmente doloroso. Decididamente, não chego nem perto do nervo principal com os meus dedos; acho melhor não saber inteiramente o que vou enfrentar. As ramificações elásticas de nervos menores são tão sensíveis que mesmo encostar nelas produz em mim descargas como de uma arma de choque até

o ombro, deixando-me momentaneamente atordado. Tudo isso precisa ser cortado. Ponho a borda da faca embaixo do nervo e dou-lhe um puxão, como se estivesse puxando uma corda de violão de uns 5 centímetros acima dos seus trastes, até que ele quebra, liberando uma descarga de dor. Recalibro a minha escala pessoal do que se parece com dor — é como se enfiasse todo o meu braço em um caldeirão de magma.

Minutos depois, recupero-me o bastante para continuar. O último passo é esticar a pele da parte de fora do punho e cortar com a lâmina contra a parede, como se estivesse fatiando um pedaço de cartilagem sobre uma tábua de carne. Quando me aproximo do momento exato da libertação, a adrenalina dispara através do meu corpo, como se não fosse sangue correndo pelas minhas artérias, mas o próprio potencial do meu futuro. Busco forças em todas as lembranças da minha vida e todas as possibilidades para o futuro que essas memórias representam.

São 11h32 da manhã, quinta-feira, 1o de maio de 2003. Pela segunda vez na minha vida, estou nascendo. Desta vez, sou liberado do útero rosado do cânion, onde estive incubando. Desta vez sou um adulto crescido e entendo a importância e o potencial deste nascimento como nenhum de nós consegue quando acontece da primeira vez. O valor da minha família, dos meus amigos e das minhas paixões desencadeia um jorro de energia que é como o ímpeto que sinto ao me aproximar de um cume de montanha conquistado a duras penas, multiplicado por 10.000. Puxando com força os tecidos conectivos remanescentes do meu braço, balanço a faca contra a parede e a faixa delgada final de carne cede frouxamente; a força da tensão rasga a pele dos lados mais do que a lâmina a corta.

O instante se desfaz como cristal despedaçado e o mundo é um lugar diferente. Onde houve confinamento, agora existe libertação. Recuando ante a libertação súbita, o meu braço esquerdo é arremessado na direção do cânion, abrindo os meus ombros para o sul e eu caio de costas contra a parede norte do cânion, a minha mente surfando na onda de euforia. Quando olho para a parede onde doze horas antes gravei “RIP OCT 75 ARON APR 03”, uma voz grita na minha cabeça:

“ESTOU LIVRE!”

Esse é o sentimento mais intenso da minha vida. Receio que possa explodir com o choque emocionante e com o êxtase que paralisa o meu corpo por um longo momento enquanto me reclino contra a parede. Não

mais confinado ao espaço físico que ocupei por quase uma semana, sinto-me drogado e desequilibrado, mas flutuando com a minha liberdade. A minha cabeça inclina-se para o ombro direito e cai sobre o meu peito antes de eu endireitá-la e me aprumar de encontro a parede. Cambaleio enquanto encaixo o pé esquerdo sobre as rochas do piso do cânion, mas mantenho as pernas embaixo de mim a tempo de impedir uma dura queda contra a parede sul. É lindo para mim que realmente possa cair para a direita agora. Olho para o sangrento resultado espalhado sobre a rocha encravada e pela parede norte do cânion. A mancha sobre a rocha esconde a massa escura da minha mão e punho amputados, mas as extremidades brancas dos ossos da minha ulna e rádio abandonados projetam-se visivelmente da confusão sanguinolenta. O meu olhar se demora e torna-se um olhar fixo. A minha cabeça rodopia, mas estou fascinado, olhando para a parte cortada do meu antebraço.

“Muito bem, já chega. Você tem coisas a fazer. O relógio está correndo, Aron. Saia daqui.”

CAPÍTULO CATORZE

ALVO LOCALIZADO:

“ACHAMOS A CAMINHONETE DELE”

Você deve acreditar antes de poder imaginar.

— Mark Twight, dedicatória no meu exemplar de Kiss or Kill

Durante três horas, a minha mãe ficou sentada no escuro, sobre o carpete branco neve da escada da nossa casa em Denver. Aqueles eram os mesmos degraus que eu subia de dois em dois durante seis anos na época do ginásio e do colegial, ganhando com isso incontáveis repreensões dos meus pais. Ela não conseguia relaxar, os cenários mais pessimistas em relação a um possível acidente, seguindo-se um após outro, na sua mente. A ansiedade intensa no seu estômago forçava-a a encolher o corpo em posição fetal na vertical, os joelhos prensados contra as curvas dos braços cruzados, a testa repousando sobre o cotovelo do braço esquerdo.

Ela estava esperando que o pessoal da administração de terras voltasse ao trabalho pela manhã. Assim como eu, a minha mãe não é muito boa em esperar. Ela rezava, mas mesmo depois de rezar dezenas de vezes mais, continuava inquieta e insegura. Precisando fazer alguma coisa, por volta das 5h45, ela interrompeu a vigília e começou a percorrer a sua lista de agências federais e estaduais que administravam terras públicas no centro e no sul de Utah. Ela ligou para meia dúzia de grupos naquelas horas iniciais da manhã de quinta-feira. Primeiro, ela telefonou para a agência do Bureau of Land Management (BLM) em Hanksville e deixou um recado; depois ela ligou para a polícia de St. George e apresentou uma queixa formal para que fosse feito um boletim de ocorrência. Em seguida, forneceu as informações para um boletim de ocorrência de pessoa desaparecida junto ao plantonista do Departamento de Segurança Pública (DSP) em Cedar City e, minutos depois, junto à plantonista do DSP em Richfield. A exaustão transparecia em sua voz, que também falhava por causa da emoção, quando ela falou com Georgia, a plantonista do DSP de Richfield, faltando quinze minutos para as 7 horas da manhã. Explicando que eu não devia ter muito dinheiro e, portanto, estaria acampando na

minha caminhonete, a minha mãe chamou-me de pão-duro, mas em seguida acrescentou que eu era muito responsável e que não teria deixado de telefonar ao trabalho a menos que tivesse acontecido algo desastroso que me impedisse de chegar a um telefone.

Georgia enviou pelo rádio um aviso de “Tentativa de Localização” para todo o estado às 6h52, com as informações que a minha mãe havia fornecido:

Todas as viaturas, Richfield, tentem localizar uma pessoa desaparecida. Ele deve estar em Utah, possivelmente nas áreas dos parques.

Todas as viaturas, Richfield, tentem localizar uma pessoa desaparecida de Aspen, Colorado, em viagem a Utah, para excursão pelo campo. Ele foi visto pela última vez em 24 de abril, a última quinta-feira, em Aspen. Avisou que ia para algum lugar de Utah onde estivesse quente para caminhar.

Seu veículo é uma Toyota Tacoma '98 marrom, com placas do Novo México, Oito-Quatro-Seis-Mike-Mike-Yankee, Novo México, Oito-Quatro-Seis-Mike-Mike-Yankee, tem uma cobertura na carroceria e esquis no bagageiro superior.

Chamada geral, continuando, o indivíduo é Aron Ralston, 27 anos, branco, sexo masculino, 1,88 metro de altura, 75 quilos, olhos castanhos, cabelo castanho. Ele está sozinho, é um hiker, com experiência em busca e salvamento, e alpinista, também esquiador. Pessoa muito responsável.

O indivíduo deixou de voltar ao trabalho na terça-feira como era esperado. Não se tem notícia dele. Deve ter esquis no bagageiro e equipamento de esqui na caminhonete. Tinha informado a um amigo que vinha para o interior de Utah, numa excursão para caminhar. Deve ter viajado pela I-70, sem informações de lá e deve estar acampando na caminhonete. Deve ter muito pouco dinheiro.

No escritório do BLM em Salt Lake, Larry Shackelford falou com a minha mãe às 8 horas da manhã. Imediatamente depois de desligar, ele enviou um aviso “Manter sob Observação” para o meu veículo para as agências do BLM e para os postos estaduais de Pesca e Vida Selvagem de Utah, depois ligou para meia dúzia de conhecidos naquelas agências para se assegurar de que tinham recebido a solicitação de ação. Ele garantiu à minha mãe que Georgia e Larry tinham entrado em ação diretamente para

ajudar a acionar as buscas. Ela estava cansada de ouvir da polícia e de alguns dos plantonistas que “isso acontece o tempo todo” ou “ele vai acabar aparecendo em algum lugar”. Essas ações foram dois raios de sol para a minha mãe em meio àquela manhã mais escura. Ela estava ansiosa para que o capitão Kyle Ekker, o mais cooperador e solícito dos muitos contatos que estabeleceu e manteve ao longo das últimas 24 horas, reassumisse o seu turno para poder falar com ele sobre o progresso das investigações.

Às 9h, Adam Crider saiu do Departamento de Polícia de Aspen com um cheque em branco da minha conta bancária e encaminhou-se para a agência do U.S. Bank. Em início de expediente na quinta-feira, o banco estava vazio, sem clientes, e ele se aproximou do primeiro guichê e interrompeu a caixa que arrumava a gaveta para começar o dia.

Depois de ouvir a sua história, a caixa chamou o gerente do banco para obter a sua aprovação para acessar o meu histórico do cartão de débito. Esse grupinho inclinou-se para a tela do computador enquanto a caixa digitava os números da minha conta.

— Parece que a última transação foi no dia 25, em Moab, em um supermercado da cidade.

— De quanto foi a operação?

— A conta foi de US\$ 22,31... sem troco. (Eu me abastecera de água, sucos, frutas, barras de chocolate e burritos.)

— Qual foi a anterior a essa?

— Foi de US\$ 29,25 no Clark's, na mesma cidade, no dia 24. (Eu tinha comprado mantimentos na noite do dia 23, antes de voltar para casa para arrumar a bagagem para o dia de esqui com Brad e as férias subsequentes em Utah, mas o supermercado só processaria a transação depois da meia-noite.)

— E é só isso? Nada depois do dia 25? Com que frequência esses dados são atualizados?

— A atualização é imediata, no mínimo dentro de algumas horas, dependendo de como as lojas registram as suas transações.

Crider já sabia pelo trabalho por telefone, que ele e outros policiais tinham feito na noite anterior, que a minha última transação com cartão de crédito fora no dia 24, abastecendo o carro em Glenwood Springs, a cidade na confluência entre o rio Roaring Fork e o rio Colorado. De Glenwood, é

possível seguir para o leste ou para oeste pela I-70, o que não significava muito para os policiais, a não ser que eu tivesse usado os meus cartões de crédito por uma semana. Com as informações do banco, Adam sabia que eu chegara a Moab e provavelmente partira de lá na sexta-feira do dia 25. Mas para onde eu tinha ido?

Às 9h07 de quinta-feira, Steve Patchett estava sentado na cozinha da sua casa em Albuquerque e pensava no que era preciso fazer em seguida em relação às buscas. Um eletricista de sindicato, Steve estava sem trabalho no momento — o que normalmente acontecia por quatro a seis semanas a cada seis meses mais ou menos — então ele tinha tempo para se dedicar ao planejamento das buscas. Primeiro ele ligou para o escritório do xerife do condado de Emery da sua linha doméstica e foi transferido para o capitão Kyle Ekker. Os dois homens avaliaram a situação das buscas iniciadas pela sua conversa na tarde anterior. Kyle explicou que a primeira busca não resultara em nenhuma pista.

— Mandamos o nosso pessoal para o Black Box com alguns integrantes da equipe de busca e salvamento em veículos fora-da-estrada, mas eles não encontraram nada. Dois policiais foram ao Joe's Valley, que não acho que estivesse na nossa lista, mas acontecem muitas excursões de caminhadas por lá. Nada ali também. Chamamos todos de volta antes de escurecer.

Steve perguntou:

— Você mandou alguém ao Segers Hole?

O Segers era o próximo da lista de Kyle, mas ele não despachara ninguém, porque era uma viagem de praticamente três horas desde Castle Dale, na região noroeste do condado, dentro de uma área distante e não pavimentada ao sul. Com o aumento da força de trabalho no turno diário, Kyle poderia enviar um policial com alguns voluntários da equipe de busca e salvamento do condado até o Muddy. Ele disse:

— É uma longa viagem, mas vamos verificar aquele lugar. Estava esperando amanhecer e a chegada de mais gente, mas esse será o próximo. Quer me dizer mais alguma coisa?

Steve fez uma pausa e considerou todas as informações que tinha repassado. Era quase um palpite, mas ele disse a Kyle:

— Estou quase certo de que ele está no seu condado.

Kyle prometeu manter Steve atualizado quando chegassem os relatos das regiões mais distantes e agradeceu pelo seu envolvimento. Depois de desligar, o capitão olhou para os seus mapas e pensou numa lista de outros lugares a que mandaria os seus policiais e os voluntários de busca e salvamento enquanto estivessem a caminho do Segers.

“Já cobrimos os cantos superiores do condado”, pensou o capitão, “e a maioria dos começos de trilhas na região central. Se ele estiver no condado, será no sul. Para onde as pessoas vão por lá? Não existem muitas estradas.” Mas uma estrada de terra, a Lower San Rafael Road, segue numa curva ladeando a região sul do condado de Emery, para dentro das terras de ninguém nas bordas de Canyonlands. “Talvez aí, na região do Robbers Roost”, pensou ele enquanto meditava sobre o seu mapa ampliado do condado. Há dezenas de cânions e leitos secos no Roost, a maioria nas terras acessíveis controladas pelo BLM desde o começo da estrada de San Rafael e por sua continuação, o contraforte que termina sem saída no Maze. Kyle sabia que o Maze atraía números consideráveis de pessoas em todo o condado de Emery e até o condado de Wayne. Seria um destino que valeria a pena tentar, imaginou, mesmo que não enviasse o seu pessoal para além dos limites do condado.

Kyle ligou para o posto de guardas florestais de Hans Flat, na entrada do distrito de Maze de Canyonlands, perguntando sobre uma caminhonete Toyota Tacoma marrom às 9h15. O guarda florestal Glenn Sherrill atendeu ao telefone e imediatamente reconheceu a descrição do veículo. Aquela caminhonete fora vista no cânion Horseshoe desde o fim de semana.

— Eu estive lá. Vi esse veículo, ah, três dias atrás, e ele ainda está lá — disse ele a Kyle.

Tipicamente, menos de dez pessoas visitam o cânion Horseshoe por dia, e talvez um pouco mais de pessoas nos fins de semana. Praticamente todo mundo entra e sai do cânion numa caminhada de meio dia. O Serviço de Parques Nacionais coloca guardas no cânion todos os dias na Great Gallery para acompanhar os visitantes e proteger os petróglifos de 5.000 anos de idade. Uma vez que são tipicamente os primeiros a chegar e os últimos a sair do começo da trilha todos os dias, os guardas estão acostumados e encontrar o estacionamento de terra vazio, ou com um ou dois veículos com barracas montadas ao lado. Certamente, eles se preocupam em observar quando um veículo permanece no estacionamento pela maior parte da semana. Uma vez que a minha caminhonete inconvenientemente

bloqueava a placa de boas-vindas em frente à estrada, na entrada, ela estava muito visível (eu estacionara lá para nivelar a cama na carroceria para dormir).

Mesmo sentindo 90% de certeza, Glenn fez uma pausa e resumiu a sua afirmação.

— Bem, acho que é o veículo.

Kyle perguntou:

— Você tem alguém que possa ir verificar os números das placas?

— Sim, vou fazer isso. Ligo para você em seguida.

Glenn chamou pelo rádio os seus guardas no estacionamento, os quais estavam se preparando para entrar no cânion. Eles confirmaram que a caminhonete ainda estava lá e verificaram os números das placas. Glenn telefonou para Kyle e relatou a identificação positiva.

— A caminhonete está aqui.

— Muito obrigado pela sua ajuda. Vamos mandar alguém para aí.

O capitão despachou o sargento Mitch Vetere para dirigir até a entrada da trilha e depois tentou entrar em contato pelo rádio com o xerife Kurt Taylor, do condado de Wayne. O xerife Taylor estava de folga até a tarde, mas o seu subchefe, Doug Bliss, retornou a ligação dentro daquela hora.

Uma vez que a entrada da trilha para o cânion Horseshoe situa-se exatamente na divisa com o condado de Wayne, as buscas iam além da circunscrição de Kyle e seus policiais. Embora o meu veículo estivesse estacionado no condado de Wayne, se eu tivesse seguido para o norte pelo cânion, estaria no condado de Emery; se tivesse ido para o sul, estaria no condado de Wayne. Com a permissão de Doug, Kyle continuava como o comandante e iniciou o processo para assumir o comando de resposta a um incidente do Serviço de Parques. Já ligara para o plantonista do DSP em Price, Utah, solicitando o apoio de um helicóptero.

A informação da descoberta da minha caminhonete no cânion Horseshoe chegou a Elliott às 9h37. Ele passou a hora seguinte no seu telefone celular para espalhar a notícia do resultado alcançado. Esse foi o ponto principal de novas esperanças para os meus amigos em todo o país. Em Aspen, Rachel enviou e-mails para os meus amigos no Roaring Fork Valley em letras garrafais, numa fonte de 48 pontos. No Novo México, Steve Patchett conversou com Jason Halladay por telefone às 10h31. Dentro de uma hora, eles tinham coordenado dois grupos de amigos meus,

colegas de busca e salvamento e parceiros de escaladas em Albuquerque e Los Alamos, que estavam fazendo planos imediatos para deslocar-se até o cânion Horseshoe. Steve ligou para Kyle Ekker para informá-lo de que uma equipe do Albuquerque Mountain Rescue Council estava se mobilizando. O capitão Ekker assegurou a Steve que eles seriam bem-vindos a participar das buscas.

Na nossa casa, em Denver, Ann Fort e a minha mãe punham em prática um plano diferente. Estavam criando um pôster de pessoa desaparecida para enviar via fax para uma lista de igrejas metodistas unidas na região de Grand Junction, pedindo-lhes para enviar o pôster para os postos de gasolina de toda a cidade e descobrir se alguém me vira a caminho de Utah. A minha mãe pesquisara no artigo publicado no Aspen Times de março e recortara o autorretrato que eu batera no pico Capitol. Ela imprimiu a imagem em uma folha de papel e, embaixo da foto 10 x 15, escreveu a minha descrição física e as melhores informações que tinha sobre o meu paradeiro:

Aron Ralston, 27/10/75, 27 anos, 1,88 m, aprox. 80 kg, cabelo castanho revolto. Visto pela última vez na quinta-feira, 24/4, aprox. às 18h, próximo a Carbondale, COL. Usou cartão de crédito no posto de gasolina em Glenwood Springs no começo da noite de 24/4. Muito atlético — possivelmente indo acampar em Utah, andar de bicicleta ou esquiar.

Acrescentando a descrição da minha caminhonete e o número correto da licença nas placas, a minha mãe concluiu o pôster com o número do telefone da polícia de Aspen. Ela e Ann estavam na copiadora quando a campainha da porta soou.

— Quem poderá ser? — indagou a minha mãe em voz alta.

Sem atravessar o quarto para olhar pela janela, ela desceu direto a escada e atendeu à porta. Era Sue Doss, outra amiga da igreja. Sue e o marido, Keith, tinham sido codiretores dos programas para jovens do colégio na igreja Hope quando eu estava em Cherry Creek. Eu tinha passado dezenas de fins de semana com eles e viajado para o Wyoming em duas excursões com o grupo de jovens como voluntário em acampamentos da igreja; eu dera à filha deles, Jamie, as suas primeiras aulas de piano.

Depois de me formar e ir para a faculdade, a família Doss permanecera próxima dos meus pais.

Sue viera diretamente da igreja, onde fora informada do pedido de apoio da minha mãe durante a crise. A minha mãe contou rapidamente a Sue a limitada quantidade de informações que tinha sobre a minha situação. Houve mais lágrimas, abraços e soluços, mas logo Sue, Ann e a minha mãe estavam prontas para voltar ao trabalho.

As três começaram a distribuição a longa distância do pôster recém-criado. A minha mãe pediu ao administrador do escritório da igreja Hope para passar por fax uma lista das igrejas metodistas unidas de Grand Junction. Segurando dois telefones para conseguir os números dos faxes, a minha mãe também mantinha a máquina de fax aquecida. Às 9h45, elas estavam prestes a chegar ao máximo da sua capacidade quando o celular da minha mãe soou.

A voz na outra extremidade da linha pertencia ao guarda florestal-chefe em comando, Steve Swanke, do Parque Nacional de Canyonlands. Era a primeira vez que a minha mãe falava com o guarda Steve, quando ele se apresentou — ele acabara de se envolver na investigação na última hora — mas ela ficou em êxtase ao ouvir a sua notícia surpreendentemente boa.

Ofegante, a minha mãe transmitiu a notícia numa escalada de expressões de excitação que beiravam os gritos:

— Encontraram a caminhonete dele! Graças a Deus! Encontraram a caminhonete dele!

Depois que Steve passou as últimas informações disponíveis à minha mãe, ela e as amigas se abraçaram, depois se sentaram na varanda dos fundos, sabendo que agora não havia mais nada que pudessem fazer a não ser rezar para que o pessoal do salvamento me encontrasse e que eu estivesse vivo e bem.

Num esforço coordenado entre o Serviço de Parques Nacionais e o xerife do condado de Emery para comandar a resposta ao incidente, o guarda florestal Steve Swanke e o capitão Kyle Ekker solicitaram helicópteros, cães de busca, uma equipe de alpinistas, pessoal de solo e equipes de buscas montadas para o esforço no cânion Horseshoe. Na sede do Comando Unificado em Moab, Swanke designou dois investigadores para pesquisar um perfil individual a meu respeito. Uma das primeiras providências deles foi entrar na internet e digitar o meu nome num

mecanismo de busca. Imediatamente, encontraram o meu website, com os links para os meus projetos de montanhismo, relatos de expedições de canionismo e álbuns de fotos de painéis de arte sobre a rocha no Novo México. Eles deduziram que eu era um aventureiro experiente, mas não necessariamente familiarizado com a região ao redor do cânion Horseshoe, determinando um dos nove fatores que entram na avaliação do perfil individual.

As diretrizes da National Association of Search and Rescue (NASAR) ajuda os comandantes de incidentes a avaliar a urgência relativa em relação à ausência de um indivíduo, com base no número de indivíduos e na sua idade, condição médica, equipamento e experiência, juntamente com fatores como clima, terreno e histórico de resgates na região. Atribuindo valores de 1, 2 ou 3 a cada fator, os líderes de busca podem mensurar adequadamente a sua resposta. Um 1 indica uma urgência superior a 3. Um indivíduo muito idoso (1) e inexperiente (1) com um histórico de doença cardíaca (2) que esteja perdido sozinho (1) numa tempestade (1) que tenha um histórico de incidentes (1) com baixa probabilidade de uma suposta busca (1) receberia uma pontuação total de perfil de 10. Qualquer pontuação de 9 a 12 determina uma resposta de emergência de primeiro grau.

Com base nas informações disponíveis a meu respeito, as planilhas de trabalho de urgência relativa, nas diretrizes de comando de incidentes, sugeriam uma resposta avaliada como de segundo grau, que difere de uma resposta de emergência só na velocidade e número de pessoas e equipamento inicialmente comprometidos em campo. Entretanto, em razão da minha grande experiência em escaladas em solitário de fourteeners no inverno e a duração de aproximadamente uma semana da minha ausência, o guarda Swanke aumentou a urgência para uma resposta de emergência.

Por solicitação de Swanke, a New Air Helicopters, um serviço de fretamento em Durango, Colorado, enviou um helicóptero para o cânion Horseshoe pouco antes do meio-dia de quinta-feira. Subsequentemente, o SNP requisitou uma outra aeronave de uma tripulação de combate a incêndios do Serviço Florestal no sul de Utah, convocando-a efetivamente para o auxílio na missão de busca. Nos objetivos da missão, Swanke declarou que a sua meta de segunda prioridade, além de assegurar a segurança individual do pessoal de busca e salvamento, era “Localizar,

acessar, estabilizar e transportar Ralston às 20h00 de 01/05/03”. Era uma declaração conforme os regulamentos para a qual os líderes de busca e salvamento usam às vezes a sigla LAST — de localizar, acessar, estabilizar e transportar — com uma necessariamente ambiciosa meta para me resgatar do meio do sertão nas primeiras dez horas.

O capitão Ekker conferenciou com o oficial comandante do condado de Wayne, o subchefe Doug Bliss, que concordou em convocar o seu grupo de busca e salvamento do condado, incluindo uma equipe montada para aumentar a capacidade de busca. Muito embora tenha sido seu pedido para designar a equipe de busca montada, o capitão Ekker brincou:

— Bem, com o helicóptero no ar, no momento em que você conseguir que aqueles cavalos cheguem lá, já o teremos encontrado. Mas mande-os e esteja pronto para passar a noite.

Às 11h25 da manhã, o subchefe Bliss enviou para o grupo de busca e salvamento uma mensagem para se encontrarem em Hanksville:

— Encontrem-se no Carl Hunt’s para a busca na região do cânion Horseshoe. Tragam cavalos, estejam preparados para passar a noite fora.

Terry Mercer, um piloto do Departamento de Segurança Pública, tinha acabado de ter um voo cancelado e estava com o seu helicóptero do DSP abastecido e pousado no heliporto do Salt Lake City International Airport, quando recebeu a convocação às 10h45.

Em 25 minutos, Terry havia decolado e comunicava-se com o capitão Ekker, que pediu-lhe para pegar um dos seus policiais no aeroporto de Huntington, na região noroeste do condado, a cerca de 113 milhas aéreas do cânion Horseshoe. Às 12h50, Terry tinha pousado e trazido a bordo na aeronave o detetive barbudo Greg Funk, liberado recentemente de uma missão infiltrada com disfarce na divisão de narcóticos do xerife do condado de Emery. Eles partiram para o cânion, a apenas 35 minutos dali pelo ar.

Mesmo com as duas horas de voo de Salt Lake, o helicóptero da DSP de Terry foi o primeiro a chegar ao cânion Horseshoe, pousando no estacionamento de terra. O sargento Mitch Vetere mostrou a Terry a caminhonete marrom e eles examinaram parte do meu equipamento de caminhada e de acampamento na caçamba da caminhonete. Depois de uma rápida conversa com os guardas do BLM e do SNP reunidos na entrada da trilha, Terry e os dois policiais decidiram que o melhor lugar para procurar

por um hiker experiente seria uma busca na extremidade norte do cânion, na direção da sua intersecção com o rio Green. Quando o helicóptero seguinte chegasse, ele voaria sobre a metade superior do cânion, ao sul da entrada da trilha.

Com o seu plano de voo identificado, Mitch reuniu-se ao seu colega Greg no assento traseiro do helicóptero como um segundo par de olhos a bordo, muito embora fosse particularmente avesso a voar. Os regulamentos federais proíbem os funcionários do BLM e do Serviço de Parques de embarcar em qualquer aeronave que não tenha registro para voar em outro condado. Uma vez que os funcionários do DSP de Utah têm um interesse primário em auxiliar os condados, eles não deixam os seus pilotos terem o registro para sair do condado, evitando assim qualquer obrigação de ajudar nas solicitações federais. Embora essa política normalmente funcione a favor do DSP, conservando os recursos limitados do departamento para as necessidades locais e estaduais, ela eliminava a dezena de guardas florestais do BLM e do SNP reunidos na entrada da trilha do efetivo disponível para as buscas aéreas. Assim, por mais que Mitch não gostasse de voar em geral, e apesar da ansiedade especial que ele reservava para os helicópteros, ele era a única pessoa na entrada da trilha que podia embarcar.

À 13h56, Terry decolou com o helicóptero do DSP em meio a uma nuvem rodopiante de poeira vermelha e voou pelo cânion Horseshoe numa rota a nordeste na direção da confluência do riacho Barrier e o rio Green. Por 32 milhas, ele pilotou o helicóptero seguidamente abaixo da borda rochosa, seguindo os meandros do leito ressecado do riacho Barrier no fundo do cânion. Greg e Mitch observavam à procura de pegadas no piso arenoso do cânion e mantinham um olho ansioso na enervante distância escassa entre as lâminas do rotor do helicóptero e as paredes de arenito. Com o cheiro do combustível lembrando-o de que estava viajando em um tanque de gasolina aéreo, Mitch imaginava repetidamente: “Meu Deus, o que estou fazendo aqui?”

Terry passou cerca de uma hora voando pelo cânion, até que eles chegaram ao rio Green. Greg e Mitch não tinham visto nenhum sinal de pegadas, embora imaginassem que só veriam alguém que estivesse em campo aberto ou no alto, caminhando por ali. Havia muitas pedras, árvores e sombras diminuindo a probabilidade de se detectar se estivesse ferido e

incapaz de fazer sinal para o helicóptero ou ligeiramente oculto de uma visão do alto.

Às 14h50, Terry fez uma curva com o helicóptero e começou a voltar rapidamente pelo cânion Horseshoe na direção do começo da trilha. Tinha cerca de meia hora de combustível restante e precisaria pousar e decolar, deixando os policiais no começo da trilha, antes de fazer o percurso de vinte minutos sobre Canyonlands para reabastecer em Moab. Estaria quase no limite de levar o helicóptero dentro do tempo necessário.

Até o momento, Terry fizera tudo o que podia fazer. Quando pilotou o helicóptero para fora do cânion, Mitch respirou mais aliviado pela primeira vez em uma hora, não vendo a hora de pôr os pés em terra firme de novo.

CAPÍTULO QUINZE

ENCONTRO COM O DESTINO

Foi como ter uma relação sexual com um defunto.

— Barry Blanchard, na sua tentativa de escalar
em equipe os 4.572 metros de altitude
da face Rupal do Nanga Parbat, no Paquistão

São 11h34 de quinta-feira, 1º de maio de 2003. Coloco a minha faca em cima da rocha encravada e acomodo o meu coto no saco plástico do supermercado que vinha tapando o espaço entre o meu braço direito e a parede. Enrolando o saco branco com a fita amarela que trago ao redor do pescoço, acomodo o meu braço dentro da mochila vazia da CamelBak, atirando as tiras esticadas por cima da cabeça para manter o meu braço amputado junto ao peito em uma tipoia improvisada. Não passa pela minha mente parar e tirar a bermuda de ciclismo como um acolchoado absorvente a mais; a essa altura, só preciso sair dali. Solto dois mosquetões do meu equipamento de polias e prendo-os em um laço sobre a minha cadeirinha, então arremesso uns poucos artigos soltos para dentro a mochila — o reservatório de água vazio, a garrafa de urina quase cheia, a câmera de vídeo, o meu canivete — enquanto pego a câmera fotográfica digital. Um certo instinto interior palpita em mim e ligo a câmera. Em cinco segundos, bato duas fotografias da minha mão decepada. É um adeus indiferente. Desligando a câmera, recoloco a proteção da lente, guardo-a na mochila e cuidadosamente puxo o cabo para fechá-la. Depois de um breve exame das vizinhanças da rocha encravada para me assegurar de que não estou deixando nada decisivo para trás, apanho relaxadamente as duas dúzias de voltas da minha corda de escalar na mão esquerda e começo a me deslocar como posso pelo cânion.

Depois de me arrastar de parede a parede continuamente durante os primeiros 15 metros, preciso parar para restaurar a calma. O meu coração bate desesperadamente, três vezes acima do seu estado de repouso normal, mas com uma única fração da sua pressão regular. Estou em perigo de desmaiar.

“Acalme-se, Aron. Não pode perder a consciência agora.”

Não me fará nenhum bem me apressar e esforçar-me em excesso. Primeiro, preciso encontrar água. Inspiro e expiro profundamente três vezes, recomponho-me e sigo em frente, arrastando as cordas penduradas atrás de mim numa bagunça. Levo vinte minutos para percorrer os próximos 150 metros. A luz que se via aqui, duas horas antes, quando a adaga de sol fez a sua aparição, se foi, mas os meus olhos estão acostumados à semiescuridão, e não me incomodo em acender a lanterna de cabeça. A fenda do cânion serpenteante tem menos do que a largura de um ombro na maior parte do percurso; olho para os lados com atenção através da passagem para não bater o braço direito. Em pelo menos dez lugares diferentes, preciso executar com apenas uma das mãos uma série intrincada de manobras de deslocamento semitécnicas, primeiro lançando a corda através de cada curva estreita do cânion e depois abrindo caminho com a mão depois dela. Escorrego o meu traseiro para dentro de uma abertura em formato de vaso sanitário onde a água escavara uma cova no fundo de um par de curvas em “S”. Felizmente, essa é uma reentrância rasa, com uma plataforma fácil para saltar na saída. Preocupo-me, pois uma cova de paredes lisas com até mesmo pouco mais de 1 metro de profundidade pode ser um obstáculo intransponível para mim no momento. O meu humor está frenético; estou tentando avançar o mais depressa possível, mas, ao mesmo tempo, a adrenalina e as endorfinas dardejам na minha mente. Essa centena de metros de fendas alonga-se duas vezes o seu comprimento real e umas quatro ou cinco vezes espero sair dos vãos estreitos até finalmente dar com o sol em um baixio rochoso a meio caminho de um anfiteatro de paredes perpendiculares a uns 45 metros de profundidade. Caminho até o meio do baixio e olho ao redor. O local é espetacular, como em O Templo da Perdição, quando Indiana Jones foge num trole para fora da mina subterrânea e se depara no meio do caminho com um penhasco com uma face intransponível. Felizmente, estou preparado para isso: tenho a minha cadeirinha, o equipamento de rapel e suficiente comprimento de cordas robustas. À minha esquerda estão duas chapeletas de ancoragem enterradas na rocha com um laço recém-amarrado de fita passada através dos olhais das chapeletas, e um cordelete de rapel solto que cai até um ponto a cerca de 1 metro de cima da borda da plataforma rochosa. Este é o rapel Big Drop.

Ficar ao sol pela primeira vez em seis dias deixa-me ligeiramente atordoado. Oscilo para a borda dianteira da plataforma do tamanho de uma

cama de casal média para observar de cima o Big Drop. Lá, no fundo arenoso do anfiteatro diretamente abaixo do Drop, encontra-se uma quantidade de água suficiente para encher uma banheira em uma piscina rasa e túrgida. A minha cabeça está assando ao sol e, à primeira visão da água, eu desfaleço e quase mergulho de cabeça no precipício, mas recupero o equilíbrio antes de cair pela borda.

“Uau, Aron, tenha calma. Nada de erros idiotas.”

Prendo-me apressadamente à âncora com a minha daisy chain e preparo-me para desembaraçar os 52 metros remanescentes da minha corda de 60 metros. Usando a mão esquerda e a boca para mover a corda arenosa, passo vinte minutos desenlaçando tediosamente uma extremidade de cada vez, até chegar aos nós que formei involuntariamente ao longo das últimas cinco noites ao enrolar as voltas de corda ao redor das pernas e depois puxando toda a bagunça de volta pelo vão. Fora da minha vista à esquerda, pouco a pouco, uma extremidade da corda escorrega inadvertidamente pela borda da saliência de rapel até que a sua massa adquire tensão suficiente para puxar o resto da corda precariamente próxima da borda do patamar. Ouço o zip-zip inconfundível da corda correndo e volto para observá-la esgueirando-se para fora da vista pela borda. Instintivamente, lanço o pé esquerdo na esteira da corda, prendendo-a bem contra a plataforma de arenito com o tênis de corrida. Se deixar a corda cair, será fim de jogo. Essa linha de segurança de 10,5 milímetros de diâmetro é uma condição sine qua non para a minha saída do cânion Blue John. Sem ela, eu seria obrigado a sair subindo o cânion, onde sei que não existe água, numa jornada de quatro horas nesse estado deficiente por um terreno hostil, até poder teoricamente acenar pedindo ajuda na estrada de terra para Maze. Quer dizer, se viver por tanto tempo, o que não deve acontecer. Se deixar a corda cair, posso também me atirar pela borda e acompanhar a sua queda livre em arco em um mergulho em voo-de-pássaro terminal para a poça de água da profundidade das minhas canelas, 20 metros abaixo.

“Não deixe a corda cair, Aron. Nada de erros idiotas.”

Amarro um nó de oito em um cordelete próximo ao meio da borda e prendo o nó na âncora. Esse segundo quase-erro fatal em menos de cinco minutos me deixou agudamente concentrado em aprontar o rapel para chegar àquela piscina de água. Cada minuto que passei desemaranhando a corda me ressecou ainda mais. Agora que enfim me expus totalmente ao

calor do sol, sinto a desidratação se acelerar três vezes mais; a cada volta da corda saibrosa entre os lábios, a língua e o palato transformaram-se cada vez mais em folhas crestadas de lixa. Um nó extraído de 15 metros acima da corda requer três dúzias de mordidas. Finalmente, encontro um método melhor — manter o nó na boca e inverter a corda através da volta. Ainda preciso segurar a corda nos lábios e controlar o instinto da minha língua de lamber a cada intervalo de segundo. As minhas respirações arrancam a última umidade do corpo e, embora esteja a apenas cinco minutos da poça de água, preciso beber alguma coisa imediatamente.

Cuspindo a corda para fora da boca, prendo-a entre os joelhos e tiro a mochila do ombro esquerdo, depois cuidadosamente ergo a correia direita pela extremidade do meu coto almofadado. No fundo do compartimento principal está a minha garrafa Nalgene escura, com três quartos de sua capacidade cheios de urina. Enquanto anteriormente eu só bebia ou tomava um punhado de cada vez da urina decantada cor de laranja, agora engulo 100, 150, 200 ml em dez segundos e sinto uma violenta ânsia de vômito em face do gosto desagradável do líquido repugnante. Mas a sensação de que estou ressecando nesta laje diminui e posso continuar preparando a corda.

Depois de quinze minutos de separação da corda em duas pilhas sem nós, ela está pronta para ser lançada sobre a borda. Verifico o nó, preso no mosquetão seguro na fita roxa da âncora e, uma de cada vez, lanço cada pilha de corda sobre o penhasco. Normalmente, eu removeria o nó e deixaria a corda pendurada na âncora. Isso me permitiria puxá-la para baixo depois de chegar ao fundo; hoje, porém, pretendo abandoná-la. Não vou precisar dela depois disso e no momento não estou mais preocupado em deixar restos para trás.

A técnica padrão seria preparar um conjunto de reserva do mosquetão da âncora com mais um mosquetão, os gatilhos opostos e contrários, mas não estou preocupado com que ele se abra ou falhe acidentalmente. Não há nada em que o mosquetão possa engatar e a sua capacidade é grande o bastante para eu poder pendurar duas caminhonetes nele. A fita é nova, não tem mais de um mês, e estou satisfeito com a sua força também; ela não foi mastigada, desgastada ou degradada significativamente pelo sol. Se não confiasse na fita, prenderia a minha corda em um mosquetão diretamente em uma das chapeletas, mas decido que a montagem como está é mais do que suficiente para sustentar o meu peso na descida.

Em seguida, pego o meu aparelho ATC (Air Traffic Controller) de freio de rapel e curvo cada extensão de corda através de uma das ranhuras gêmeas na boca do aparelho. Depois de passá-las, prendo o mosquetão principal através dos laços de corda. Depois de firmar a trava do mosquetão, finalmente estou no rapel. Desengato a daisy chain da fita da âncora e solto a corda de trás até o meu peso ficar sobre o sistema da corda e da âncora. Verificando a cadeirinha, vejo que não dobrei o cinto da cintura pelo anel em “D” que a mantém no lugar. Teoricamente, o cinto poderia correr pelo anel e então o meu peso seria suspenso inteiramente pelas voltas das pernas. Se tivesse duas mãos e não estivesse no processo de sangrar até morrer, eu dobraria o cinto, mas no momento, com a água esperando lá embaixo, é um risco que estou disposto a correr.

Olhando para os meus pés, solto a corda de trás em movimentos bruscos, alimentando 15 centímetros de cordas através do ATC a cada passo hesitante. Na borda, posso observar lá embaixo entre as pernas toda a atordoante queda de seis andares e observar que a borda de que estou saindo pendura-se sobre o resto do penhasco. Estou ligeiramente nervoso em fazer este rapel com apenas a mão esquerda. Se deixar escorregar a corda ou por algum motivo a soltar, não tenho outro apoio; vou acelerar a soltura da corda, só ligeiramente mais lenta do que em queda livre, e fazer um pouso forçado próximo à piscina, provavelmente quebrando as pernas ou coisa pior. É muito importante passar pelas saliências lentamente.

“Solte um pouco atrás. Um pouco mais. Um pouco mais. É isso aí, Aron. Pise naquele bloco. Não, o pé esquerdo primeiro. Bom. Firme. Agora o pé direito. Excelente. Incline-se para trás na corda. Confie nela. Empurre o traseiro para fora. Endireite as pernas. Agora dê um pouco mais de corda. Devagar. Devaaaagar. Bom. Agora segure firme.”

O fator de contração é alto na parte superior do rapel. Com o peso da corda representando uma fricção adicional no meu aparelho de rapel, preciso esforçar-me para puxar os cabos para alimentá-los através do aparelho pouco a pouco — um esforço significativo que consome o resto das minhas forças — mas não desço muito pela corda e perco o equilíbrio. É como tentar dirigir um carro em um tráfego a 10 quilômetros por hora sem acionar o acelerador e controlar a velocidade do veículo pela liberação do freio de mão. Eu tenho de soltar o freio para continuar, mas é perigosamente fácil soltar demais e perder o controle. Fazer isso com uma das mãos significa que não tenho como estender a mão para me estabilizar

quando começo a oscilar em uma direção ou outra enquanto movo os meus pés pela borda irregular da plataforma. Estou preocupado em deixar escapar corda demais, cair pela borda e bater a cabeça na saliência da plataforma; e, então, soltar a corda. O ar escaldante seca os meus poros e sou torturado por três minutos enquanto faço uma série prolongada de ajustes e manobras infinitesimais para manter o meu corpo embaixo da plataforma. Finalmente, solto um pouco mais de corda através do ATC, os pés descendo soltos pela borda inferior da plataforma e estou pendurado livre da parede na minha corda, a cerca de 18 metros do chão. Um momento de deleite vertiginoso substitui a minha ansiedade enquanto giro sobre mim mesmo para ficar de frente para o anfiteatro, flutuando à vontade no ar. Deslizando a corda para baixo, indo mais rápido à medida que me aproximo do solo, observo o eco das minhas cordas cantando enquanto elas deslizam pelo ATC.

Tocando o chão, puxo o chicote de 6 metros de comprimento das minhas cordas através do aparelho de rapel e imediatamente arremeto para a poça aureolada de lama. Saio do sol para a sombra fria, soltando bruscamente a mochila do lado esquerdo e depois mais delicadamente por cima do braço direito, e de novo retiro a Nalgene. Quando abro a tampa desta vez, arremesso o conteúdo na areia pelo lado esquerdo e encho-a na poça, afastando folhas e insetos mortos ao longo da água aromática. Estou tão ressecado que saboreio a umidade elevada ao redor da piscina e isso aguça a minha sede. Chocalho o líquido para enxaguar a garrafa e depois esvazio de novo o conteúdo para o lado.

Passando a garrafa pela piscina duas vezes, encho-a de novo com a água marrom. No tempo que demora para levar o bocal da Nalgene aos meus lábios, discuto se devo beber devagar ou engolir de uma vez, e decido provar e depois engolir de uma vez. As primeiras gotas encontram a minha língua e, em algum lugar no céu, um coro principia a cantar. A água está fria e, melhor de tudo, é adocicada, como um vinho do porto de alta qualidade depois do jantar. Bebo o litro inteiro em quatro goles encadeados, afogando-me no prazer, e depois estendo a mão para tornar a encher a garrafa. (Tem tanto para beber.) O segundo litro segue do mesmo modo e torno a encher a garrafa uma vez mais. Imagino se a água teria esse gosto maravilhosamente adocicado para uma pessoa normalmente hidratada. Se a água realmente é assim tão deliciosa, o que a deixa dessa

maneira? Será que as folhas mortas fermentam o líquido em algum tipo de chá do deserto?

Sento-me na borda da poça e, por um momento, estou feliz comigo mesmo, como se a minha sede fosse tudo o que realmente importasse, e agora que cuidei dela, estou totalmente à vontade. Tudo desaparece. Até mesmo deixo de notar a dor do meu braço. Eu fantasio que estou num piquenique, sentado à sombra depois de um lanche prolongado, sem nada a fazer a não ser observar as nuvens passarem.

Mas sei que o alívio terá vida curta. Relaxado como estou, tenho 13 quilômetros de caminhada pela frente para chegar até a minha caminhonete e preciso me preparar para isso. Observo vários conjuntos de pegadas de cascos de cavalo na areia à minha direita. Alguém, ou um grupo de pessoas, andou cavalgando por essa parte do cânion desde a última tempestade. O meu coração salta ao pensar que poderia cruzar com um grupo de caubóis em algum ponto da minha caminhada, mas não me deixo enganar a ponto de alegrar ou manter muitas esperanças. As pegadas ressecadas em forma de maçã, pontuando o caminho pelo leito seco por uns 50 metros cânion abaixo, dizem-me que faz mais de um dia que aqueles cavalos passaram por aqui. E os turistas a cavalo não costumam passar a noite fora.

Bebo o terceiro litro de maneira mais conservadora, acomodando a garrafa de plástico duro na areia por um minuto ou dois para inspecionar a minha mochila e verificar se posso deixar alguma coisa para trás. Separo o meu Discman quebrado e os dois CDs riscados, e decido que tudo o mais irá comigo. Com a câmera digital, bato uma fotografia das minhas duas cordas pendentes do Big Drop e depois seguro a câmera na mão esquerda para um autorretrato com a poça de água ao fundo. São 12h16. Estou feliz por ter chegado tão longe, mas a foto registra uma barba toda suja de oito dias, manchada de sangue da operação e uma careta assombrada. Depois de guardar a máquina fotográfica e a câmera de vídeo na bolsa externa de tela da mochila, tento encaixar a válvula de morder de volta ao encanamento no fundo do reservatório da CamelBak e encho o recipiente com 2 litros de água adocicada.

Ainda bebendo o meu terceiro litro, pego as cópias dobradas do guia e calculo a distância para o primeiro marco de referência na minha jornada, a confluência do Blue John com o cânion Horseshoe. O mapa é traçado em quilômetros, indicando uns 3.200 metros de onde me acho sentado até a

confluência. Depois disso, um breve percurso de 800 metros me levará à fronteira de Canyonlands, e de novo mais 3.200 metros depois disso, passarei pela Great Gallery, cuja legenda sob a foto no lado esquerdo da minha cópia indica como “provavelmente o melhor [painel pictográfico] do mundo”. Mais uns 1.200 metros, ou 1.600 metros, e chegarei à primeira mina de água na bacia do riacho Barrier. Isso significa que demorarei pelo menos duas horas até o próximo lugar em que possa encontrar água. Não sei com certeza se terá alguma água lá — vai depender do nível do lençol freático e das chuvas que caíram na semana anterior à minha chegada a Utah — mas vou precisar de água por lá, exista ou não.

O melhor que posso fazer para me preparar para a marcha a seguir é encher a minha CamelBak e a Nalgene e fechá-las muito bem. Estou tão preparado como nunca. Levanto-me e sinto a água agitando-se no meu estômago. Gostaria de poder descansar e deixar a água entrar no meu organismo, mas estou sangrando lentamente e tenho três horas, quem sabe quatro, pela frente. Fiz a minha escolha 1 hora e 45 minutos atrás quando cortei o meu braço. Agora, resolvo seguir essa escolha até o fim — chegar à minha caminhonete e depois ir até uma clínica ou, na falta dessa, um telefone.

Avançando pelo fundo amplo, ensolarado e arenoso do cânion, inicio a minha caminhada de 13 quilômetros. O calor exaure instantaneamente o pouco de reidratação que consegui naquela poça de água e, depois de 200 metros, preciso tomar um gole de água. Depois de passar pelo complicado processo de procurar a Nalgene na mochila e tirá-la para fora, pego o meu último mosquetão sem trava do laço da cadeirinha e prendo o gatilho no laço do gargalo da garrafa, depois engato o elo de metal numa alça solta à esquerda do cinto acolchoado da mochila na cintura.

Seguindo em frente, passo por diversos algodoeiros e um bosque de tamargueiras que testemunham a presença de correntes substanciais de água através dessa parte do cânion. Em outra centena de metros, os arbustos ficam para trás. Canso-me de andar com a cadeirinha, com o aparelho de freio e a daisy chain pendurados à frente das minhas coxas, então abro o cinto atrás pelo anel de segurança e solto as pernas dos seus laços, uma de cada vez, até que a cadeirinha e os ligamentos presos a ela caiam atrás de mim para despencar sobre a areia como uma pilha de cobras mortas. “Alguém vai ter a sorte de encontrar isto”, penso, “uma espécie de recompensa surpresa no cânion.” Através dos primeiros

meandros do cânion, atravesso o piso de 50 metros de largura para aproveitar a sombra nas bordas do leito seco, mas, ainda assim, o esforço de caminhar, mesmo em passo moderado, deixa-me ressecado logo depois de um minuto após beber água. Depois de completar 1,5 quilômetro, estou tão completamente sedento quanto estava no alto do rapel e já bebi um litro inteiro, um terço do meu suprimento de água.

Transcorridos menos de dez minutos depois que deixei a poça de água, os meus intestinos acordam pela primeira vez desde sábado de manhã. Sei o que está para acontecer e sei que será rápido. Corro para uma reentrância ao longo da borda do leito seco, onde a ação ocasional da inundação cavou um banco na curva externa da corrente, e apresso-me a abrir o sinto da bermuda. Desço as três camadas de bermudas, o short de ciclismo e a roupa de baixo exatamente a tempo quando profano a rocha macia. A água que bebi espalhou-se pelo meu estômago e inundou os meus intestinos.

“Ah, cara! Nossa! Isso é horrendo, amigo!”

Como se já não tivesse aborrecimentos, agora preciso tentar me limpar. Não faz sentido tentar me enxugar; não tenho nada a não ser as minhas roupas, e acho que vou precisar delas. Puxo para cima a roupa de baixo, mas tiro a bermuda de ciclismo e guardo-a no alto da mochila. Torno a vestir a bermuda marrom manchada de sangue e sinto-me uns 10 graus mais refrescado sem a bermuda preta acolchoada. Não há tempo a perder; o episódio é passado.

Caminhando de novo, pouco antes de o cânion dobrar à direita em uma curva fechada, pego à esquerda por um lado do cânion, pensando que seja o vão de drenagem principal, mas em questão de quarenta passos, sinto um esforço adicional no meu organismo debilitado e percebo que na verdade estou subindo e dando a volta.

“Nada de erros idiotas, Aron. Preste atenção. Você sabia que esse não era o cânion Horseshoe. Será óbvio quando chegar lá. Siga o indicado no mapa. Você sabe como fazer isso.”

De repente, sinto uma umidade espalhando-se pela base das minhas costas. A CamelBak está vazando. Paro e caio de joelhos, virando a mochila para a frente. Com certeza, a válvula de morder está vazando água do fundo da CamelBak. Ela não é projetada para manter a pressão no fundo do reservatório e, uma vez que cortei a tubulação que normalmente se prenderia ali, estou com um problema. Abro a Nalgene vazia e aperto a válvula de morder na sua boca, despejando metade do conteúdo

remanescente do reservatório na garrafa. “E agora?”, penso. Se deixar a água na CamelBak, ela vai vaziar e ficarei sem nada quando chegar ao Horseshoe. Atarraxo a tampa de volta na Nalgene, prendo-a na alça da mochila e decido que a melhor coisa a fazer agora é beber o resto da água da CamelBak e seguir caminho com o que tenho na Nalgene. Não é o ideal, mas é melhor do que desperdiçar água.

Agora a minha nova realidade está estabelecida. Bebi 5 litros de água em menos de uma hora e avancei apenas 1,5 quilômetros no cânion. Tenho 1 litro de água restante, uns 10 quilômetros pela frente, vai ficar cada vez mais quente e só vou ficar cada vez mais fraco. Preciso descobrir um modo melhor de fazer isso, ou morrerei antes de percorrer a metade do caminho até a Great Gallery. Uma lembrança me vem à mente, uma história que li em uma revista sobre corridas alguns anos atrás, sobre a lendária tribo índia mexicana de Tarahumara. Lembro-me de ter ficado impressionado não apenas pelo fato de os homens da tribo conseguirem correr 90 quilômetros por dia, geralmente descalços, e pelo calor do deserto, mas também porque eles praticavam essas ultramaratonas sem nenhum apoio — nem mesmo carregavam alimento ou água. O truque deles era beber um punhado de água na partida, sem engolir, levando-a na boca, e com isso a água ia umidificando o ar que passava para os seus pulmões. Desde que mantivessem o ritmo abaixo do limite do suor, só perderiam a umidificação que exalavam. Concluí que valia a pena tentar imitá-los e coloquei uns 60 ml na boca, que mantive ali enquanto caminhava para mais perto, metro a metro, da minha caminhonete oculta em algum lugar acima, nos planaltos ao norte.

Imediatamente sinto que o truque funciona. Embora ainda esteja com sede, respiro bem e não sinto um décimo da secura que senti quando bebia a água direto. Isso pode ajudar a conservar o resto do meu suprimento de água.

Pouco depois do terceiro quilômetro da minha marcha, às 13h09, chego à confluência dos cânions Blue John e Horseshoe e pego à esquerda na direção da Great Gallery sem perder o passo. Entretanto, em mais cinco minutos, a areia no tênis do pé esquerdo se acumula a um ponto que decido parar e descalçá-lo. Está lixando a pele da sola do pé até deixá-la em carne viva e não consigo suportar mais. O meu pé esquerdo está muito pior do que o direito porque deixei os restos da meia esquerda na rocha

encravada, encobrindo a pedra que usei como martelo. Tirar o tênis e esvaziá-lo são as partes fáceis. Ainda não consigo amarrar o cadarço, então puxo-o bem apertado e prendo as extremidades nas laterais junto ao pé descalço. É passável. Daqui por diante, ficarei mais atento aos meus passos para evitar a areia, tanto para facilitar a viagem quanto para evitar encher o tênis novamente.

No quilômetro 4, me deparo com uma cerca de arame farpado pendurada dos dois lados do leito seco. Aqui deve ser a fronteira do parque nacional, imagino, enquanto passo agachado por uma parte aberta no meio da cerca onde as tábuas estão frouxas embaixo. Logo depois de atravessar a cerca para a parte do cânion Horseshoe no distrito de Canyonlands, os meus intestinos começam a se manifestar, e o meu esfíncter se aperta. Corro para um ponto conveniente na sombra de outra plataforma onde posso me reclinar e purgar os meus intestinos. A diarreia não usurpa perda de sangue como uma ameaça básica à minha vida, mas, se continuar, poderia desidratar-me ainda mais. Final da segunda rodada, suspendo a cueca xadrez e a bermuda e sigo em frente. O truque da água continua, para me ajudar a caminhar apressadamente enquanto minimizo o consumo. Engulo a cada cinco ou dez minutos, mas a boa notícia é que ainda tenho mais de 600 ml na Nalgene.

Aos 6,5 quilômetros, passo por uma parede de mais de 90 metros à minha esquerda com dezenas de imagens de ombros largos pintadas numa escala enorme em todas as tonalidades de castanho e castanho-avermelhado. Esses são os pictogramas da Great Gallery, que agora reconheço meramente como um marco de referência na minha marcha. Descendo um pouco o cânion, em meio a um capão de juncos, tifas e partazanas, entro em um terreno macio com água empoçada coberto por camada espessa de gramíneas. Alguns passos adiante pelo brejo, ponho de lado alguns arbustos e encontro uma extensão minguada de água corrente. Aleluia! São 13h55 quando escavo um arroio lamacento de uns 15 centímetros de largura e uns 3 cm de profundidade e tento reabastecer os meus recipientes de água. É uma tarefa frustrante, mas vale todo o esforço; estava com apenas 150 ml de água na garrafa e agora poderia enchê-la novamente. Preciso construir uma pequena represa de lama para poder mergulhar o reservatório da CamelBak em meio à água suja. Sequestro um par de girinos na minha garrafa de água, mas imagino por que me incomodar a tentar tirá-los? Provavelmente já consumi várias

centenas de milhares de nadadores invisíveis até o momento. Qual a diferença de mais dois, só porque posso vê-los?

O sangue do meu coto está pingando rapidamente agora, apesar do torniquete e dos envoltórios, e várias dezenas de manchas vermelhas aparecem na lama arenosa enquanto tento conseguir mais água para a CamelBak. A dor no braço lateja insistentemente ao redor do torniquete, e adquire uma presença imensa na minha mente, enviando a sua mensagem repetida: “Seu braço está gravemente lesionado; você precisa se cuidar”. A dor tenta-me a sentar e recobrar as forças, mas sei que preciso me apressar. Pelo menos tenho mais água agora.

Outras pegadas se reúnem para formar um caminho gradualmente mais distinto através das dunas de areia e túneis de algodoeiros nesta parte do cânion. Marcos de pedra acumulada aparecem ao lado do caminho. Faz sentido que esta parte seja a mais frequentada, uma vez que é o caminho para a Great Gallery. Não consigo discernir a idade de nenhuma das pegadas, só que devem ter sido dezenas desde a última chuva ou inundação. Ainda assim, seguindo a lição aprendida durante o meu aprisionamento, decido não comemorar. Se houver pessoas neste cânion, eu as encontrarei, mas é melhor não alimentar esperanças.

Aos 9,5 quilômetros, dou uma guinada à esquerda, encaminhando-me para uma caverna colossai que deve ter uma centena de metros de largura e pelo menos isso de altura, estendendo-se por uns trinta metros até o seu ponto mais fundo. Próximo à imensa abóbada, o leito seco vira para a direita e uma visão inesperada paralisa o meu sistema motor como se um freio principal bloqueasse a caixa de engrenagens na minha cabeça. Ali, a uns 70 metros à minha frente, andando lado a lado a lado estão três hikers, um menor do que os outros dois. Outras pessoas! Não posso acreditar. Até esse momento, não tinha certeza se veria outra pessoa no cânion. Engulo a água na minha boca e balanço a cabeça, tentando precisar se estão vindo na minha direção ou não. Num brevíssimo momento, imagino se eles estão realmente ali. Parecem estar se afastando.

“Depressa, Aron, chame-os. Eles irão ajudá-lo.”

Preciso fazer sinal para eles antes que se afastem demais. Tento gritar, mas a minha voz fica presa na garganta uma vez, depois outra, e eu meramente gorgolejo os reminiscetes do meu último punhado de água. Finalmente consigo murmurar fracamente:

— Socooooorro! — Depois de respirar fundo, dou outro grito mais forte:
— SOCORRO!

O grupo para e se volta para me encarar. Continuo caminhando e grito de novo:

— SOCORRO! PRECISO DE AJUDA!

Os três começam a correr na minha direção e sinto como se estivesse prestes a chorar. Não estou mais sozinho. Esse pensamento é um grande alívio, e enquanto ainda tenho uma boa reserva de energia, sinto um aumento de confiança: vou conseguir. Sei agora que não vou precisar dirigir sozinho para algum lugar depois que chegar à entrada da trilha. Essas pessoas vão me ajudar.

Eu vou conseguir.

Diminuímos a distância e vejo o que presumo ser uma família: um homem e uma mulher, ambos perto dos 40 anos, e um garoto que imagino ser o seu filho. Estão usando bermuda, camiseta, chapéu e botas de caminhada de cano alto. A mulher tem uma capanga ao redor da cintura com duas garrafas de água nos encaixes laterais. O homem tem uma mochila média, quase do mesmo tamanho da minha, mas ela parece mais leve e provavelmente mais vazia.

Quando nos aproximamos o suficiente para eu poder lhes falar, começo a contar:

— Meu nome é Aron Ralston. Fiquei preso por uma pedra no sábado e estou sem comida e água por cinco dias. Cortei o meu braço esta manhã para me libertar e perdi muito sangue. Preciso de atendimento médico.

Termino a minha apresentação e todos paramos, frente a frente, a uns 30 centímetros de distância uns dos outros. Estou coberto de sangue do meu lado direito, da gola da camisa até a ponta do tênis. Olho para o menino — ele não deve ter mais de 10 anos de idade — e receio que acabei de assustá-lo terrivelmente.

O homem fala, a sua frase curta me atingindo através de uma névoa mental até que alguma coisa se liga na minha mente. Entendendo que ele tem sotaque germânico, eu decifro as seis palavras:

— Eles disseram que você estava aqui.

Demoro bem uns cinco segundos para decifrar o significado inteiro da declaração dele e a próxima coisa que sei é que estou caminhando a toda velocidade cânion abaixo, gritando para essa família começar a andar.

— Precisamos seguir andando. Podemos conversar enquanto caminhamos. Conseguem entender o que eu digo?

O pai inclina a cabeça, concordando, mas protesta.

— Você deveria parar e descansar.

Reitero o meu comando:

— Não, precisamos continuar andando — e então começo a encher-lhes de perguntas: — Quem são “eles”? Quem lhes disse que eu estava aqui? Vocês têm um telefone de algum tipo que funcione aqui?

A família corre para me acompanhar enquanto o pai responde:

— A polícia está no estacionamento. Eles nos disseram para ficar atentos se o encontrássemos. Dissemos a eles que ficaríamos de olho.

— Você tem um telefone? — pergunto de novo. Eles não têm. O pai tem um GPS em um cordão ao redor do pescoço. — Pode me dizer quanto falta até o começo da trilha?

— Faltam, ahh, 3 quilômetros.

Ah, cara, como pode ser isso? Verifico o meu mapa e parece muito mais perto do que isso, talvez 1,5 quilômetro até onde a trilha deixa o fundo do cânion e mais 1,5 quilômetros de caminhada íngreme.

— Tem certeza disso?

Ele me mostra a tela do GPS. Ele tinha traçado a rota e a tela indica que estamos agora a 2,91 quilômetros e 220 metros abaixo do começo da trilha. A elevação será a parte devastadora. Posso sentir o esforço que me causará subir as dunas de areia onde a trilha corta os cantos do canal sinuoso. Começo a ter dúvidas se conseguirei chegar até o início da trilha afinal. Talvez seja por entender que o pessoal do resgate está lá e que poderiam vir me pegar, mas começo a entender que o meu corpo está falhando. Perdi sangue demais. Mesmo os menores obstáculos me custam um grande dispêndio de energia e fazem o meu coração disparar.

Pensando na sequência de acontecimentos que levariam mais rapidamente ao atendimento médico definitivo, pergunto aos andarilhos os seus nomes, para planejar o que vou lhes pedir para fazer.

— Sou Eric, e esta é Monique e este o Andy — replica o pai. — Somos os Meijers, da Holanda.

Isso explica o sotaque assim como o inglês excelente. Ainda não ouvi Monique e Andy falarem, mas posso presumir com certeza que o seu inglês é tão bom quanto o de Eric.

— Muito bem, Eric, vocês parecem em boa forma. Preciso que um de vocês corra à frente e encontre a polícia na entrada da trilha. — Estou quase certo de que as pessoas lá não sejam realmente da polícia, mas foi assim que ele as chamou. — Preciso que mandem uma maca e uma equipe de pessoas para me carregar. Acho que não vou conseguir sair do cânion. Vocês poderiam fazer isso?

— Monique pode correr... ela é rápida.

Ainda caminhando, olho para a esposa dele e ela confirma.

— Você entende de que preciso? — pergunto.

— Sim, uma maca e um...

Eu a interrompo.

— Espere. A polícia tinha rádios e telefones?

Os dois adultos confirmam.

— Muito bem, preciso que lhes peça para mandar um helicóptero. — Por que não pensei nisso antes, não sei... talvez por causa da minha fadiga... mas um helicóptero será muito melhor do que uma equipe com uma maca. Só vou precisar subir para um lugar onde o helicóptero possa pousar, e depois esperar. Acho que consigo isso. Olho para Monique. — Por favor, vá depressa.

[A passagem a seguir é de uma carta de Eric Meijer, dando o seu relato do nosso encontro não planejado.]

Em 1º de maio, uma quinta-feira, a nossa família [a minha esposa, Monique, o nosso filho Andy e eu mesmo, Eric Meijer] planejamos uma excursão ao cânion Horseshoe, uma parte distante do P. N. de Canyonlands, em Utah. Na partida da entrada da trilha, conversamos com um guarda florestal que nos falou sobre um carro que estava estacionado na área já por vários dias e que o proprietário poderia estar desaparecido no cânion. Ele brincou que mantivéssemos os olhos abertos e que tentássemos encontrá-lo.

Depois de uma caminhada de 3,7 quilômetros até a Great Gallery (arte indígena na rocha), onde batemos algumas fotografias, voltamos e de repente ouvimos um ruído atrás de nós, e depois disso uma voz que gritou: “Socorro, preciso de ajuda!”

Monique e eu imediatamente percebemos que essa devia ser a pessoa desaparecida. Não a encontramos, ela nos encontrou! Um pouco instável,

mas bem rapidamente, ele se aproximou e vimos que o lado direito dele estava cheio de sangue.

Seu braço, ou melhor, o que restara dele, pendia em uma tipoia improvisada. Corremos até ele, que falou claramente: “Olá, meu nome é Aron. Uma pedra caiu em cima de mim no sábado. Fiquei preso por cinco dias sem comida nem água. Cortei a minha mão quatro horas atrás e preciso de cuidados médicos. Preciso de um helicóptero”.

Decidimos que a minha esposa e o nosso filho tentariam sair do cânion o mais rápido possível para conseguir ajuda, enquanto isso eu permaneci com Aron para ajudá-lo a seguir na mesma direção, dando-lhe comida e água, e apoio mental ao mesmo tempo. Aron pediu-me para carregar a sua mochila e continuando sempre a conversar eu tentei descobrir o máximo possível sobre o que podia fazer pelo seu bem-estar. Era importante conduzi-lo o mais rápido possível para fora da parte mais estreita do cânion Horseshoe para uma região mais larga, próxima à subida, onde um helicóptero poderia pousar.

Quando Monique começa a correr, Andy vai atrás dela. Eu quase peço para o garoto ficar conosco para Monique poder ir mais rápido, mas mais imediatamente, penso em perguntar a Eric se ele tem alguma comida. Ele pensa e chama Monique, e ela para.

— Temos algumas bolachas recheadas sobrando, mas elas estão com Monique — Eric me explica, e grita para ela pegar as bolachas para nós.

Ela estende a embalagem de plástico vazia que guardava as quinze bolachas, se desculpando que ela e Andy já haviam comido a maioria. Ela e o garoto se voltam e começam a correr de novo.

Só restaram dois biscoitos, mas eles foram enviados do céu e eu os consumo numa simples mastigada, parando depois do primeiro para desatarraxar a tampa da minha garrafa e tomo um gole de água com girino para ajudar a engoli-lo. Depois que mastigo o segundo biscoito, Eric me oferece uma garrafa fechada de meio litro de água mineral destilada. Ela não tem um sabor tão bom quanto a água da poça do Big Drop, mas é uma significativa melhora depois da sujeira lamacenta na minha Nalgene. Agradeço a Eric pela água e pergunto-lhe se poderia carregar a minha mochila. Ele diz que certamente, e eu me desvencilho dela, aliviando a minha carga de alguns quilos.

Eric conversa comigo e faz algumas perguntas sobre o que aconteceu. Estou tentando caminhar ainda com a água na boca, mas todas as vezes que respondo a uma das suas perguntas, engulo a água. Quando paro de falar, quase sempre mantendo as minhas respostas curtas, tomo outros goles de água e os mantenho na boca. Depois de meia dúzia de rodadas de perguntas, informo a Eric que preciso parar de falar e me concentrar na caminhada.

Cerca de cinco minutos depois de Monique e Andy nos deixarem pela segunda vez, Eric e eu nos encontramos com outro hiker, aparentando pouco mais de 40 anos, que se encaminha na direção oposta com uma mulher mais velha que parece ser a sua mãe. Ele pergunta se precisamos de ajuda e eu respondo com uma pergunta:

— Vocês têm um telefone celular ou telefone por satélite?

Ele não tem telefone algum, mas se oferece dizendo que tem formação médica. Aliviado por encontrar alguém com mais conhecimento médico do que a minha escassa educação por osmose das missões de busca e salvamento, peço-lhe para nos acompanhar enquanto caminhamos. Ele deixa a mulher, que continua a caminhada, e se apresenta como Wayne, e eu penso em algumas questões para verificar se fiz tudo o que podia no momento para me cuidar. Caminhamos juntos por uma extensão interminável de tamargueiras que esbarram no meu braço e na minha face, enquanto faço perguntas como: “Tudo bem se eu comer?” (“Se não fizer você vomitar, tudo bem”) e “Devo me preocupar quanto a beber água demais?” (“Se não fizer você vomitar, você vai ficar bem”).

Presumo que Monique e Andy Meijer estão correndo bem à frente para escalar a saída e pedir um helicóptero, mas não os tenho visto há cerca de dez minutos. Quando chegamos a outra plataforma de areia coberta de arbustos e algumas árvores espalhadas, preciso parar para tirar a areia do tênis outra vez. A fricção do cascalho no meu pé descalço é tão intensa que deixa a dor no meu braço direito para trás. Acho irônico que o meu pé esteja me distraíndo do fato de que decepei o meu braço. Acho que é duplamente irônico que agora, quando digo a Eric que vou parar, seja ele quem proteste:

— Não, você deve continuar andando.

— Não, escute, vou sentar e tirar a areia do meu tênis, e depois você me ajuda a amarrar o cadarço quando eu terminar.

Posso ser um filho da mãe mandão quando estou cansado e com dor, mas Eric não leva a mal e, depois que encontro um lugar para sentar sobre um tronco de árvore caído e esvazio a areia do tênis, ele amarra o cadarço para mim.

Tentei imaginar o que Aron deve ter passado nos últimos dias. Estava realmente impressionado com a sua força física e também mental. Ele sabia exatamente o que estava fazendo, o que queria e onde estavam os seus limites, mesmo depois de ter passado por tudo aquilo.

Apesar de toda a perda de sangue, o seu ritmo de caminhada era admiravelmente forte, até que a areia do sapato começava a irritá-lo e ele simplesmente parava em uma sombra para tirá-la antes de continuar. Ele me pedia para amarrar o cadarço do seu tênis.

Ao completar os 11 quilômetros, passam alguns minutos das 15h. O sol está batendo forte sobre a areia sem sombra no fundo do cânion Horseshoe a 240 metros de profundidade. Eric, Wayne e eu acabamos de chegar a uma curva ampla no cânion aberto, e eu vejo o que deve ser o começo da saída da trilha, que leva à área do estacionamento, ziguezagueando para cima do morro íngreme na nossa frente à esquerda. Em algum lugar da borda, a cerca de 200 metros acima de mim, o pessoal do resgate está esperando. Ah, como eu gostaria de ser um corvo e poder simplesmente abrir as asas e, com um grito de ca-cau rouco, pegar carona em uma corrente de ar quente ascendente; estaria na entrada da trilha em dois minutos.

Morrerei se tentar caminhar para fora deste cânion. Perdi sangue demais; estou à beira de um choque mortal. Penso em enviar Eric para pedir ajuda também, mas antes de poder descartar a ideia, um estrondo que ecoa de modo intermitente interrompe os meus pensamentos.

Tuque-tuque-tuque-tuque-tuque-tuque-tuque.

A uns 200 metros à nossa frente, o corpo metálico do pássaro preto sem asas eleva-se acima da parede do cânion.

A visão choca-me a ponto de parar bruscamente e depois me inunda de emoção. Incrédulo, tento calcular como Monique e Andy chegaram ao começo da trilha e o pessoal de resgate veio num helicóptero tão rapidamente, mas então entendo que o pássaro já estava aqui. O meu assombro passa a um imenso alívio, e é tudo o que posso fazer no

momento para permanecer em pé na areia. Ainda parados de surpresa, Wayne e Eric começam a acenar com os braços sobre a cabeça, tentando sinalizar para o helicóptero. Estamos no meio do cânion, as formas mais altas e escuras em uma área de centenas de metros de superfície em uma extensão plana de areia que é esparsamente coberta de gramíneas baixas e alguns arbustos, mas ainda assim, não estou certo se os ocupantes do helicóptero nos veem até que a aeronave passa a baixa altitude e faz a volta para pairar sobre a nossa cabeça uma segunda vez. Olho ao redor à procura do melhor terreno para o pouso e decido que será no charco à nossa frente. Caminho apressadamente para a beira do baixio, a uns 50 metros dali, enquanto o helicóptero faz outra volta e paira a 60 metros acima do leito seco. Eric corre para ficar ao meu lado e vemos o helicóptero começar a descer. Dou dez passos curtos no leito de areia e dou as costas para a zona de pouso, prevendo que o rotor irá levantar um punhado de areia. Reúno a energia que me resta para manter as pernas firmes. Os meus joelhos estão fracos e todos os meus instintos me tentam a cair e beijar a terra para agradecer o meu resgate, mas estou bem ciente de que o meu cérebro está cansado de suportar a carga da minha dor e das exigências da disciplina que me sustentaram. Ele quer abdicar, mas não posso deixar, não enquanto não estiver num hospital.

O gemido do motor diminui e o vento empoeirado às minhas costas morre numa brisa. Dou meia-volta para ver um passageiro descer incomodamente, e com as pernas rijas, da porta traseira do helicóptero. A figura acena para mim. Caminha apressadamente numa curva ampla para onde um homem está ao lado da porta do helicóptero. Ele grita:

— Você é o Aron?

Inclino a cabeça e grito no seu ouvido:

— Sim. Pode me dar uma carona?

Então me volto para encontrar um policial uniformizado no outro extremo de um assento todo de couro, livre para mim. Não há paramédicos com bolsas intravenosas, ninguém usa luvas de borracha e não há um único equipamento médico à vista. Eu não estava esperando um voo de resgate médico, mas também não esperava assentos de couro.

Por alguma razão, a urgência da minha situação se dissolve e quero dar ao piloto ou ao policial uma oportunidade de me arranjar um pano qualquer ou uma jaqueta antes de manchar o couro de vermelho. Grito

para o helicóptero acima do ruído do motor e do rotor a ninguém em particular:

— Estou sangrando... vou sujar os seus assentos!

Uma voz estrondeia:

— Entre de uma vez! — e eu subo com esforço através de duas mochilas empilhadas no meio do assento. Grito para o homem que me acenou da porta: — Por favor, pegue a minha mochila! — e indico num movimento de cabeça o local onde Eric está com a minha mochila nas mãos a cerca de 25 metros à frente do helicóptero. Correndo embaixo dos rotores e até Eric, ele depois volta correndo com a minha mochila quase vazia nas mãos. Os únicos objetos que ela contém são a garrafa de água e a CamelBak, com poucos gramas de lama em cada, a minha lanterna de cabeça, o canivete multifuncional e as duas câmeras, uns meros 2 quilos no total. Ainda assim, o seu peso parecia cinco vezes isso nos últimos 3 quilômetros antes de encontrar a família Meijer. “Depois de carregá-la por todo aquele caminho”, penso, “odiará deixá-la para trás.” Todos a bordo, afivelamos os nossos cintos de segurança e o piloto acelera os motores, levantando a poeira do solo do cânion.

Alguém me dá uma mão para colocar o fone de cabeça e os policiais ajudam-me a colocar por cima o meu boné azul da Arc'teryx. O piloto pergunta se posso ouvi-lo e eu respondo:

— Sim — enquanto me posiciono melhor no assento de couro, erguendo o braço ferido acima da cabeça. Elevado, as palpitações insistentes são um pouco mais suportáveis. Observo as gotas de sangue descerem pela faixa solta de fita no meu cotovelo. Uma por uma, elas atingem o fim da corda e pingam na minha camisa já ensopada.

Com a decolagem, a minha atenção muda da minha camisa para o cânion. Voamos cada vez mais alto e a minha gratidão de novo me leva às lágrimas, mas a desidratação selara os meus dutos lacrimais. Embora esteja acomodado entre os dois passageiros no banco de trás, ainda posso ver pelas janelas da aeronave com bastante clareza. Olhando diretamente à frente, observo as duas imagens pretas gêmeas de Wayne e Eric recuarem a pequenos pontos na paisagem vermelha do leito de cascalho do riacho Barrier, até que a moldura da janela do helicóptero os bloqueia da minha visão.

Quando alcançamos a borda do cânion, a minha mente atrapalha-se quando tenta compreender a súbita mudança do horizonte. A linha

demarcando o limite do meu universo fora traçada claustrofobicamente fechada nos últimos seis dias, aprisionado como eu estava, mas agora ela salta uma centena de quilômetros em um único momento, avançando sobre a paisagem magnificente de Canyonlands até a nebulosidade envolvendo as montanhas La Sal no leste. A minha visão vacila.

As vibrações dos motores do helicóptero sobem a um ronco surdo, mal abafado pelos fones de cabeça.

— Quanto falta até chegarmos a Green River? — pergunto, esforçando-me desnecessariamente para elevar a minha voz.

“Seja forte, Aron. Você está quase lá. Aguenta aí.”

O piloto retruca, claramente audível acima da estática arranhada de fundo:

— Estamos indo diretamente a Moab. Serão cerca de quinze minutos.

Ah, uau, bom.

— Tem alguma água aqui que eu possa beber?

Os dois policiais se mexem, como se o meu pedido os tirasse da sua perplexidade. Não posso culpá-los. Se um cara ensopado de sangue aparecesse e sentasse ao meu lado, levaria alguns minutos até pensar em lhe oferecer algo para beber também. O homem à minha esquerda levanta uma garrafa de água mineral fechada e a estende para mim. Depois de a segurar por um segundo, olhando para ela entorpecido, ele se dá conta de que a garrafa ainda está tampada, então a desatarraxa e tira. Virmos para o lado e o policial não uniformizado à minha direita ajeita uma jaqueta embaixo do meu braço para conter o vazamento de sangue.

Em apenas dois minutos, chegamos a um imenso rio abaixo de nós e, pela sua cor e a nossa posição, estou certo de que é o rio Green. O piloto diz nos fones de cabeça.

— Façam com que ele continue falando.

Respondo:

— Ainda estou bebendo a água.

Mal posso acreditar que ainda seja capaz de digerir mais líquido, ou que ainda sinta sede. Incluindo a que tenho na mão agora, bebi mais de 9 litros de água nas últimas três horas.

— Não o deixem desmaiar — adverte o piloto aos policiais.

Não estou preocupado se vou desmaiar, uma vez que a dor não me dá sossego, mas quero chegar a um hospital o mais rápido possível.

— Quando falta para chegarmos? — indago, parecendo um garoto chorão implorando por uma parada para ir ao banheiro na estrada em uma viagem com a família.

— Doze minutos de onde estamos — diz o piloto.

Acompanhamos o rio ao norte por um minuto ou dois em silêncio enquanto eu tomo outros três goles de água, esvaziando a garrafa. Quando guinamos para a direita, vejo uma estrada de terra sinuosa que cai sobre uma parede de cânion para o rio.

— Veem aquela estrada? — eu pergunto.

O homem à minha direita olha pela janela e inclina a cabeça, concordando.

— Por quê?

— Ali é o começo de White Rim, ou, Mineral Bottom, como chamam. Andei de bicicleta por aquele caminho com alguns amigos uns anos atrás. Tem mais de 160 quilômetros.

O policial parece ligeiramente moroso ao absorver o que digo. Talvez seja apenas a maneira como o percebo, ou talvez não acredite que transformei o voo em um passeio turístico. Estamos sobre o distrito de Island in the Sky de Canyonlands, seguindo para nordeste. Conheço a região bem o bastante para avaliar o nosso avanço. Pergunto ao piloto:

— Iremos pelo Monitor e pelo Merrimac?

O policial à minha direita pergunta-me o que aconteceu e começo a contar-lhe sobre a minha semana. Encolho-me para o lado o bastante para tirar o mapa do bolso esquerdo e mostro-lhe onde fiquei preso. Explico sobre a rocha encravada, como ela se moveu e eu fiquei enroscado, como tremi de frio por cinco noites, como fiquei sem água e bebi a minha própria urina, como finalmente descobri como amputar o meu braço. Contando a história, começo a pensar sobre o timing do helicóptero e como me encontrou no cânion, no momento perfeito, quando precisei. Se tivesse sido uma hora mais tarde, teria morrido esperando ajuda. Ou, se tivesse descoberto como decepar o meu braço dois dias antes, quando enfiei a faca nele, não haveria um helicóptero esperando e eu teria sangrado antes de chegar à minha caminhonete, que dirá a Green River. Eu estava certo no domingo quando disse no videoteipe que amputar o meu braço teria sido um ato de suicídio lento.

Depois de seis minutos mais ou menos explicando a minha história, vejo dois morros finos isolados de arenito pela janela da frente. As

formações de rocha erodida se parecem com dois submarinos envolvidos em uma batalha, e eu declaro:

— Olhe, aí estão eles, o Monitor e o Merrimac. — Sei que estamos nos aproximando, mas parece que estamos guinando para a direita de novo quando pensava que a cidade deveria estar em frente. — Quanto falta?

— Menos de cinco minutos. Vamos passar por cima daquela saída e sairemos bem em cima da cidade.

Uma pergunta me ocorre.

— Como encontraram a minha caminhonete? Quero dizer, eu podia estar em qualquer lugar.

— A sua mãe ligou ao nosso plantonista ontem e nos pediu para procurar em todos os começos de trilhas.

Quatro minutos depois, o helicóptero passou pela borda rochosa, deixando Canyonlands para trás, para revelar um vale deslumbrante, com campos verdejantes e uma floresta de árvores engolfando milhares de edifícios. Cruzamos sobre o rio Colorado e diminuímos a marcha quando nos aproximamos do centro de Moab, Utah, passando por fileiras e mais fileiras de casas e ruas, campos de futebol, lojas, escolas, estacionamentos e parques.

Circulando uma vez, vejo um gramado verde aberto para onde aparentemente estamos nos dirigindo para usar como zona de pouso. Quando o piloto toca o pássaro gentilmente sobre a grama verde agitada, observo que o edifício à direita do gramado é um hospital.

“Ah, meu Deus, você conseguiu.”

Vemos um homem de uniforme do Serviço de Parques esperando em uma alameda asfaltada à direita do helicóptero. Ao lado dele estão duas mulheres de jaleco branco nas extremidades de uma maca com rodas. Ao sinal do piloto, o policial à minha direita abre a porta do helicóptero e desembarca, segurando a porta para que eu possa acompanhá-lo. Desafivel o meu cinto de segurança e descuidadamente deixo os fones escaparem da minha cabeça, depois salto sobre o gramado. Abaixando a cabeça, dou uma meia dúzia de passos largos embaixo dos rotores, encaminhando-me para o asfalto. Aproximo-me do homem uniformizado que parece recepcionar a minha aparência macabra com uma expressão ansiosa e, sem me apresentar, anuncio em um tom de urgência.

— Você precisa saber que perdi muito sangue, que precisei amputar o meu braço esta manhã depois de ficar preso por quase seis dias sem

comida e sem água, e que estou usando um torniquete que apliquei hoje. Ele está em volta do meu braço por dentro deste envoltório.

Aparentemente impressionado pela minha assertividade, o homem responde:

— Vamos levá-lo para dentro — ele se volta para as mulheres, que apresentam a maca.

Sento o meu traseiro no leito, reclino as costas e levanto as pernas. Que alegria. Faz seis dias que não me deito e imediatamente começo a relaxar. Não fosse pela dor latejante do torniquete no meu coto, poderia mergulhar num sono de sete anos.

As enfermeiras me empurram através das portas automáticas da entrada de emergência e para dentro de uma área de recepção vazia do hospital. Outra mulher carregando suprimentos em uma sala de emergência olha para mim com surpresa, como se eu a tivesse surpreendido em uma situação comprometedor. O reconhecimento acompanha o seu olhar chocado e eu entendo por que não há ninguém na mesa de recepção ou nos assentos da área. Este não é um importante hospital metropolitano onde pacientes gravemente feridos chegam da rua a todo instante; este é um calmo hospital rural numa quinta-feira à tarde em início de temporada. Essas três mulheres provavelmente constituem uma parte significativa do pessoal atual do hospital. Muito provavelmente, os integrantes da equipe encarregada de traumas foram avisados por telefone; com sorte, não estarão muito longe. Pelas aparências do momento, o pessoal do hospital provavelmente percebeu que tinha um paciente chegando apenas alguns minutos antes de o helicóptero pousar no gramado da frente. Uma das mulheres fala ao homem do Serviço de Parques para nos acompanhar à sala de emergência enquanto me carregam para dentro da sala esterilizada e estacionam a maca próxima à mesa da sala de emergência embaixo de uma grande lâmpada circular pairando no meio da sala. A enfermeira à minha cabeça pergunta-me se consigo me transferir para a mesa à minha esquerda, o que procuro fazer mantendo o braço direito sempre à frente do peito.

A não ser pelo homem do Serviço de Parques, os demais se dispersam. Uma mulher volta em um minuto e diz às outras que traziam mais suprimentos que “a anestesista chegará em cinco minutos”. As enfermeiras tiram os meus tênis, meia e boné, então me cobrem com uma túnica. Em seguida, o homem fala comigo.

— Aron, sou o guarda florestal Steve do Serviço de Parques. Há alguma coisa que possa fazer por você?

Não era a pergunta que eu esperava, mas penso primeiramente na minha mãe.

— Poderia informar à minha mãe que estou bem?

Pensando como ela deve ter-se envolvido em tudo isto e o que significou para ela, a minha voz soa mais como um gemido trêmulo.

— Sim, tenho o número do telefone dela. Vou ligar assim que acabarmos.

— Obrigado. — Faço uma pausa e me recomponho, continuando: — Deixei uma porção de coisas no cânion. As minhas cordas, o meu tocador de CD, a minha cadeirinha, e outros objetos. Poderia enviar alguém para lá, pegar todo aquele material?

— Com certeza faremos isso — responde Steve.

— Algumas coisas ficaram onde estive preso, algumas embaixo do rapel. A minha bicicleta... — faço uma pausa, procurando no bolso embaixo da túnica — está em um pé de zimbro a uns 100 metros ao leste da estrada, a 1 quilômetro e meio do desfiladeiro Burr. — Tiro o mapa dobrado e estendo a Steve. Procurando no bolso com zíper, tiro as chaves da trava da bicicleta enquanto Steve se orienta no mapa manchado de sangue. — Tome, aqui estão as chaves — digo, estendendo o anelzinho e as chaves gêmeas por cima do corpo para Steve. — Travei a bicicleta em si mesma, não na árvore, portanto, em caso de perda das chaves, poderia levar a bicicleta de volta, mas ainda será mais fácil levar a bicicleta de volta para a estrada se os pneus forem rodando.

— Poderia indicar aqui onde está a sua bicicleta? — pergunta Steve, segurando o mapa à minha frente.

— Sim, com certeza — digo, rolando um pouco para o lado, para estender a mão esquerda. — Ah, não, não posso; está fora da extremidade do mapa. Mas está bem onde eu disse, a última árvore em 1 quilômetro e meio, ao sul do desfiladeiro Burr, que é uma elevação fora da borda do mapa.

— Poderia indicar onde ficou preso?

— Sim, é o único trecho leste-oeste do cânion logo acima do rapel Big Drop. Está vendo ele aqui? — Indico o sinal em que se lê: “Big Drop, 1550, Short Slot”.

— Muito bem, mais alguma coisa?

— Por favor, não perca a minha mochila de vista, é muito importante... ela está no helicóptero... e guarde a minha caminhonete e as minhas coisas. Muito obrigado. — Estou alerta, mas exausto, e quero fechar os olhos, mas sei que não posso dormir. Então, uma mulher de bata branca e máscara no rosto entra na sala e se apresenta como a anestesista, perguntando o que aconteceu. Conto-lhe a versão abreviada e ela se afasta na direção da porta lateral da sala de emergência, prometendo que voltará com alguns medicamentos.

Steve diz:

— Aron, gostaria de obter de você o máximo de informações que puder. De que tamanho era a pedra?

— Acho que pesava uns 200 quilos. Eu a movi um pouco logo depois que ela caiu sobre mim, mas não consegui erguê-la com o meu equipamento, então ela devia ser mais ou menos desse tamanho, acho.

— E quando ela caiu sobre você?

— Foi por volta das 2h45 da tarde de sábado.

— Como aconteceu?

— Eu a soltei. Ela estava presa... era uma rocha encravada... e eu pisei nela, então desci dela e a puxei. Ela balançou para a frente e para trás, esmagou um pouco a minha mão esquerda, depois prendeu a minha mão direita. Eu estava tentando sair debaixo dela quando a minha mão ficou presa. — Mal posso acreditar que esteja contando esta história. Estou perplexo por estar deitado sobre esta mesa, dadas as chances de sobreviver a seis dias de desidratação e hipotermia, depois sobreviver a decepar o meu próprio braço, fazer um rapel e caminhar por doze quilômetros através do deserto. E depois àquele helicóptero. Isso era um milagre.

Antes de Steve poder me fazer mais perguntas, a anestesista volta, desta vez carregando uma seringa cheia e com uma agulha que aos meus olhos parece ser grande o bastante para inocular um cavalo. Sei o que ela vai fazer, e a interrompo em voz firme.

— Opa, preciso lhe dizer uma coisa. Às vezes tenho reações a agulhas. Desfaleti ao receber injeções e uma vez caí de uma cadeira depois de tirarem sangue. O meu médico me falou para dizer isso às pessoas antes de receber uma injeção. Na minha condição atual, não sei o que poderia acontecer comigo. Poderia entrar em choque.

A médica, interrompida no ato pelas minhas palavras, absorve o que estou dizendo com um olhar fixo. A única coisa que vejo são os seus

olhos, que estão arregalados de incredulidade, mesmo quando ela diz.

— Quer dizer que você não está em choque?

— Não sei, clinicamente, talvez, não sei...

Ela interrompe a minha fala com uma pergunta direta:

— Estou com esta morfina pronta. Vai querê-la ou não?

— Mas claro que sim! — exclamo. — Pode injetar. Só me segure na mesa se começar a me debater e cair, certo?

Olho para o guarda Steve enquanto a médica injeta a agulha. Uma ardência branda corre pelo meu braço enquanto o narcótico entra na minha veia, mas eu não perco a consciência. Steve e eu retomamos as nossas informações enquanto explico o percurso que pretendia fazer do começo da trilha do cânion Horseshoe até a estrada de Maze, através do cânion Blue John, passando pelo Big Drop, e de volta à minha caminhonete indo pelo cânion Horseshoe. Explicando as dimensões do trecho da fenda onde fiquei preso, reitero o tamanho da rocha e conto a Steve como fiquei preso em pé, mas que montei uma âncora para poder livrar o peso das minhas pernas. Preencho a cronologia o melhor que posso antes de ficar grogue com a morfina, descrevendo quando fiquei sem água, quando fiquei sem comida e quando descobri como quebrar os ossos e amputar o braço. Depois, quando ouço uma nova voz, o barítono de um homem, perguntando o que são as coisas que cobrem o meu braço direito, sinto alguém puxando a mochila da CamelBak que usei como tipoia e ouço o guarda Steve dizer:

— Tem um ou dois torniquetes embaixo disso. O resto é apenas enchimento.

Com o mundo mergulhando para dentro de um túnel, consigo engrolar:

— Ssssó tem um, sssó um no meu antebraço — antes que o meu marco de 127 horas de aventura ininterrupta termine às 3h45 da tarde de quinta-feira, em 1º de maio de 2003.

O guarda florestal Steve Swanke pega o meu mapa e as anotações da nossa conversa e vai para a área de recepção. Depois de se recompor da conversa surreal de vinte minutos que acabou de ter comigo, a sua primeira providência é desprender do cinto o telefone celular fornecido pelo Serviço de Parques e ligar para a minha mãe. Ela atende à segunda chamada.

— Alô, aqui é Donna — a voz mais forte e mais esperançosa do que da primeira vez que Steve ouviu-a atender ao telefone com as mesmas palavras.

— Olá, Dona. Aqui é o guarda florestal Steve de novo. Tenho boas e más notícias. Encontramos o seu filho; ele está vivo e vai sobreviver. — Steve faz uma pausa e depois emite a metade mais difícil da notícia: — Ele foi forçado a amputar o braço para sair da situação em que se encontrava. Está em Moab agora, mas estou certo que poderá ir para Grand Junction em breve.

A minha mãe solta um longo e pesado suspiro, como se estivesse prendendo a respiração durante os dois últimos dias.

— Graças a Deus!

No mesmo instante, ela sente o alívio de ser livrada de uma carga pesada. As suas orações foram atendidas: seu filho está vivo e vai ficar bem.

Ainda ao telefone, ela se volta para Sue Doss, que está junto à mesa da cozinha.

— Sue, eles o encontraram! Ele vai ficar bem! — Nunca em sua vida ela sentiu-se mais cheia de alegria do que nesse momento. Para a minha mãe, mesmo a má notícia é uma bênção por não ser nada pior. Ela se recompõe e as suas palavras dirigem-se apressadamente a Steve: — Ah, muito obrigada, muito obrigada. Obrigada por conseguirem resgatá-lo. Vamos para aí imediatamente.

— Há alguma coisa que possa fazer por você?

— Por favor, informe se souber de mais alguma coisa.

— Farei isso. Mais alguma coisa?

Um segundo pedido se forma lentamente entre os pensamentos dela, e ela o expressa.

— Você provavelmente vai fazer um relatório ou informar à mídia sobre Aron. Por favor, não faça julgamentos.

Demorando-se alguns minutos avaliando as suas anotações, o guarda florestal Steve repassa os fatos, procurando as causas e fatores cooperantes. Sendo um homem experiente na vida em ambientes inóspitos, ele reflete por alguns instantes sobre quantas vezes saiu para caminhar e remar em caiaques. “O que vem a ser tudo isso? Eu saio para praticar atividades de risco sozinho, sem nunca dizer à minha esposa aonde vou. Isso está acontecendo em Canyonlands hoje. Há pessoas por lá envolvidas

em atividades de risco, sozinhas, sem ninguém saber para onde foram”. Ele retraça o mapa com os dedos, sabendo pela minha página na internet que sou um canionista experiente e que o cânion Blue John não é um cânion difícil. Normalmente, Steve espera que a gravidade de um acidente seja proporcional ao terreno — consequências extremas condizem com ambientes extremos — mas este acontecimento foi catastrófico em relação à facilidade da topografia. “Este é um canionismo de cinco para um; realmente não existe mais fácil do que este. Eu movo rochas caminhando nos cânions o tempo todo, posso entender isso. Passamos por esses cânions com luvas de pelica, como se estivéssemos pisando em ovos. Isso é o que os canionistas fazem. Estamos sempre conscientes disso: ‘Será que esta rocha vai se mover?’ ou ‘Será que aquela rocha vai se mover?’”

Steve olha pela janela da porta da sala de emergência, observando as enfermeiras e o médico ocupados ao redor do meu corpo inconsciente, pensando no que faz a diferença naquelas milhares de decisões em qualquer lugar distante. “A maioria do tempo, quando julgamos que seja errado, as consequências são bem insignificantes. Às vezes, as consequências são bem importantes.” Ele conclui: “Isto foi alguém estar no lugar errado no momento errado, um caso extremo de falta de sorte. Foi simplesmente falta de sorte.”

Depois de conversar com o capitão Kyle Ekker, a minha amiga Rachel Polver liga para Elliott, a voz estridente de empolgação.

— Encontraram Aron! Você está sentado?

— Sim, claro — mente Elliott, andando de um lado para outro na sala da casa na rua Spruce.

— Ele está vivo... mas decepou o próprio braço.

Os músculos de Elliott param de movê-lo pela sala. As sua reação atordoad é:

— Minha nossa, eu devia mesmo estar sentado para ouvir isso.

Imediatamente depois de pousar, o piloto Terry Mercer chama um caminhão-tanque de combustível do grupamento de busca e salvamento do condado de Grand. O DSP faz voos de resgate em número suficiente na região de Moab que a equipe local de busca e salvamento tem acesso a um pequeno caminhão-tanque. Um dos líderes da equipe de salvamento, Bego Gerhart, dirige o caminhão até o hospital, uma vez que Terry não tem

combustível suficiente para decolar e voar até o aeroporto a apenas 16 quilômetros ao norte da cidade. Enquanto o helicóptero é reabastecido, o guarda florestal Steve pede ao detetive Funk e ao sargento Vetere para pegar uma geladeira portátil do hospital e enchê-la com gelo. O médico da sala de emergência, o doutor Bobby Higgins, quer ver o que pode fazer para salvar a minha mão para um possível reimplante. A tarefa seguinte de Greg e Mitch é voltar ao cânion Blue John, encontrar o lugar onde fiquei preso e recuperar a minha mão direita cortada. Mitch não quer voar mais do que para voltar ao seu veículo no começo da trilha, então Terry grita para Bego no caminhão-tanque.

— Ei, quer dar um passeio?

Bego se dispõe à viagem e junta-se a Greg na parte de trás do helicóptero para o voo de quinze minutos de volta ao cânion Horseshoe. Terry deixa Mitch no começo da trilha, às 16h30, e então Terry, Greg e Bego decolam para encontrar a fenda. Com o mapa que dei a Steve, e com o conhecimento de Bego da área, eles conseguem pousar precisamente no cabeço de arenito acima da fenda escondida. Uma vez no cânion, Terry está fora do seu elemento, mas Bego, um canionista mais experiente, vai lhe dando orientações. Eles concluem que vão precisar de três homens para rolar a rocha de cima da minha mão. Eles descem pela passagem da fenda, passam pela manopla de rochas encravadas, enveredam pelas curvas estreitas e, em cinco minutos, chegam a uma instalação de cordas e fitas pendendo do ponto de uma borda a seus pés. Esse deve ser o local.

Descendo pela borda, o trio conclui facilmente que não será capaz de mover a pedra sem um auxílio mecânico de peso. Ela não está pousada no chão, como imaginaram, mas encaixada entre as paredes, e eles calculam que deva pesar quase meia tonelada e não os 200 quilos como relatei. Pelo tempo que passou, os restos em decomposição da minha mão há muito tempo morta não podem ser recuperados. Depois de Greg bater algumas fotografias como evidências, eles recolhem as fitas amarelas, as cordas verde e laranja e outros artefatos da minha permanência de seis dias naquele buraco e voltam pela fenda até o helicóptero, deixando para trás o odor de sangue fresco sobre a parede do cânion, onde a minha mão está esmagada ao lado da rocha caída.

Depois de incontáveis horas de inconsciência, volto a mim. Estou deitado em um quarto de hospital às escuras, com uma luz fluorescente do

posto de enfermagem filtrando-se através das franjas translúcidas da cortina da janela à minha esquerda. A minha visão é imprecisa, mas posso ver que estou sozinho. Antes de perder a consciência outra vez, o meu único pensamento é: “Estou vivo”.

* * *

Algun tempo depois, acordo de novo. Uma enfermeira entra no meu quarto e diz numa voz alegre:

— Pensei ter ouvido uma voz.

— Estou vivo — digo a ela ofegante. Sei que estou vivo porque sinto dor. O meu braço direito dói, as minhas pernas doem, a minha mão dói; na verdade, não existe nenhuma parte do meu corpo que não doa.

— Sim, você está vivo. A sua mãe vai ficar contente em saber disso quando voltar.

— A minha mãe? — digo, a voz rouca soando pouco mais que um sussurro, delicada e fraca. A palavra libera uma torrente interna de amor que corre por todo o meu corpo, dominando o meu cérebro drogado e liberando um dilúvio de soluços.

A minha mãe.

Chorar faz o meu corpo doer, mas não tenho controle. Quando as lágrimas diminuem, vejo um relógio na parede, mas não consigo ver as horas. Alguém tirou as minhas lentes de contato. Semicerro os olhos e distingo dois ponteiros do relógio indicando para algum lugar do quadrante inferior esquerdo. Deve ser algo entre 19h e 20h, apenas quatro horas depois que fui resgatado. Moab fica no mínimo a sete horas de viagem de Denver. Apesar de sedada, a minha mente funciona bem o bastante para saber que o cálculo não faz sentido.

— Ela vai voltar. Esteve aqui na noite passada depois da sua cirurgia. Provavelmente está tomando o café da manhã e estará aqui dentro de uma meia hora.

Noite passada? Café da manhã? Avalio esses conceitos por um longo momento, perplexo na minha fadiga. Deve ser de manhã.

— Que dia é hoje?

— Sexta-feira de manhã — explica a enfermeira, concluindo os seus deveres, movendo-se com precisão ao redor da minha cama.

— Ah — digo, mas a minha voz soa como um gemido abafado. Estou perplexo com a minha incapacidade de unir o que possa ter sentido desde

que perdi a consciência na mesa da emergência. Parece que apenas fechei os olhos e agora estou em um quarto diferente. Moab fica longe de Denver. Minha mãe veio de avião para cá? — Como ela pôde chegar tão rápido? — consigo perguntar, a minha garganta arranhando de tão seca.

— De onde ela veio?

— Denver.

— São apenas cerca de quatro horas e meia, cinco horas de carro até aqui.

Cinco horas? Não pode ser.

— Cinco horas para chegar a Moab?

— Ah, você não está em Moab, querido, está em Grand Junction. Eles o trouxeram de avião para cá ontem à noite.

— Ah — murmuro, tentando me orientar. Não tenho lembrança de outro voo depois daquela viagem de helicóptero. Mas Grand Junction, isso eu entendo. Estou no Colorado.

Estou imobilizado pela exaustão, o que é uma coisa boa, considerando que estou parecendo um polvo com todos estes tubos, fios e outros tentáculos artificiais que saem dos lençóis em diversas partes dos meus braços e da minha cabeça. Antes de poder arriscar mais incursões pelo meu ambiente, desfaleço novamente.

Na próxima vez que dou por mim, Sue Doss está na cadeira ao lado da minha cama. Sinto-me feliz e confortado ao vê-la. Na sua leve entonação texana, Sue diz:

— A sua mãe está bem ali fora — e ela sai pela porta para buscá-la.

A minha mãe entra na sala da UTI. A luz forte das luminárias fluorescentes embutidas no teto a envolvem com um brilho glorioso. Não consigo distinguir as suas feições — mas posso vê-la dar dois passos para postar-se ao meu lado esquerdo. Ergo a mão esquerda e ela a segura entre as suas. As mãos dela estão frias, macias e um tanto trêmulas. Ela se inclina e me beija na testa. Assim de perto, posso sentir quanta preocupação causei à minha mãe e, embora mal possa falar, arranho uma desculpa:

— Mãe, desculpe se a assustei. Eu te amo.

Ela balança a cabeça e, antes de percebermos, estamos chorando juntos.

Recuperando a sua capacidade de falar quando o choro passa, vários minutos depois, a minha mãe me conta:

— Sue e eu estávamos falando de brincadeira que uma perna quebrada apenas não o impediria de voltar para casa, você teria que ter as duas quebradas quando o encontrássemos.

Soltamos uma risada e ficamos sorrindo um para o outro. O amor flui entre nós, atingindo aquele ponto que pode ser tocado apenas pelo reencontro de um filho com a sua mãe, a mãe com o seu filho. Eu sei que ambos queremos que passe um bom tempo antes de nos afastarmos um do outro novamente.

EPÍLOGO: ADEUS AO BRAÇO

Você deve amar a vida que vive, e viver a vida que ama.

— Jerry Garcia Band, “(I’m a) Road Runner”

Os dias e semanas subsequentes ao meu resgate não deixaram de ser extraordinários. Mesmo antes de o meu pai chegar a Grand Junction, a minha história era motivo de manchetes nos noticiários de todo o mundo. Eu perdera 18 quilos e 1,5 litro de sangue no cânion, e tinha uma longa recuperação pela frente, cujos progressos podia ver nas chamadas dos noticiários da CNN: “Alpinista do Colorado que amputou o próprio braço está em estado crítico”. Depois de três cirurgias em cinco dias e mais panquecas que paciente algum jamais consumiu na unidade de tratamento intensivo do hospital St. Mary, os arranjos florais e eu não coubemos mais na UTI e precisamos ser mudados para um quarto no andar superior, onde, durante as minhas breves manifestações de consciência, o meu pai me lia algumas cartas das pilhas que chegavam dos meus amigos e de estranhos, desde os locais mais próximos até de todos os lugares do mundo. Uma mulher de Salt Lake City enviou um cartão para me contar que tinha jogado uma grande quantidade de comprimidos para dormir do falecido marido no vaso sanitário. Ela escreveu: “O seu gesto de bravura inspirou-me a suportar melhor a vida. Eu tinha me prometido que acabaria com a minha vida se as coisas não melhorassem em um ano depois da morte do meu marido. Sei agora que o suicídio não é a resposta. Você me inspira a permanecer forte, permanecer corajosa e a lutar pela vida”. Os meus pais e eu chorávamos com essa carta todas as vezes que a líamos; ela era um lembrete em tempos difíceis da importância dos efeitos de ressonância que o meu salvamento e a minha recuperação estavam exercendo sobre as pessoas.

Ao longo de toda aquela semana, foram poucos os momentos que os meus pais deixaram de ficar ao meu lado. Com o seu amor, mais o encorajamento das preces de milhares de pessoas, visitas camufladas especiais de muitos dos meus amigos e do excelente tratamento que me foi dispensado pelos médicos e enfermeiros do St. Mary, pouco a pouco

recuperei uma mobilidade suficiente para, no dia 7 de maio, uma quarta-feira, estar pronto para o meu primeiro passeio ao ar livre desde o acidente. O terapeuta recreativo do hospital teria me levado junto com o meu pai para um passeio no parque do outro lado da rua, mas por causa de um exército de jornalistas e fotógrafos que guardavam as portas do hospital dia e noite, em vez disso aproveitamos uma vista privilegiada dos campos verdejantes e das elevações escarpadas dos cânions sentados em cadeiras de armar no terraço do hospital. O ar e as cores produziam uma emanção suave durante toda a meia hora que passamos pelos diversos andares ao ar livre, conversando sobre beisebol. Essa foi uma das lembranças prediletas de toda a minha vida entre os momentos que passei com o meu pai.

Também naquela tarde, recebi um pacote pelo correio: um presente do meu amigo Chris Shea, que mora em Portland. Abrindo a caixa e desembrulhando o delicado papel do interior, encontrei uma torta de chocolate com cobertura de glacê — no formato da minha mão direita. Quando um grupo de amigos meus de Aspen viajou de carro até lá para me visitar naquela noite, levando CDs de música para eu ouvir enquanto estivesse de cama, a minha mãe cortou a torta e serviu-a com leite da cafeteria do hospital. Foi um momento estranhamente divertido, ver os meus amigos sorrindo e dando risadas enquanto fazíamos piada: “Pegue aqui, coma; faça isso em memória da minha mão”. Batizamos a reunião de a Última Sobremesa.

Quinta-feira, vesti as minhas roupas pela primeira vez em uma semana e tomei emprestada a câmera fotográfica da minha mãe para uma ocasião especial. Pesadamente dopado com três variedades prescritas dos melhores narcóticos conhecidos da humanidade, saí com os meus pais num carro do hospital para um edifício auxiliar a meio quarteirão dali e entrei numa sala tomada por uns sessenta repórteres e possivelmente o dobro de equipes de filmagem e fotógrafos. Não pude evitar — precisei bater algumas fotos. Essa foi a maneira como o mundo me conheceu e acho que houve uma porção de primeiras impressões durante aquela entrevista coletiva de vinte minutos. Só gostaria de dizer, em minha própria defesa, que estava mais alto do que uma pipa perdida em um furacão. Quando um repórter me perguntou quais as três coisas das quais eu mais sentia falta e eu disse: “Voltar para casa dos meus pais, dar um passeio com os meus amigos e beber um belo copo de margarita gelada”, isso era verdade. Não sei dizer

quantas vezes pensei em margaritas quando estive naquela situação — provavelmente não tanto quanto pensei na minha família e nos meus amigos, mas foi bastante.

Imediatamente depois dessa entrevista coletiva, conversei com o meu amigo fotógrafo Dan Bayer, que viera a Grand Junction para fazer fotos para o Aspen Times. No início da semana, ele fora ao cânion Horseshoe e caminhara pelos 11 quilômetros até o local do rapel do Big Drop. Pelo caminho, ele encontrara a minha cadeirinha e o aparelho de freio/descensor de rapel onde os abandonara, e os devolveu para mim. Ele me contou que tinha visto a piscina no fundo do rapel, de cuja água eu bebera, e me perguntou:

— Você viu o corvo morto flutuando nela?

Depois que fui dispensado dos narcóticos mais potentes, o St. Mary me deu alta. Os meus pais e eu voltamos de carro para casa, em Denver, onde amigos de seis estados tinham vindo de avião para uma recepção de surpresa. Em um fim de semana, realizei duas das três coisas da minha lista de “coisas de que mais sentia falta”. Só depois de me livrar dos dezoito comprimidos que tomava por dia é que seria capaz de saborear um grande e gelado copo de margarita.

Em 15 de maio, uma quinta-feira, eu estava de volta ao hospital, dessa vez o St. Luke's Presbyterian Hospital, em Denver. Apenas dois dias antes, os meus médicos tinham descoberto uma infecção óssea potencialmente letal no meu braço direito. A mesma faca suja que me salvara estava agora me matando. Depois de mais uma cirurgia, fui submetido ao mais forte antibiótico intravenoso existente (por agulhas) e depois fiz uma bateria de testes de sangue após a outra (mais agulhas) para verificar quais medicamentos estavam combatendo a infecção. No dia seguinte, sexta-feira, seria a formatura da minha irmã na Texas Tech University. Com mais testes e outra cirurgia pendente, lamentei-me com os meus pais quando ficou claro que não conseguiria ir ao Texas para ver Sonja receber o seu diploma. Então, apenas vinte horas antes da cerimônia em Lubbock, os meus médicos e enfermeiros apareceram com um plano que me permitiria deixar o hospital por três dias. Com instruções intrincadas sobre como injetar os antibióticos intravenosos nós mesmos, os meus pais e eu saímos em disparada para uma viagem de dez horas durante a noite até Lubbock, Texas. Enquanto o meu pai dirigia a 110 quilômetros por hora pelas

estradas de pista dupla no enclave entre os estados em direção ao Texas, a minha mãe cuidava do meu sistema intravenoso no banco de trás, segurando as bolsas de gotejamento do cabide preso no vidro da janela lateral. Na hora em que chegamos a Lubbock, o carro parecia uma unidade do MASH, forrado de invólucros usados e embalagens rasgadas, mas estávamos no horário para comparecer ao banquete de premiação da Honors College no qual Sonja seria homenageada como a Melhor Aluna do Ano da Texas Tech. Depois de terminadas todas as festividades do fim de semana, os meus pais e eu ajudamos a minha irmã a embalar os seus pertences e depois nos sentamos com a minha avó Ralston para uma tradição familiar: jogar uma rodada após a outra do jogo de baralho Euchre.

De volta a Denver, eu tinha uma última cirurgia, aliás muito interessante. Eu precisava de uma angiografia, que não é, como se poderia pensar, uma mensagem pessoal enviada por um querubim, mas um procedimento que começava com uma preparação por uma enfermeira curiosamente sorridente que barbeava a metade direita dos meus pelos pubianos e depois inseria um cateter na minha artéria femoral até que este alcançasse o meu peito. As enfermeiras usavam o cateter para bombear um corante sensível aos raios-X na corrente sanguínea, de modo que eu pudesse observar as veias do meu braço direito aparecerem periodicamente em uma tela de televisão. Essa era apenas a rodada de aquecimento. Depois que os resultados da angiografia saíram, o cirurgião plástico sabia qual das três artérias retraídas procurar no meu braço. O meu torniquete havia lesionado uma, mas as outras estavam em boa forma. Isso era importante, porque, subsequentemente, o cirurgião transplantou um segmento de 10 centímetros de comprimento de músculo da parte interna da minha coxa na extremidade do meu coto direito, e depois de pescar as artérias no meu braço, ele conectou os seus suprimentos de sangue ao pedaço de carne crua costurado no meu antebraço. Como toque final, ele facetou uma seção retangular de pele da minha coxa direita e pregou-a sobre toda a extremidade do meu braço. Essa pequena cirurgia de dez horas que fiz não saiu na televisão. (Ela perdeu em importância para a guerra no Iraque.)

As horas depois que saí da anestesia revelaram-se o ponto mais baixo da minha recuperação; ela chegou ao fundo do poço àquela noite. Eu tinha

sete tubos dentro e fora de mim, três novas fontes de dor nos pontos doadores assim como o meu calcanhar direito (a pressão do peso do meu pé tinha pinçado um nervo do meu calcanhar durante a cirurgia); não conseguia dormir e não tinha permissão para comer nem beber, então me queixava sem obter piedade. Como podia ter cortado o meu braço sem me lamentar tanto e justo agora tudo o que fazia era choramingar? As enfermeiras aumentavam as minhas doses de narcóticos uma hora após a outra, mas eles não conseguiam interferir na dor. Finalmente, porém, eu não era capaz de juntar três palavras para formar uma frase; queria dizer à minha mãe e ao meu pai que sentia muito por ser um inútil assim, mas ficava mais frustrado ainda por não conseguir falar. A minha mãe sentou-se ao meu lado por seis horas até o amanhecer, postergando o sono e tentando me confortar, embora o meu sofrimento não cessasse apesar das drogas. Quando a luz da manhã atravessou as cortinas, iluminando o seu rosto com um brilho santificado, eu chorei ante a sua beleza até que finalmente desfaleci.

Em 25 de maio, eu tinha passado dezessete dias no hospital, mas pelo menos voltei para casa para ficar. Eu estava curado, recuperara todo o peso perdido e a infecção nos ossos recuava. Entretanto, continuava no tratamento por antibióticos via intravenosa, o que significava que, a cada oito horas, precisava me deitar e ficar conectado a uma bolsa de gotejamento por meia hora. Isso se estendeu por seis semanas. Mesmo que isso significasse levantar-me no meio da noite, a minha mãe e o meu pai estavam sempre lá para se assegurar que eu tomasse os medicamentos na hora certa. Tudo o que precisava fazer era sentar-me quieto, mas odiava aquele sistema intravenoso e a fraqueza que representava, e raramente perdia uma oportunidade de me queixar disso.

A convalescença foi dura para mim. Não só por causa da rotina com a bolsa de gotejamento, mas no conjunto. Eu sentia dores o tempo todo, fossem elas imaginadas ou reais, mesmo com as drogas. Embora estivesse continuamente medicado, nunca descansava direito. Normalmente, ficava deitado na cama a noite inteira em estado semicomatoso — não realmente acordado, mas também não dormindo. O estupor dos narcóticos não permite que a mente se recupere adequadamente. A cada dose que tomava, desabava involuntariamente — em salas de médicos, entre sessões de terapia ocupacional ou de fisioterapia em um banco na sala de exercícios da clínica, ou sentado no trânsito enquanto a minha mãe me transportava

para casa. Quando me recobrava, era porque o efeito da droga estava passando e então tudo o que sentia era angústia. As minhas frustrações e as drogas tornaram-me uma pessoa tão mimada e impertinente que até mesmo eu enjoava de me ouvir.

A minha estada em casa era ainda muito difícil para todos nós. Embora estivéssemos gratos por ter um ao outro e nos sentíssemos abençoados por estar juntos como uma família, a carga de trabalho cobrava o seu preço. Os meus pais tinham cada um o seu trabalho a fazer além de cuidar de mim. Acrescenta-se a isso as minhas consultas, as drogas, as questões de seguro e, acima de tudo, a atenção da mídia e do público — precisamos deixar o telefone desligado por quase dois meses e chamar as autoridades locais para afastar os numerosos veículos da televisão estacionados em frente de casa — e estávamos todos em um estado miserável.

Nas primeiras quatro semanas, eu era tão dependente como uma criança pequena. Vi-me facilmente tomado pelos esforços envolvidos com a minha nova vida, na qual o descanso, a recuperação e a reabilitação tomaram o lugar do esqui, do montanhismo e dos concertos. Tudo tomava muito tempo; uma consulta em uma clínica consumia toda uma manhã de preparação e transporte de mim e da minha mãe. E havia uma centena de consultas, todas precisando ser coordenadas em relação aos horários dos medicamentos. Não saí do cânion Blue John para passar a vida num torpor drogado de confinamento programado trespassado pela agonia. Ainda assim, era a isso que a minha vida se reduzira.

O desafio no cânion fora severo, mas direto. Depois que saí, os desafios tornaram-se mais complexos e, a princípio, senti-me despreparado para me adaptar às novas circunstâncias. Queria ter a minha vida de volta, mas isso significava que precisava aprender a lidar com as minhas frustrações e transformá-las em motivação para a ação. As drogas foram os meus primeiros alvos. Em junho, com a maioria da dor do pós-operatório diminuindo gradualmente, me liberei dos analgésicos. Podia outra vez desfrutar de algumas liberdades de escolha — dirigir a minha caminhonete, ir correr com os amigos, saborear um copo grande de margarita. Recuperei cada vez mais a minha autossuficiência e “cresci” de novo num processo parecido com uma segunda adolescência. A minha mãe não queria me deixar sair, e eu não podia culpá-la, mas tinha de recuperar a minha independência, pelo bem de nós dois.

Depois que me livreí dos narcóticos, as coisas melhoraram rapidamente. Aprendi a amarrar os sapatos e até mesmo fazer o laço da gravata com uma só mão. Melhorando rapidamente, pratiquei datilografar e escrever com a mão esquerda (era destro antes do acidente) e comecei a digitar no meu laptop apenas com cinco dedos. A minha terapeuta ocupacional me arranhou uma faca com cabo basculante para poder cortar carne. Tanto com equipamentos adaptativos quanto com novas técnicas, reaprendi a fazer simplesmente tudo o que precisava. Descobri como colocar o relógio de pulso e abotoar aquele traiçoeiro botão do pulso esquerdo das camisas de manga comprida usando os dentes. Ainda assim, havia coisas em que precisava de ajuda. Às vezes, a minha independência me levava a não pedir. Outras vezes, embora bem que quisesse a ajuda oferecida, queria descobrir as coisas por mim mesmo. Na cozinha uma tarde, surpreendi a minha irmã tentando se controlar ao máximo enquanto me observava começar a descascar uma laranja.

— Você precisa de uma... — ela deixou a pergunta morrer.

— Se eu preciso de uma mão? — concluí por ela. — É claro que preciso, boba; só tenho uma agora.

Sorri para ela, e ela enrubesceu. Tirando a minha faca basculante, cortei a laranja em gomos sem descascar, assim como costumava comer na época do futebol da Little League. Coloquei escondido uma fatia na boca, de modo a cobrir os meus dentes, e saí pulando para dar a impressão de que eu era um gorila. Nesse momento, quando a minha irmã pensava que eu perdera totalmente o juízo, exibí o meu sorriso pateta para ela, revelando a casca da laranja. Isso a surpreendeu no exato momento em que ela estava tomando um gole de água e o devolveu engasgada para o copo, molhando o próprio rosto. Depois disso, essa passou a ser a nossa brincadeira, ela me perguntando se eu precisava de uma mão mesmo quando eu não estava fazendo nada.

Por causa do meu comentário sobre a margarita na coletiva com a imprensa, as pessoas me enviavam todos os tipos de presentes com esse tema: notas de 20 dólares com uma etiqueta autocolante com o rótulo de “Margaritas”, certificados de brindes em restaurantes mexicanos com reputação de fazer boas margaritas, até mesmo garrafas de tequila. Periodicamente, eu recebia pacotes volumosos que normalmente descobria conter os ingredientes da margarita. Quando abri uma caixa em especial, o

conteúdo me impressionou na hora. Chamei a minha irmã para a cozinha. Ali, além de garrafas de tequila, triple sec e margarita mix, estava uma caixa contendo um misturador a bateria recarregável Black & Decker. Não importa. A minha irmã e eu nos entregamos tolamente a imaginar possibilidades — escalar picos elevados, levando o misturador junto para aqueles lugares e fazer margaritas direto com a neve. Não era legal? Eu gritei: “Toca aqui!”, levantando os braços para batermos as mãos no tradicional gesto de cumprimento e olhando para a minha irmã. Ela levantou as mãos sem pensar, pronta para batê-las nas minhas e, na última fração de segundo, quando os dois perceberam o problema, ela redirecionou para me oferecer a esquerda apenas.

— A-há! Você se esqueceu totalmente! — caçoei dela.

— Não, você levantou primeiro, você se esqueceu também.

Ela estava certa, tinha me esquecido, sim. Ainda hoje rimos do nosso cumprimento desastrado.

Os fatos marcantes dos meses seguintes parecem tão improváveis que mal posso acreditar que tenham acontecido comigo. Quatro dos meus amigos e eu fomos convidados para jantar com o nosso ídolo do rock, Trey Anastasio, e os oito integrantes da sua banda antes da sua apresentação de junho no auditório Fillmore, em Denver. Outra das minhas bandas favoritas, a String Cheese Incident, fez um leilão beneficente importante com a venda de um pôster sobre o Incidente Aron, um concerto de julho apresentado em meu nome em Santa Fé, Novo México, que levantou 17.000 dólares para os cinco grupos voluntários de busca e salvamento de Utah, Colorado, e do Novo México, que ajudaram no meu salvamento. Kristi e Megan, as duas mulheres de Moab que conheci no cânion Blue John, foram ao concerto, assim como a minha mãe e os meus pais, e cerca de 2 milhões de amigos meus.

Fiz o meu retorno às montanhas com uma visita ao local da avalanche no monte Resolution, onde recuperamos os pertences que Chadwick, Mark e eu perdemos no deslizamento de nível 5 em fevereiro, incluindo a minha câmera fotográfica digital Sony, que, quando troquei a bateria — apesar do choque da avalanche e do fato de que ficou presa em um acúmulo de neve de 3 metros de profundidade, foi exposta a quatro meses de chuva e sol e foi mordida pelas marmotas — recomeçou a funcionar na hora. Ainda está batendo ótimas fotos. (Muito bem, Sony.)

Em julho, fui ao show do David Letterman, conheci uma dúzia dos maiores nomes do jornalismo televisivo, assisti a cinco concertos pelo Oeste com os meus amigos, fui a uma escalada em rocha com o meu novo braço protético no cânion Castlewood, próximo a Denver, e fiz caminhadas por uma série de cinco fourteeners em trinta horas na região central do Colorado. Em agosto comecei escalando na rocha com o meu companheiro de amputação e amigo Malcolm Daly, no cânion El Dorado, próximo a Boulder, acompanhando a velocidade do meu amigo Rich Raefele na sua chegada à primeira ultramaratona na Leadville Trail 100 e sobrevivendo a dois dias inteiros de arrepiar os cabelos com uma sessão de fotos intensa para a matéria “Homens do Ano” da revista GQ e para a matéria “Personagens de 2003”.

Em 31 de agosto, fiz um pronunciamento no casamento da minha irmã, sobre como o amor é como uma dança. Ela parecia mais bonita do que nunca quando disse “Aceito” ao marido, Zack Elder. Durante a recepção, Sonja e eu cantamos juntos “Climb” (Escalar), a sua canção favorita do String Cheese Incident, rindo sem parar enquanto “soltávamos a franga” na frente de todos os nossos parentes.

Quatro dias depois do casamento, escalei a rota padrão do monte Moran no Wyoming com uma equipe de oito amigos. O prazer especial para mim era liderar a maioria dos trechos difíceis da escalada usando o instrumento protético exclusivo que eu projetara com o auxílio de três empresas incrivelmente generosas: Hanger Prosthetics, Therapeutic Recreation Systems e Trango (uma empresa de equipamentos de alpinismo). Duas semanas depois, competia na corrida Adventure Duluth, em Minnesota, com meus dois companheiros de equipe, terminando no meio do conjunto depois de 20 quilômetros de caiaque no mar, 7 quilômetros de canoagem em corredeiras e 20 quilômetros de corrida por trilhas.

Em setembro, a minha mãe e eu assistimos ao vídeo que eu tinha feito no cânion. Choramos juntos — foi difícil para a minha mãe ver o meu sofrimento na fita, mas isso nos deixou mais gratos por ainda ter um ao outro na nossa vida. Ficamos sentados no sofá de mãos dadas, dizendo: “Eu te amo” vezes sem conta.

E então houve o retorno ao cânion Blue John. Levei quatro dos meus amigos, Mark Van Eeckhout, Jason Halladay, Steve Patchett e Kristi Moore, assim como uma equipe inteira do programa Dateline NBC,

através da fenda onde fiquei preso de 26 de abril, sábado, até 1o de maio, quinta-feira, em 2003. Em uma dessas sincronicidades da vida, fiquei em cima da pedra que esmagara e prendera a minha mão exatamente seis meses depois do minuto em que ela caiu sobre mim. Depois que todos passaram pelo cânion, fiz uma cerimônia solitária na qual distribuí as cinzas cremadas da minha mão no local do acidente e apaguei os traços remanescentes visíveis da inscrição “RIP OCT 75 ARON APR 03” na parede sul, dois dias antes do meu 28o aniversário. Naquela noite, de volta ao nosso acampamento apoiado por helicóptero, derrubei um copo plástico de vinho tinto sobre o sapato de Tom Brokaw.

Ao longo do verão, a minha irmã e eu brincamos várias vezes sobre o meu novo status como um pirata, praticando os nossos “arrs” e os nossos “me-hearties” juntos. Imagine a nossa diversão, então, quando descobrimos que 19 de setembro de 2003 fora indicado oficialmente como o “Dia Internacional de Falar como um Pirata”. Um mês depois, fui fantasiado de Capitão Gancho na festa de Halloween em Aspen, e adorei quando encontrei um colega alpinista vestido de Aron Ralston, após a autocirurgia.

Ao longo do outono e inverno, voltei a conduzir escaladas em rocha, excursões de bicicleta, escaladas no gelo, esqui telemark de alpinismo, esqui cross-country e montanhismo de inverno em solitário. Escalei em solitário o monte Wilson e o pico El Diente em 17 e 18 de março de 2004, no inverno oficial, fazendo as minhas primeiras subidas de inverno em solitário em fourteeners desde o meu acidente e levando o total do meu projeto a 47 dos 59 picos. Nas duas temporadas seguintes, planejo terminar o projeto, tornando-me potencialmente a primeira pessoa a escalar em solitário todos os 59 picos de 4.267 metros do Colorado no inverno. No fim da temporada, eu estava com um desempenho próximo, ou mesmo em alguns casos, acima dos meus níveis de habilidade antes do acidente. O meu companheiro de quarto e amigo Elliott Larson e eu corremos juntos na Elk Mountains Grand Traverse, a corrida de esqui de Crested Butte a Aspen, e levamos seis horas menos do tempo que Gareth Roberts e eu estabelecemos em 2003, quando eu tinha as duas mãos. No próximo ano, vou cortar o braço esquerdo para ver se consigo ir mais rápido.

Por tudo o que aconteceu e pelas oportunidades que ainda estão aparecendo na minha vida, sinto-me uma pessoa abençoada. Fiz parte de

um milagre que tocou um grande número de pessoas no mundo e não trocaria isso por nada, nem mesmo por ter a minha mão de volta. O meu acidente e o salvamento do cânion Blue John foram as experiências mais maravilhosamente espirituais da minha vida e, sabendo disso, se pudesse voltar no tempo, eu diria “veja vocês depois” a Megan e Kristi, e entraria no fundo da fenda sozinho. Embora tenha aprendido muito, não me arrependo daquela escolha. Na verdade, ela afirmou a minha crença em que o nosso propósito como seres espirituais é seguir a nossa felicidade, realizar as nossas paixões e viver a nossa vida como inspiração para nós e para os outros. Tudo o mais flui a partir daí. Quando encontramos inspiração, precisamos agir por nós mesmos e pela nossa comunidade. Mesmo que isso signifique fazer uma escolha difícil, ou nos desprender de algo e deixá-lo para o passado.

Dizer adeus é também um começo corajoso e promissor.

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

- 1987 Mudei-me para Englewood, Colorado; entrei no ginásio; esquiei pela primeira vez
- 1988 Primeira excursão dormindo fora de casa, no Parque Nacional das Montanhas Rochosas
- 1990 Primeira viagem a Utah; visitei os parques e monumentos nacionais de Arches, Capitol Reef, Bryce e Zion
- 1993 Formei-me na Cherry Creek High School; pratiquei *rafting* no cânion Cataract no Parque Nacional de Canyonlands, Utah; mudei-me para Pittsburgh, Pensilvânia, para frequentar a Carnegie Mellon University
- 1994 Escalei meu primeiro *fourteener*, o pico Longs, no Colorado
- 1995 Fui guia de *rafting* no rio Arkansas, no Colorado, durante o verão; mudei-me para Lausanne, Suíça, para um ano de estudos no exterior
- 1997 Formei-me na Carnegie Mellon University; fui perseguido por um urso negro no Parque Nacional de Grand Teton; comecei a trabalhar na Intel, em Phoenix, Arizona
- 1998 Primeira escalada de inverno no pico Humphreys, Arizona; primeira excursão para escalada de rocha e esqui alpino no pico Vestal, Colorado; acampamento no cânion Havasupai com a minha irmã no Dia de Ação de Graças; escalei meu primeiro *fourteener* em solitário, o pico Quandary
- 1999 Mudei-me para Tacoma, Washington; escalei o monte Rainier e o monte Shuksan, em Washington; mudei-me para Albuquerque, Novo México; entrei para o Albuquerque Mountain Rescue Council
- 2001 Escalei na Cordillera Blanca, no Peru; escalei todos os *fourteeners* do Colorado em novembro
- 2002 Deixei a Intel; escalei o Denali, no Alasca, em junho; mudei-me para Aspen, Colorado, em novembro
- 2003 Escalei os picos Pyramid, Holy Cross, Longs, Capitol e Maroon Bells como subidas em solitário no inverno; fui pego por uma avalanche

de nível 5 no pico Resolution, Colorado; viajei ao cânion Blue John,
Utah

GLOSSÁRIO

âncora: fixar uma corda a uma montanha de diversas maneiras, incluindo: colocar um equipamento de alpinismo removível ou permanente em fendas estreitas; uma volta de fita em torno de um tronco de árvore ou ao redor de uma pedra grande ou rocha encravada; ou a colocação de pinos pela penetração em uma rocha.

aparelho de freio/descensor de rapel: um aparelho de fricção variável que controla a velocidade de passagem de uma corda, usado tanto para suspender uma pessoa em segurança quanto para o rapel.

ATC: Air Traffic Controller, marca comercial de um aparelho de freio/descensor de rapel.

BLM: Bureau of Land Management, a agência governamental americana responsável pela administração de algumas terras públicas de controle federal; separadas de terras de floresta, monumentos ou parques nacionais.

CamelBak: uma empresa que fabrica reservatórios de água e mochilas para esportes radicais e de aventura; especialmente útil para beber sem usar as mãos. O usuário suga a água através de um tubo ligado ao reservatório.

chaminé: um técnica de alpinismo (*chimneying*) que emprega a pressão contrária de pés e mãos sobre paredes opostas para subir ou descer tanto por uma abertura em forma de chaminé como em fendas estreitas de cânions. Também conhecida como *stemming*, “contenção”.

composto: terreno com combinação de gelo, neve e rocha; há também a escalada em terreno composto, usando grampões e ferramentas de neve sobre rocha.

corda de escalar: uma corda de fabricação especial com seio e bainha que se esticam quando carregados dinamicamente, absorvendo uma quantidade significativa da energia gerada quando um alpinista cai, em oposição às cordas estáticas (pré-esticadas) que não se alongam.

cornija: um aspecto da neve normalmente encontrado nos cumes ou cumeeiras onde o vento sopra e compacta a neve em uma borda saliente, como uma curva de onda congelada.

daisy chain: um laço costurado de 1,80 metro de comprimento de fita Spectra de meia polegada (1,27 cm) que é costurado sobre si mesmo em espaços de 7,5 cm ao longo do comprimento, criando uma série de elos de tecido para suportar peso em uma cadeia (*chain*) de fita. Tipicamente, em locais expostos de ancoragem em rapel, com uma extremidade da *daisy chain* segura à cadeirinha de escalar, o alpinista engata um mosquetão através de um dos elos a uma âncora firme para impedir uma queda enquanto trabalha próximo à borda.

descida (em alpinismo): escalada de descida em terreno íngreme usando técnicas de alpinismo, em oposição ao rapel com o uso de âncoras.

DSP: Departamento de Segurança Pública; em Utah, o DSP supervisiona a polícia rodoviária estadual. Em inglês, Department of Public Safety.

fita: fita chata ou tubular de tecido altamente resistente, usada na preparação de âncoras de escalada. Normalmente são usadas em larguras de $\frac{3}{4}$ de polegada, 1 polegada e 1 $\frac{1}{2}$ polegada (respectivamente, 7,62 cm; 2,54 cm; e 3,81 cm).

grampões: pontas metálicas, geralmente em grupos de dez ou doze, sobre plataformas metálicas do comprimento da bota, que são presas às botas de montanhismo para escalar na neve e no gelo.

Lexan: marca comercial de um tipo de plástico duro, usado em algumas garrafas usadas em esportes radicais e de aventura.

mosquetão: um elo de metal com um gatilho que abre e fecha, permitindo ao alpinista engatar o elo a uma âncora, à corda, a uma fita ou a um aparelho de freio/descensor de rapel. Para aumentar a segurança, alguns mosquetões têm travas no gatilho.

Nalgene: marca comercial de uma empresa que fabrica garrafas de água para esportes radicais e de aventura.

nó de travamento: um nó, assim como o nó Prusik, usado em sistemas de içamento para manter a carga no lugar enquanto o sistema de elevação é reposicionado para um içamento subsequente.

nó Prusik: um nó especial de fricção útil para operações de catraca, como subir uma corda ou em sistema de polias. Quando frouxo, o nó pode ser

corrediço, mas trava quando apertado por tensão de baixo.

randonnée (também *alpine touring* ou A/T): equipamento de esqui alpino/alpinismo, semelhante ao equipamento de esqui de descida livre, mas com uma presilha no calcanhar da bota que é solta na subida, depois presa de novo no calcanhar na descida. Ao contrário das botas de esqui *telemark*, as botas de A/T podem ser usadas com a maioria dos grampões.

rap ring: um anel de alumínio soldado que liga uma corda de escalada a uma âncora de rapel, permitindo ao alpinista puxar a corda para baixo da âncora mais livremente, depois de concluído o rapel.

rapel: descida de penhascos usando uma corda e um aparelho de fricção especial.

ravina: um escoadouro afunilado ou em forma de ampolheta na neve, normalmente sujeito a queda de rochas ou gelo no seu interior.

SCI: Sistema de Comando de Incidentes, a estrutura e as diretrizes de comando usadas pela maioria das agências governamentais e equipes de busca e salvamento para controlar as operações de emergência em larga escala. Em inglês, Incident Command System.

SNP: Serviço Nacional de Parques, uma agência dentro do Departamento do Interior que administra os monumentos e terras de parques nacionais. Em inglês, National Park Service.

Spectra: marca comercial de um tipo de fibra sintética usada em cordas de alpinismo e fitas tubulares, mais forte pelo seu peso do que as fibras tradicionais.

telemark: equipamento de esqui alpinismo que deixa o tornozelo livre, permitindo tanto a subida quanto a descida com esquis; chamado assim em referência a uma região da Noruega. A técnica de descida com equipamento de *telemark* usa uma postura alternada com os joelhos dobrados, avançando um esqui na frente do outro para dar uma volta. As botas de *telemark* permitem a flexão dos dedos dos pés, o que é necessário para a postura no esqui *telemark*, mas que as torna incompatíveis com a maioria dos grampões.

travertino: um tipo de rocha formada pela água com altas concentrações de calcário que são depositadas por uma corrente de água ou sua dispersão. Quando o riacho muda de curso ou os níveis de água caem, os resíduos de calcário se solidificam em travertino e mudam de branco para vinho, à medida que outros minerais na acreção, especialmente o ferro, oxidam-se e tornam-se avermelhados.

AGRADECIMENTOS

Dedicatória

Este livro é um testemunho do amor dos meus pais, Donna e Larry Ralston, e da minha irmã incrível, Sonja Marie Ralston Elder. Pelas lembranças que tivemos juntos e pelas que ainda havemos de criar, eu saí daquele cânion.

Com um amor especial por Marjorie Ralston e Grace Anderson, e em memória dos meus avós, P. K. Ralston e Karl Anderson, e pela nossa amiga da família, Betty Darr — penso em você toda vez que vejo o sol nascer. Às centenas de amigos que fiz na minha época na Cherry Creek High School, na Carnegie Mellon University, na Intel e em Aspen, foram todos vocês que mantiveram o meu ânimo no cânion.

Pelo poder assombrosamente inspirador do espírito superior, estou aqui para dar o testemunho de que há energias maiores que nos cercam por toda parte e, no momento certo, podemos entrar em contato com essas energias. Esses momentos de contato são a fundação espiritual dos milagres.

Por sua amizade e ajuda no meu salvamento: os meus companheiros de quarto Leona Sondie, Brian Payne, Elliott Larson e Joe Wheadon; a minha melhor amiga em Aspen, Rachel Polver; os meus colegas e gerentes na Ute Mountaineer, com maior destaque para Brion After e Bob Wade; Steve Patchett, Mark Van Eeckhout, Jason Halladay, Dan Hadlich e Brad e Leah Yule; e todos os meus amigos que ajudaram por telefone e por e-mail a criar a cadeia de acontecimentos que levou ao meu salvamento. A Michelle Kiel, Ann Fort, Sue Doss e Dave Brush, os meus agradecimentos pelo apoio que prestaram aos meus pais naqueles dias terríveis.

Às pessoas que me salvaram, o que vocês fazem dia e noite dificilmente poderá ser valorizado o bastante: guardas florestais Steve Swanke e Glenn Sherrill, e o Serviço de Parques Nacionais; capitão Kyle Ekker, sargento Mitch Vetere e detetive Greg Funk, e o escritório do xerife do condado de Emery; subchefe Doug Bliss e o escritório do xerife do condado de Wayne; piloto Terry Mercer e o Departamento de Segurança Pública de Utah; os voluntários das equipes de busca e salvamento dos condados de Grand, Emery e Wayne, Mountain Rescue Aspen e o Albuquerque Mountain Rescue Council; a polícia de Aspen; a família Meijer; Wayne Marrs; e Spanish Valley Mortuary.

Muito obrigado ao pessoal do Allen Memorial Hospital, em Moab; St. Mary's Hospital, em Grand Junction; St. Luke's Presbyterian Hospital, em Denver; o Colorado Amputee Rehabilitation Management Team, e o Limb Preservation Institute; assim como aos meus cirurgiões e médicos, dr. Bobby Higgins, dr. Jeffrey Nakano, dr. Michael Rooks, dra. Arline Burnell, dra. Cynthia Kelly, dr. Gary Snider e dra. Rebekah Gass; e também Dan Prinster, vice-presidente de planejamento e desenvolvimento de negócios do St. Mary, às enfermeiras do dia e da noite no St. Mary's — com um amor especial por Renae Mason e Kelly Owens — o terapeuta ocupacional Gary Saunders e o terapeuta recreativo James Tanner, pela minha primeira jornada em campo depois do meu acidente, o teto do hospital.

Também agradeço ao dr. Skip Meier do Amputee Services of America, que coordenou a minha reabilitação com a ajuda de Erin Cantwell; ao dr. Howard Belon, à terapeuta ocupacional Julie Klarich, que me treinou a comer bolachas com a prótese até que aprendi (requer a sutileza de um malabarista), à fisioterapeuta Carol McGowan e suas colegas, que me desafiaram a bater os recordes clínicos no equilíbrio de bolas, e aos meus colegas pacientes do grupo de apoio do dr. Belon.

Meu agradecimento a Paul Poister, por dedicar o seu tempo a intermediar os pedidos da mídia junto à minha família durante a minha hospitalização.

Apoio, Inspiração e Encorajamento

Muito obrigado aos meus amigos, que viajaram de avião e de carro de todo o país para me visitar durante a minha convalescença no hospital e em casa.

Muito obrigado a todos os que escreveram à minha família e a mim um e-mail, ligaram para ver como estava passando ou enviaram CDs, presentes, ingredientes de margarita, donativos e centenas de cartas com votos de melhora e encorajamento depois do meu acidente. Sinto não poder escrever a todos vocês um agradecimento personalizado.

Muito obrigado a Troy Farnsworth, Jack Uellendahl e Branden Petersen da Hanger Prosthetics, Malcolm Daly da Trango, Bob Radocy da TRS e o dr. Will Craig, pelo equipamento protético que me permitiu retornar de maneira independente ao alpinismo em rochas e no gelo, montanhismo em

solitário, canionismo, caiaque, canoagem, esqui de fundo e *telemark*, *mountain biking* e como voluntário de busca e salvamento.

Muito obrigado pelas minhas inspirações: ao melífluo Luke Dempsey, pela sua edição; dr. Harry “Mostre, Não Conte” Kelleher e Bill Bradley, meus professores de inglês no colégio; Sharon Carlson, pela ideia do título; Ron Elberger, que incorpora o fato de que a tenacidade vem em pequenas doses; meus colegas da igreja e o String Cheese Incident; Norm e Sandy Ruth, os pais em espírito da minha família no Novo México; Trey Anastasio e Phish; os autores e temas de minha literatura predileta sobre esportes radicais e de aventura: John Fielder, Lou Dawson, Gerry Roach, Michael Kelsey, Edward Abbey, Warren MacDonald, Mark Twight, Erik Weihenmayer, Joe Simpson e Simon Yates, Chris McCandless, Anatoly Boukreev, Neal Beidleman, John Muir, Jon Krakauer, Jon Waterman, Timmy O’Neal, Douglas Mawson e Papillon; Quentin Tarantino, em cuja obra encontrei inspiração para a estrutura da história; o grupo de documentaristas da NBC —Tom Brokaw, Colleen Halpin, Karen Epstein, Rich Platt, Craig White, Paul Thiriot e o Shermanator; e o Landmark Forum.

Professores e Parceiros de Esportes Radicais e de Aventura

A todos os que sempre estiveram ligados a mim por uma corda, vocês me ensinaram sobre não apenas sobre as montanhas e técnicas de deslocamento nelas, mas também confiança, beleza, amizade, e que praticar em solitário não é o único modo de diversão nos esportes radicais: Mark Van Eeckhout, Steve Patchett, Gary Scott, Jason Halladay, Marshall e Heather Ulrich, Tony DiZinno, Theresa Daus-Weber, Rich Haefele, Dawn Baker, Dan Hadlich e Julia Stephen, Steve DeRoma, Jon Jaecks, Eric Niemeyer, Kyu Park, Pam Pelky, Bob e Yvonna Graham, Howard Huang, Bill Hemmen, Paul Budd, os Misiuks de Washington, Jamie Laurens, Jon Heinrich, Scott MacLennan, Jim Dennis e o NMMC, Rick Inman, Dave Johnson, Dave Benjes, Jeff Herd, Greg Jackson, Aaron Blawn, Judson Cole, Jamie Stoutenberg, Angie Kokjer, Mike Michalek, Guido Bender, Carl Drew, Megan Simon, Sarah Hall, Chewy Hoover, Tony Angelis, Suwei Wu e Jackie Blumberg.

LEITURA RECOMENDADA

Sobre as histórias e a história de Blue John Griffith, usei o livro de Pearl Baker e o recomendo como uma pesquisa interessante sobre a vida dos anti-heróis que habitaram o sertão do sudeste de Utah no final dos anos 1800 e início dos 1900.

Baker, Pearl. *The Wild Bunch at Robbers Roost*. Abelard-Schuman, Nova York, 1971.

Além desse, recomendo os seguintes livros pela influência que exerceram sobre a minha vida.

Abbey, Edward. *Desert Solitaire: A Season in the Wilderness*. Random House, Nova York, 1968.

_____. *The Monkey Wrench Gang*. Avon Press, Nova York, 1975.

Bickel, Lennard. *Mawson's Will: The Greatest Survival Story Ever Written*. Dorset Press, Nova York, 1977.

Boukreev, Anatoly, e G. Weston DeWalt. *The Climb: Tragic Ambitions on Everest*. St.Martin's Press, Nova York, 1997.

Dawson II, Louis W. *Dawson's Guide to Colorado's Fourteeners*, vol. 1 e 2. Blue Cover Press, Monument, Colorado, 1994.

Kelsey, Michael R. *Canyon Hiking Guide to the Colorado Plateau*, 4.ed. Kelsey Publishing, Provo, Utah, 1999.

Krakauer, Jon. *Into the Wild*. Villard Books, Nova York, 1996.

_____. *Into Thin Air: A Personal Account of the Mount Everest Disaster*. Villard Books, Nova York, 1997.

Pirsig, Robert. *Zen and the Art of Motorcycle Maintenance: An Inquiry into Values*. William Morrow and Company, Nova York, 1974.

Roach, Gerry, e Jennifer Roach. *Colorado's Thirteeners, 13,800 to 13,999 Feet: From Hikes to Climbs*. Fulcrum Publishing, Golden, Colorado, 2001.

Simpson, Joe. *Touching the Void: The True Story of One Man's Miraculous Survival*. Harper & Row, Nova York, 1988.

Twight, Mark F. *Kiss or Kill: Confessions of a Serial Climber*. The Mountaineers Books, Seattle, 2001.

Twight, Mark F., e James Martin. *Extreme Alpinism: Climbing Light, Fast, & High*. The Mountaineers Books, Seattle, 1999.

CRÉDITOS DO CADERNO DE FOTOS

Página 1: cortesia de Elias Fallon; todas as fotos que aparecem na pág. 2 e na pág. 3 são cortesia da família Ralston; pág. 4 (na parte inferior): cortesia de Howard Huang; pág. 10 (no alto): cortesia de Kristi Moore; pág. 11 (as duas fotos): cortesia de Greg Funk; pág. 15 (no alto): cortesia de Eric Meijer; pág. 15 (na parte inferior): cortesia de Ron Elberger; pág. 16: cortesia de Tony Angelis.

Todas as outras imagens são cortesia de Aron Ralston.

Conheça outros títulos da editora em:
www.pensamento-cultrix.com.br

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[PRÓLOGO: CIRCULANDO COM A TURMA DO ROBBERS ROOST](#)

[Capítulo Um - “O tempo geológico inclui o agora”](#)

[Capítulo Dois - Primórdios](#)

[Capítulo Três - O turno da noite](#)

[Capítulo Quatro - Como tornar-se um engenheiro aposentado em apenas cinco breves anos](#)

[Capítulo Cinco - Segundo dia: Opções fracassando](#)

[Capítulo Seis - Rapsódia de inverno](#)

[Capítulo Sete - Terceiro dia: “Continue até o dia raiar”](#)

[Capítulo Nove - Quarto dia: Sem comida e água](#)

[Capítulo Dez - Primícias de um resgate](#)

[Capítulo Onze - Quinto dia: Santuário do transe](#)

[Capítulo Doze - Tempestade de raios](#)

[Capítulo Treze - Sexto dia: Iluminação e euforia](#)

[Capítulo Catorze - Alvo localizado: “Achamos a caminhonete dele”](#)

[Capítulo Quinze - Encontro com o destino](#)

[Epílogo: Adeus ao braço](#)

[CRONOLOGIA BIOGRÁFICA](#)

[GLOSSÁRIO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[LEITURA RECOMENDADA](#)

[CRÉDITOS DO CADERNO DE FOTOS](#)

[Conheça outros títulos da editora em:](#)